

DAVID J. HESSELGRAVE

# PLANTAR IGREJAS

UM GUIA PARA MISSÕES  
NACIONAIS E TRANSCULTURAIS



# PLANTAR IGREJAS

— David J. Hesselgrave —  
Contribuições de Earl J. Blomberg

Este livro, em harmonia com a Palavra e de caráter prático, oferece ao estudante de missões um método gradual para a plantação de igrejas.

Cada faceta de um plano mestre para alcançar novas comunidades é apresentada sob os aspectos teológico, científico e prático. As diferenças culturais são analisadas, e os missionários são orientados a transcender as próprias experiências culturais.

O livro mostra que não só a evangelização, mas também a fundação e o crescimento de igrejas encontram-se no âmago da missão cristã. Também se apresentam as responsabilidades dos líderes das igrejas, quais sejam: planejar estratégias e desenvolver recursos para adentrar novas áreas, converter pessoas e organizar igrejas. A estrutura para essas atividades de plantação de igrejas é o *ciclo paulino*.

As partes principais do livro são:

- o cristão e a missão cristã;
- o líder cristão e a missão cristã;
- a igreja missionária e a missão cristã;
- a igreja emergente e a missão cristã;
- a igreja missionária e a missão cristã (continuação).

**David J. Hesselgrave** é professor de missões e diretor da Escola de Missões Mundiais e Evangelização da Trinity Evangelical Divinity School. Foi por muitos anos missionário no Japão, trabalhando na organização de igrejas. Foi formado pela Trinity Evangelical Divinity School e pela University of Minnesota (BA, MA, PHD). É autor também do livro *Comunicação Transcultural do Evangelho, volumes 1, 2 e 3*.

ISBN 85-275-0133-3



9 788527 501330

# PLANTAR IGREJAS

UM GUIA PARA MISSÕES  
NACIONAIS E TRANSCULTURAIS

DAVID J. HESSELGRAVE

prólogo

Donald A. McGavran

contribuições

Earl J. Blomberg

tradução

Gordon Chown



edições vida nova

# "Santa Lectura"

© 1980 de Baker Book House Company  
Título do original: *Planting Churches Cross-Culturally:  
A Guide for Home and Foreign Missions*

1ª edição: 1984

Reimpressão: 1989

2ª edição: 1995

Publicado no Brasil com a devida autorização  
e com todos os direitos reservados por  
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA,  
Caixa Postal 21486, São Paulo, SP.  
04698-970

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos,  
eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação,  
estocagem em banco de dados, etc.). Permitida a reprodução  
parcial somente em citações breves em obras, críticas  
ou resenhas, com indicação de fonte.

*Printed in Brazil / Impresso no Brasil*

Revisão • JÚLIO PAULO T. ZABATIERO

Capa • ÍBIS ROXANE

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Hesselgrave, David J.

Plantar igrejas : um guia para missões nacionais  
e transculturais / David J. Hessegrave : prólogo  
de Donald A. McGavran ; contribuições de Earl J.  
Blomberg ; [tradução Gordon Chown] . -- 2. ed. --  
São Paulo : Vida Nova, 1995.

Título original: *Planting churches cross-culturally : a guide for home and foreign missions.*

Bibliografia.  
ISBN 85-275-0133-3

1. Evangelização 2. Igreja - Crescimento 3.  
Missionários 4. Missões I. McGavran, Donald A. II.  
Blomberg, Earl J. III. Título.

95-2182

CDD-253

---

## Índices para catálogo sistemático

1. Implantação de igrejas : Missão cristã 253

---

# Prólogo

---

Este é um livro magnífico sobre a missão cristã — lúcido, de amplo alcance, e bíblico. David Hesselgrave, da *Trinity Evangelical Divinity School* conhece a teoria das missões, sua teologia, sua metodologia, e sua história — e as descreve bem.

Hesselgrave faz com que as missões de muitas igrejas em muitos países lhe devam gratidão enquanto expõe o que é a missão e como deve ser levada a efeito nas situações muito diferentes nas numerosas sociedades das quais o nosso mundo é composto. Os missiólogos se regozijarão neste livro. Os professores de missões farão dele leitura obrigatória para as suas classes.

A estrutura do livro surge sistematicamente da idéia-chave de que *a tarefa essencial* da Igreja, num mundo em que três quartos de todos os homens e mulheres ainda não crêem em Jesus Cristo como Deus e único Salvador, *é a de plantar novas igrejas*. O processo da missão, ordenado por Cristo e demonstrado por Paulo, é descrito como consistindo em dez passos. Hesselgrave é um missiólogo competente demais para deixar os leitores pensarem que estes passos são tudo quanto existe na obra missionária. Mas é notável como boa parte da missão em todos os seis continentes pode ser corretamente catalogada e compreendida sob os seguintes títulos: Os Missionários Comissionados, o Auditório Contatado, o Evangelho Comunicado, os Ouvintes Convertidos, os Crentes Congregados, a Fé Confirmada, os Líderes Consagrados, os Crentes Recomendados, os Relacionamentos Continuados, as Igrejas Missionárias Convocadas, e, finalmente, Mais Missionários Comissionados.

A discriminação, o bom julgamento, e a dedicação imperturbável ao âmago da missão, marcam este livro. Dois exemplos ilustrarão esta excelência. No Capítulo 16, Hesselgrave fala dos relacionamentos que continuam entre as igrejas e as missões. Depois de citar Harvie Conn no sentido de que *em última análise* a igreja e a missão devem ser integradas, Hesselgrave concorda, e depois apressa-se para dizer:

Não devemos, no entanto, esquecer-nos de dois fatores. Em primeiro lugar, a maioria das missões existe sob a égide das igrejas [e, portanto, já pertencem às igrejas]. Em segundo lugar, enquanto os governos permitem que as missões tenham a liberdade de evangelizar,... a responsabilidade... de fazer isso não deve ser sacrificada a fim de integrar-se com igrejas receptoras que não têm uma visão dada por Deus para essa tarefa.

No Capítulo 10, falando da contextualização da mensagem evangélica, Hesselgrave exorta os leitores a se lembrarem de que “não somente a Escritura revela um âmago salvífico, como também revela que o âmago salvífico foi adaptado a vários auditórios — não para agradar seus preconceitos e gostos a fim de tornar a mensagem *gostosa* mas à sua cosmovisão e ao seu entendimento para torná-la *compreensível*.” Ansiamos por semelhante distinção nalgumas pessoas que escrevem e falam acerca da contextualização. O embaixador nunca altera a mensagem. Deve, no entanto, assegurar-se de que foi compreendida.

Um mérito especial deste livro é seu desenvolvimento sistemático de cada tópico principal. O arcabouço, que varia apenas um pouco de capítulo em capítulo, conserva o pensamento focalizado nos objetivos básicos. Os missionários de carreira e os candidatos sendo treinados tirarão proveito desta apresentação magistral.

Os líderes eclesiásticos que se atarefam zelosamente em redefinir a missão no sentido de “tudo quanto Deus quer que os cristãos façam” (nosso claro dever cristão) não gostarão deste livro, mas os líderes eclesiásticos e os missiólogos que definem a missão como a propagação transcultural do evangelho ficarão contentes com ele. Os 75.000 missionários que estão trabalhando em todos os seis continentes aclamarão sua clareza, sua largueza, e sua profundidade. À medida em que as congregações, as denominações, e as sociedades missionárias multiplicam igrejas e levam a efeito a vontade do Salvador no mundo mais responsivo que já existiu, cumprirão sua tarefa muito melhor por terem lido *Plantar Igrejas*.

Donald A. McGavran  
Escolas de Missões Mundiais  
Seminário Teológico Fuller  
Pasadena, Califórnia, EEUU.

---

# Prefácio

---

Cristo amou a Igreja e Se deu por ela. Embora de maneiras que pareçam inconseqüentes por comparação, eu também tenho amado a Igreja e me dado a ela. Durante trinta e cinco anos tem sido meu alto privilégio servir a Cristo na comunhão da Igreja Evangélica Livre, nas igrejas locais nos Estados Unidos, nos ministérios de implantação de igrejas no Japão, e num ministério de ensino na Trinity Evangelical Divinity School.

Este livro, portanto, é fruto de trinta e cinco anos de obra pioneira e de pastorado, de leitura e de pesquisa, e de aprender e ensinar no convívio de, literalmente, milhares de pessoas que têm sido meus instrutores e minha inspiração no serviço a Cristo e à Sua Igreja. Os seguintes apenas representam o número maior:

Agradeço às congregações em Radisson (Wisconsin), em Minneapolis — St. Paul, em Rockford (Illinois), e em Chicago, bem como em Urawa, Warabi, e Quioto (todas no Japão), pelo seu apoio paciente e pelas suas orações. A gratidão do fundo do coração é expressa aos meus colegas do corpo docente em Trinity — os Professores Arthur Johnston, J. Herbert Kane, e Victor Walter — que forneceram estímulo e inspiração. O pessoal no Escritório Central da Igreja Livre, inclusive o Dr. Lester Westlund e os Reverendos Robert Dillon, Wesley Gustafson, Vernon Anderson, R. Dean Smith, e Lewis R. Wimberley, têm me dado apoio. Os estudantes em Trinity — e especialmente Greg Best — têm ajudado muito. A Sra. Carol Chmela datilografou o manuscrito. No curso dos anos, tenho desfrutado de vários contatos com o Dr. Donald McGavran, e em cada ocasião tenho recebido benefícios. Seu Prólogo a este livro é muito apreciado. Conforme tem sido o caso em todos os empreendimentos — direta e indiretamente — minha esposa, Gertrude, e meus filhos, David Dennis, Ronald Paul, e Sheryl Ann, têm feito contribuições inigualáveis.

O Professor Earl Blomberg do Evangelico Seminario Associado em Maracay, Venezuela, merece menção especial. Como estudante em nosso programa de Doutorado em Missiologia, o missionário Blomberg fez trabalhos tão destacados nas pesquisas sobre a implantação de igrejas que pedi que ele compartilhasse comigo na escrita deste livro. Fiquei muito satisfeito quando ele concordou, e muito decepcionado quando as pressões do seu programa de representação e sua volta precoce ao campo missionário tornaram impossível sua plena cooperação. Conforme o manuscrito agora existe, o Sr. Blomberg é responsável, em grande medida, pelas seções de base bíblica dos capítulos nove até treze. Uma leitura daquelas seções convencerá o leitor que o manuscrito inteiro teria sido valorizado se ele tivesse se envolvido na escrita de todas as partes.

A não ser que haja indicação em contrário, as citações bíblicas são tiradas da "New American Standard Bible" (em português, da Almeida Revista e Atualizada no Brasil, a não ser quando haja uma diferença que mereça ser ressaltada).

Numerosos livros sobre o crescimento da igreja têm sido publicados nos anos recentes. Já vieram a lume, também, alguns livros sobre a implantação de igrejas. A Igreja de Cristo tem sido fortalecida por estas contribuições literárias. O presente volume é um pouco diferente na sua tentativa de combinar uma abordagem bíblica e passo-a-passo à implantação de igrejas, com dados culturais e experimentais que visam facilitar a fundação de novas congregações em áreas do mundo que ainda não foram atingidas. Como tal, somente pode ser bem-sucedido à medida em que os servos de Cristo transformem seus conceitos em igrejas. Encomendo-o, portanto, ao Senhor e aos Seus servos, na esperança de que quaisquer fortalezas que porventura possua os ajudem nas suas labutas, e com a oração no sentido de que suas fraquezas não diminuam seu sucesso.

David J. Hesselgrave  
Deerfield, Illinois

---

# Conteúdo

---

## PRIMEIRA PARTE O Cristão e a Missão Cristã

Um: O Coração da Missão Cristã .....	13
Dois: Método e Missão .....	29
Três: Educando para Missões .....	45

## SEGUNDA PARTE O Líder Cristão e a Missão Cristã

Quatro: Liderando a Missão .....	59
Cinco: Selecionando Áreas-Alvos .....	67
Seis: Distribuindo os Recursos .....	77
Sete: Medindo o Crescimento .....	85

## TERCEIRA PARTE A Igreja Missionária e a Missão Cristã

Oito: Os Missionários Comissionados .....	99
---	----

## QUARTA PARTE A Igreja Emergente e a Missão Cristã

Nove: O Auditório Contatado .....	115
-----------------------------------	-----

Dez: O Evangelho Comunicado .....	145
Onze: Os Ouvintes Convertidos .....	167
Doze: Os Crentes Congregados .....	195
Treze: A Fé Confirmada .....	219
Quatorze: Os Líderes Consagrados .....	253
Quinze: Os Crentes Recomendados .....	277
Dezesseis: Os Relacionamentos Continuados .....	291

## QUINTA PARTE

### **A Igreja Missionária e a Missão Cristã (Continuação)**

Dezessete: A Igreja Missionária Convocada .....	309
Bibliografia .....	321

---

PRIMEIRA PARTE

---

O Cristão  
e a Missão  
Cristã

---

---

# O Coração da Missão Cristã

---

A Igreja é um centro de tempestades na sociedade contemporânea. Os comunistas a consideram uma corrente que ancora o proletariado ao passado. Os secularistas pensam nela como um órgão vestigial sem o qual a sociedade e os indivíduos poderiam funcionar com igual ou maior eficácia. Muitos liberais entendem que a Igreja cumpre seu propósito quando permeia a sociedade e perde sua identidade própria. A maioria dos cristãos conservadores, do outro lado, coloca a Igreja no coração do propósito divino para a era presente e vê o crescimento como uma das suas responsabilidades principais.

Aumentando a confusão ocasionada por estes diversos conceitos, os teólogos fazem distinções entre a Igreja visível e a Igreja invisível, a Igreja Militante e a Igreja Triunfante, a Igreja Universal e as igrejas locais. Os missiólogos escrevem acerca da igreja autóctone (ou nativa, ou indígena), da igreja responsável, das igrejas mais antigas e mais jovens, das igrejas missionárias e das igrejas receptoras, e das igrejas nacionais e nativistas. Os analistas eclesiásticos falam das igrejas formais e informais, das igrejas tradicionais e inovadoras, e das igrejas estruturadas e não-estruturadas.

Devemos deixar claro, logo de início, que quando usamos a palavra *Igreja* (com maiúscula) neste livro, referimo-nos àquele corpo que é edificado sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, e que é composto de todos os cristãos verdadeiros, e do qual Cristo é a Cabeça. Quando usamos a palavra *igreja* (com minúscula), referimo-nos a qualquer corpo local, devidamente constituído, de cristãos que procuram, corporativamente, adorar, testemunhar e servir de acordo com a Palavra de Deus. De fato, de um ponto de vista bíblico, estas são as únicas entidades que podem corretamente ser chamadas de "igreja."

A tese deste capítulo é simples: *A missão primária da Igreja e, portanto, das igrejas, é proclamar o evangelho de Cristo e reunir os crentes em igrejas locais onde podem ser edificados na fé e tornados eficazes no serviço, e assim*

*implantar novas congregações no mundo inteiro.* Naturalmente, há muitas outras tarefas a serem realizadas pelos cristãos, tanto individual como coletivamente. Mas poucos destes objetivos serão atingidos a não ser que novos crentes estejam sendo acrescentados às igrejas locais, a não ser que novas igrejas locais estejam sendo acrescentadas à Igreja Universal, e a não ser que as igrejas existentes estejam crescendo para a plenitude dAquele que é a sua Cabeça.

### O Plano Divino para a Igreja

Páginas incontáveis têm sido escritas acerca da Igreja e da sua missão.<sup>1</sup> Pode ser demonstrado, à luz do registro bíblico, que Deus não foi apanhado de surpresa quando Adão pecou. Tinha um plano prévio que fornecia um meio mediante o qual o homem poderia ser reconciliado e restaurado à comunhão com Deus. Como parte integrante daquele plano, Deus escolheu a Abraão e aos seus descendentes a fim de que, através deles, Ele abençoasse o mundo (Gn 12. 1-3). Em certo sentido, eles fracassaram, mas não o plano de Deus. Nem o contínuo bairrismo do povo judaico nem sua rejeição final do Messias puderam obstruir o propósito divino. Pelo contrário: "pela sua transgressão veio a salvação aos gentios" (Rm 11.11b). Os gentios crentes foram feitos "co-herdeiros, membros do mesmo corpo e co-participantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho" (Ef 3.6). E isto "segundo o eterno propósito [lit. propósito das eras] que estabeleceu em Cristo Jesus nosso Senhor" (Ef 3.11).

Conforme Paulo deixa abundantemente claro, a presente "disposição" mediante a qual os judeus e os gentios igualmente ficam sendo membros de um corpo espiritual pela fé em Cristo, não significa que as promessas a Israel *como nação* foram anuladas. Certamente que não. Os "olhos para não ver" e o "endurecimento de coração" são apenas parciais e temporários "até que haja entrado a plenitude dos gentios." Então, "todo o Israel será salvo" (Rm 11.25, 26). Israel ainda terá o dia dele!

A era presente, no entanto, constitui-se num período sem igual na história. Pode corretamente ser chamada a "Era da Igreja." Quando nosso Senhor estava ministrando Ele *profetizou* que edificaria Sua Igreja e que as portas do inferno não prevaleceriam contra ela (Mt 16.16-18). Quando Ele morreu na cruz, *fez provisão* para a Igreja, dando-Se na morte a fim de que a Igreja pudesse nascer e crescer (Ef 5.25). Agora que Ele está no céu, está *santificando* ou "chamando para fora" a Igreja e preparando-a para sua apresentação final (Ef 5.26, 27). Quando Ele voltar, virá buscar a Igreja a fim de *glorificá-la* na presença do Pai (1 Ts 4.13-18; Ap 4-6).

Metáforas significativas descrevem a Igreja com relação a Cristo. É Seu edifício — "edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular" (Ef 2.19-21). É Seu corpo espiritual — "a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas" (Ef 1.23; cf. também 1 Co 12.12, 13). É, por assim dizer, Sua noiva — o objeto do Seu amor e provisão (Ef 5.25-33).

A Igreja, portanto, não é um pensamento tardio na mente de Deus. Ele a planejou na eternidade passada e lhe proveu na morte e ressurreição do Seu Filho (Ef 1.19-23). E o Filho preparou sua formação e seu desenvolvimento ao instruir Seus seguidores a respeito da missão deles e ao  revesti-los de poder pelo Seu Espírito (At 1.4-8). A Igreja e as igrejas não têm outro amigo como seu Senhor! Se é que os cristãos devem amar o que seu Senhor ama, devem amar a Igreja — e as igrejas! Na análise final, a cristologia está estreitamente aliada com a eclesiologia. Quando quisermos nos informar acerca da fé de um homem, faremos bem em perguntar o que pensa de Cristo e da Sua Igreja!

### A Grande Comissão

Se ainda sobrar qualquer dúvida quanto à tarefa central à qual Cristo chama o Seu povo, deve ser dissipada por uma pesquisa sobre o mandamento final de Cristo, e o resultado da obediência a esse mandamento por parte dos crentes primitivos. Não que a Grande Comissão esteja sendo olvidada! Talvez nenhuma outra passagem isolada da Escritura seja mais amplamente usada para desafiar os cristãos a serem fiéis à sua tarefa primária do que Mateus 28.16-20. Apesar disto, os exortadores quase nunca gastam tempo para fazer exegese da passagem e compará-la com passagens paralelas. Como resultado, a essência e o método da missão freqüentemente são perdidos nas exortações para empreendê-la!

É importante reconhecer que Aquele que fala no monte é o Cristo ressurreto, Aquele a quem toda a autoridade (*exousia*) foi dada. (O Espírito Santo fornecerá o poder ou força [dunamis] para cumprir o mandamento [At 1.7, 8].) A comissão está claramente relacionada à autoridade de Cristo pela palavra *portanto*. Dois significados são possíveis: (1) toda a autoridade está por detrás do mandamento; e (2) toda a autoridade pertence a Cristo de modo que os que são ordenados a ir podem ir com essa certeza. Os dois significados são verídicos. Mas embora o primeiro significado seja usualmente pressuposto neste caso, a última possibilidade não deve ser olvidada.

A palavra traduzida "ide" é um particípio no original e não um imperativo. Provavelmente deva ser traduzida "indo" ou "enquanto ides". Mas este fato não deve deixar que a força da palavra seja embotada. A mesma construção é achada em Atos 16.9: "Passa e [ou, passando] ajuda-nos." Obviamente, se Paulo não "passar" para lá, não poderá "ajudar"! E se nós não "vamos" não podemos cumprir nossa missão. Por outro lado, a ênfase não recai sobre o "ir", mas sobre a razão para ir.

"Fazei discípulos" é o único imperativo e a atividade central indicada na Grande Comissão. Fazer convertidos e crentes certamente está envolvido nesse imperativo. Mas a fé e o discipulado nunca podem ser divorciados entre si. A obediência é exigida, não somente da parte de quem leva a mensagem, mas também da parte daquele que ouve, se arrepende, e crê no evangelho. "Convertidos" e "crentes" conforme popularmente se concebe deles podem "viver como quiserem." Mas "discípulos", obviamente, devem fazer a vontade de seu Mestre.

\*É *Exousia* (gr.)

“De todas as nações” tem referência aos gentios que, conforme já vimos, agora devem ser trazidos para dentro da Igreja na mesma base que os judeus. Previamente, nosso Senhor enviara Seus discípulos para “as ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 10.6). Os gentios não tinham sido incluídos. Por quê? Porque Deus ainda estava lidando com Israel como um povo. Cristo não tinha sido rejeitado e crucificado. Nem tudo estava pronto. Mas, depois da crucificação e da ressurreição, o evangelho também podia ir para os gentios.

“Batizando-os em nome do...” tem referência ao meio ou método mediante o qual os discípulos são feitos. No original, “batizando” é um particípio que deriva sua força imperativa do verbo principal. Os convertidos devem ser batizados *em* [eis — para dentro de ] o nome do Pai, e do Filho, e do Espírito. Isto subentendendo que passam a ser propriedade do Deus Trino e Uno.

“Ensinando-os a guardar todas as coisas...” é um paralelo da construção participial anterior. Os discípulos são feitos por um processo de batizar e de ensinar. E o que deve ser ensinado? Tudo quanto Cristo ordenou. O homem vive “de toda palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4.4).

“E eis que estou convosco todos os dias...” Ninguém que seja enviado, e vá, vai sozinho. O próprio Cristo acompanha Seus servos até os confins da terra e até à consumação do século (era).

Embora a declaração mais completa e mais freqüentemente citada da Grande Comissão seja achada em Mateus 28, as passagens paralelas não devem ser olvidadas. Servem para ressaltar seus temas centrais (veja a Figura 1).

Uma comparação destas várias declarações da Grande Comissão claramente demonstra que não são nem redundantes nem contraditórias. São complementares. Num esforço para desenvolver um argumento em prol de um entendimento social da missão cristã, alguns intérpretes tiraram a conclusão de que a declaração joanina toma precedência sobre as declarações sinóticas. Estes intérpretes dizem que o uso que Jesus fez da frase “assim como o Pai me enviou” indica que nossa comissão é continuar o ministério que Ele começou no mundo. Naturalmente, há um sentido em que *devemos* continuar Seu ministério. Mas estes intérpretes passam rapidamente para a passagem em Lucas 7.19-23 onde João Batista enviou seus discípulos a Jesus para Lhe perguntarem se Ele realmente era aquele que estava para vir (i.é, o Messias). A resposta de Jesus foi concisa e clara: “Ide, e anunciai a João... os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres anuncia-se-lhes o evangelho.” Esta, dizem tais intérpretes, é a obra que nós devemos continuar. E assim, pondo de lado as demais declarações da Grande Comissão, colocam os ministérios de cura e de melhoria social, e a luta em prol da justiça, no próprio coração da nossa missão.

Ora, não pode haver dúvida alguma de que os crentes são criados em Cristo para boas obras (Ef 2.10) e de que devem “fazer o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé” (Gl 6.10). E se alguém se dispõe a dizer que todas as coisas que Deus ordenou aos crentes constituem-se na sua missão no mundo, há um sentido em que podemos concordar. Mas dizer que as boas obras se constituem na Grande Comissão, ou no *coração* da nossa missão, ou que a declaração joanina substitui as declarações sinóticas, é ir contra a exegese

FIGURA 1

DECLARAÇÕES COMPLEMENTARES SOBRE A GRANDE COMISSÃO\*

As Declarações	A Autoridade	A Capacitação	A Esfera	A Mensagem	As Atividades
1. Mt 28.18-20	A autoridade dada a Cristo: todo o poder no céu e terra	Cristo está conosco até o fim da era	As nações (gentias)	Todas as coisas que Cristo ordenou	Discipular por meio de ir, batizar e ensinar
2. Mc 16.15			O mundo inteiro, i.e.: toda a criatura	O evangelho	Ide e pregai (proclamai)
3. Lc 24.46-49	Em Seu Nome (de Cristo)	A promessa do Pai, i.e.: poder	Todas as nações, começando de Jerusalém	Arrependimento e o perdão dos pecados	Pregar (proclamar) e testemunhar
4. Jo 20.21	Enviados por Cristo assim como Ele foi enviado pelo Pai				
5. At 1.8		Poder do Espírito Santo	Jerusalém, toda a Judéia, a Samaria, e até aos confins da terra	Cristo	Testemunhar

\* De David J. Hesselgrave: *A Comunicação Transcultural do Evangelho* (São Paulo: Edições Vida Nova, 1994), v. 1, p. 70.

sadia e o raciocínio lúcido. Nem a gramática nem o contexto de João 20 apóiam tal idéia. Além disto, em Lucas 7 Jesus estava claramente substanciando Seu messiado mediante uma referência àquele ministério milagroso que João, tendo familiaridade com a profecia do Antigo Testamento, tinha antecipado abertamente. A passagem como tal não se constitui num mandato divino para a continuação do exercício dos milagres nem para a tentativa de reproduzi-los tão exatamente quanto possível mediante a aplicação da medicina ou da justiça social ou política.

Resumindo: a declaração joanina da Grande Comissão não muda a direção das declarações nos Evangelhos Sinóticos. Pelo contrário, ressalta a autoridade por detrás da nossa missão de discipular as nações mediante a pregação, o batismo, e o ensino. Permitir que qualquer modo de entender a missão obscureça a responsabilidade proclamatória, sacramental, e didática da Igreja é colocar a faca contra o coração da missão cristã. Substituir por outras atividades aquelas que são distintamente especificadas por nosso Senhor é tentar um "transplante de coração" — um que mais cedo ou mais tarde certamente será rejeitado.

### O Pentecoste

O evento decisivo para a expansão do cristianismo foi o Pentecoste. Teríamos dificuldade em argumentar com sucesso que os cristãos primitivos foram inspirados para cumprir a Grande Comissão por meio de lembrar uns aos outros as suas disposições e importância. Pelo contrário, o Espírito Santo veio sobre aqueles crentes primitivos e os transformou em testemunhas, do jeito que o Senhor prometera. Segundo Atos 1.8, Ele lhes dissera que quando viesse o Espírito Santo sobre eles, (1) receberiam o poder ou a força necessários; (2) seriam testemunhas do Cristo a quem tinham visto e ouvido, e em quem acreditavam; e (3) iriam para Jerusalém, a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra. Depois da vinda do Espírito Santo, descobriram experimentalmente que o Espírito Santo também é o "Espírito Missionário." Ele obedeceu à Comissão neles e através deles.<sup>2</sup>

E qual foi o resultado? Lucas nos informa que depois do Pentecoste "acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos" (At 2.47). Ele nos informa que quando os discípulos em Jerusalém foram espalhados pela perseguição, "iam por toda a parte pregando a Palavra" (At 8.4). Depois da perseguição, a igreja na Judéia, na Galiléia, e Samaria "tinha paz... edificando-se e caminhando no temor do Senhor e, no conforto do Espírito Santo, crescia em número" (At 9.31). Em Antioquia "muitos, crendo, se converteram ao Senhor" (At 11.21).

Além disto, Lucas relata que quando Paulo e Silas passaram pela Síria e pela Cilícia, confirmando as igrejas que tinham sido estabelecidas anteriormente, as igrejas "eram fortalecidas na fé e aumentavam em número dia a dia" (At 16.5). Francis Schaeffer resumiu o caso em palavras inequívocas: " 'Havia na igreja de Antioquia...' A partir daqui o Novo Testamento claramente indica que igrejas eram formadas sempre que algumas pessoas se tornassem cristãs."<sup>3</sup>

## Paulo e a Missão da Igreja

O homem especialmente encarregado da responsabilidade de levar o evangelho aos gentios, e em cujo ministério missionário o Novo Testamento se focaliza, é o apóstolo Paulo. Seu ministério, portanto, é de especial importância para uma compreensão da nossa missão.

Roland Allen, com seu olhar experimentado como verdadeiro estadista missionário focalizado no ministério de Paulo, chegou à seguinte conclusão a fim de colocar a missão em enfoque claro:

*Em pouco mais de dez anos S. Paulo estabeleceu a Igreja em quatro províncias do Império: a Galácia, a Macedônia, a Acaia, e a Ásia. Antes de 57 d.C. São Paulo já podia falar do seu trabalho ali como tendo sido completado, e podia planejar viagens extensivas para o extremo ocidente sem preocupação de que as igrejas que fundara pudessem perecer na sua ausência pela falta de sua orientação e apoio.*

O trabalho do Apóstolo durante estes dez anos pode, portanto, ser tratado como uma unidade. Seja qual for a assistência que ele tenha recebido da pregação doutras pessoas, é inquestionável que o estabelecimento das igrejas nestas províncias realmente foi o trabalho dele. Nas páginas do Novo Testamento, ele, e ele somente, destaca-se como fundador delas. E o trabalho que ele realizou foi realmente completo. *No que diz respeito à fundação de igrejas, fica perfeitamente claro que o escritor de Atos pretendeu representar a obra de S. Paulo como uma obra completa. As igrejas foram realmente estabelecidas. Quaisquer desastres que sobrevieram a elas, em anos posteriores, quaisquer fracassos que tenha havido, ou qualquer ruína, tal fracasso não foi devido a qualquer insuficiência ou falta de cuidado e perfeição no ensino ou na organização do Apóstolo. Quando as deixou, deixou-as porque seu trabalho tinha sido plenamente realizado.*<sup>4</sup>

E por que Paulo foi tão bem-sucedido? Havia muitas razões, naturalmente. Mas uma razão importante é que Paulo considerava a pregação do evangelho e o estabelecimento de igrejas como sua tarefa primária. O registro bíblico não deixa lugar para pensar que ou Paulo ou os membros de sua equipe estavam ocupadíssimos em elevar os padrões de vida, em melhorar as condições sociais, em transmitir conhecimentos seculares, em ministrar às necessidades médicas, ou em distribuir ajuda financeira proveniente das igrejas previamente estabelecidas. Não pode haver muita dúvida de que a lealdade a Cristo da parte dos convertidos nas igrejas acarretasse alguns destes efeitos como subprodutos — até mesmo o envio de ajuda necessária *de volta* para a igreja em Jerusalém (um tipo de “fluxo inverso”). Que os missionários estavam preocupados com os relacionamentos sociais, e com a mente e o corpo dos homens bem como sua alma, é patentemente verídico. *Mas a missão primária de Paulo era cumprida quando o evangelho era pregado, os homens eram convertidos, e igrejas estabelecidas.* A obediência ao Grande Mandamento de amar o próximo fazia parte da comissão de ensinar *todas* as coisas que Cristo ordenou. Mas as boas obras eram o *fruto* — não a raiz — da missão de Paulo. Conforme o modo de Paul Benjamin expressar o fato:

Seria bom, a esta altura, lembrarmos da prática de Paulo. Não havia pobres em Corinto? Não havia problemas raciais em Éfeso? Todas as crianças na Ásia Menor tinham roupas suficientes? As cartas de Paulo às congregações em várias cidades demonstram sua profunda solicitude para com os pobres e os socialmente privados (Gl 2.10). Exorta os cristãos em Corinto a seguirem o exemplo doutras congregações, levantando uma oferta generosa para os santos empobrecidos de Jerusalém (2 Co 8, 9). Mesmo assim, sua prática uniforme de espalhar o evangelho do amor e da solicitude fraternal era estabelecer congregações. Desconsiderar a prática apostólica, portanto, é negligenciar o próprio âmago da metodologia por meio da qual o evangelho espalhou-se em derredor do Mediterrâneo no século I. Além disto, negligencia um modo vital de poder satisfazer as necessidades espirituais e físicas das pessoas.<sup>5</sup>

Não é de se admirar que Paulo foi tão eficaz em multiplicar crentes e igrejas. Não somente era um homem dotado, controlado pelo Espírito, como também tinha uma singeleza e clareza de objetivos que escaparam a muitos dos seus sucessores. Dedicou todas as suas energias ilimitadas e suas capacidades incomuns à edificação da Igreja de Jesus Cristo!

### A Igreja e Sua Missão na Era Moderna

Se há confusão no que diz respeito ao âmago da missão hoje, não se origina nas Escrituras, mas nos antolhos projetados pela história, e em outros antolhos que nós mesmos fizemos.

#### Uma Compreensão por demais Ampla da Missão

Os Reformadores dos séculos XVI e XVII recuperaram a *mensagem* da Igreja, mas (na maior parte) estavam demasiadamente preocupados com os problemas da Europa para darem muito ímpeto às missões noutras partes do mundo. Coube aos pietistas, aos morávios, e a um batista com o nome de William Carey recuperar o senso de urgência para levar o *evangelho* ao mundo inteiro.

O grande avanço missionário do século XIX evidenciou o fato de que os missionários nem sempre tinham clareza quanto aos seus objetivos, no entanto. A missão assumia as formas de estabelecer escolas e hospitais, de opor-se às práticas desumanas tais como o sati e o amarramento dos pés, e de lançar campanhas em prol do saneamento. Os cristãos têm justa razão de orgulhar-se das grandes realizações de filhos e filhas leais que levaram a cabo estas tarefas ao custo de grandes sacrifícios pessoais. Merecem ser aplaudidos por todos os povos, e emulados pelos cristãos contemporâneos. Mas por si só, estas atividades dignas não faziam discípulos nem estabeleciam igrejas. Logo, quando a história transmite para nós ou o mal-entendido de que a missão da Igreja consiste em qualquer empreendimento digno que os cristãos podem assumir, ou em instituições e empreendimentos que nos desviam da nossa tarefa *primária*, a história nos serve mal.

Da nossa própria parte, nós, os modernos, tendemos a perpetuar a confusão neste ponto. Multiplicamos as missões para-eclésiásticas como “braços da Igreja” a fim de empreenderem cada tipo concebível de boa obra, desde a alimentação dos famintos até imunizar populações contra enfermidades e introduzir novos tipos de trigo e raças de gado. Estes são esforços dignos, e, conforme Gálatas 6.10, qualificam-se como empreendimentos cristãos. Mas as organizações formadas para levá-los a efeito não são realmente qualificadas como *missões* a não ser que, ao entrarem em áreas necessitadas, conservem “em primeiro lugar a *missão* primária da Igreja.” Isto é tão importante que, nas áreas onde é possível proclamar o evangelho e formar igrejas, somente as organizações que apóiam a evangelização e a implantação de igreja de modo significativo devem ser consideradas missões. Se não se dedicam à evangelização e à implantação de igrejas, nem apóiam estas atividades, não somente são para-eclésiásticas, como também são para-missão.

### Uma Compreensão por demais Estreita da Evangelização

Se a história às vezes nos oferece uma compreensão demasiadamente ampla da missão (no sentido supra), também nos fornece uma compreensão da evangelização que é demasiadamente estreita. Nas últimas décadas do século XIX e no presente século, a evangelização tem sido quase totalmente identificada com grandes campanhas ou cruzadas que visam ganhar os indivíduos para uma decisão por Jesus Cristo. De um lado, há este fato. E do outro lado, certo número de métodos cuidadosamente elaborados de evangelização pessoal (individual) foram desenvolvidos com o mesmo fim em mira. Tanto a evangelização das campanhas quanto a evangelização pessoal devem ser encorajadas. Mas, conforme são freqüentemente praticadas, não colocam novos crentes em contato vital com as igrejas locais. *Proporcionalmente, uma ênfase grande demais tem sido dada à multiplicação dos convertidos — e uma ênfase totalmente insuficiente à multiplicação das congregações.*

É verdade que evangelizar significa transmitir o evangelho — espalhar as Boas Novas de Cristo. Mas no Novo Testamento, a evangelização não fica sozinha. Volte para a declaração de Francis Schaeffer referida antes, e veja o que ele tem a dizer mais adiante:

Logo, aqui [em Antioquia] havia uma congregação local em funcionamento, chamada “a igreja.” A partir daqui, o Novo Testamento claramente indica que igrejas eram formadas sempre que algumas pessoas se tornassem cristãs.

Em certo sentido, temos um quadro completo daquilo que a igreja deve ser: Os indivíduos se tornavam cristãos, mas não cristãos individualistas; a congregação abrangia o pleno espectro da sociedade; todos os membros anunciavam as Boas Novas, não só localmente como também fora. E quando o Espírito Santo disse que Barnabé e Saulo deviam ser enviados na primeira viagem missionária, os membros não funcionaram meramente como cristãos individuais, mas como uma unidade, como uma igreja.<sup>6</sup>

Schaeffer coloca seu dedo numa questão crucial. Se as pessoas tivessem se tornado cristãos individualistas sem um compromisso com as igrejas locais nem uma participação nelas, como a Igreja teria avançado na sua missão de discipular as nações? Conforme escreve Basil Mathews, uma razão importante porque a Igreja dos primeiros séculos triunfou no Império Romano foi que

as pequenas “células” ou “sociedades do Caminho de Jesus” desfrutavam de uma vida comunitária nunca antes realizada. Aqui havia uma nova sociedade com um novo poder para praticar um novo modo de vida, porque estava vivendo em comunhão com o Homem perfeito que é uno com Deus.

Esta igreja cristã ficou sendo a comunidade melhor organizada em todo o império. Suas igrejas locais eram células vivas de um corpo que se estendia para longe, até abranger todas as partes do império. Estavam ligadas pelas viagens dos bispos. Acharam comunhão nos concílios menores e maiores, através dos modos de adoração que tinham em comum, através de ler as mesmas Escrituras, e, acima de tudo, através de uma lealdade ardente ao Cristo único e eternamente vivo, e da comunhão com Ele.”<sup>7</sup>

Tão íntimo é o relacionamento entre a proclamação do evangelho e a implantação de igrejas, que não podem ser divorciadas sem cometer violência contra a missão da Igreja. Note como o especialista em crescimento da igreja, Donald McGavran, define a evangelização: “Cada vez mais, a tarefa primária das missões é a evangelização: a proclamação das Boas Novas e a ajuda na fundação de igrejas que, arraigadas no solo e com seus próprios líderes, serão testemunhas das Boas Novas.”<sup>8</sup>

### Re-unindo a Missão e a Evangelização

Devemos estar gratos a homens tais como Bartholomew Ziegenbalg, Gustav Warneck, Henry Venn, Rufus Anderson, John Nevius, Roland Allen, e Donald McGavran. Abrangendo mais de dois séculos, eles nos lembraram que seja o que for de bom que possa surgir da nossa obediência à Grande Comissão, também deve resultar no estabelecimento de igrejas entre os povos do mundo. Devemos dar graças a Deus por Kenneth Strachan, Francis Schaeffer, Michael Green, e por outros que nos têm lembrado que a evangelização neotestamentária resulta em novos convertidos entrando na comunhão cristã de congregações novas e antigas, e em novas congregações sendo estabelecidas em comunidades ao redor do mundo.

É instrutivo que Ralph Winter, que anteriormente tinha escrito sobre a *missão* M-1, M-2, e M-3, pôde tão facilmente alterar a nomenclatura para a *evangelização* E-1, E-2 e E-3 no Congresso Internacional de Evangelização Mundial em Lausane, e dizer essencialmente a mesma coisa.<sup>9</sup> Será que ele não sabia que os missionários freqüentemente estão ocupados em ministérios educacionais, médicos, lingüísticos, e outros nos quais os evangelistas, conforme os conhecemos, quase nunca se envolvem? É lógico que sabia. Mas sua preocupação primária é com a *missão estreitamente definida* como ganhar pessoas para

Cristo e estabelecer igrejas. E está preocupado com a *evangelização amplamente definida* para incluir o mesmo objetivo. Desta maneira, ele poderia facilmente ter usado as designações ME-1, ME-2 e ME-3.

Neste livro, usaremos os termos hifenizados *missão-evangelização* e *missionário-evangelista*, e a designação *ME*, a fim de comunicar a idéia de que os dois vão juntos. Quando estamos falando acerca do "coração da missão cristã" e das implicações amplas da evangelização, os dois são realmente inseparáveis. Embora ocasionalmente, a fim de evitar a redundância, possamos empregar estas palavras separadamente, devem ser entendidas como tendo essencialmente o mesmo significado.

Winter também fez uma contribuição útil mediante seu emprego de números (ME-1, ME-2, ME-3) para indicar a distância cultural envolvida em levar a efeito a nossa tarefa. A geografia como tal não afeta o alvo da Igreja na sua missão. As palavras de nosso Senhor em At 1.8 são importantes aqui. Os gramáticos indicam prontamente que a construção grega em Atos 1.8 liga "Jerusalém," "a Judéia," "Samaria," e os "confins da terra" juntos numa só entidade inseparável (Os Batistas do Sul [dos E.U.A.], portanto, estão sendo bíblicos quando se referem a uma igreja principiante como uma "missão", quer seja localizada na Ásia, quer nos Estados Unidos!). O que muda à medida em que vamos de um lugar para outro (e às vezes enquanto ficamos num só lugar) é a adaptação cultural que deve ser feita a fim de comunicar a mensagem de modo relevante e "fazer crescer uma igreja." Com isto em mente, Winter usa os números 1 até 3 a fim de indicar o grau de distância cultural envolvido quando um missionário-evangelista sai para obedecer a Grande Comissão. Naturalmente, o grau de distância cultural depende da orientação cultural do missionário-evangelista e do seu auditório.

Por exemplo, quando um americano sueco em Los Angeles ganha outros americanos suecos a Cristo e os estabelece em igrejas, não ultrapassou qualquer barreira cultural relevante. Trata-se da missão-evangelização ME-1. Se o mesmo americano fosse ganhar os latino-americanos de Los Angeles, a distância cultural atravessada provavelmente seria muito maior. Seria ME-2. Mas se o sueco americano fosse viajar para a Venezuela e aprender uma língua e cultura inteiramente novas para comunicar Cristo e plantar igrejas, a distância cultural seria ainda maior. Seria a missão-evangelização ME-3. Note outra vez que a distância geográfica por si só tem pouco a ver com a diferença. Se o cristão americano sueco fosse aprender o espanhol e adaptar-se à cultura dos novos imigrantes da Venezuela na área de Los Angeles, ainda poderia estar fazendo ME-3.

Usaremos estas designações neste livro. Em primeiro lugar, formam um tipo compacto de taquigrafia. Em segundo lugar, são geralmente usadas por aqueles que têm familiaridade com os materiais do crescimento da igreja. Em terceiro lugar, colocam a missão e a evangelização juntas numa só fórmula. Finalmente, chamam a atenção ao fato de que, embora a missão e a mensagem não mudem, nossos métodos se alterarão à medida em que encontrarmos diferenças culturais. (Deve ser levado em conta que, ao assignar os números 1, 2, ou 3, adotamos uma perspectiva norte-americana).

## A Prioridade Atual – Implantando Igrejas Transculturalmente

A mente infatigável de Ralph Winter não parou com a distinção entre a missão-evangelização ME-1, ME-2 e ME-3. Em Lausanne e, subseqüentemente, tem enfatizado que a maior prioridade da Igreja hoje deve ser atravessar fronteiras culturais a fim de ganhar pessoas para Cristo e estabelecer comunidades de cristãos. Se é que pretendemos cumprir a Grande Comissão devemos recaptar o espírito de pioneirismo e avançar para as pessoas ainda não alcançadas em todos os lugares. Para deixar claro que está envolvido, Winter divide a população do mundo em quatro categorias.<sup>10</sup>

Em primeiro lugar, há 219 milhões de “cristãos ativos” no mundo. Representam tanto um potencial tremendo quanto um perigo sempre presente. O potencial é que podem ganhar outros para a fé. O perigo é que podem crescer para dentro de si e se ocupar com nutrir sua própria fé ao invés de ganhar os outros.

Em segundo lugar, há 1.000 milhões de “cristãos inativos.” Estão dentro da tradição cristã mas não são cristãos dedicados. Precisam de renovação, ou daquilo que poderíamos chamar de “missão-evangelização ME-0” visto que nenhuma barreira cultural significativa precisa ser atravessada para alcançá-los. Representam um grande potencial para a Igreja porque são relativamente fáceis de alcançar. Mas também representam um perigo porque os cristãos ativos tendem a gastar a maior parte dos seus recursos em tempo e dinheiro para alcançá-los.

Em terceiro lugar, há 500 milhões de “não-cristãos culturalmente próximos” no mundo. Vivem dentro de culturas que já foram penetradas pela fé cristã. Podem estar geograficamente distantes das igrejas cristãs ativas, mas quaisquer barreiras culturais que existem são mínimas, e podem ser, em grande medida, da fabricação dos próprios cristãos. Aqui é necessária a missão-evangelização M-1 sensível.

Em quarto lugar, há 2.500 milhões de “não-cristãos culturalmente distantes.” Estas pessoas podem ou não estar muito removidas geograficamente dos cristãos ativos. Mas estão muito removidas lingüística, social, econômica e culturalmente. De maneira alguma pode-se esperar delas que entrarão nas congregações existentes. Igrejas novas devem ser implantadas entre elas. Mas a distância cultural envolvida torna muitas delas quase totalmente invisíveis. São os “povos escondidos”! Devemos primeiramente “vê-los.” Depois, segundo a situação, a missão-evangelização ME-2 ou ME-3 será necessária para alcançá-los.

Esta análise é muito perceptiva. Comunica vividamente a imensidade da tarefa. Além disto, indica uma estratégia, que é, especificamente: identificar agrupamentos culturais, especialmente entre os povos escondidos e não alcançados do mundo, e elaborar estratégias para implantar entre eles congregações cristãs. As prioridades devem ser reorganizadas se é que a igreja quer alcançar o mundo inteiro por Cristo. É fácil demais nos concentrarmos naqueles que estão perto de nós e são mais semelhantes a nós, ao passo que negligenciamos os que estão bem longe. “Longe dos olhos, longe do coração,” tende a ser o caso dos crentes bem como dos não-crentes.

Mas nossa tarefa é tanto/quanto, e não ou/ou. Muitos — talvez a maioria — dos 1.000 milhões de “cristãos inativos” são apenas cristãos nominais. Ao invés de serem cristãos que precisam de renovação, são descrentes que precisam de regeneração. Às vezes, as barreiras culturais entre os cristãos evangélicos (“ativos”) e os nominais (“cristãos inativos”) são tão grandes quanto as barreiras entre os evangélicos e os “não-cristãos culturalmente próximos”. Além disto, embora muitas barreiras culturais entre os evangélicos e estes dois grupos sejam da nossa própria fabricação como evangélicos, devemos reconhecer que a cultura ocidental como um todo está se tornando pós-cristã. Isto significa que as barreiras erigidas com as cosmovisões do naturalismo e do humanismo estão se tornando muito reais. Conforme Francis Schaeffer nos faz lembrar, a não ser que levemos em conta estas barreiras, nossa comunicação evangélica será compreendida por um número cada vez menor de pessoas no Ocidente. Destarte, devemos conservar em mente nossos vizinhos próximos enquanto focalizamos nossa atenção em mais de 16.000 sub-culturas em derredor do mundo, onde ainda não existe nenhuma igreja cristã.<sup>11</sup>

Que cada denominação, cada missão, cada congregação, e cada cristão dê uma nova olhada nas quatro categorias de Winter e perguntem a si mesmos o que estão fazendo entre estes respectivos povos. Onde as pessoas estão geográfica e culturalmente acessíveis às igrejas existentes, conclamemo-las a terem comunhão com Cristo e com Sua Igreja. Onde não estão assim acessíveis, atravessemos as barreiras geográficas e culturais a fim de pregar a Cristo e plantar a Igreja! Este livro visa ajudar os cristãos verdadeiros nesta última tarefa. Nele, não distinguimos entre a evangelização ME-O e ME-1 para plantação de igrejas. A vasta maioria das situações de plantação de igrejas hoje em dia acarreta alguma medida de adaptação cultural.

Deixe-me citar um formando recente da “Trinity” (identificado somente como “B.A.”), conforme aquilo que escreveu no jornal da igreja a respeito de “Trinity” e da Igreja Evangélica Livre.

Há um novo vento soprando, e está vindo em nossa direção, para logo transformar-se numa tempestade. Seu tema é refletido neste pequeno epigrama simples:

Se quiser fazer crescer alguma coisa para durar uma estação — plante flores.  
 Se quiser fazer crescer alguma coisa para durar uma vida — plante árvores.  
 Se quiser fazer crescer alguma coisa para durar pela eternidade — plante igrejas.

E este é o clarim que o Espírito Santo está soando mais alto e claro cada dia: “Edificarei a minha igreja!”

Considere, por exemplo, a situação em “Trinity.” No ano passado, aproximadamente uma dúzia de formandos solicitou pastorados na Igreja Livre. Neste ano, parece que cerca de quatro vezes aquele número está seguindo a orientação de Deus para a Associação das Igrejas Evangélicas Livres. Onde vão nos colocar a todos? E os cinquenta ou mais para o ano vindouro? Ou a cifra de acima de sessenta projetada a partir de então? Simplesmente não há um número suficiente de igrejas para haver uma para cada candidato. Vigiem e oremos para que o Espírito Santo use esta situação

para aticar nossa amada Igreja Livre para um programa acelerado de plantação de igrejas.

Ou o que se diz da sua própria igreja local? Pensemos de modo prático. Está crescendo? Talvez dez por cento ao ano? Ora, mesmo sem usar termos bancários tais como “juros compostos anuais,” e assim por diante, uma igreja de 500 pode esperar 750 em cinco anos. Se dedicar mais 25 por cento de esforço ao discipular, facilmente poderia ter 1.000 até 1.250 pessoas em sete anos. Realmente quer ser tão grande assim? Provavelmente 750 seja suficiente para a igreja-mãe. E o que dizemos da idéia de começar três até cinco congregações satélites durante os próximos cinco até sete anos para dar conta dos membros adicionais e alcançar a comunidade de modo mais eficaz? Ah! Plantar Igrejas.<sup>12</sup>

Chame-a, pois, daquilo que você quiser. Chame-a “plantação de igrejas,” “desenvolvimento de igrejas,” “crescimento de igrejas,” ou “evangelização para a extensão de igrejas.” Ou chame-a “missão-evangelização.” A tarefa é a mesma em qualquer parte do mundo. Qualquer comunidade sem uma igreja acessível — quer resida na América do Norte ou na África do Sul — é um campo missionário. E é a responsabilidade dos crentes nas igrejas existentes encher aqueles vazios espirituais com congregações cristãs. Conforme tem sido frequentemente observado, nem uma igreja sem missão, nem uma missão sem igreja está de acordo com o plano de Deus. O mesmo deve ser dito a respeito de uma igreja não-evangelística e de uma evangelização sem igreja. Conforme escreve Donald McGavran, a missão é “um empreendimento dedicado à proclamação das boas novas de Cristo e a persuadir os homens a se tornarem discípulos e membros fidedignos da Sua igreja.”<sup>13</sup> E aqueles que são enviados para realizar esta tarefa são missionários e evangelistas no melhor sentido destas palavras. Sem dúvida, ganhar para Cristo homens doutras cosmovisões, idiomas e costumes, e estabelecê-los em congregações cristãs requer treinamento e ferramentas especiais. E embora seja útil, para isto, usar designações tais como ME-1, ME-2, e ME-3 a fim de denotar o grau de adaptação que será necessário, devemos conservar em mente que, no seu coração, nossa missão é a mesma, independentemente de onde seja realizada ou de quem constitui nosso auditório. E é o que a Igreja — e as igrejas e missões — devem fazer, e fazer tão eficazmente quanto puderem, e fazer agora (veja Figura 2)!

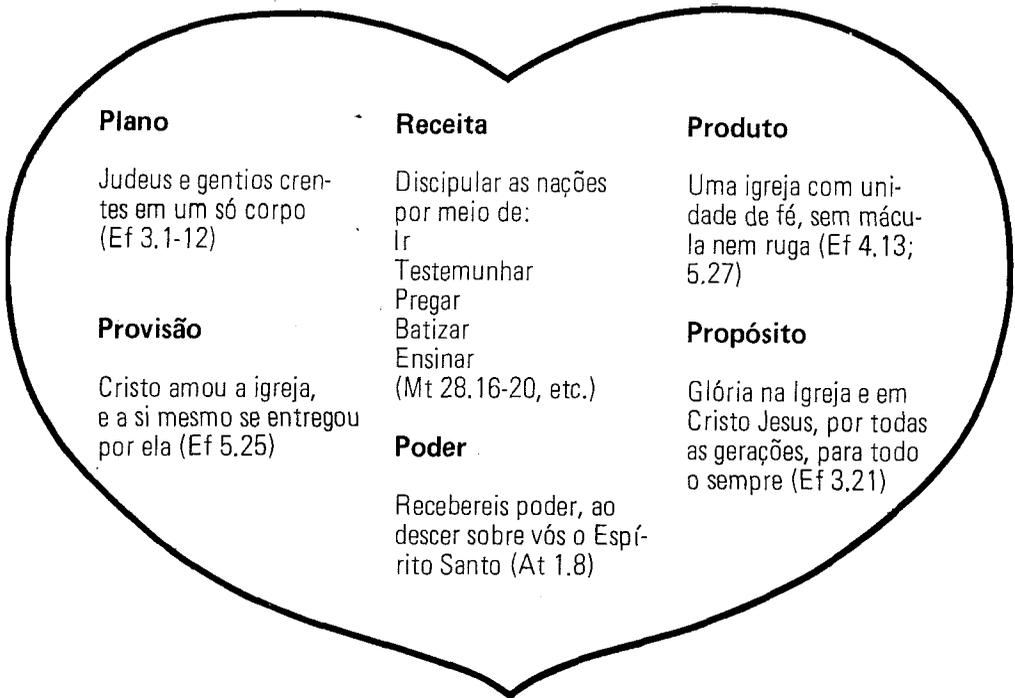
#### NOTAS

1. Veja, por exemplo, Johannes Blauw: *A Natureza Missionária da Igreja* (ASTE, São Paulo, Ed. orig. Nova York: McGraw-Hill, 1962), e Gary F. Vicedom: *The Mission of God* (St. Louis: Concordia Publishing House, 1965).
2. Harry R. Boer: *Pentecost and Missions* (Grand Rapids: Eerdmans, 1961).
3. Francis Schaeffer: *The Church at the End of the Twentieth Century* (Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 1970), pág. 60.
4. Roland Allen: *Missionary Methods: St. Paul's or Ours?* (Grand Rapids: Eerdmans, 1962), pág. 3.
5. Paul Benjamin: *The Growing Congregation* (Cincinnati: Standard Publishing, 1972) págs. 5-6.
6. Schaeffer: *The Church at the End of the Twentieth Century*, pág. 60.
7. Basil Mathews: *Forward Through the Ages* (Nova York: Friendship Press, 1960), págs. 17-18.
8. Donald McGavran: *The Bridges of God* (Nova York: Friendship Press, 1955), Introdução.

9. Ralph Winter: "The Highest Priority: Cross-Cultural Evangelism," em *Let the Earth Hear His Voice*, ed. J. D. Douglas (Minneapolis: World Wide Publications, 1975), págs. 213-25.
10. Ralph D. Winter: "Penetrating the New Frontiers," em *Unreached Peoples'79: The Challenge of the Church's Unfinished Business*, ed. C. Peter e Edward R. Dayton (Elgin, IL: David C. Cook, 1978), págs. 46-49.
11. Carl F. H. Henry: "Evangelicals: Out of the Closet but Going Nowhere?" *Christianity Today*, vol. 24, no. 1 (1980), págs. 16-22.
12. "The Free Church — Going to Seed. A Prohecy," *The Scribe* (Trinity Evangelical Divinity School), Primavera de 1976, no. 1, pág. 7.
13. Donald McGavran: *Understanding Church Growth* (Grand Rapids: Eerdmans, 1970), pág. 34.

## FIGURA 2

## O CORAÇÃO DA MISSÃO



---

# Método e Missão

---

## Planejando para a Tarefa

As Igrejas são "forças-tarefas". Têm um serviço a fazer. Mas com demasiada freqüência a tarefa é empreendida de modo casual, sem raciocínio cuidadoso. Certa vez um missionário (provavelmente de modo irônico) foi contra o planejamento com base no fato de que Abraão "partiu sem saber aonde ia." Foi indicado ao missionário que a analogia não é boa. Abraão não sabia aonde ia, mas sabia o que faria ao chegar lá. Se esse missionário levava a sério a sua filosofia, sabia aonde ia, mas não sabia o que faria ao chegar lá!

*A Bíblia tem evidências abundantes do plano de Deus. Ele é o maior Planejador de todos! Antes da criação Ele projetou um plano para o homem e a história que levou em conta todas as contingências. Quando Cristo estava ministrando na terra, tinha um plano para distribuir em formação ativa os Seus discípulos e levar a mensagem do reino às "ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mt 10.1-42). Depois da Sua morte e ressurreição Ele revelou os aspectos básicos do Seu plano para discipular as nações gentias (Mt 28.18-20; At 1.8). Durante o período abrangido pelo Livro de Atos, o Espírito Santo tinha um plano para cumprir a Grande Comissão mesmo quando os apóstolos não tinham nenhum, e cada vez mais, aquele plano veio a ser uma questão de discussão e deliberação por parte do Seu povo. Finalmente, Paulo apresenta a Igreja, em que os judeus e os gentios compartilham em base igual, não como reflexão tardia, nem sequer como um plano de reserva, mas como parte do plano eterno de Deus, embora fosse revelado na sua plenitude somente agora (Ef 3.1-12).*

Não é estranho que embora Deus tenha um plano para a história, que os lares bem-ordenados fazem orçamentos, planejam atividades semanais, e planejam a educação dos filhos; as igrejas e as missões freqüentemente não têm nenhum plano bem feito e submetido à oração, para a tarefa mais importante

de todas? Não é triste que, visto que Deus não pode contar com a obediência e a sábia mordomia desta questão, Ele freqüentemente tem de usar cisões e meios imediatistas para causar o início de novas congregações de crentes? Como seria melhor se tivéssemos um plano — o plano dEle!

Como podemos desenvolver um plano para ganhar homens para Cristo e implantar igrejas que crescerão? Os peritos nos contam que há seis passos envolvidos no planejamento para a realização de qualquer tarefa:

- (1) Compreenda a tarefa.
- (2) Compare a tarefa com a experiência e a pesquisa (identifique abordagens úteis e inúteis).
- (3) Faça um plano global para realizar a tarefa.
- (4) Reuna os recursos necessários.
- (5) Execute o plano.
- (6) Aprenda da experiência (e use o que é aprendido para modificar o plano).<sup>1</sup>

Os passos podem ser melhor compreendidos se os dispusermos num gráfico simplificado de planejamento. O gráfico nos ajuda a compreender o que é envolvido nos vários passos. É basicamente auto-explicativo e não precisa de elaboração alguma a esta altura. Deve ser notado que neste livro estamos primariamente ocupados com os três primeiros passos do gráfico de planejamento. Deve-se ter em mente, no entanto, que por mais importante que seja o planejar, essa atividade significará pouca coisa até que avancemos para reunir nossos recursos, executar o plano, e aprender das nossas próprias experiências a fim de que possamos modificar o plano conforme a exigência de novos entendimentos e circunstâncias (veja Figura 3, p. 32).

### **Três Fontes da Missiologia**

A missiologia é o estudo da missão da Igreja. Há três fontes básicas de informações que são importantes para desenvolver uma missiologia eficaz (veja Figura 4):

- (1) A Revelação (a investigação das Escrituras).
- (2) A Pesquisa (a observação científica).
- (3) A Reflexão (o raciocínio sadio baseado na experiência e no conhecimento).

### **A Revelação**

Note que as Escrituras têm a primazia na ordem de importância. São a única regra completamente autorizada da fé e da prática. À parte delas, nosso entendimento de Deus seria limitado e nosso conhecimento do Seu plano para

a vocação da Igreja de Cristo seria negligível ou não-existente. Se é que vamos fazer a obra d'Ele, devemos prestar atenção à Sua Palavra. Nenhum cristão verdadeiro disputaria isto.

Naturalmente, solucionar o problema da autoridade ulterior não produz, por si mesmo, uma hermenêutica defensável. Os princípios hermenêuticos sadios devem governar a determinação da prática assim como governam a determinação da doutrina. Discutir adequadamente tais princípios nos levaria muito além dos limites do presente estudo. Mas antes de continuarmos, devemos mencionar três princípios que têm aplicação aos "pontos problemáticos" na missiologia.

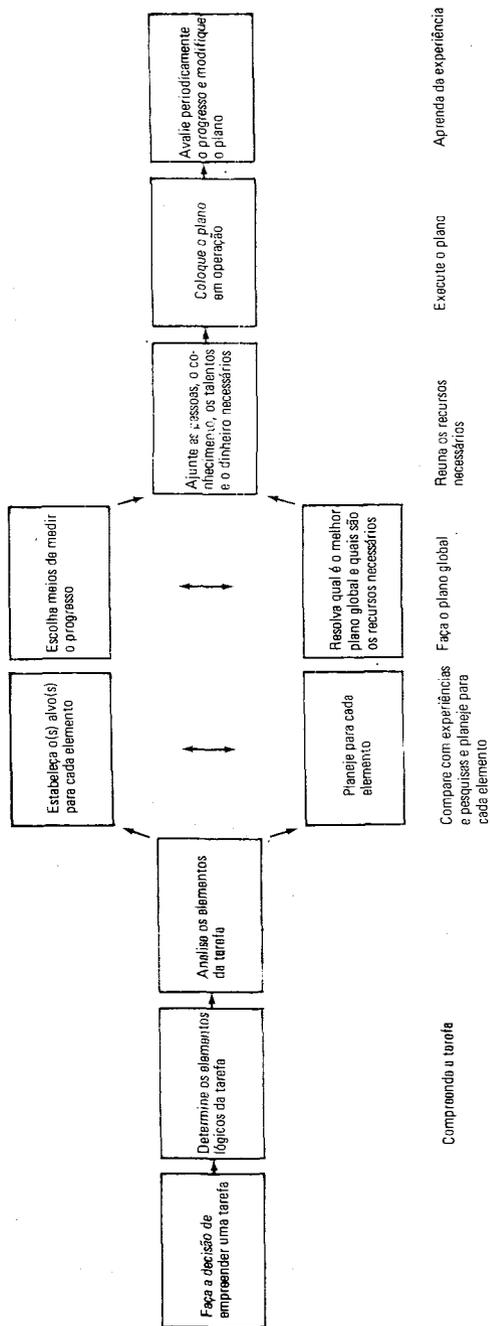
(1) A Escritura deve ser interpretada dentro do seu próprio contexto. É fácil demais cair na armadilha de permitir que nossa cultura e experiência contemporâneas determinem nosso modo de entender o texto bíblico.

Por exemplo, a literatura recente do Crescimento da Igreja tem dado muita importância à referência às *ethnê* na Grande Comissão. Os proponentes do Crescimento da Igreja têm insistido que *ethnê* significa as "tribos, castas, povos, e famílias da humanidade" — ou seja, as unidades homogêneas que são tão importantes para a estratégia do Crescimento da Igreja. Conforme Walter Liefeld e outros têm demonstrado com clareza, no entanto, fazer assim é impor entendimentos antropológicos e sociológicos atuais sobre a Escritura. Dos vários termos gregos que poderiam ter sido usados para referir-se às tribos, às castas, e aos demais agrupamentos homogêneos da raça humana, o termo *ethnê* é o mais fraco. No contexto do Novo Testamento, *ethnê* claramente significa "gentios."<sup>2</sup>

(2) Todos os textos bíblicos relevantes devem ser aplicados à questão em discussão. Ou seja: não estamos livres para selecionar e escolher certos textos bíblicos que parecem apoiar nossas conclusões ao passo que desconsideramos outros textos que talvez as contradigam. Bem, é praticamente impossível aplicar explicitamente todas as passagens relevantes a uma determinada questão cada vez que é discutida. Neste volume, por exemplo, somente um número comparativamente pequeno de referências vétero-testamentárias será citado. Mesmo assim, aquilo que estamos fazendo na tarefa de proclamar o evangelho, de converter os homens a Cristo, e de edificá-los em igrejas locais, é baseado no fundamento da revelação do Antigo Testamento e não é, de modo algum, antitético a ela. É fiel aos ensinamentos vétero-testamentários da criação, da queda do homem, dos propósitos redentores de Deus, e da missão do povo de Deus no mundo. Semelhantemente, embora um grande número de textos do Novo Testamento será citado, não é possível, de modo algum, que todas as passagens relevantes possam ser aplicadas a qualquer determinada questão. Sendo este o caso, nossas conclusões são verídicas somente à medida em que estão em harmonia com todos os textos relevantes. São verídicas somente à medida em que citamos textos básicos representativos e interpretamos estes textos corretamente. São verídicas somente à medida em que não desconsideramos textos relevantes que poderiam nos fazer modificar as nossas conclusões.

(3) O ensino da Palavra de Deus acerca de qualquer determinada questão deve tomar precedência sobre o *registro dos eventos* que ocorreram nos tempos

**FIGURA 3**  
**UM GRÁFICO SIMPLIFICADO DE PLANEJAMENTO\***



(\*) Baseado em PERT (Técnica para a Avaliação e a Revisão do Programa), desenvolvido pelo Escritório de Projetos Especiais da Marinha em 1955 e elaborado pelo Centro de Pesquisas e Comunicações Avançadas para Missões (MARC), Monrovia, Califórnia, EUA.

**FIGURA 4**  
**AS TRÊS FONTES DA MISSIOLOGIA**



bíblicos. Este princípio é o âmago de um problema crucial na missiologia, e mesmo na teologia. A questão tem a ver com a distinção entre aquilo que é normativo na Escritura e aquilo que é puramente descritivo. A questão já foi focalizada, e continuará a ser, repetidas vezes dentro destas páginas, mormente tendo em vista o fato de que fazemos numerosas referências ao Livro de Atos.

O problema que enfrentamos torna-se explícito quando forçamos demais qualquer porção narrativa das Escrituras. Por exemplo, se a *experiência* dos discípulos no Pentecoste fosse feita normativa, ficaríamos inclinados a buscar sinceramente um dos dons do Espírito (a glossolalia), e esperá-lo, embora ele, segundo o *ensino* de 1 Coríntios 12-14, não seja para todos os crentes e não deva ser ansiosamente procurado.

Além disto, se formos longe demais e insistirmos que a descrição da igreja em Jerusalém em Atos 2.41-47 deve ser normativa para todas as igrejas, logo, a propriedade privada dos cristãos torna-se suspeita. Na realidade, naturalmente, o cristianismo não exige o comunalismo deste tipo.

O mesmo princípio é aplicável no caso da igreja de Antioquia e da estratégia de Paulo, à qual logo voltaremos nossa atenção. As descrições dos eventos e dos personagens históricos nos fornecem informações e exemplos (bons e ruins), mas oferecem normas somente à medida em que passagens explicitamente doutrinárias ou didáticas as reforçam.

### **A Pesquisa**

A palavra *pesquisa* neste contexto não deve ser vista no sentido estreito de "experiência controlada", mas como uma referência aos entendimentos que derivam das ciências sociais. Quando se trata desta segunda fonte de missiologia, no entanto, muitos cristãos sinceros serão tentados a levantar uma objeção. Sua dedicação a Deus como Fonte de toda a sabedoria e de todo o poder parece necessitar uma rejeição da sabedoria do mundo e das suas realizações.

De certa maneira, é estranho que isto apresente um problema para estes cristãos, porque não têm hesitação em usar os aviões, os rádios, e os remédios que resultam da pesquisa aeronáutica, eletrônica e química. Doutra maneira, no entanto, o problema é compreensível. As ciências sociais tais como a história, a administração de empresas, as comunicações, a psicologia, a antropologia, a sociologia, e a religião comparativa parecem ser de uma ordem bem diferente do que a engenharia e a medicina. A gente "sente" diferente ao usar as ondas do rádio ou ao usar um princípio de persuasão! Num dos casos, estamos manipulando indicadores. No outro, podemos estar manipulando as pessoas!

O problema não é novo. Há muitos séculos atrás Agostinho enfrentou a pergunta de se o conhecimento que aprendera nas escolas dos seus dias (ele era um retórico) poderia ser usado na edificação do reino de Deus.<sup>3</sup> Sua mente brilhante lutou com este problema, assim como também fez com todas as questões principais dos seus dias. Sua conclusão, portanto, é importantíssima para nós: *Toda verdade pertence a Deus e pode ser usada para os propósitos do reino.* Tirou uma analogia da experiência dos filhos de Israel que foram ordenados a tirar algumas das riquezas do Egito para seu uso a caminho para a Terra Prometida. Visto que boa parte do seu conhecimento da retórica viera da Alexandria, sua analogia era especialmente apta. O ouro do Egito não deixa de ser ouro! Pode ser utilizado durante nosso andar peregrino com Deus. As obras de Agostinho são testemunhas da eficácia com que o "ouro do Egito" foi utilizado por aquele grande estudioso e santo.

**Agostinho, no entanto,** introduziu três precauções importantes (duas explícitas e uma implícita) a respeito do uso do conhecimento do mundo. Em primeiro lugar, nesta "transferência do ouro do Egito" devemos observar a máxima: "Nada em excesso." Em segundo lugar, devemos lembrar-nos de que, embora algum conhecimento pagão seja útil ao cristão, o montante é quantitativamente pequeno em comparação com aquele que pode ser derivado das Escrituras. Em terceiro lugar, fica aparente em todas as partes da obra de Agostinho onde o problema é tratado (*Da Doutrina Cristã*) que a Escritura é o *padrão da verdade* — o ouro egípcio que não está à altura deste padrão não é ouro legítimo — é ouro dos tolos!

As precauções de Agostinho devem ser levadas a sério. O ouro do Egito pode ser formado em bezerras de ouro! Há um perigo real de que quando chegarmos a compreender o que está acontecendo na planície, esquecer-nos-emos daquilo que está acontecendo no monte! Por exemplo, há verdadeiro valor em compreender o que acontece psicologicamente quando uma pessoa se torna cristã. Mas, uma vez que o entendamos, devemos exercer cuidado a fim de que o processo psicológico envolvido não fique tão absorvente que nos esqueçamos de que os elementos de suprema importância na conversão são a convicção e a iluminação pela Terceira Pessoa da Trindade. Nenhum psicólogo que não é salvo pode compreender ou apreciar esse fato. Mas o cristão pode, e deve!

## A Reflexão

Poucas pessoas argumentariam que o pensar é anti-cristão! Mas esse fato, por si mesmo, não nos garante de que haverá pensamento de qualidade — e muito menos de que prevalecerá — no serviço de Cristo. Nosso Senhor mandou Seus servos no século I serem “prudentes como as serpentes e símplices como as pombas” (Mt 10.16b). O símile das pombas parece bastante apropriado, mas para que o símile das serpentes? Por que, senão para inculcar Sua lição? A realidade é que aqueles que dependem do “senso de Cristo” freqüentemente são tentados a desconsiderar o “bom-senso comum.” Quão freqüentemente já ouvi homens de negócios bem-sucedidos comentar que se seus negócios fossem dirigidos como os da Igreja às vezes são dirigidos, logo iriam à falência! Nenhum crédito é devido ao povo de Deus se for essa a real situação. Nem toda a prudência é bíblica, mas existe uma prudência bíblica. O bom-senso comum mistura-se bem com o senso espiritual!

Na sua obra clássica: *Planting and Development of Missionary Churches*, John L. Nevius enfatiza dois testes de qualquer plano para a implantação de igrejas: “a adaptabilidade para o fim em mira, e a autoridade bíblica.”<sup>4</sup> Liga a adaptabilidade com a análise das nossas experiências passadas. Se pensarmos claramente, a história pode servir de guia para o futuro. Além disto, insiste que qualquer plano que passar nos *dois* testes tem mais direito ao nosso respeito e à nossa aceitação do que um plano que pode declarar ter a sanção de um só teste.”<sup>5</sup> Noutras palavras, confie na revelação de Deus mas não negligencie a reflexão sobre os sucessos e fracassos passados. Muita coisa pode ser aprendida deles.

## Os Elementos Lógicos da Tarefa Missionária

A tarefa missionária da Igreja deve ser compreendida à luz da revelação bíblica. Já tocamos nesta idéia de modo preliminar, notando que as atividades envolvidas incluem o testemunho, a pregação, o discipular, o batismo, e o ensino. Exatamente como estes elementos se encaixam na prática talvez possa ser melhor visto no ministério do apóstolo Paulo e dos seus colegas à medida em que implantavam igrejas em todas as partes do Império Romano. Paulo foi o prudente construtor da Igreja nos tempos do Novo Testamento (1 Co 3.10). Foi o plantador de igrejas por excelência!

## A Estratégia e a Metodologia Paulina

Pode haver pouca dúvida de que, se temos no Novo Testamento um exemplo de estratégia sadia para a implantação de igrejas que crescem, temo-lo na estratégia de Paulo. Depois de nos oferecer um breve registro do papel de Pedro e doutros em levar o evangelho além das fronteiras da comunidade judaica, Lucas dedica a parte do leão da sua atenção ao ministério de Paulo

e dos seus cooperadores. Boa parte do restante do Novo Testamento consiste na correspondência de Paulo com as igrejas e com seus líderes. Certas perguntas básicas têm sido levantadas a respeito do ministério de Paulo, no entanto.

### Paulo Tinha Realmente uma Estratégia?

Nossa resposta a esta pergunta determinará como procederemos a partir desta altura. Se, conforme Michael Green parece acreditar, Paulo tinha pouca estratégia, ou nenhuma, e “o Evangelho espalhou-se de uma maneira aparentemente a esmo, à medida em que os homens obedeciam à orientação do Espírito, e passaram pelas portas que Ele abria,”<sup>6</sup> logo, tudo quanto poderemos aprender é a dependência a esse mesmo Espírito. Se, doutro lado, Donald McGavran tiver razão em dizer que enquanto Paulo estava em Antioquia elaborou uma estratégia para alcançar grande parte do mundo mediterrâneo com o evangelho,<sup>7</sup> logo, também nós podemos aprender da estratégia de Paulo.

Uma posição intermediária parece estar em harmonia com os dados. Green tem toda a razão quando insiste que “não devemos organizá-lo [Cristo] até Ele já não caber no quadro” e quando adverte contra a idéia de que “a eficiência na linha de produção evangelística inevitavelmente produzirá resultados.”<sup>8</sup> Mas parece que exagera sua tese. Se Paulo não tivesse *nenhum* plano, o Espírito Santo não poderia tê-lo mudado (cf. At 16.6-10)! Do outro lado, o argumento de McGavran acerca da estratégia de Paulo para alcançar as “pessoas que estão na ponte” (pessoas que têm relacionamento com crentes) é fascinante e instrutivo. Mas, às vezes, McGavran também parece exagerar sua tese.

Vale a pena meditar sobre as palavras de J. Herbert Kane:

Podemos começar perguntando: Paulo tinha uma estratégia missionária? Alguns dizem que sim; outros dizem que não. Muita coisa depende da definição de estratégia. Se “estratégia” quiser dizer um plano de ação deliberado, bem-formulado, e devidamente executado, baseado na observação e na experiência humanas, então Paulo tinha pouca ou nenhuma estratégia; mas se entendermos que a palavra significa um *modus operandi* flexível, desenvolvido sob a orientação do Espírito Santo e sujeito à Sua orientação e controle, então Paulo realmente tinha uma estratégia.

Nosso problema hoje é que vivemos numa era antropocêntrica. Imaginamos que nada pode ser realizado na obra do Senhor sem boa dose de maquinária eclesiástica — comissões, conferências, laboratórios, seminários; ao passo que os cristãos primitivos dependiam menos da sabedoria e perícia humanas, e mais da iniciativa e orientação divinas. É óbvio que não foram mal-sucedidos. O que o movimento missionário moderno precisa acima de qualquer outra coisa é voltar para os métodos missionários da igreja primitiva.<sup>9</sup>

Tendemos a concordar com a posição básica de Kane, mas modificaremos um pouco a sua declaração. Paulo, naturalmente, tinha comparativamente pouca oportunidade de basear sua estratégia na observação e na experiência.

Mas com dois mil anos de história das missões por detrás de nós deveríamos ter um “plano de ação deliberado, bem formulado, e devidamente executado, baseado na observação e na experiência.” Para ser cristão, no entanto, tal plano não deve ser baseado primariamente na observação humana. Deve ser “desenvolvido sob a orientação do Espírito Santo e sujeito a Sua orientação e controle.” Quanto à flexibilidade, qualquer estratégia que não é flexível é simplesmente má estratégia.

Concordemos, portanto, em que “o que o movimento missionário moderno precisa acima de qualquer outra coisa é voltar para os métodos dos missionários da igreja primitiva.” Seria estultícia da nossa parte desconsiderar o registro, inspirado pelo Espírito Santo, do modo dos cristãos primitivos, e especialmente Paulo e seus assistentes, realmente terem edificado as igrejas dos seus dias, assim como teria sido estultícia para Paulo desconsiderar a orientação do Espírito Santo recebida na Arábia e na Antioquia. Ao mesmo tempo, seria tão impensável para nós descontarmos o entendimento que tem vindo a nós através de dois mil anos de experiência e estudo quanto teria sido para Paulo descontar os processos da helenização da cultura e a penetração religiosa do judaísmo nos seus próprios dias. Apesar disto, a advertência de Kane não deve ser desconsiderada. Se dependermos da estratégia global e do método da sua implementação ao invés da sabedoria e do poder do Espírito Santo, não podemos alegar que somos leais ao precedente neotestamentário, nem nosso testemunho será tão eficaz quanto foi o daqueles crentes do século I.

### A Estratégia Paulina é Aplicável Hoje?

Dizer que as labutas missionárias de Paulo resultaram do pensamento bem como da oração e do trabalho não termina a questão. Devemos perguntar se a estratégia paulina é aplicável hoje, ou não. A esta pergunta respondemos “sim.”

Em primeiro lugar, o mundo de Paulo no século I tem umas semelhanças notáveis com nosso mundo de hoje. Naturalmente, devemos reconhecer que o século XX não é uma segunda-via do século I, e que, em comparação com a situação em que o missionário estrangeiro moderno usualmente se acha, a situação de Paulo era bem diferente. Paulo era um cidadão do seu mundo missionário. Não aprendeu nenhuma língua estrangeira a fim de comunicar. Desde o próprio início do seu ministério, tinha familiaridade com os padrões de pensamento do seu auditório. Ao mesmo tempo, conforme se relata que o Dr. E. M. Blaiklock, catedrático de línguas clássicas na Universidade de Auckland na Nova Zelândia, disse: “De todos os séculos intervenientes, o século XX é o mais semelhante ao I.”<sup>10</sup> Havia um considerável fluxo intercultural entre povos de diferentes raças e formações. Havia uma falência generalizada de idéias e de ideais. E havia um grupo de pessoas espalhado em todas as partes do Império Romano que, em virtude do seu contato com as idéias monoteístas e éticas judaicas se constituía num “auditório preparado” para o evangelho.

Em segundo lugar, Paulo reconhecia que era um prudente construtor da Igreja (1 Co 3.10). Ora, se não inferimos desse fato que devemos seguir servilmente cada abordagem empregada pelo grande apóstolo aos gentios, podemos pelo menos tirar proveito de um estudo cuidadoso da sua metodologia. Afinal das contas, os arquitetos modernos estudam as obras dos grandes arquitetos do passado, embora não projetem nem edifiquem construções idênticas.

Desta maneira, podemos aprender de Paulo. Conforme escreveu Richard Longenecker:

Freqüentemente tem sido dito de modo devocional: "O mundo ainda há de ver o que Deus pode fazer com um homem totalmente dedicado a Ele." Paulo era tal homem, e o mundo tem sido testemunha do efeito. Possuía uma firmeza de dedicação ao seu Senhor, um fervor de espírito, um coração compassivo, uma visão ampla, uma percepção aguda, e estava constantemente aberto ao Espírito. *Semelhante exemplo de uma vida e de um ministério cristãos destaca-se como paradigma e como inspiração para nós hoje [grifos nossos].*<sup>11</sup>

### Até Que Ponto a Metodologia de Paulo é Normativa?

Fica claro nas Escrituras do Novo Testamento que a *mensagem* de Paulo é normativa. Aos gálatas — que estavam sendo perturbados pelos judaizantes — pôde dizer: "Mas, ainda que nós, ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema" (Gl 1.8). Aos coríntios — que estavam sendo empesoados com dificuldades eclesiásticas — pôde escrever: "Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei" (1 Co 11.23a).

Fica claro no Novo Testamento, também, que Paulo o *homem*, num sentido secundário, era um exemplo normativo daquilo que o cristão deve ser e fazer. Aos coríntios, que precisavam desesperadamente de um exemplo daquilo que um cristão deve ser, pôde fazer a declaração notável: "Sede meus imitadores" (1 Co 11.1a). Paulo, no entanto, não era perfeito. Sabia disto. E por isso acrescentou aquelas palavras da máxima importância: "como também eu sou de Cristo" (1 Co 11.1b). Sendo assim, o exemplo de Paulo é normativo porque reflete o padrão perfeito — aquele do próprio Jesus Cristo.

Depois, o que se diz do *método* missionário de Paulo? Conforme já dissemos, parece haver pouca coisa para indicar que o Espírito Santo espera que sigamos de modo servil cada procedimento paulino em nosso alcance evangelístico. Do outro lado, há ensino explícito nas Epístolas que nos ordena a continuar as mesmas atividades de modo semelhante — a saber: ir para onde as pessoas estão, pregar o evangelho, ganhar convertidos, reuni-los nas igrejas, instruí-los na fé, escolher líderes, e recomendar os crentes à graça de Deus. E onde acharíamos um padrão para estas atividades, que tenha menos probabilidade de nos levar para becos sem saída do que na obra missionária de Paulo? Conforme escreve A. R. Hay: "O ministério de Paulo e o dos seus companheiros é

registrado pormenorizadamente porque ele e eles fornecem um exemplo típico para o ministério permanente, da máxima importância, de implantar igrejas."<sup>12</sup>

Concluimos, portanto, que a mensagem de Paulo era totalmente normativa, e que seu modo de vida e sua metodologia missionária eram menos normativos. É uma questão de proporção. Há espaço para adaptação em cada caso, mas menos no caso da sua mensagem e mais nos casos do seu modo de vida e da sua metodologia. Para nós, que estamos a dois mil anos da presença física do Mestre e dos Seus apóstolos, é bom aprendermos da pregação, da pessoa, e do programa de Paulo, em dependência da Palavra e do Espírito Santo.

## O Ciclo Paulino

### *Os Elementos Lógicos no Plano Mestre de Evangelização de Paulo*

Quais eram os elementos (passos) lógicos no plano mestre de Paulo para a evangelização e o desenvolvimento da igreja? Estes elementos serão analisados mais tarde. A esta altura, simplesmente os alistaremos e os demonstraremos numa forma diagramática (veja a Figura 5):

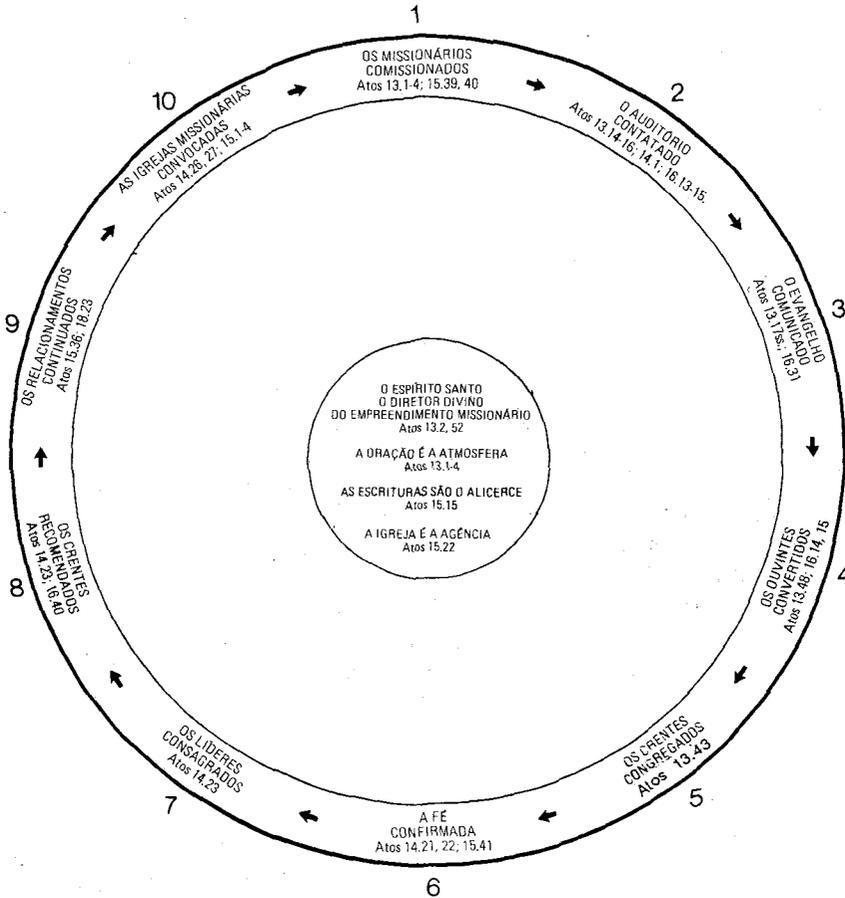
- (1) Os Missionários Comissionados — Atos 13.1-4; 15.39, 40.
- (2) O Auditório Contatado — Atos 13.14-16; 14.1; 16.13-15.
- (3) O Evangelho Comunicado — Atos 13.17ss.; 16.31.
- (4) Os Ouvintes Convertidos — Atos 13.48; 16.14, 15.
- (5) Os Crentes Congregados — Atos 13.43.
- (6) A Fé Confirmada — Atos 14.21, 22; 15.41.
- (7) Os Líderes Consagrados — Atos 14.23.
- (8) Os Crentes Recomendados — Atos 14.23; 16.40.
- (9) Os Relacionamentos Continuados — Atos 15.36; 18.23.
- (10) As Igrejas Missionárias Convocadas — Atos 14.26, 27; 15.1-4.

### *Possíveis Objeções ao Ciclo Paulino*

Para alguns, os passos no Ciclo Paulino talvez pareçam quase demasiadamente óbvios para serem realmente importantes. Nossa resposta é que para pessoas que têm conhecimento eficiente de uma determinada tarefa, os elementos lógicos que a compõem devem ser óbvios. Os químicos seriam estorvados nos seus trabalhos com o ácido clorídico se sua estrutura molecular não fosse do conhecimento geral nos seus laboratórios. Uma vez que os elementos básicos de qualquer coisa tenham sido descobertos, são mais ou menos óbvios. Nessa altura, a única perícia verdadeiramente exigida é saber trabalhar com eles.

Para outros, o Ciclo Paulino talvez pareça um pouco forçado. Dez passos, frases aliterativas — a coisa inteira parece demasiadamente arrumadinha para ser verdadeira, demasiadamente programática para ser prática. Nossa resposta

**FIGURA 5**  
**"O CICLO PAULINO"**



é que nada há de sacrossanto nesta maneira específica de subdividir a tarefa em elementos manuseáveis. Neste sentido, a missão da Igreja não é análoga a uma molécula de ácido clorídico. A variação é possível. Mesmo assim, cremos que a análise cuidadosa da tarefa missionária revelará algo muito semelhante aos passos do Ciclo Paulino. E a nós faz pouquíssima diferença como esses passos são identificados.

Para outros, ainda, talvez pareça que o ciclo não é realmente paulino. Podem reconhecer que Paulo ocupava-se com estas várias atividades, mas não necessariamente em todos os locais onde pregava. Se for este o caso, o ciclo não é um tipo de híbrido, ou uma composição baseada em um ministério total ao invés de ser a base para um plano em qualquer determinada situação local? Nossa resposta é quádrupla.

Em primeiro lugar, Paulo não estabeleceu uma igreja em cada localidade que visitou. Não era seu plano fazer isso. No que diz respeito a Paulo (e dentro dos limites do que sabemos), em Atenas, por exemplo, o ciclo passou pelos passos do contato e da comunicação, e parou com a conversão de Dionísio, de Damaris, e de certos outros (At 17.34). Sabemos que havia uma igreja em Atenas posteriormente. Mas no que diz respeito ao registro bíblico e ao ministério de Paulo, não temos maiores informações a respeito dela. Atenas era uma parada temporária para Paulo. Não era a "cidade ideal" para ele.

Em segundo lugar, ao usarmos a frase *Ciclo Paulino*, não queremos dar a entender que Paulo pessoalmente levou a efeito cada passo. Paulo dirigia uma equipe de homens. O registro deixa claro que delegava responsabilidades a outros membros da equipe. Por exemplo, Paulo escreveu a Tito: "Por esta causa te deixei em Creta, *para que pusesse em ordem as coisas restantes*, bem como, em cada cidade, constituíesses presbíteros, conforme te prescrevi" (Tito 1.5, grifos nossos).

Em terceiro lugar, quanto mais completo fica o registro bíblico no caso de qualquer determinada situação local, tanto mais explícitos se tornam os passos no ciclo. Veja, por exemplo, o caso da igreja em Éfeso. Ali, os passos básicos são tornados explícitos no registro bíblico:

- O auditório contatado – Atos 18.19; 19.1, 8, 9.
- O evangelho comunicado – Atos 19.4, 9, 10.
- Os ouvintes convertidos – Atos 19.5, 18.
- Os crentes congregados – Atos 19.9, 10.
- A fé confirmada – Atos 20.20, 27.
- Os líderes consagrados – Atos 20.17, 28; 1 Tm 1.3, 4; 2.2.
- Os crentes recomendados – Atos 20.1, 25, 32.
- Os relacionamentos continuados – Atos 20.17; Ef 1.1-3, 15, 16.

Em quarto lugar, embora o ciclo cresça a partir da metodologia paulina e não seja imposto sobre esta, também se desenvolve a partir da lógica e da experiência maior das missões. Considerando a natureza da tarefa para a qual fomos comissionados, estes passos são práticos e razoáveis, conforme já dissemos. Olhe para eles mais uma vez. Se qualquer um de nós, como equivalente mo-

dermo de Paulo, de Pedro, de Tomé, ou de Timóteo, fosse para uma cidade evangelizar e estabelecer uma igreja, não colocaria em prática estes mesmíssimos passos? E não os levaria a efeito nesta mesma ordem, mais ou menos?

### *Quatro Aspectos Importantes do Ciclo Paulino*

Antes de encerrarmos esta discussão preliminar do Ciclo Paulino, quatro aspectos dele devem ser especialmente notados.

Em primeiro lugar, tem um começo e um fim. Grande número de livros na área do crescimento da igreja e do seu desenvolvimento tem surgido nestes últimos anos. Alguns deles são de leitura estimulante para os que se preocupam com a missão da Igreja. Alguns dos princípios que podem ser descobertos nestes livros são de valor incalculável. Há, porém, uma falha em muitos deles que freqüentemente deixa frustrado o obreiro prático. É a seguinte. Quando um obreiro treinado nos princípios do crescimento da igreja contempla a evangelização para extensão da igreja numa nova área, logo descobre que não sabe enfileirar estas pérolas de sabedoria num só fio! Não sabe onde começar! E nem sequer pensou em como completar a obra. Por meio de pensar em termos de um ciclo com um começo e um fim, e passos lógicos entre eles, talvez seja possível vencer esta fraqueza.

Em segundo lugar, embora falemos de um começo e de um fim do ciclo, há um sentido em que o ciclo não admite nem um nem outro. Quando Paulo foi recomissionado em Antioquia antes da sua segunda viagem missionária (At 15.39, 40), reestabeleceu o contato com os grupos novos de crentes, e continuou seu ministério com eles, confirmando-os na fé (At 15.41). Ao mesmo tempo, levou as fronteiras do evangelho um pouco mais longe das bases originais em Jerusalém e em Antioquia. Para pensar legitimamente num começo e num fim, portanto, devemos pensar na tarefa com relação a uma só igreja ou em uma área limitada.

E em terceiro lugar, o ciclo deve ser olhado tanto sincronicamente como diacronicamente. Ou seja: embora possamos pensar em progredir da etapa do contato para a comunicação, para a conversão, para congregar crentes, e assim por diante, devemos lembrar-nos também que, à medida em que passamos pelo tempo para as etapas mais adiantadas do desenvolvimento, ainda devemos continuar levando a efeito as atividades das etapas iniciais (ou supervisionar sua realização). Por exemplo, sempre devemos fazer novos contatos e trabalhar em prol de novas conversões do mundo, mesmo quando estivermos confirmando na fé os primeiros crentes. Não fazer assim seria desagradar o Cabeça da Igreja. Por isso, linhas nítidas não devem ser traçadas entre os elementos principais do ciclo. Num sentido, são distintos e seqüenciais. Noutra sentido, colidem uns com os outros, e fluem uns para os outros.

Em quarto lugar, é de importância vital que a estratégia do Ciclo Paulino seja aplicada às igrejas existentes e não somente às situações pioneiras. Ao avaliar as igrejas existentes, passo a passo desde "o auditório contactado" até "os relacionamentos continuados," o pastor e os crentes responsáveis numa igreja

realmente poderão analisar onde sua igreja é bem-sucedida e onde está falhando na sua tarefa! Depois, podem fazer mudanças no seu plano global, escolher padrões, reunir os recursos, e colocar em operação inovações prometedoras. Além disto, obterão constantemente novos entendimentos acerca da missão da igreja na pátria e no estrangeiro.

As missões e a evangelização eficazes requerem planejamento e estratégia com cuidado e com oração. Quando Deus estava para levar Seu povo fora do Egito e para dentro da Terra Prometida, chamou Moisés e comunicou um plano: "Vai, ajunta os anciãos de Israel, e dize-lhes... e irás, com os anciãos de Israel, ao rei do Egito, e lhe dirás... Eu sei, porém, que o rei do Egito não vos deixará ir... Portanto, estenderei a minha mão, e ferirei o Egito com todos os meus prodígios" (Êx 3.16-20). Quando Deus estava pronto para juntar os judeus e gentios crentes numa nova comunidade da fé, parou Saulo no caminho e disse: "Mas levanta-te e firma-te sobre teus pés, porque por isto te apareci para te constituir ministro e testemunha" (At 26.16). E quando Saulo — agora Paulo — tinha ministrado, testemunhado, e estabelecido grupos de crentes desde a Síria do oriente até à Macedônia e a Acaia no ocidente, escreveu para uma das igrejas:

Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus... Porque de Deus somos cooperadores; lavoura de Deus, edifício de Deus sois vós. Segundo a graça de Deus que me foi dada, lancei o fundamento como prudente construtor; e outro edifica sobre ele. Porém cada um veja como edifica (1 Co 3.6, 9, 10).

Acima de tudo, a realização dos planos e do propósito de Deus requer a sabedoria, a intervenção, e a graça divinas. Mas também requer que um Moisés com os anciãos, ou um Paulo com seus companheiros, se dediquem — com o corpo, o coração e a mente — à tarefa.

#### NOTAS

1. Planning and PERT (Técnica para a Avaliação e a Revisão do Programa) (Monrovia, CA: Communication Center, 1966).
2. Walter Liefeld: "Theology of Church Growth," em *Theology and Mission*, ed. David J. Hesselgrave (Grande Rapids: Baker, 1978), pág. 175.
3. Agostinho: *Da Doutrina Cristã*, trad. ing. D. W. Robertson, Jr. (Nova York: The Liberal Arts Press, 1958), Livro II.
4. John L. Nevius: *Planting and Development of Missionary Churches* (Filadélfia: Presbyterian and Reformed, 1958), pág. 8.
5. Ibid.
6. Michael Green: "Evangelism in the Early Church," em *Let the Earth Hear His Voice*, ed. J. D. Douglas (Minneapolis: World Wide Publications, 1975), pág. 174.
7. Donald McGavran: *The Bridges of God* (Nova York: Friendship Press, 1955), págs. 25-35.
8. Green: "Evangelism in the Early Church," pág. 174.
9. J. Herbert Kane: *Christian Missions in Biblical Perspective* (Grand Rapids: Baker, 1976), pág. 73.
10. Citado em Ray Stedman: *Body Life* (Glendale, CA: Regal Books, 1972), pág. 129.
11. Richard Longenecker: *The Ministry and Message of Paul* (Grand Rapids: Zondervan, 1971), pág. 112.
12. A. R. Hay: *New Testament Order for Church and Missionary* (Audubon, NJ: New Testament Missionary Union, 1947), pág. 220.

---

# Educando para Missões

---

Há vários anos, quando um dos autores estava ensinando na Faculdade de Teologia "Evangel" em Hong Kong, teve a oportunidade de passar algum tempo com o Dr. Philip Teng, que é pastor de uma pujante igreja da Aliança Cristã e Missionária naquela cidade. Ao discutir a obra das igrejas, Teng indicou que em anos recentes sua igreja tinha dado início a um programa para estabelecer cinco igrejas afiliadas. As finanças para os obreiros e as instalações já tinham sido fornecidas, e muito encorajamento foi dado. Uma ou duas das igrejas afiliadas estavam progredindo bem, mas um problema de monta se tornara aparente. Não parecia haver obreiro cristão algum que soubesse entrar numa área nova e deitar os alicerces para uma igreja nova! Os obreiros tinham sido treinados para edificar sobre o alicerce alheio, mas não para lançar seu próprio fundamento! O Dr. Teng ficava pensando por que as coisas eram assim.

A explicação foi e é simples. A teologia sistemática e prática conforme a conhecemos tem sido produzida, em grande medida, nas nações ocidentais onde milhares de igrejas salpicam nossas zonas rurais e outros milhares elevam suas torres bem altas acima dos telhados circunvizinhos das nossas cidades. A existência destas igrejas tem sido tomada por certa. Como conseqüência, os teólogos sistemáticos têm ficado preocupados com os "interesses internos" da Igreja e têm dado comparativamente pouca consideração à teologia da missão dela. Os teólogos práticos prepararam pastores para servirem às congregações existentes, mas pouco ou nada fizeram para preparar os obreiros para o desenvolvimento de novas congregações.

Aquilo que tem sido geralmente verídico no que diz respeito às instituições para o treinamento teológico tem sido quase universalmente verídico no caso doutros tipos de educação cristã. Multiplicaram-se programas de bacharelados e cursos nas artes e nas ciências ao passo que negligenciaram cursos na eclesiologia e na evangelização para a extensão da igreja. Mas, quando seus de-

partamentos de relações públicas fazem planos para o recrutamento e o levantamento de fundos, pressupõem tanto a existência quanto a cooperação das igrejas locais!

Devemos, no entanto, avançar ainda mais um passo. O centro mais importante da educação cristã é a própria igreja local. Afinal das contas, somente uma pequena porcentagem dos seus membros tem o privilégio de passar por instituições cristãs de educação superior. E a educação no lar cren-te raras vezes será melhor do que aquela que é recebida na igreja local. Apesar disto, e a despeito da sua importância como centro de treinamento e da sua bem-lubrificada maquinaria organizacional, a igreja local média está tristemente deficiente quando se trata de educar, treinar, e distribuir seus membros num programa realmente viável de evangelização para expansão da igreja.

Entrementes, cada Salão do Reino é uma estação de treinamento para as Testemunhas de Jeová. As Testemunhas são chamados "publicadores," e a todos eles são atribuídos territórios que ficam sendo sua responsabilidade missionária. Devem fazer pelo menos duas visitas por ano em cada casa nas suas áreas alocadas. Não somente isto, mas também são cuidadosamente treinados para sua tarefa, não simplesmente nem primariamente por meio de escutar, mas também por meio de praticar. Os membros mais novos "encenam" visitas simuladas às casas na frente de congregações locais e dos seus líderes, e são publicamente avaliados conforme seu "desempenho." Finalmente, o programa inteiro da propagação — os fóruns locais, os estudos bíblicos nos lares, as publicações, o envolvimento do escritório central — é coordenado pelos líderes e explicado aos membros. Não é de admirar que o movimento aumentou de 3.868 crentes em uma só nação em 1918 para 2.091.432 membros localizados em 210 nações em 1973 (um período de cinquenta e cinco anos).<sup>1</sup>

Neste ínterim, o programa missionário dos Mórmons também prossegue rapidamente. Conforme é bem conhecido, os jovens mórmons devem servir na missão por um período de dois anos às custas das suas próprias famílias (a igreja paga a viagem de volta das suas tarefas alocadas). São preparados para suas tarefas em programas de treinamento oferecidos em vários níveis educacionais. O programa de "Seminário" em nível de colegial oferece quatro anos de aulas em Antigo Testamento, Novo Testamento, o Livro de Mórmon, na história eclesíastica dos Santos dos Últimos Dias. No nível de faculdade, há um programa semelhante chamado "Instituto de Religião." Além disto, os missionários recebem treinamento especial para suas tarefas, que inclui decorar os conceitos gerais de um manual com 200 páginas de instruções e de amostras de diálogos. Aqueles que vão para áreas onde línguas estrangeiras são oferecidas recebem treinamento especial em línguas. Uma vez no campo alocado, o novo missionário é encaixado numa rotina diária, cada parte da qual está em perfeita harmonia com um programa existente para trazer novos convertidos à igreja e para acrescentar novas igrejas. Em 1974, 170.000 alunos estavam matriculados no programa de "Seminário" e 62.000 nos "Institutos de Religião." Havia 17.564 missionários. E, nalguma parte do mundo, um novo membro afiliava-se à igreja cada seis minutos.<sup>2</sup>

Entrementes, o budismo Soka Gakkai, com sua sede no Japão tem projetado um programa que visa conquistar primeiramente o Oriente, e depois, o mundo inteiro. Declara ter o maior templo do mundo, ao sopé do histórico Monte Fuji. Promove espetáculos gigantescos, inclusive paradas, discursos, e demonstrações de atletismo. Mas tudo isso é para os fiéis. No âmbito do alcance de Soka Gakkai há um programa de envolvimento leigo coordenado. Espera-se de todos os membros que se assenhoreiem de um manual que explica a doutrina de Soka Gakkai e que os prepara a propagá-la. Todos se reúnem regularmente nos lares designados, onde participam de uma integração disciplinada dedicada a fortalecer a fé dos membros e a introduzir novos candidatos no movimento. Os grupos nos lares são subdivididos à medida em que ultrapassam os limites do tamanho dos grupos pequenos. Cada ano, milhares de membros leigos, de ambos os sexos e de todas as idades, submetem-se voluntariamente a provas que os qualificarão para esferas maiores de responsabilidade na organização. Não é de se admirar que, em vinte e cinco anos, o Soka Gakkai cresceu de um número quase insignificante de aderentes para cerca de 16.000.000 membros no Japão e mais 300.000 em acima de trinta países no mundo.<sup>3</sup>

Entrementes, cada congregação local da *Iglesia ni Cristo* nas Filipinas, quer tenha cinqüenta membros, quer mil, é organizada em comissões de cerca de sete membros cada. Cada comissão tem seus próprios oficiais e ocupa-se com a disciplina e a propagação. Quando um membro da comissão faz um novo contato para a igreja, avisa o presidente da comissão e todos os membros são mobilizados para a integração. Não é de se estranhar que esta igreja, que nem sequer existia antes da Primeira Guerra Mundial tenha crescido a meio milhão de aderentes e mais de 2.500 congregações!

O que é desesperadamente necessário no evangelicalismo hoje é uma total reavaliação e revisão de educação cristã e dos programas de alcance, à luz das Escrituras e da nova situação missionária que existe no mundo ocidental e no mundo não-ocidental. Essa reavaliação e revisão deve ocorrer em três níveis: nas igrejas locais, nas escolas cristãs, e nas escolas teológicas para o treinamento de obreiros cristãos.

### A Educação para a Missão e a Evangelização na Igreja Local

O lugar certo para começar a educação — ou a reeducação — em missões e evangelização é a igreja local. E não deve ser meramente para a elite espiritual que já tem um interesse profundo pelo alcance mundial (muitos deles têm conexões com a Sociedade Missionária para Mulheres!), mas para toda pessoa que pertence a Cristo. Todos os filhos do Rei devem interessar-se pelos negócios do Rei e ter conhecimento deles!

Mas isto tem sido dito repetidas vezes, até enjoar. O que há de novo, portanto? O que será novidade para muitas congregações é o tipo de educação proposto nos parágrafos que se seguem!

Para a maioria dos crentes participantes, esta questão da evangelização parece tão simples como testemunhar para um conhecido não-convertido,

e esta questão das missões parece tão complicada como a diplomacia internacional. E a evangelização *pode ser* tão simples assim, e a missão *pode ser* tão complexa assim. Mas as implicações maiores da evangelização neotestamentária e o âmago das missões precisam ser entendidos, e entendidos por todos. A evangelização deve levar os convertidos à participação ativa na igreja local; seja o que mais que as missões mundiais possam envolver, devem dar a máxima prioridade para esse tipo de evangelização. Isto exige compreensão. E a compreensão exige o estudo cuidadoso, em espírito de oração.

Não é crédito para a glória de Cristo quando Sua obra deve avançar com base em falsas informações, em informações inadequadas, e na total ausência de informações. Não Lhe traz glória alguma quando as preferências pessoais tomam a prioridade sobre os princípios divinos nos esforços espirituais.

Os pastores, os líderes, e os membros das comissões de missões e evangelização no nível local devem passar mais tempo com as Escrituras e com literatura sobre a evangelização, as missões, e o crescimento das igrejas — e também com missionários-evangelistas que têm experiência e perícia na tarefa básica de implantar igrejas que crescem. Sendo assim instruídos (ai do líder que se recusa a ser liderado!) poderão ensinar os membros e encorajar a participação na evangelização e o apoio para os obreiros que desenvolveram estratégias viáveis e alvos a longo prazo.

Como, pois, poderemos proceder com este processo da educação missionária? Parece que a melhor maneira de todas é começar com a própria igreja local — ver o que Deus diz acerca dela na Sua Palavra e conformar a igreja tanto quanto possível com o modelo. A igreja local, portanto, fica sendo um microcosmo daquilo que precisa ser duplicado e reduplicado em derredor do mundo. A evangelização não é algo diferente “lá para fora.” A missão não é alguma coisa totalmente incompreensível que está “nalgum outro lugar do mundo.” Essencialmente, os dois são aquilo que cada igreja local deve estar fazendo no aqui e agora!

“É tudo muito bom,” diz alguém, “aí temos o idealismo mesmo. Pode confiar que os educadores vão inventar soluções que são ‘doutro mundo.’”

Mas espere um momento. Pare para calcular as horas passadas pelos fiéis nas reuniões das comissões, nos estudos bíblicos, nas reuniões de oração, nos empreendimentos evangelísticos, e nas conferências missionárias, sem dizer nada dos cultos de adoração, dos filmes especiais projetados, e dos jantares de comunhão, e os encontros nos lares vinculados com a igreja e separados dela. Os crentes sabem como todas estas atividades se encaixam entre si e contribuem à razão primária para a própria existência da Igreja? E será que o próprio pastor sabe?

Você já montou um quebra-cabeça? Naturalmente. O que salva a situação se você estiver trabalhando com as peças de um quebra-cabeças realmente complicado? *O quadro maior*. Quando você tiver em mente o quadro maior, você pode examinar as matizes e as linhas da peça mínima e saber que fará parte do gramado ou da área arborizada ou do pôr do sol.

Assim acontece com a Igreja. Quando vemos o plano e o propósito de Deus, e quando os crentes obtêm uma visão do quadro daquilo que a Igreja

local visa ser e fazer pela graça de Deus, então as peças se juntarão: "Agora entendo. É por isso que precisamos da oração *em conjunto*"; "Oh, é assim que nosso estudo bíblico nos lares contribui ao crescimento da igreja"; "Agora compreendo como um ginásio poderia ser a vontade Deus para nós nesta situação" — estas observações, e outras semelhantes, serão ouvidas nos encontros dos crentes.

Além disto, quando os membros da igreja vêem que aquilo que estão fazendo na sua igreja em Teresina é aquilo que Deus quer que seja duplicado (com acomodações culturais) em derredor do mundo, então o resultado será diálogo, oração e mordomia responsáveis em prol das missões e da evangelização transculturais. E Deus sabe o quanto precisamos disto.

Onde começamos? Sugerimos que os pastores e seu povo peguem a Bíblia e este manual e façam o seguinte:

(1) Separem uma hora por semana, seja durante a Escola Dominical, no domingo à noite, ou durante o culto de oração no meio da semana, para estudos, discussões e orações sistemáticos, passo a passo.

(2) Descrevam por conta própria, em termos bíblicos, aquilo que a Igreja visa ser e fazer no plano de Deus.

(3) Paulatinamente juntem um quadro da vida e do programa da sua igreja local, demonstrando como cada parte contribui aos propósitos básicos para a existência da igreja.

(4) Avaliem e modifiquem o programa existente, visando sua conformidade com o padrão bíblico e com os resultados reais.

(5) Pratiquem a oração em prol dos vários programas da igreja, e a participação deles, de acordo com o plano e os recursos que Deus forneceu.

(6) Promovam o alcance missionário-evangelístico noutras comunidades no país e no estrangeiro de acordo com as compreensões obtidas deste estudo.

Se este tipo de atividade substituísse alguns dos estudos bons, mas freqüentemente desconexos, e os estudos gerais que são feitos na igreja mediana, e se suas implicações fossem fielmente levadas a efeito, poderíamos implantar igrejas em crescimento em todos os lugares.

### **A Educação para Missões e Evangelização nos Colégios Relacionados com as Igrejas**

Um amigo querido e de muita confiança que já teve longos anos de experiência no pastorado e no magistério em várias escolas relacionadas com as igrejas disse certa vez, a respeito de certo colégio cristão bem-conhecido: "Tenho o mais alto conceito daquela instituição. Mas a última igreja de que gostaria de pastorear seria uma igreja composta primariamente dos seus diplomados." Passou, então, a explicar que os estudantes daquela instituição eram bem-instruídos na fé pessoal e na devoção particular. Alguns deles fariam grandes coisas para Deus. Mas na igreja local, poder-se-ia contar com a maioria deles para freqüentar o culto matutino aos domingos, e pouco mais do que isto.

Temia que ficaria um pouco solitário no culto semanal de oração e noutras atividades importantes da igreja. E produziu evidências sólidas em prol do seu argumento!

Na ocasião, compreendíamos o que ele dizia. Mas vários meses mais tarde, suas palavras voltaram com força renovada. Um dos membros mais destacados do corpo docente daquela instituição observou numa conversa: "Igreja? Ora, sempre que há cristãos reunidos, ali temos uma igreja. Na realidade, a paróquia como já a conhecemos é coisa do passado. As igrejas do amanhã serão as reuniões informais de tomar cafezinho, bate-papos nos dormitórios, e grupos de estudos bíblicos informais."

Dizer que discordamos desse professor é falar pouco. Naturalmente, Cristo está presente onde dois ou três se reúnem em Seu nome. Naturalmente, tais reuniões podem ter relevância espiritual e honrar a Deus. Mas semelhante eclesiologia dificilmente merece o nome.

As igrejas devem perscrutar cuidadosamente as instituições educacionais (e outras) que sustentam. Tomam posição a favor de Cristo? Se for assim, tal fato é digno de louvor. Mas não basta. Tomam posição a favor da Palavra de Deus? Se for assim, devemos ficar gratos. Mas isso não basta, tampouco. Há uma terceira pergunta, que é crucial. Tomam posição a favor da Igreja e das igrejas, e as apóiam de todas as maneiras possíveis? Não é nada demais, esperar tal coisa. Cristo amou a Igreja e Se entregou por ela. Boa parte da Bíblia é dedicada a descrições das igrejas e a instruções a elas. Além disto — e num nível muito pragmático — pede-se às igrejas que sustentem as escolas de modos muito específicos e tangíveis. Por que as escolas não devem apoiar as igrejas de modo semelhante?

Sejamos específicos. Não estamos falando em termos de erguer o chapéu em direção às igrejas, nem sequer em termos de circular coros e equipes evangelísticas entre as igrejas. Estamos falando em currículos que incluam instrução bíblica sólida a respeito da Igreja — seu significado, sua composição, e sua missão. E estamos falando acerca do aconselhamento e doutros programas práticos que encorajem os estudantes a deitarem raízes nas igrejas locais e trabalhar fielmente em prol do seu fortalecimento e do seu alcance. Já veio a hora de perguntar se é uma atitude cristã da parte das escolas solicitarem e aceitarem sustento da parte das igrejas se não ajudarem as igrejas que as sustentam a crescer e multiplicar.

### **A Educação para Missões e Evangelização nas Escolas Bíblicas e Teológicas**

Recentemente, um dos autores teve o privilégio de dar uma série de preleções numa escola bíblica localizada nos subúrbios de uma metrópole num outro país. Era uma escola magnífica, com instalações excelentes, um corpo docente dedicado, estudantes inteligentes, e um currículo típico das escolas bíblicas. Mas a respeito do crescimento das igrejas, tinha um problema básico a despeito de todas aquelas grandes vantagens. Os estudantes estavam estudan-

do a Bíblia, recebendo aulas de impostação da voz, praticando pregações, aprendendo a ensinar, e discutindo a evangelização pessoal. Aos domingos, a maioria deles ia para alguma tarefa de serviço cristão — cantando, ensinando uma classe da escola dominical, ou dirigindo uma reunião da juventude nalguma igreja na cidade. Apesar disto, em duas ou três direções a partir daquela escola era possível viajar 30 até 50 km sem descobrir mais de duas ou três igrejas evangélicas, sobrevivendo com dificuldade. E a despeito disto, o currículo daquela escola não oferecia um só curso de evangelização para a implantação de igrejas, e somente um esforço deste tipo estava ocupando a atenção de qualquer membro do corpo docente da escola.

Certamente pareceria que, se é que o treinamento para ganhar pessoas para Cristo, para estabelecê-las nas igrejas locais, e para implantar igrejas nas áreas que não as têm, em todas as partes do mundo, deve ser achado nalgum lugar, este lugar deve ser nos institutos e seminários bíblicos. Mas, conforme temos indicado, não podemos contar com esta situação. O currículo mediano contém um curso de evangelização pessoal, uma parte de um curso de teologia sistemática que é distribuída à eclesiologia, umas poucas aulas de um curso de teologia prática dedicadas às campanhas evangelísticas, e um curso geral de missões.

Muito provavelmente, estes cursos serão dados por instrutores dedicados e competentes. Os estudantes que se aplicam beneficiarão grandemente deles. É provável que uma grande porcentagem daqueles que se formam nestas instituições terão o desejo de servir fielmente a Cristo e levar homens e mulheres a colocar nEle a sua fé. Muitos estarão preparados para servir nalguma igreja local no seu país, ou nalguma área de missões no estrangeiro. Mas, conforme o Dr. Teng descobriu no Extremo Oriente, bem poucos formados terão a visão nem a técnica para estabelecer igrejas novas nas comunidades que não as têm. Pouquíssimas pessoas como Paulo se formarão nestas escolas a não ser que algumas mudanças significantes sejam feitas.

Há duas razões para isto. Em primeiro lugar, a visão missionária e evangelística não tem sido claramente declarada em termos de implantar igrejas que crescem.

Em segundo lugar, não há cursos que se concentram em elaborar estratégias para a evangelização para extensão das igrejas nas áreas designadas. E até que os cursos de missiologia e evangelização tenham essa qualidade concreta e específica, sempre lhes faltará praticabilidade.

Poucas escolas, ou talvez nenhuma, realmente resolveram estes problemas. Felizmente, o número de escolas que oferece cursos de crescimento das igrejas tem aumentado dramaticamente em anos recentes. O que ainda falta dizer é matricular os estudantes em cursos — e colocá-los em ministérios — que oferecem a oportunidade de traduzir tudo quanto conseguiram aprender acerca da Igreja e da sua missão em planos e programas concretos para áreas específicas que são o alvo.

De modo limitado, temos procurado fazer isto na Escola de Missões e Evangelismo Mundial "Trinity". Os estudantes adiantados são encorajados a matricular-se num seminário de dez semanas sobre a evangelização para ex-

tensão das igrejas. A classe é dividida em unidades pequenas, variando entre dois e quatro membros cada. Cada unidade escolhe uma área específica como alvo e pessoas dentro de uma área geográfica maior de interesse. As áreas-alvos têm incluído alvos tão culturalmente divergentes e geograficamente separados como uma tribo na região "Cabeça de Pássaro" da Indonésia, uma "comunidade de um só quarto" no Japão, uma cidade na Guatemala, uma aldeia tribal no Quênia, e uma comunidade que pode ser atingida a pé, a partir de "Trinity"! Na etapa introdutória, os estudantes falam acerca do procedimento do planejamento, e ficam conhecendo o Ciclo Paulino. Além disto, fazem levantamentos demográficos das áreas e dos povos que são seu alvo. (Estes são apenas tão completos quanto os dados e o tempo disponíveis permitem).

Depois, tomando uma fase do ciclo toda semana (a partir do "auditório contatado"), os membros de cada unidade cooperam no desenvolvimento de um plano mestre para sua área-alvo. Cada membro de uma unidade concentra-se num ou dois aspectos importantes de cada fase. Todos são encorajados a fazer os melhores entendimentos obtidos das Escrituras, das pesquisas e da experiência aplicarem-se a cada questão envolvida.

Os estudantes e os instrutores reúnem-se três vezes por semana. A partir da segunda semana, os três períodos de aula são passados da seguinte maneira:

**Primeira Sessão:** Uma preleção e uma discussão projetada para apresentar a fase do Ciclo Paulino que será tratada naquela semana específica ("o auditório contatado," "o evangelho comunicado," etc.). No fim da sessão, as unidades se reúnem separadamente a fim de determinar pontos de concentração para cada membro.

**Segunda Sessão:** Os estudantes se reúnem em unidades, mas numa localidade em conjunto. Compartilham os problemas e as idéias relacionadas com seus interesses individuais e coletivos, e fazem os ajustamentos necessários para decidir sobre uma estratégia maior para a fase do ciclo em consideração. Os instrutores circulam entre as unidades a fim de fazer perguntas pertinentes e de responder a outras tantas, e de ajudar a conservar as discussões avançando em linhas frutíferas.

**Terceira Sessão:** Cada unidade circula esboços e relata as linhas-mestres da sua estratégia para aquela fase do ciclo. Os membros da classe oferecem críticas e sugestões a serem consideradas na finalização dos vários planos mestres.

No fim do seminário de dez semanas, as unidades circulam planos mestres completos. Desta maneira, os participantes têm a satisfação adicional que advém de compartilhar planos mestres com colegas no ministério no país e no estrangeiro. Mas para os instrutores e os estudantes igualmente, a parte mais importante do empreendimento inteiro é aumentar a eficácia na implantação e no crescimento das igrejas no país e no estrangeiro.

Um subproduto do curso tem sido um aumento relevante do interesse e da participação dos estudantes e dos professores no estabelecimento de igrejas evangélicas nas comunidades que não as têm.

O esforço de "Trinity" é humilde e inicial. Nosso plano é envolver mais estudantes na própria implantação de igrejas nas comunidades em derredor no futuro. A despeito das suas fraquezas, a abordagem de "Trinity" indica novas

possibilidades para escolas, igrejas, e missões. Somente o Senhor da Igreja sabe quão rapidamente as igrejas em crescimento se multiplicariam, caso todos os Seus seguidores envidassem os maiores esforços para cooperar com Ele na edificação de Sua Igreja!

### A Educação para Missões e para a Evangelização nas Missões

É presunçoso sugerir que constituir missões exige educação em missões e evangelização? Muitos pensam assim. "Se o pessoal das missões precisa deste tipo de educação, talvez esteja na vocação errada," alguém protestará. Nalguns poucos casos, isto pode ser a verdade, e nesses casos a educação não ajudará. Mas a educação — ou a reeducação — ajudará os que foram chamados, que têm certeza da sua chamada, e que querem ser leais à sua chamada!

Estatísticas fidedignas sobre a evangelização na América do Norte podem ser facilmente obtidas. Segundo um estudo recente, o número total de missionários no estrangeiro, afiliados com a Divisão das Missões Estrangeiras (Concílio Nacional das Igrejas Cristãs), a Associação Evangélica de Missões Estrangeiras, é 19.786. Deste número, 28 por cento estão envolvidos em estabelecer igrejas, 25 por cento estão envolvidos no "apoio às igrejas," e 47 por cento estão distribuídos entre outros ministérios.<sup>5</sup> Em cifras arredondadas, cerca de um quarto está primariamente ocupado em ganhar pessoas para Cristo e em implantar igrejas, um quarto em ajudar as igrejas já existentes, e quase metade está ocupada numa ampla variedade doutros ministérios. O panorama seguinte das atividades gerais de várias agências missionárias é iluminador:<sup>6</sup>

Atividade Geral	Agências Relatadas	Porcentagem
Educação	510	19%
Evangelização	398	15%
Literatura	352	13%
Socorro e Desenvolvimento	317	12%
Serviço e Apoio	248	9%
Crescimento das Igrejas	209	8%
Apoio Nacional	183	7%
Veículos de Comunicação	163	6%
Medicina	152	5%
Outros	173	6%
Total	2.705	100%

As estatísticas revelam, portanto, que mais missionários estão envolvidos na educação do que na evangelização. Um número cinquenta por cento maior

de missionários tem o socorro e o desenvolvimento como sua tarefa básica do que os que se dedicam ao crescimento da igreja.

Isto nos leva à conclusão de que há pelo menos quatro boas razões porque a educação na evangelização e na implantação de igrejas que crescem é vital dentro das missões hoje.

Em primeiro lugar, os que estabelecem igrejas precisam valer-se de novos entendimentos tirados das Escrituras e das ciências no que diz respeito às maneiras de realizar eficazmente a sua tarefa. É verdade que a Palavra não muda. Mas nosso entendimento cresce. E o mundo se altera. A reeducação é essencial.

Em segundo lugar, aqueles que ajudam igrejas existentes no estrangeiro farão a maior contribuição possível se estiverem dispostos a ajudar aquelas igrejas a alcançar novas pessoas e comunidades nos ministérios evangelísticos e da extensão das igrejas. Para fazerem assim, eles também devem manter-se em dia com o melhor que há em pensamento missionário e evangelístico.

Em terceiro lugar, devemos dar mais consideração às necessidades daquele grupo grande de missionários que está ocupado em ministérios que têm sido chamados, de "capacitantes," "de apoio," e "secundários." Há vários anos, visitamos dois centros médicos missionários em áreas adjacentes. O pessoal nas duas instituições tinha uma preocupação espiritual com a evangelização. Nos dois centros, pessoas estavam sendo apresentadas a Cristo. Uma das instituições, no entanto, tinha uma associação apenas tênue com as igrejas existentes. A outra tinha um relacionamento saudável com as igrejas em derredor, e recebia o crédito de ter sido responsável pelo estabelecimento de mais de cem novas igrejas no decurso dos anos! A diferença básica entre estas duas instituições não se achava na dedicação dos respectivos quadros dos funcionários. A dedicação era óbvia nos dois estabelecimentos. A diferença era que um dos quadros de funcionários tinha uma estratégia planejada para o desenvolvimento de igrejas. O outro não tinha.

Em quarto lugar, à medida em que os esforços missionários — e evangelísticos — se tornam cada vez mais variados e complexos, fica aparente que devemos dar cada vez mais atenção às prioridades bíblicas. Não somente as igrejas e escolas locais, como também as próprias missões, devem distinguir-se ao produzirem crentes e igrejas. Para fazer isto, e fazê-lo de modo eficaz, a educação contínua deve focalizar-se nas estratégias específicas, a fim de que a lacuna entre o preceito e a realização não se torne cada vez mais larga.

Talvez uma das coisas mais difíceis para todos nós seja sair dos trilhos rotineiros e mapear caminhos novos. Já veio a hora, no entanto, de dar consideração séria ao nosso futuro curso de ação na missão da Igreja.

A diminuição dos recursos, a explosão populacional, os climas políticos que se alteram, a tensão social, e uma grande quantidade doutras realidades do mundo novo que agora emerge, desafiam os indivíduos e as famílias a podarem as coisas não-essenciais, a determinarem aquilo que realmente é básico, e a simplificarem seu estilo de vida. A Igreja deve fazer a mesma coisa. Não pode assumir todos os empreendimentos bons e que valem a pena. Talvez não possa continuar todos os esforços dignos de louvor que foram iniciados. Muitas

igrejas e missões têm visto seu orçamento de despesas duplicar-se nos anos recentes sem qualquer aumento significativo do pessoal e dos serviços. Para muitas igrejas e missões, já chegou o tempo de responderem, ao serem confrontados com novas necessidades e oportunidades, forçosamente: “Não possuímos nem prata nem ouro.”

Diremos também: “Mas o que temos, isso te damos”? Nós que somos da Igreja sempre podemos compartilhar nossa Possessão mais preciosa — Jesus Cristo. E quando assim fizermos — e o fizermos de uma maneira bíblica e disciplinada — Deus multiplicará aquelas igrejas crescentes, sem as quais os recursos para todos os demais empreendimentos serão paulatinamente esgotados.

#### NOTAS

1. Wilton M. Nelson e Richard K. Smith: “Jehovah’s Witnesses,” em *Dynamic Religious Movements*, ed. David J. Hesselgrave (Grand Rapids: Baker, 1978), págs. 173-99.
2. Jerald e Sandra Tanner: “Mormonism,” em *Dynamic Religious Movements*, págs. 201-20.
3. David J. Hesselgrave: “Nichiren Shoshu Soka Gakkai — The Lotus Blossoms in Japan,” em *Dynamic Religious Movements*, págs. 129-148.
4. A. Leonard Tuggy: “Iglesia ni Cristo: An Angel and His Church,” em *Dynamic Religious Movements*, págs. 85-101.
5. *Mission Handbook: North American Protestant Ministries Overseas*, ed. Edward R. Dayton, 11a. ed. (Monrovia, CA: Missions Advanced Research and Communication Center, 1976), pág. 43.
6. *Ibid.*, pág. 45.

---

SEGUNDA PARTE

---

# O Líder Cristão e a Missão Cristã

---

---

# Liderando a Missão

---

## O Exército Sem Líder

Imagine um exército sem generais e sem um comandante residente. Tem dezenas de milhares de soldados. Tem cabos, sargentos, tenentes, e capitães. Tem aviões, caminhões, tanques, e os mais recentes armamentos. Tem prédios administrativos, escolas, e quartéis. Tem sargentos de rancho, cozinhas, e refeitórios, e um fornecimento quase ilimitado de alimento. Tem especialistas em estratégia militar, logística, comunicações, e na saúde física. E tem bandas completas com grupos de tambores e clarins. Mas não tem generais nem um comandante residente.

Todas as pessoas em nosso exército imaginário estão muito ocupadas. Na realidade, por onde quer que vamos na amplidão do acampamento, ficamos assombrados com tantas atividades. As classes estão em andamento. As unidades estão marchando. As bandas estão tocando. Os veículos estão em movimento. Além disto, com muita regularidade as unidades fazem incursões para acostrar o inimigo! nos territórios que este invadiu e ocupou há muito tempo. Periodicamente, há manobras especiais em que alguns indivíduos com maior espírito de empreendimento reagrupam todos por tempo suficiente para fazer uma plena demonstração pública dos homens e das máquinas — e isto à plena vista do inimigo! Lembre-se, no entanto, que nosso exército imaginário não tem generais nem um comandante residente.

“Parem com isso,” um membro leal do exército cristão protesta. “Percebo o que você quer dizer. Mas nosso exército cristão *realmente* tem um Supremo Comandante, e generais também. Estamos fazendo a batalha avançar em muitas frentes. E estamos tomando ‘prisioneiros’ e reconquistando algum terreno, também!”

Reconhecemos este fato. A analogia talvez seja exagerada. Mas se você fosse viajar pelas longitudes e latitudes da nossa terra, passando meses e até mesmo anos inspecionando os “campos de batalha” em todas as partes do mundo, provavelmente concordaria que a analogia tem alguma validade.

Sem dúvida, há muitos cristãos em nosso exército. E a dose de perícia não é pequena. Além disto, temos uns equipamentos sofisticados. E atividades de todos os lados.

Mas com demasiada frequência, as unidades do exército cristão estão fora de contato umas com as outras. Há generais, mas não poucos deles dão a impressão de terem sido auto-nomeados. Aqueles que não são, freqüentemente parecem tão preocupados com a logística que têm pouquíssimo tempo ou inclinação para mapear uma estratégia global ou para dirigir uma investida contra o inimigo. Finalmente, há o fato desconcertante de que muitos membros do exército alegam que estão recebendo diretrizes contraditórias e que se cancelam mutuamente. Ficamos em dúvida. Estão se submetendo à obediência, ou fazem o que bem entendem com a esperança de que, dalguma maneira, a causa global será ajudada?

Como é diferente da campanha de Paulo e do seu grupo apostólico — a campanha que ganhou cabeças de ponte em cidade após cidade e em província após província, chegando até ao próprio palácio do imperador pagão! Podemos entender porque. Sob a orientação de Deus, Paulo estava na frente daquela campanha. Embora tenha havido deserções e discórdias, também havia orientação. Leia os registros: “Os responsáveis por Paulo levaram-no até Atenas, e regressaram trazendo ordem a Silas e Timóteo para que o mais depressa possível fossem ter com ele” (At 17.15); “Por esta causa te deixei em Creta [a Tito], para que pusesse em ordem as coisas restantes, bem como, em cada cidade, constituísse presbíteros, conforme te prescrevi” (Tt 1.5). Parece óbvio que o empreendimento missionário primitivo era caracterizado por disciplina e direção. Não é de se admirar que o líder daquele grupo apostólico pudesse escrever em termos das tarefas realizadas e territórios ocupados: “Porque não ousarei discorrer sobre coisa alguma senão daquelas que Cristo fez por meu intermédio... de maneira que, desde Jerusalém e circunvizinhanças, até ao Ilírico, tenho divulgado o evangelho de Cristo” (Rm 15.18, 19); “Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé” (2 Tm 4.7).

Nós, do século XX, nunca voltaremos à autoridade apostólica (neste sentido pessoal) nem à simplicidade do século I. Mas deve existir muito mais pensamento estratégico e orientação séria da parte daqueles que foram devidamente nomeados líderes da Igreja e das suas missões — e muito mais envolvimento disciplinado da parte dos soldados da cruz — se é que vamos realizar aquilo que deve ser realizado no tempo que nos resta para obedecermos à nossa comissão e completarmos nossa missão.

### **A Liderança e a Estratégia para as Missões Nacionais**

Nossa compreensão da tarefa nunca poderá estar completa até que seja definida em termos de áreas específicas como alvos. Mas quem faz a decisão

sobre as áreas que devem ser penetradas tendo em vista o estabelecimento de novas igrejas? Quem determina o plano mestre para realmente fazer isso? E quem reúne os recursos que o tornam possível? A resposta deve ser óbvia: os líderes das igrejas e das missões.

Os líderes das missões nacionais devem resistir à tentação de tornar-se exclusiva ou primariamente zeladores das igrejas já estabelecidas. Algumas das suas funções mais importantes devem ser: encorajar um plano global para a extensão das igrejas, sugerir métodos e maneiras de levar a efeito o plano, e fornecer liderança na sua implementação. Obviamente, há maneiras alternativas de abordar a tarefa. Mas deve haver concordância quanto às maneiras aceitáveis, e estas devem ser elaboradas em planos mestres, e esses planos devem ser estudados nas igrejas e nas missões. Os leigos e os pastores frequentemente estão em estado de prontidão para dedicar-se à tarefa. O que falta é a liderança e a organização necessárias para seu recrutamento e sua distribuição em forma ativa.

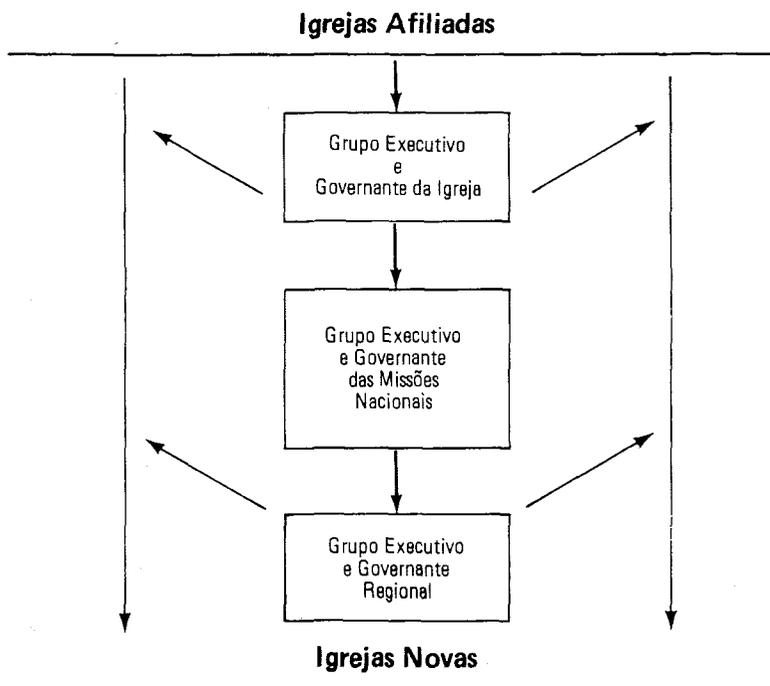
Posto que existe uma compreensão da nossa tarefa missionária e dos elementos que entram na sua composição, a necessidade seguinte é uma organização básica que fornecerá a orientação e a cooperação num plano para retomar o terreno ocupado pelo inimigo e estender as fronteiras da Igreja de Cristo. No modelo sugerido (veja Figura 6), esta exigência é cumprida pelos líderes organizadores, de tal maneira que possam assumir a responsabilidade pela estratégia do planejamento, e pela captação e distribuição dos recursos humanos e financeiros para a tarefa. Naturalmente, os pormenores da organização e do procedimento devem ser elaborados de acordo com as regras que governam a respectiva denominação ou missão.

### Liderança e Estratégia para Missões Estrangeiras

As missões estrangeiras são os braços das igrejas. Seus executivos devem cuidar que os missionários e evangelistas não estejam simplesmente distribuídos e ativos — mas também distribuídos de uma maneira vantajosa para a comunicação do evangelho e a edificação de igrejas. Na realidade, entre os muitos serviços que os executivos missionários prestam ao missionário no campo, talvez o mais importante seja garantir que os homens e mulheres no campo estejam informados e situados de modo que possam trabalhar em harmonia com seus colegas de acordo com uma estratégia relevante e com alvos claramente definidos.

Esta não é uma tarefa pequena, conforme reconhecerão os que têm experiência em missões estrangeiras. As organizações no campo tendem a ser caracterizadas pela igualdade de posições e pela liderança rotativa. Horas infundas podem ser gastas em manter a organização do campo missionário em funcionamento, no processo da tomada de decisões, e nas atividades secundárias. As igrejas nacionais têm prerrogativas divinamente ordenadas, mas que complicam grandemente a situação no campo e que podem frustrar os missionários. A organização e o planejamento apropriados na sede e no campo, no entanto,

**FIGURA 6**  
**MODELO BÁSICO PARA A**  
**COOPERAÇÃO NA EXTENSÃO DA IGREJA –**  
**MISSÕES NACIONAIS**



assegurarão aos missionários com grande potencial para a implantação de igrejas que não ficarão perdidos entre a multidão na sua pátria, nem frustrados no ministério no estrangeiro.

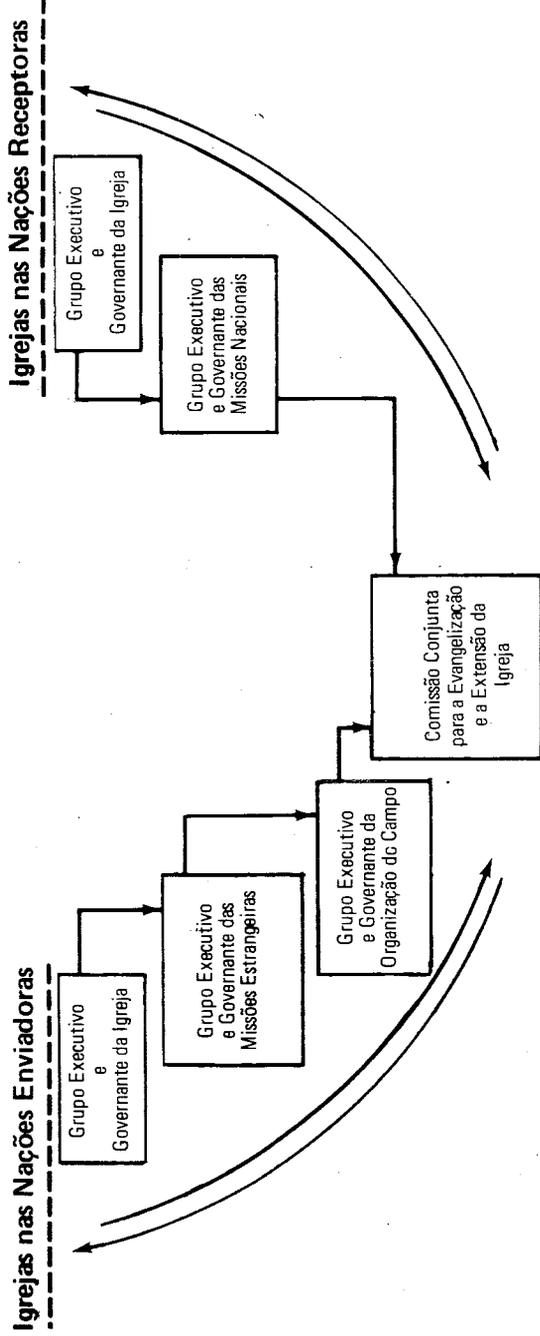
Naqueles casos em que as disposições administrativas com as igrejas nacionais possam ser um empecilho para o trabalho de alcance feito por missionários provindos do exterior, a natureza e as implicações destas disposições devem ser cuidadosamente declaradas aos candidatos a missionários *antes* de se comprometerem com **aquele campo específico**. Mas as igrejas enviadoras e as igrejas receptoras **igualmente devem ser muito cautelosas** para não desencorajar nem distribuir **erroneamente aqueles que são vocacionados** para a obra de extensão e que têm **dons para isso**. As **Escrituras** são bastante claras quanto à tarefa primária. A **conveniência é um péssimo substituto** para a obediência da parte de qualquer igreja ou **missão**.

Com as considerações **supra em mente**, um arcabouço viável para a missão transcultural, pode, muito **provavelmente ser** alguma variação da Figura 7.

**Coordenação entre as Sociedades Missionárias Nacionais e Estrangeiras**

Finalmente, a coordenação e a cooperação relevantes entre as sociedades e repartições missionárias nacionais e estrangeiras devem ser estabelecidas neste

**FIGURA 7**  
**MODELO BÁSICO PARA A COOPERAÇÃO**  
**NA EXTENSÃO DA IGREJA –**  
**MISSÕES ESTRANGEIRAS**



novo dia que já raiou para a Igreja. É verdade que a administração de um empreendimento que envolve os regulamentos dos governos estrangeiros e a cooperação com igrejas do Terceiro Mundo acarreta problemas sem iguais e exige uma perícia fora do comum. E os obstáculos quase sempre aumentarão à medida em que avançarmos de missões-evangelização ME-1 para ME-2 e ME-3. Apesar disto, estamos (ou deveríamos estar) levando a efeito o mesmo ministério básico no país e no estrangeiro. Segue-se que deve haver um alto grau de correlacionamento entre as estratégias empregadas pelas missões nacionais e estrangeiras. Já não podemos custear o luxo de missões indo pelos seus caminhos separados. O planejamento deve ser o resultado da oração unida e da consulta coletiva. A elaboração e a execução de planos mestre para áreas intraculturais e transculturais são suficientes para ocupar a atenção de departamentos diferentes.

A Figura 8 apresenta um modelo organizacional sugerido para a consulta e o planejamento mutuamente benéficos da parte das missões nacionais e estrangeiras.

Antes de deixarmos esta seção sobre os "tomadores das decisões," devemos fazer piscar duas luzes de advertência.

(1) Os representantes das congregações que participam de qualquer esforço de extensão da igreja devem estar envolvidos no planejamento bem como na execução dos planos. Este é especialmente o caso nas sociedades democráticas, mas tem aplicação universal.

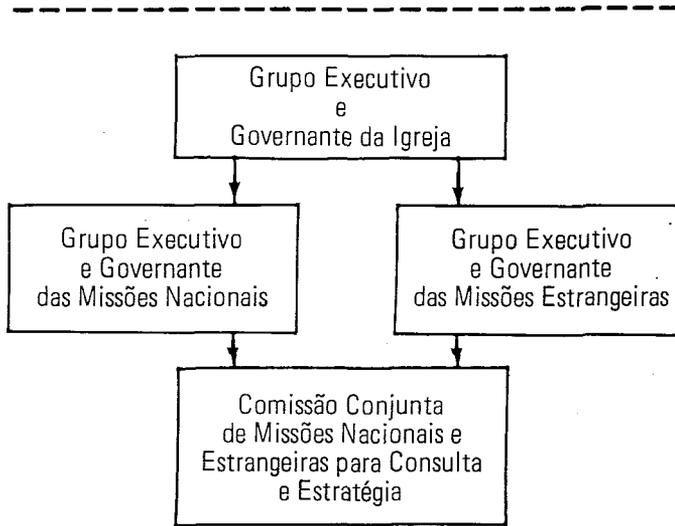
Um seminário sobre a implantação das igrejas estava sendo realizado no Extremo Oriente há alguns anos. Depois de várias horas terem sido gastas na discussão das matérias-primas de um plano mestre, certo líder resolveu esclarecer: "Mas já *possuímos* um plano mestre, a respeito do qual todos concordamos."

Ele tinha razão. O plano estava disponível. Era relativamente sadio. E todos *tinham* concordado a respeito dele — formalmente. Mas quando se fez uma pesquisa para descobrir porque o plano não tinha sido realmente colocado em operação, um problema tornou-se aparente. O líder elaborara o plano e o apresentara à igreja e à missão. Por razões em grande medida culturais, votaram a favor da sua aceitação. Mas a atitude delas era: "Este não é nosso plano. É seu. Execute-o você mesmo."

(2) A segunda luz de advertência segue-se imediatamente após a primeira. Embora haja grande sabedoria em incluir representantes de igrejas cooperadoras nas etapas de planejamento da extensão da igreja, sempre há o perigo de esgotar os insumos cooperativos na tomada de decisões e no planejamento. A parte do leão da energia deve ser conservada para as tarefas muito mais difíceis ligadas com a própria execução do trabalho. Planejar o testemunho numa área nova é importante. Mas realmente entrar em contato com as pessoas e deixá-las ouvir o som do evangelho são imperativos.

**FIGURA 8**  
**MODELO BÁSICO PARA A COOPERAÇÃO**  
**ENTRE AS MISSÕES NACIONAIS E ESTRANGEIRAS**

**Igrejas Afiliadas**



---

# Selecionando Áreas-Alvo

---

Freqüentemente somos vagos demais quando se trata da missão da Igreja. Quando vemos que nossa tarefa primária é ganhar pessoas para Cristo e estabelecê-las na fé e nas igrejas locais, já avançamos consideravelmente em nosso entendimento. Mas mesmo isto é somente um começo. Antes de podermos levar adiante a tarefa, devemos decidir quais as áreas e povos específicos que se tornarão o enfoque da nossa atenção e labutas imediatas. Um dos problemas fundamentais com boa parte do nosso estudo do crescimento das igrejas é que os princípios são estudados sem incorporá-los num plano para alcançar uma área específica como alvo. Num sentido muito real, a tarefa não se torna clara até que decidamos as questões de "quem" e "onde."

## **Prioridades em Selecionar Áreas e Povos como Alvos**

Nas missões estrangeiras especialmente, as questões gêmeas das áreas e dos povos como alvos têm precipitado alguns debates um pouco acalorados, que são relevantes às missões nacionais e às estrangeiras.

### **Prioridade para as Missões Nacionais?**

Faremos tudo quanto pudermos em nossa própria pátria antes de dedicarmos nossos esforços às áreas necessitadas no estrangeiro? Muitos cristãos sinceros insistem nisto, e por razões aparentemente boas. Citam Atos 1.8 e dizem que este trecho bíblico indica que devemos testemunhar primeiramente em nossas Jerusaléns, depois, em nossas Samarias, e, finalmente, até aos confins da terra. Além disto, insistem que a não ser que tenhamos uma base forte em casa, não poderemos ter a esperança de evangelizar o resto do mundo.

Estes argumentos não deixam de ter certa validade, mas deve-se dizer mais do que isto. Em primeiro lugar, a construção gramatical em Atos 1.8 vincula as áreas-alvo: "Sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda Judéia e Samaria, e até aos confins da terra." O campo é o mundo, e suas partes estão ligadas aqui de uma maneira que não nos deixará pensar numa só parte ao ponto de excluir outra — nem sequer temporariamente. Em segundo lugar, os movimentos religiosos dinâmicos em crescimento nos nossos dias têm uma visão do mundo inteiro mesmo quando, por razões logísticas ou econômicas, estão confinados a uma só parte dele. Parece que, na maioria dos casos, uma visão mundial é exigida para conquistarmos nossas Jerusaléns!

Certamente, precisamos de um trabalho sólido na sede nacional. Um programa firme de missões estrangeiras não pode sobreviver por muito tempo quando o programa das missões nacionais é fraco. Conforme dissemos anteriormente, é tanto uma coisa quanto a outra, e não ou... ou!

### **Prioridade para as Pessoas Responsivas?**

Concederemos prioridade em nosso planejamento às tribos, classes, cidades e nações que são especificamente receptivas em qualquer determinada ocasião? Ou a prioridade deve ser dada à manutenção de um testemunho entre todos os grupos, independentemente da receptividade do evangelho ou da resistência a ele?

Um argumento principal do movimento do Crescimento da Igreja é que um grande crescimento somente pode ocorrer quando concentramos nossos esforços naquelas áreas e povos onde a receptividade nos garante que grandes números de pessoas aceitarão a Cristo e se afiliarão às igrejas. As áreas resistentes devem ter algum testemunho missionário, mas deve ser mais uma "ação de segurar" até que o povo se torne mais responsivo ao evangelho.

Compreensivamente, os que trabalham entre povos difíceis na África do Norte, na Europa, e na Ásia, e nas cidades do interior da América do Norte, estão perturbados acerca desta maneira de ordenar as prioridades. Não disputam a necessidade de alcançar povos responsáveis. Mas estão muito preocupados porque a concentração nas áreas receptivas diminuirá o interesse pelas áreas resistentes onde, segundo eles acham, temos pouco mais do que uma ação de segurar no presente.

É necessário o equilíbrio. Nosso Senhor realmente mandou Seus discípulos sacudir dos pés o pó das casas e cidades não-responsivas e passar para outras (Mt 10.11-15). E quando a mensagem de Paulo foi rejeitada pelos judeus, ele disse: "Esta salvação de Deus foi enviada aos gentios. E eles a ouvirão" (At 28.28). Mas não devemos perder de vista o fato de que neste caso a preparação oferecida pela revelação anterior deveria ter garantido uma resposta. Estes casos dificilmente formam um paralelo com algumas áreas resistentes hoje. Muitos anos de esforços pacientes pré-evangelísticos podem ser o preço da receptividade. Na fidelidade a Cristo, a maioria das missões deve dar consideração a manter um testemunho nalgumas áreas difíceis mesmo enquanto estão

enviando ceifeiros para os campos brancos para a seara, que são as populações receptivas.

### **Prioridade para os Não-Alcançados?**

Ainda outro argumento tem a ver com se devemos dar prioridade para os que não foram alcançados — para os que nunca tiveram uma oportunidade de ouvir o evangelho e crer nele. Aqui, questões subsidiárias têm a ver com o bom-senso de dedicar vastos recursos para alcançar grupos tribais cuja população realmente está diminuindo, e o que significa “ouvir” o evangelho.

Grande dose de esforço mental tem sido dedicada a estas questões. O número de comunidades lingüísticas sem qualquer parte da Palavra de Deus no idioma do povo tem sido o assunto de pesquisas contínuas. Modos de atingir os não-atingidos têm sido explorados em conferências e seminários. Esforços prodigiosos para comunicar o evangelho por meio do rádio e da literatura às pessoas que estão totalmente separadas da presença missionária têm sido empreendidos. As estratégias para atingir as populações por detrás das portas fechadas que agora estão reabrindo, são assuntos de pesquisas.

O verdadeiro cristão somente pode se alegrar com estes esforços. A Palavra de Deus realmente seleciona para atenção especial os que nunca ouviram falar de Cristo. Os missionários *devem* ser enviados a fim de que tais pessoas possam ouvir e ser salvas (Rm 10.11-15).

Mais uma vez, porém, é necessário o equilíbrio. As questões das prioridades nunca devem ser solucionadas com base em lemas simples tais como: “Porque alguém deva ouvir o evangelho duas vezes antes de todos terem-no ouvido uma vez?” Quantos cristãos haveria no mundo se o número fosse reduzido para incluir somente aqueles que creram depois de ouvir o evangelho uma só vez? E como o evangelho continuará a ir para as tribos remotas e aos “povos escondidos” a não ser que plantemos igrejas em crescimento noutros lugares — igrejas estas que fornecerão os recursos para tais operações?

### **Prioridade para Áreas Urbanas ou Rurais?**

Ainda outro debate diz respeito à importância relativa das áreas urbanas em contraste com as rurais. Num período anterior na história das missões, era bem comum para os missionários “dirigir-se para os montes” onde as pessoas estavam perecendo, não somente sem Cristo, como também sem cultura. Mais recentemente, maior atenção tem sido dada às cidades grandes que são centros, não somente da população, como também das idéias e do potencial econômico.

Os proponentes de uma estratégia com orientação urbana usualmente enfatizam dois aspectos: a estratégia de Paulo, e a relevância sociológica das cidades. Os dois aspectos são importantes e merecem algum desenvolvimento.

## A Estratégia de Paulo

No Livro de Atos, quando os empreendimentos missionários extensivos de Paulo são relacionados com uma área específica, a referência usualmente diz respeito a uma cidade. Considerava uma área já evangelizada quando uma igreja tinha sido implantada na sua cidade principal.

Na evangelização para extensão das igrejas há muito a favor de dar certa prioridade às cidades. Mas isto não acaba com o assunto. Roland Allen nota que "todas as cidades onde [Paulo] implantava igrejas eram centro da administração romana, da civilização grega, da influência judaica, ou dalguma importância comercial."<sup>1</sup> Walter Liefeld acrescenta que estavam localizadas em estradas comerciais principais que iam até Roma.<sup>2</sup> Cada uma destas características deve ser meditada, porque cada uma tem sua relevância. Quando Paulo escolhia uma cidade-alvo para o esforço missionário, olhava além da cidade para a região em derredor. É por isso que estas características eram importantes. Quanto a este respeito, as palavras adicionais de Liefeld são instrutivas: "A tentativa abortiva de Paulo de evangelizar a parte setentrional da Ásia Menor provavelmente não deva ser vista como uma alteração da sua estratégia, i.é, visitar as áreas esparsamente habitadas, mas como uma resolução no sentido de pregar em várias cidades que ficam na rota comercial do norte."<sup>3</sup>

A conclusão de Allen sobre esta questão merece consideração cuidadosa da parte dos proponentes das estratégias urbanas ou rurais. Ele insiste que devemos considerar vantagens naturais para o alcance missionário que caracterizavam certas cidades ao analisarmos a estratégia de Paulo. "Para tomarmos um centro estratégico, precisamos não somente de um homem capaz de reconhecê-lo, como também de um homem capaz de tomá-lo."<sup>4</sup> Noutras palavras, uma razão significativa porque as cidades se tornaram importantes no ministério de Paulo foi porque ele era o tipo de homem que tinha capacidade para tomá-las para Cristo.

## *A Relevância Sociológica das Cidades*

Para o observador que pensa pouco, a cidade é diferente dos campos simplesmente porque tem multidões de pessoas, prédios altos, muita emoção, e maiores oportunidades econômicas. Há, porém, diferenças que são muito mais profundas e muito mais importantes. Cidades e aldeias podem representar conjuntos inteiramente diferentes de problemas e potencialidades para o missionário (bem como para qualquer outro defensor de mudanças).

As cidades são pontos focais de mudanças. O antropólogo George Foster escreve que a maioria das mudanças ocorrem na cidade primeiramente entre as classes superiores e espalham-se para baixo, para as classes inferiores, e para fora, para os campos.<sup>5</sup> Refere-se especificamente às mudanças sociais e econômicas; mas mesmo no caso da mudança religiosa, uma visita a Bombaim, Bangkok, Tóquio, Manila, Nairobi, Kinshasa, ou Ibadã convencerá a pessoa que há uma concentração tremenda de potencial para a evangelização

e o crescimento cristãos nas cidades, e das cidades para os campos em derredor. Naturalmente, nem todas as cidades são centros de mudança no mesmo grau. Fatores tais como a presença ou a ausência das instituições educacionais, e a localização ou não da cidade nas linhas principais do intercâmbio comercial determinarão o grau de abertura e caráter inovador.

É importante, quanto a isto, notar uma diferença importante entre as áreas urbanas ocidentais e não-ocidentais. Especialmente no âmago interno da maioria das cidades ocidentais, o cristianismo com suas catedrais e igrejas majestosas, porém freqüentemente cavernosas, podem ser identificadas com um período da história que já passou ou que está passando. Logo, quanto mais perto chegarmos ao âmago interno, tanto mais difícil pode se fazer com que o evangelho seja ouvido e estabelecer, ou renovar, igrejas. No mundo não-ocidental isto usualmente não é o caso. O cristianismo é novo e representa uma opção viável para muitas pessoas.

É importante, também, distinguir entre dois tipos fundamentalmente diferentes de sociedades rurais. Um dos tipos é vinculado com a cidade no sentido em que a cidade é a fonte de boa parte dos recursos da comunidade, quer de finanças, de bens materiais, quer de novas idéias e valores. O outro tipo é isolado e completo em si mesmo. Olha a cidade de longe, ou talvez nunca a vê. O primeiro tipo de sociedade rural é variadamente designado como uma sociedade folclórica, aldeana, tradicional, ou camponesa. As palavras *primitivo* e *tribal* usualmente são aplicadas ao segundo tipo. Os cientistas sociais encaram estes dois tipos de sociedade rural de modos muito diferentes, e isto por razões boas e óbvias (veja a Figura 9).

**FIGURA 9**

**O FLUXO CIDADE-ALDEIA-TRIBO**



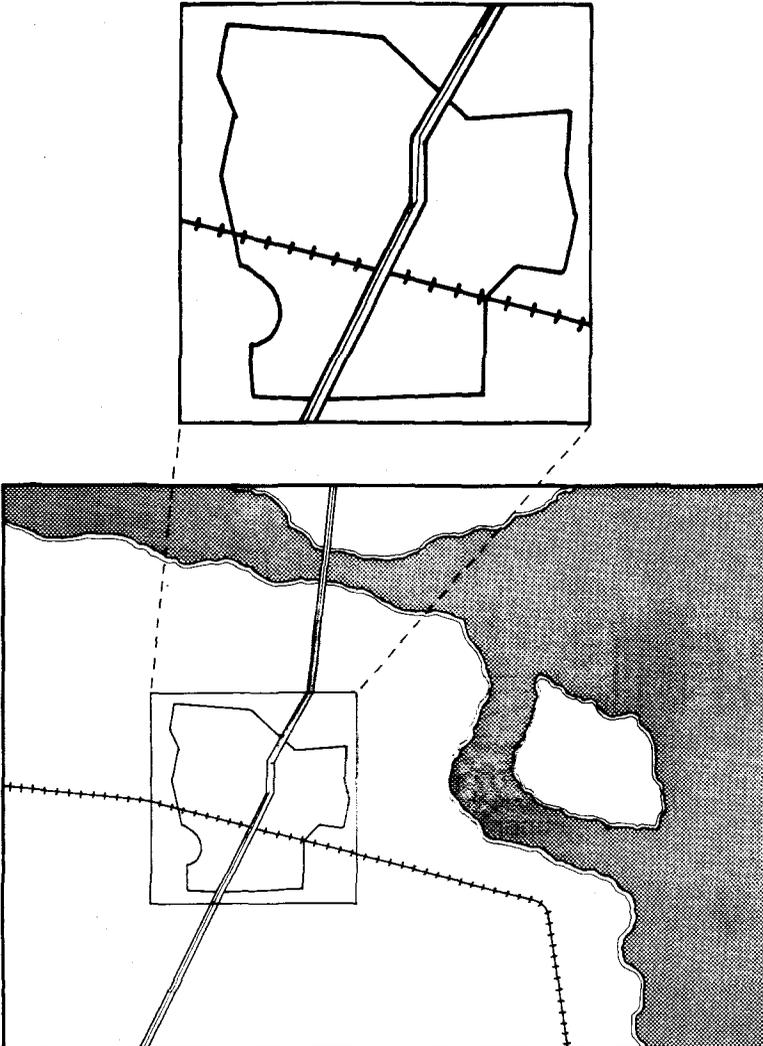
As pesquisas contemporâneas nos ajudam a compreender a estratégia urbana de Paulo e porque escolheu certos tipos de cidades para o contato inicial numa determinada área. Suas cidades eram tais, que quando as evangelizava, podia falar das áreas em derredor como tendo sido evangelizadas. Nem todas as cidades são iguais, de modo algum, mas, falando de modo geral, apresentam o maior potencial e as maiores possibilidades para a implantação de igrejas. Isto se deve: (1) à abertura às mudanças; (2) à concentração dos recursos, e (3) ao potencial para contato relevante com as comunidades em derredor.

Cabe aos líderes das missões nacionais e estrangeiras pensar estas questões em espírito de oração e depois escolher áreas-alvo específicas como parte de um plano global.

FIGURA 10

PERFIL GLOBAL DA COMUNIDADE  
COMO ALVO POTENCIAL

I. Mapa



## II. Perfil Geográfico

## Seção A – Descrição do Terreno

- |                             |                     |
|-----------------------------|---------------------|
| 1. Colinas contínuas _____% | 4. Montanhas _____% |
| 2. Planícies _____%         | 5. Florestas _____% |
| 3. Rios e Córregos _____%   |                     |

## Seção B – Uso do Terreno

- |                       |                     |
|-----------------------|---------------------|
| 1. Agricultura _____% | 4. Comercial _____% |
| 2. Fazendas _____%    | 5. Devolutas _____% |
| 3. Madeira _____%     | 6. Outros _____%    |

## Seção C – Transportes

1. Estradas de ferro
2. Rodovias
3. Aeroportos
4. Rios

Análise: \_\_\_\_\_

---

## III. Perfil da População

## Seção A – População

1. População em 1960 \_\_\_\_\_ 1970 \_\_\_\_\_ 1980 \_\_\_\_\_
2. População atual \_\_\_\_\_
3. Densidade (número de pessoas por km quadrado) \_\_\_\_\_

## Seção B – Crescimento ou Declínio da População

1. Crescimento ou declínio da população 1960-80:
  - a. Crescimento \_\_\_\_\_ ( \_\_\_\_\_ %)
  - b. Declínio \_\_\_\_\_ ( \_\_\_\_\_ %)
2. Projeções populacionais para 1985 \_\_\_\_\_ 1990 \_\_\_\_\_  
2000 \_\_\_\_\_

Análise: \_\_\_\_\_

---

## IV. Perfil Econômico

## Seção A – Ocupações

1. Agricultura ou pecuária \_\_\_\_\_%
2. Comércio e escritórios \_\_\_\_\_%
3. Educação \_\_\_\_\_%
4. Governo ou militar \_\_\_\_\_%
5. Outros \_\_\_\_\_

## Seção B – Rendas

- |                |        |
|----------------|--------|
| 1. Menos que X | _____% |
| 2. Entre X e Y | _____% |
| 3. Mais que Y  | _____% |

Análise: \_\_\_\_\_

---

## V. Perfil Sociológico

## Tabela A – Agrupamentos Étnicos

- |          |      |
|----------|------|
| 1. _____ | ( %) |
| 2. _____ | ( %) |
| 3. _____ | ( %) |
| Etc.     |      |

## Tabela B – Classes, Castas, Clãs

- |          |      |
|----------|------|
| 1. _____ | ( %) |
| 2. _____ | ( %) |
| 3. _____ | ( %) |
| Etc.     |      |

## Tabela C – Idade

- |                       |       |      |
|-----------------------|-------|------|
| 1. Abaixo de 18 anos  | _____ | ( %) |
| 2. Entre 19 e 35 anos | _____ | ( %) |
| 3. Entre 36 e 50 anos | _____ | ( %) |
| 4. Acima de 51 anos   | _____ | ( %) |

Análise: \_\_\_\_\_

---

## VI. Perfil Religioso

## Tabela A – População Cristã

- |                          |        |                 |        |
|--------------------------|--------|-----------------|--------|
| 1. Católicos romanos     | _____% | 4. Protestantes |        |
| 2. Ortodoxos Orientais   | _____% | Conservadores   | _____% |
| 3. Protestantes Liberais | _____% | 5. Outros       | _____% |

## Tabela B – População Não-cristã

- |               |        |                  |        |
|---------------|--------|------------------|--------|
| 1. Muçulmanos | _____% | 4. Judeus        | _____% |
| 2. Hindus     | _____% | 5. Não-afiliados | _____% |
| 3. Budistas   | _____% | 6. Outros        | _____% |

Análise: \_\_\_\_\_

---

## VII. Avaliação Global

## Análise de Áreas e Povos-Alvos

A própria área-alvo requer análise. Conforme foi sugerido anteriormente, não podemos compreender completamente nossa tarefa até que possamos defini-la com relação à área específica na qual entraremos. Isto requererá estudo contínuo. Mas a análise deve começar antes dos obreiros realmente entrarem na área. Não se deve entrar em área alguma com um esforço para implantar igrejas simplesmente porque algum crente, por mais santo que seja, tem um desejo ou uma visão para uma obra, por mais nobre e elevada que seja. Precisamos do estudo conjunto de dados demográficos do tipo que é facilmente disponível em muitas áreas do mundo. As comissões de planejamento das cidades, dos estados, dos municípios, e das aldeias freqüentemente tornarão disponíveis mapas com dados sobre residências, negócios, parques, estradas, zoneamentos, e planos futuros. Nalguns casos, estudos de estabelecimentos comerciais, sociedades anônimas, companhias telefônicas, e companhias de luz e força estarão disponíveis. Estas informações são de valor incalculável. Se uma área está zoneada para o uso industrial, por exemplo, obviamente não ficará populada com pessoas que representam o potencial para o crescimento das igrejas. Além disto, a industrialização determinará o tipo de pessoas que acabarão morando nas comunidades adjacentes. A escolha de áreas-alvo específicas, pois, deve ser antecedida pela coleta de dados essenciais para a realização da tarefa do desenvolvimento da igreja. Estes dados incluirão:

- (1) A necessidade de uma igreja evangélica e o potencial que a nova igreja terá para o crescimento e a implantação de outras igrejas.
- (2) Um mapa da área que demonstre o zoneamento bem como a localização dos edifícios e logradouros onde as pessoas freqüentemente se congregam.
- (3) Uma projeção demográfica para averiguar o fundo étnico, sócio-econômico, educacional, e religioso da população da área-alvo, dos distritos onde vários agrupamentos homogêneos estão localizados, das áreas do crescimento futuro, e os tipos de pessoas que se localizarão naquelas áreas.<sup>6</sup>

A Figura 10 será de utilidade nesta análise.

Uma vez que semelhante análise de comunidades que são alvos em potencial tenha sido levada a efeito, uma prioridade para os esforços em prol das implantações de igrejas deve ser estabelecida. Isto pode ser feito por meio de fazer uma avaliação, em espírito de oração, com base em um sistema de categorias tal como se acha na Figura 11.

## FIGURA 11

FOLHA DE CATEGORIAS PARA PRIORIDADES  
NA IMPLANTAÇÃO DE IGREJAS

COMUNIDADES	Comunidade A	Comunidade B	Comunidade C	Comunidade D	Etc.
ÍTEM					
Perfil geográfico					
Perfil populacional					
Perfil econômico					
Perfil sociológico					
Perfil religioso					
Contagem total					
Prioridade					

1. Compare os perfis globais das comunidades que são alvos potenciais.
2. Atribua uma nota a cada um numa escala de 1 até 10 (1 = a categoria baixa; 10 = a categoria mais alta). Atribuir categorias é relativo, e as comunidades devem ser comparadas uma com as demais.
3. Prioridade: a contagem total mais alta é Nº 1, a segunda mais alta é Nº 2, etc.

É imperativo que os líderes das igrejas dediquem consideração, em espírito de oração, à seleção de áreas para a evangelização e a implantação de igrejas. A diferença entre selecionar uma área onde, de um lado, há um potencial real e o Espírito Santo tem um povo preparado, e uma área onde faltam estas características, do outro lado, pode significar anos de serviços infrutíferos e frustrantes. Tal diferença é grande demais para deixar a questão da seleção a decisões individuais ou ocasionais.

## NOTAS

1. Roland Allen: *Missionary Methods: St. Paul's or Ours?* (Grand Rapids: Eerdmans, 1962), pág. 13.
2. Walter L. Liefeld: "The Wandering Preacher as a Social Figure in the Roman Empire" (dissertação de Ph.D., Universidade de Columbia, 1967), pág. 150 — citado em Liefeld: "Theology of Church Growth," em *Theology and Mission*, ed. David J. Hesselgrave (Grand Rapids: Baker, 1978), pág. 179.
3. Liefeld: "Theology of Church Growth," pág. 179.
4. Allen: *Missionary Methods*, pág. 16.
5. George Foster: *Traditional Cultures and the Impact of Technological Change* (Nova York: Harper and Row, 1962), pág. 29.
6. Várias publicações que visam ajudar a fazer semelhante levantamento estão disponíveis. Uma das tais é Paul Benjamin: *Analyzing the Community* (Cincinnati: Standard Publishing, 1973).

---

# Distribuindo os Recursos

---

O Espírito Santo tem Suas maneiras de distribuir todos os recursos humanos, materiais, e espirituais que Deus tornou disponíveis à Igreja. Há pouca coisa para indicar que o cristianismo apostólico teria se espalhado para muito longe ou muito rapidamente da sua origem em Jerusalém e na Judéia à parte da intervenção do Espírito Santo. Para garantir que as igrejas cresceriam e se multiplicariam, o Espírito Santo deu as visões que comunicavam a provisão divina para as pessoas doutras nacionalidades e áreas (e.g., At 10 e 16.6-10); enviou despertamentos e reavivamentos que alertaram os líderes em Jerusalém quanto aos países distantes (e.g., At 11.25-30); e até mesmo permitiu que as perseguições espalhassem os crentes como sementeira para uma colheita maior (e.g., At 8.1). Sem dúvida, o Espírito Santo é o Espírito Missionário que incita a Igreja a avançar. Mas Seu método primário é operar nos corações do povo de Deus a fim de que, em obediência amorosa — sem esperar por estímulos dolorosos — deliberadamente avancem para reivindicar novos povos e lugares para o reino.

É boa mordomia, bem como bom planejamento, determinar o que uma tarefa custará em termos de pessoas, tempo, talentos, e dinheiro, e depois avaliar nossos recursos. Nosso Senhor expressou palavras bastante críticas acerca do homem que começou a edificar uma torre mas não tinha recursos para acabá-la (Lc 14.28-30). À medida em que prosseguimos com a edificação de uma igreja em qualquer localidade, nossa oração será que novos recursos se tornem disponíveis à medida em que as pessoas se voltarem para Cristo. Mas enquanto começarmos (ou recomeçarmos um plano), fazemo-lo primariamente com aquilo que temos e somos pela Sua graça — não tanto com aquilo que esperamos ter e ser. Quanto à fé, devemos tê-la. Quanto à presunção, podemos passar sem ela.

Quando estivermos olhando para a frente para um trabalho novo, portanto, que os planejadores façam uma avaliação realista dos seguintes recursos: (1) a sede (os escritórios da denominação ou da missão); (2) as igrejas que cercam a área-alvo; e (3) os recursos existentes na área-alvo.

### Missionários e Evangelistas

O Novo Testamento torna claro que Cristo deu "dons em forma de pessoas" à Igreja a fim de que ela pudesse crescer (Ef 4.1-13). Usualmente, quatro de tais "dons em forma de pessoas" são enumerados (ou cinco, que depende de se "pastores" e "mestres" se constituem numa única categoria): apóstolos, profetas, evangelistas, pastores, e mestres (ou pastores-mestres). Os apóstolos e os evangelistas são de interesse especial para nós.

No presente contexto é especialmente significativo notar que o primeiro dos "dons em forma de pessoas" mencionados tanto em 1 Coríntios 12 e Efésios 4 é o apóstolo. De fato, na primeira passagem Paulo escreve: "A uns estabeleceu Deus na igreja, primeiramente apóstolos..." (v. 28). O apóstolo é o missionário. Examinaremos mais de perto este "dom" no capítulo 8.

A palavra (*evangelista*) não é enfatizada em muitas passagens do Novo Testamento. Filipe é chamado um evangelista (At 21.8). 2 Timóteo 4.5 indica que Timóteo deve "fazer o trabalho de evangelista." Mas o Novo Testamento realmente faz muito caso de evangelizar ou de anunciar as Boas Novas de Cristo. Cerca de cinquenta e cinco passagens dizem respeito a este ministério. De fato, Paulo escreveu: "Ai de mim se não pregar o evangelho [evangelizar]!" (1 Co 9.16).

### O Papel dos Leigos

O fato de que no caso de Timóteo, por exemplo, os papéis de missionário-evangelista e de pastor-mestre estavam combinados entre si indica que não devemos forçar demais estas distinções. Uma só pessoa pode levar a efeito os vários ministérios simultânea ou sucessivamente conforme for o caso, e freqüentemente o faz. Nem devemos forçar demais a distinção entre estes "dons em forma de pessoas" especiais e os "santos" que perfazem a maior parte do corpo espiritual de Cristo. Todos recebem o privilégio e a responsabilidade de edificar-se mutuamente e ao corpo (Ef 4.16). Os apóstolos ou missionários, os profetas, os evangelistas, e os pastores-mestres devem assumir a liderança e "aperfeiçoar os santos" de modo que os santos possam ministrar também. Nesse sentido estamos justificados em concluir que, num sentido muito real, cada membro da Igreja é um "dom em forma de uma pessoa" para todos os demais.

Sem dúvida alguma, o fato de que as igrejas no Novo Testamento foram estabelecidas e cresceram tão rapidamente deveu-se, em grande medida, à contribuição de leigos dedicados. Embora a origem da igreja em Roma, por exem-

plo, seja obscura, parece provável que foi fundada por judeus e prosélitos que tinham estado presentes no Pentecoste (cf. At 2.10) e que algumas das pessoas mencionadas em Romanos 16 fossem pessoas que tinham sido convertidas nas igrejas orientais e que tinham levado a mensagem de Cristo para Roma. Na sua *Vida de Cláudio*, Seutônio menciona que Cláudio “expulsou os judeus de Roma porque continuamente faziam motins à instigação de Cristo.” Isto pode indicar que quando a mensagem foi pregada, os judeus descrentes em Roma se rebelaram, conforme aconteceu com seus compatriotas em Tessalônica, em Beréia, e noutros lugares.<sup>1</sup>

De qualquer maneira, como vítimas do decreto de Cláudio, Áqüila e Priscila mudaram para Corinto onde continuaram sua ocupação como fabricantes de tendas (At 18.2, 3). De uma perspectiva humana a fundação e o crescimento da igreja de Corinto (sem mencionar o sucesso de Apolo — At 18.24-26) deviam-se em grande parte ao ministério destes leigos bem-informados e dedicados.

Estes crentes humildes — e uma hoste doutros como eles, mencionados pelos nomes ou não, quanto aos registros — desempenharam um papel vital na implantação de igrejas crescentes na era apostólica. E era assim que devia ser. Estava inteiramente de conformidade com o ensino do próprio Pedro que escreveu que o povo crente se constitui em “raça eleita” e “sacerdócio real” (1 Pe 2.9).

A história revela que um dos movimentos missionários mais bem-sucedidos da era moderna foi o dos morávios. Num período de vinte anos (1732-52) iniciaram mais missões do que todos os protestantes tinham iniciado nos dois séculos anteriores. Por quê? Porque viam a evangelização como algo essencial e a tornaram uma “questão generalizada” da comunidade morávia inteira. Como? Por meio de enviar grupos pequenos de crentes comuns para se estabelecerem em áreas novas e darem testemunho de Cristo. No caso dos morávios, enviavam núcleos de crentes até para as áreas mais remotas do mundo! A proporção de missionários entre os membros comungantes no decurso de um período de duzentos anos era um entre doze!<sup>2</sup>

### O Uso de Equipes na Implantação das Igrejas

As equipes nas missões e na evangelização estão popularmente associadas com as equipes evangelísticas usadas nas cruzadas e campanhas de esforço evangelístico. Os cristãos que têm conhecimento do esforço missionário mundial terão consciência do uso de equipes internacionais que são reunidas e enviadas na esperança de que poderão identificar-se com auditórios de várias formações étnicas e sociais. Às vezes esta esperança tem sido concretizada. Noutras ocasiões não. Negros nascidos nos Estados Unidos podem mesmo chegar a ficar com vantagem nas terras dos seus antepassados porque não conhecem o idioma nem a cultura dos nacionais, embora suas feições físicas indiquem que *devem* conhecer o idioma e a cultura!

Uma “estratégia de equipe” mais bem-sucedida — uma que parece estar refletida nas Escrituras — é a distribuição de equipes cujos membros se complementam mutuamente nos seus dons e ministérios. Paulo fez uso estratégico de semelhante equipe. Estavam incluídos, em tempos diferentes: Lucas, Silas (o Silvano das Epístolas), Timóteo, Sópatro, Aristarco, Secundo, Gaio, Tíquico, Trófimo, e outros (cf. At 20.4). Estes membros da equipe tinham várias idades e formações, e possuíam dons complementares. Paulo frequentemente deixava membros da equipe para ficar mais num local, ou os enviava a lugares visitados anteriormente a fim de completar o ciclo e ajudar a desenvolver igrejas locais maduras e responsáveis.

### Talentos e Dons Espirituais

O mundo, ao avaliar seus recursos disponíveis, fala em talentos, capacidades, técnica, competência, e assim por diante. Os talentos e as capacidades frequentemente são referidos como “talentos *naturais*” ou “capacidades *inatas*.” O cristão, naturalmente, reconhece que realmente são dados por Deus e que devem ser desenvolvidos para os propósitos e a glória de Deus. Capacidades tais como as do cirurgião, do mecânico, do piloto, do músico, do técnico de rádio, do escritor, do artista, e do lingüista podem e devem ser utilizadas na evangelização e na extensão das igrejas. Aqueles que são responsáveis pela direção da missão da Igreja devem exercer cautela neste aspecto, no entanto.

Em primeiro lugar, o talento, a capacidade, e a perícia não devem ser confundidos com os dons espirituais enumerados em Romanos 12 e 1 Coríntios 12. Falaremos mais acerca dos dons espirituais posteriormente, mas deve ser ressaltado aqui que os talentos nem são a mesma coisa que os dons espirituais, nem são substitutos para eles.

Em segundo lugar, há o perigo muito real de recrutar os missionários-evangelistas primariamente com base nas suas capacidades e na sua perícia. “Seja qual for seu interesse especial, nós podemos usá-lo em nossa missão” — esta é uma abordagem demasiadamente comum ao recrutamento. Como resultado, muitos obreiros ficam frustrados quando sua capacidade especial não é plenamente utilizada; reagem simplesmente “ficando na deles” e contribuindo apenas indiretamente à tarefa de implantar igrejas em crescimento. Como conseqüência, os assim-chamados ministérios secundários ou de apoio tendem a se tornar primários e até mesmo eclipsar a tarefa central!

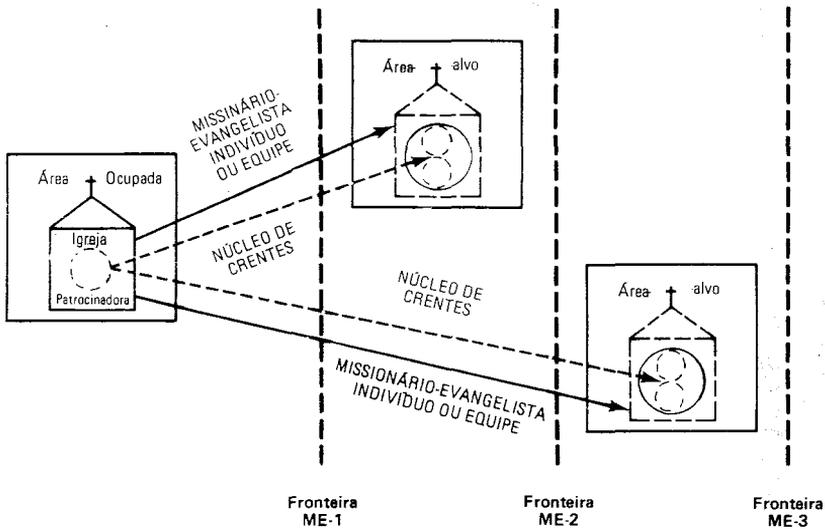
### Finanças e Recursos Materiais

Não foi difícil para Roland Allen argumentar a favor de três regras que orientavam a prática do apóstolo Paulo no que diz respeito às finanças: (1) não procurava ajuda financeira para ele mesmo; (2) não levava ajuda financeira às pessoas às quais pregava; e (3) não administrava os fundos da igreja local.<sup>3</sup> Mas da mesma maneira, Allen não tinha dificuldade em achar certas

exceções a estas regras. De qualquer maneira, talvez seu conselho mais sábio quanto a isto seja contido nas seguintes palavras: "O que é de importância suprema é como estas disposições, sejam quais forem, afetam as mentes das pessoas, e assim promovem ou impedem a divulgação do Evangelho."<sup>4</sup> De um lado, é imperativo que não entremos numa nova área com tão grande quantidade de homens, talentos, e dinheiro que criemos a impressão de não termos necessidade da iniciativa local. Do outro lado, aqueles que empreendem a tarefa de desenvolver igrejas não devem desencorajar a participação local com responsabilidades que nem nós nem nossos pais poderíamos ter suportado!

FIGURA 12

## A IMPLANTAÇÃO DE IGREJAS POR NÚCLEOS



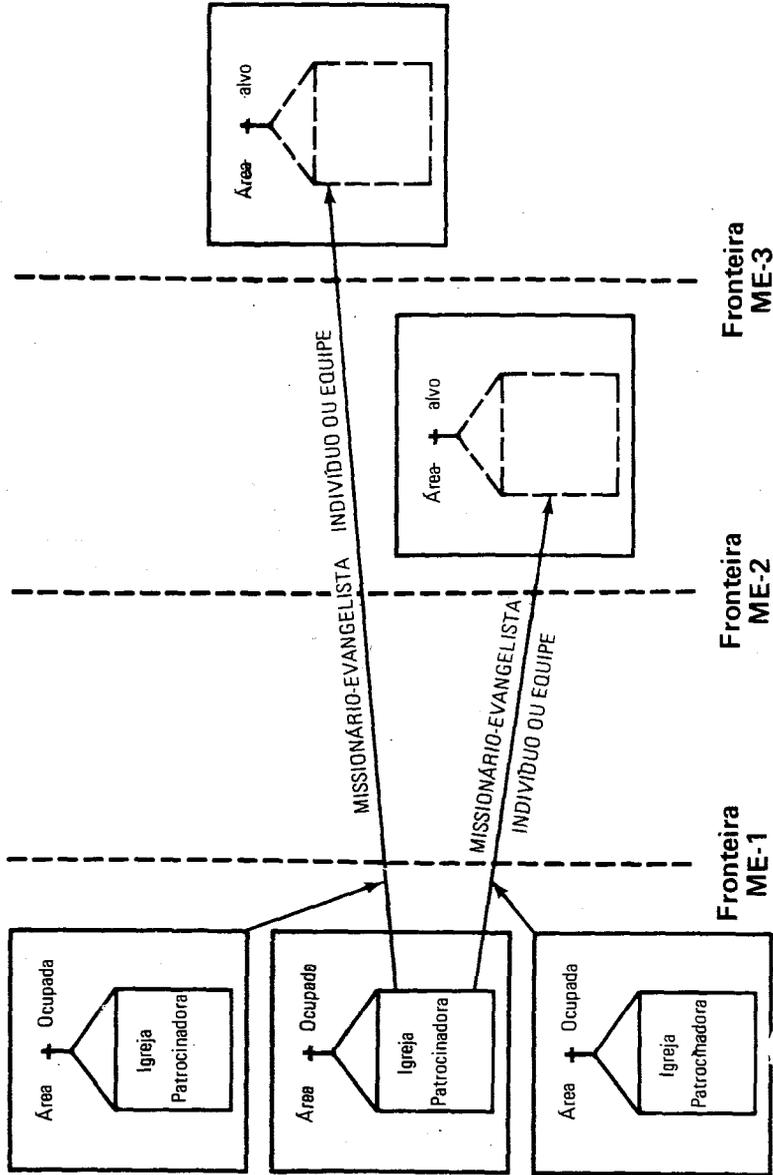
## A Implantação de Igrejas por Núcleos e por Pioneirismo

De conformidade com as circunstâncias, as fronteiras geográficas e culturais a serem atravessadas requererão várias pessoas e diferentes abordagens. Basicamente, a igreja existente (e sua liderança) tem dois cursos possíveis de ação. Em primeiro lugar, orientada pelo Espírito Santo, pode planejar começar outra igreja por conta própria. Em segundo lugar, pode cooperar com outras igrejas com atitude semelhante (que pertencem, por exemplo, à mesma denominação ou associação missionária) neste empreendimento. A primeira opção é mais viável em nossas "Jerusaléns" e "Judéias" onde muito trabalho cristão já tem sido levado a efeito, mas onde ainda se acham muitas comunidades

sem igrejas. A segunda opção é mais viável nas "Samarias" e nos "confins da terra" onde estão localizadas grandes populações de pessoas relativamente não-alcançadas e fora das igrejas.

A primeira opção usualmente envolve programas ME-1 e ME-2. Pode ser chamada "Implantação de Igrejas por Núcleos" porque, na maioria dos casos, um núcleo de crentes (da igreja patrocinadora ou já residentes na área-

**FIGURA 13**  
**A IMPLANTAÇÃO DE IGREJAS POR PIONEIRISMO**



alvo, ou os dois tipos) estará disponível para ajudar os missionários-evangelistas (veja a Figura 12).

A última opção usualmente envolve programas ME-2 e ME-3. Pode ser chamada "Implantação de Igrejas por Pioneirismo" porque, na maioria dos casos, núcleos de crentes como base de início serão pequenos ou não-existentes (veja Figura 13).

Deus tem fornecido à Igreja de Cristo tudo quanto é necessário para sua missão no mundo. O desafio à igreja, portanto, é dedicar-se a Cristo e distribuir seus recursos de acordo com a Sua vontade.

#### NOTAS

1. *Harper's Bible Dictionary*, ed. Madeleine Miller e J. Lane Miller, 7a. ed. (Nova York: Harper and Row, 1962), pág. 622.
2. J. Herbert Kane: *A Global View of Christian Missions* (Grand Rapids: Baker, 1971), págs. 79-80.
3. Roland Allen: *Missionary Methods: St. Paul's or Ours?* (Grand Rapids: Eerdmans, 1962), págs. 49-61.
4. *Ibid.*, pág. 49.

---

# Medindo o Crescimento

---

Um antigo adágio diz: "Tenha nada em mira, e nada atingirá." Os alvos são essenciais, especialmente numa tarefa tão importante quanto a de implantar igrejas transculturalmente. A maioria das pessoas concordará com isto. Mas a despeito dessa concordância freqüentemente nos faltam alvos bem-compreendidos. Por quê? Por quatro razões principais. A primeira: porque os alvos mensuráveis às vezes parecem incompatíveis com a espiritualidade. A segunda: por causa da nossa falta de disciplina. A terceira: por causa da confusão acerca de quais devem ser os alvos. A quarta: porque mesmo quando estabelecemos alvos são freqüentemente demasiadamente gerais e imprecisos.

Nenhuma das quatro razões oferece uma desculpa suficiente para a falta de alvos. Os alvos são necessários se quisermos ser mordomos fiéis e eficazes dos recursos que Deus nos deu. A medição é essencial a fim de analisar o progresso e fazer correções no meio do caminho.

Neste capítulo, pois, consideraremos algumas das questões primárias relacionadas com o crescimento, o estabelecimento de alvos, e meios de medir o progresso.

## **Questões Básicas Relacionadas com o Crescimento das Igrejas**

### **Crescimento Quantitativo ou Qualitativo?**

O crescimento pode ser quantitativo ou qualitativo (At 9.31; 16.5). Aquele tem a ver primariamente com o número de crentes sendo acrescentado às igrejas e com o número de novas congregações sendo estabelecidas. Este tem a ver com o nível de compreensão, com a vida cristã, e com a dedicação demonstrada pelos membros das igrejas.

Um argumento um pouco pedante e algo sem razão de ser tem ocorrido entre os proponentes destes dois tipos de crescimento, quanto à sua prioridade e seu relacionamento. Os defensores da escola de pensamento do Crescimento da Igreja têm enfatizado tanto o número de membros e as porcentagens do crescimento das afiliações que têm sido alvos de muitas críticas. Os proponentes do Crescimento da Igreja têm respondido a esta crítica ao notarem que (1) fica evidente na Escritura que Deus está interessado no crescimento numérico (quantitativo), e (2) uma das melhores maneiras de medir o crescimento qualitativo é o aumento numérico.

A primeira resposta tem validade. A segunda deixa a desejar. Há um relacionamento entre estes dois tipos de crescimento, sem dúvida alguma. Mas existem igrejas que consistem em "cristãos de qualidade" em áreas tão largamente separadas como Marrocos, Mindanao, e Montana, que estão passando por um crescimento numérico muito limitado. Além disto, até mesmo nas áreas receptivas onde há considerável potencial para o crescimento numérico, esse crescimento realmente pode ser enganador como medida do crescimento qualitativo. Afinal das contas, o crescimento ocorre nos movimentos não-cristãos e não somente nos cristãos. Às vezes ocorre nas igrejas cristãs quando empregam técnicas da grande propaganda industrial ao custo dos padrões bíblicos da ética e da espiritualidade cristãs.

Certamente nada há de anti-espiritual no crescimento numérico, a não ser que consideremos a igreja em Jerusalém após o Pentecoste como sendo anti-espiritual! Mas o crescimento numérico deve ser acompanhado pelo crescimento espiritual. Alvos devem ser fixados para o crescimento numérico. Mas podemos sentir empatia com o pastor norte-americano que disse: "Minha gente está tão enfasiada com cifras que a mera menção de um alvo para um número de afiliados a desliga completamente. O que devo fazer?" (Solução possível: Estabeleça alvos mas não os enfatize demasiadamente.)

### **O Crescimento Qualitativo Pode Ser Medido?**

Na maior parte das situações o crescimento numérico é um indicador do crescimento espiritual. Mas não é o único indicador. É importante reconhecer que o crescimento qualitativo pode ser medido doutras maneiras do que contar as cabeças (ou produzir um relatório financeiro)! As Testemunhas de Jeová (que estão vitalmente preocupadas com o crescimento numérico) regularmente testam seus membros quanto à sua capacidade de apresentar os ensinamentos a outras pessoas. O budismo Soka Gakkai tem um sistema de provas voluntárias acerca dos seus ensinamentos que todos os fiéis que querem maiores responsabilidades devem passar. E, pensando em termos do alcance cristão, certa missão histórica na Coreia requer que os candidatos para o batismo primeiramente ganhem mais um para Cristo. A igreja numa tribo de índios analfabetos no México exige da parte dos seus crentes que apresentem testemunhas para asseverar que estavam vivendo na prática as verdades bíblicas sendo estudadas, antes de avançarem para estudar novas verdades! Onde há disciplina há um meio!

## Como as Igrejas Crescem Numericamente?

Os especialistas no Crescimento da Igreja distinguem entre três tipos de crescimento: *o crescimento biológico* (os filhos de pais cristãos que chegam a conhecer o Senhor), *o crescimento por conversão* (as pessoas convertidas do mundo e trazidas para a comunhão da igreja), e *o crescimento por transferência* (novos membros sendo transferidos doutras igrejas).

Dependendo das taxas de nascimento e de mortalidade na área-alvo, o crescimento biológico é mais ou menos predizível. Os especialistas calculam que a igreja mediana na América do Norte pode esperar uma taxa de crescimento biológico de cerca de 25 por cento por década. Naturalmente, a vitalidade da igreja local e dos seus lares cristãos é um fator importante aqui. Não podemos simplesmente tomar por certo que os filhos de pais cristãos se tornarão membros crentes da igreja.

O crescimento através da conversão dentre as fileiras cada vez maiores daquelas multidões de descrentes que não têm relacionamento com a igreja é essencial para a igreja crescer de modo significativo. Em primeiro lugar, e também dependendo da área-alvo envolvida, a taxa de nascimento entre os cristãos pode ser mais baixa do que entre os não-cristãos. Em segundo lugar, o acréscimo à igreja de pessoas convertidas do mundo tem um efeito salutar na temperatura espiritual da igreja local. O frescor e a devoção daqueles que foram salvos da rebeldia e do desespero espirituais oferecem encorajamento à igreja e fortalecem seu alcance.

O crescimento por transferência não deve ser censurado a não ser que represente o "furto de ovelhas" doutras igrejas que são fiéis ao testemunho de Jesus Cristo. Naturalmente, é imperativo que os crentes que mudam para as áreas das nossas igrejas sejam trazidos para a comunhão (e a filiação) das igrejas tão logo quanto possível. Ao mesmo tempo, o crescimento por transferência deve ser reconhecido por aquilo que realmente é: a remoção de crentes de uma igreja e seu acréscimo a outra. O ganho de uma congregação representa a perda doutra congregação! O crescimento por transferência nunca poderá ser um substituto para o crescimento biológico e pela conversão!

## Quão Grande É Grande Demais?

Recentemente — especialmente nos Estados Unidos — muita coisa tem sido dita e escrita acerca do tamanho das Escolas Dominicais e das igrejas. O tamanho certamente é uma medida de sucesso — talvez a medida mais óbvia. Algumas coisas ditas a favor da questão e contra ela tendem a visar os interesses individuais. Mas existe um argumento sério em prol das igrejas grandes que merece consideração séria pelos eclesiásticos em grandes centros urbanos em redor do mundo. É feito por Robert Schuller, pastor da igreja florescente de Garden Grove na Califórnia.<sup>1</sup> Sustenta que as igrejas grandes com quadros múltiplos de funcionários podem satisfazer melhor as expectativas e as necessidades de áreas em rápido crescimento e populações móveis. Além disto podem ter

uma influência e um ministério que se estendem muito além da vizinhança imediata.

Há muita coisa a favor do argumento de Schuller. Talvez a causa de Cristo seja melhor servida através de algumas "super-igrejas" quando Deus conceder a forma apropriada de liderança e as circunstâncias forem certas.

Vários fatores adicionais devem ser considerados, no entanto: (1) Uma igreja grande que não provê para a identificação com grupos pequenos incluídos dentro da totalidade não tem possibilidade alguma de satisfazer as necessidades espirituais e psicológicas dos seus membros; (2) As igrejas grandes geralmente não são tão eficazes quanto as igrejas menores em termos da utilização do potencial dos crentes;<sup>2</sup> (3) Uma igreja grande pode estar tão completa em si mesma que os membros não precisam avançar para fora dela a fim de servir à comunidade; (4) Algumas sociedades são mais apropriadas para a formação de igrejas pequenas do que para a formação de igrejas grandes; e (5) O sonho de hoje, de um edifício grande e impressionante, uma vez realizado, poderá ser o pesadelo de despesas altas de manutenção e de ecos que não impressionam! Respostas significantes a estas desvantagens das igrejas grandes somente poderão vir em relação com áreas-alvos e liderança específicas.

Concluindo, seja dito que Deus deseja tanto o crescimento quantitativo quanto o qualitativo para Suas igrejas, mas nenhum deles às expensas do outro. Certamente nosso Senhor deseja a frutificação — e a *frutificação* pode ser medida de uma maneira ou de outra (Jo 15.16). Mas também requer a *fidelidade*. Medidas pelas réguas humanas haverá muitas situações em que as duas parecerão inamistosas uma à outra. Mas na economia divina, usualmente estão estreitamente relacionadas entre si.

### **Medindo e Analisando o Crescimento na Igreja**

Inquestionavelmente, Deus deseja crescimento espiritual no Seu povo. Mas a vida espiritual antecede o crescimento espiritual. Os descrentes devem ser convertidos e tornar-se membros da família de Deus. Deixando a consideração do crescimento espiritual para capítulos posteriores, pensemos agora em termos de medir e analisar o crescimento numérico numa igreja local. Esta é uma questão que deve ser cuidadosamente estudada pela liderança da igreja ao preparar-se para entrar numa área-alvo para implantar uma nova igreja. Senão, os alvos serão nebulosos, registros apropriados não serão feitos, e a análise significativa do progresso será difícil.

Três tarefas são imperativas nesta conexão: (1) o estabelecimento de alvos mensuráveis; (2) a manutenção de registros exatos; e (3) a análise do progresso passado.

### **O Estabelecimento de Alvos Mensuráveis**

Quando uma área-alvo tiver sido adequadamente vistoriada e estudada, deve ser possível fazer algumas projeções significantes quanto ao potencial

do crescimento na nova obra. Até mesmo quando forem baseadas em dados sólidos, quaisquer de tais projeções serão expressões de fé, porque somente Deus pode "fazer crescer uma igreja." Mas exatamente *esse tipo* de fé é necessário. Se nosso levantamento da área-alvo revelar, por exemplar, que a área contém apenas duas congregações comparativamente estáticas, que a população de 6.000 está aumentando a uma média de 500 anualmente, que os residentes tendem a ser de uma classe e formação étnica semelhantes, que a maioria dos residentes atuais não têm compromisso com outra religião, que os recém-chegados tendem a ser responsivos (com um número significativo de cristãos dedicados entre eles), então temos boas bases para projetar uma certa taxa de crescimento.

Tais projeções terão dois aspectos primários: o número de pessoas que, segundo antecipamos, será trazido para o grupo local de crentes, e o tempo necessário para atingir as etapas sucessivas de crescimento. Ao superimpor estas informações sobre o Ciclo Paulino segundo a maneira da Figura 14, os obreiros verão a tarefa numa nova luz. Poderão planejar e orar de acordo com projeções baseadas na fé e no conhecimento. Se a obra não progredir de acordo com o cronograma, perguntarão o que porventura estejam fazendo errado, e mudarão sua abordagem e revisarão suas expectativas de acordo com a experiência. Se o progresso ultrapassar as expectativas, poderão revisar suas projeções para maior!

### A Manutenção de Registros Exatos

Um dos problemas mais sérios encontrados pelos especialistas que recebem pedidos para analisar os padrões de crescimento das igrejas e denominações locais é a falta de registros adequados. Por demais freqüentemente, os registros das igrejas são ambíguos, incompletos, ou totalmente em falta. Quando houver um registro do número de membros num determinado ano, sem registros correspondentes de freqüências média, como os membros entraram na igreja (por transferência ou confissão de fé, por exemplo), e quantos membros foram removidos do rol da igreja (quer pela disciplina, pela morte, ou pela transferência), as estatísticas dos membros significam pouca coisa. Na realidade, a não ser que tais registros sejam disponíveis no decurso de um certo período de anos, fica quase impossível diagnosticar a saúde de uma igreja.

Os líderes denominacionais e missionários devem cuidar para que registros exatos e uniformes sejam mantidos já desde o início. As estatísticas resultantes capacitarão o implantador da igreja a averiguar se os alvos projetados estão sendo atingidos enquanto avança pelos primeiros meses e anos do esforço da implantação da igreja. Mais tarde, aquelas estatísticas serão de valor incalculável para averiguar os padrões de crescimento da igreja ao longo prazo.

No mínimo, registros adequados de freqüência e da afiliação devem incluir os seguintes dados:



- (1) Os resultados dos levantamentos iniciais.
- (2) Informações acerca de contatos bem-sucedidos (i.é, contatos que corresponderam mediante uma expressão de fé e/ou a freqüência nas reuniões da igreja), inclusive como foram contatados, etc.
- (3) A freqüência nas várias reuniões da congregação em desenvolvimento.
- (4) As estatísticas dos membros (desde o tempo em que a nova igreja é organizada), inclusive dados sobre como os membros novos foram ganhos (quer por transferência doutras igrejas, quer por confissão de fé — e quando os filhos fazem a confissão de fé, deve ser anotado se seus pais são crentes ou descrentes), e porque antigos membros ficaram fora da comunhão.

### A Análise do Progresso Passado

Um pregador de destaque declarou recentemente a uma congregação do oeste central dos EUA que o sermão que estavam para ouvir ia ser pregado pela milésima-trigésima vez e que sempre trouxera resultados! Antes de criticar o pregador, devemos avaliar a situação. Um sermão que já passou por 1.030 revisões deve ser, segundo se pode esperar, um sermão bastante bom! Além disto, se sempre obtém resultados, certamente merece ser repetido! Poderíamos desejar que nossos planos para estender a Igreja de Cristo fossem tão cuidadosamente elaborados, totalmente assimilados, regularmente passados em revista, e universalmente eficazes como aquele sermão!

Um plano global ou mestre requer avaliação e modificação periódicas. Devemos mudar nosso plano, não por meio de jogá-lo no lixo integralmente e iniciar um novo cada vez que encontramos um problema ou alguma idéia nova é promulgada, mas por meio de modificar a parte que é ineficaz ou se tornou obsoleta. Podemos fazer assim por meio de alterar as condições ou de acrescentar novos entendimentos.

Em certo país asiático, estávamos projetando os elementos principais de um plano para implantar novas igrejas quando, de repente, o rosto de uma das participantes demonstrou que ela estava chocada.

"Creio que temos semelhante plano," disse ela. "Não nomeamos uma comissão para elaborar um plano de cinco anos para a evangelização e a implementação das igrejas, há vários anos?"

Outro rosto demonstrou ânimo. "Creio que fizemos. Temos mesmo um plano. Mas onde está ele?"

Uma busca eficiente conseguiu extrair uma cópia do plano mestre de cinco anos dos arquivos do secretário! Aquele plano fora cuidadosamente elaborado, considerado em espírito de oração, unanimemente aprovado, e imediatamente esquecido!

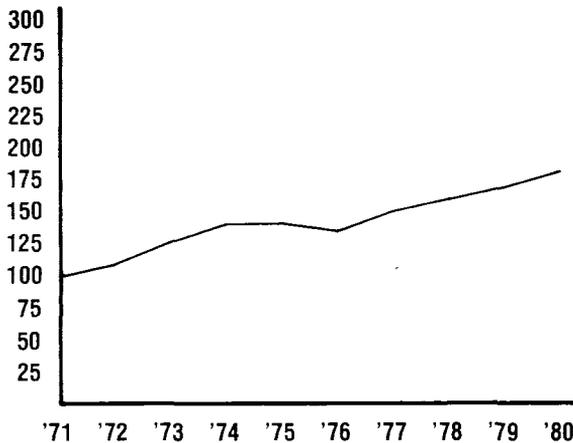
A avaliação e a modificação periódicas são essenciais. Na realidade, fazem parte do plano!

Um dos livrinhos mais usados no assunto do crescimento das igrejas (foi traduzido para cerca de cinqüenta línguas) é primariamente um livro sobre a análise das estatísticas dos membros. O autor, Vergil Gerber, explica em passos

simples como diagnosticar as fortalezas e as fraquezas de uma igreja ao analisar seus padrões de crescimento no decurso de um período de tempo. Usando um período de dez anos por ser conveniente, façamos um esboço dos passos básicos que Gerber recomenda para levar a efeito este tipo de análise.<sup>3</sup>

**FIGURA 15**  
**IGREJA A**

**Gráfico da Taxa de Crescimento: 1971-80**



*Primeiro Passo:* Completar as estatísticas dos membros pelo período de dez anos.

*Segundo Passo:* Assinalar estas estatísticas num gráfico. Veja, por exemplo, a taxa de crescimento de Igreja A conforme é assinalado na Figura 15.

*Terceiro Passo:* Calcular a taxa de crescimento da igreja para a década. No caso da Igreja A:

Afiliação atual	180
Afiliação há dez anos	<u>-100</u>
Aumento em dez anos	80
A taxa de crescimento é	80%

Assim temos o quadro global. Naturalmente, se também calcularmos as taxas anuais de crescimento e as compararmos, será possível averiguar se a taxa de crescimento está aumentando ou diminuindo. No caso da Igreja A, depois de um período de estagnação, tem havido um crescimento regular de dez membros para cada um dos três últimos anos, mas visto que o aumento de dez é calculado sobre a base de uma afiliação maior cada ano, a taxa de aumento realmente tem estado em leve declínio.

*Quarto Passo:* Compare o crescimento real com a projeção do crescimento biológico. Calcule que, como regra prática, o crescimento biológico pode ser

projetado em cerca de 25 por cento por década. Isto significa que a igreja mediana no decurso de uma década terá uma taxa de crescimento de cerca de 25 por cento *à parte de conversões do mundo e transferências doutras igrejas*. Na base do crescimento biológico, a Igreja A terá acrescentado 25 por cento aos seus 100 membros originais no decurso do período de dez anos:

Aumento em dez anos	80
Aumento biológico projetado	<u>-25</u>
Aumento por conversão e transferências	55

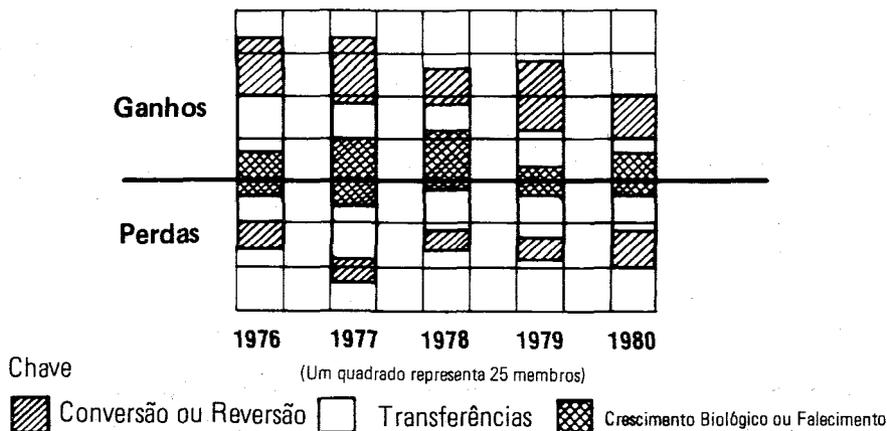
Obviamente, mais análise é necessária para ver quão saudável a Igreja A realmente está.

*Quinto Passo:* Refine os dados. Alguns membros são perdidos pela igreja. Dividem-se em três categorias: a reversão (ou exclusão), a transferência, ou a morte. Pouquíssimas igrejas mantêm estatísticas que são tão acuradas e pormenorizadas assim, embora tais estatísticas seriam altamente reveladoras. Considere, por exemplo, o gráfico de barras na Figura 16, que oferece exatamente este tipo de informação para a Igreja B no decurso de um período de cinco anos.

**FIGURA 16**

**IGREJA B**

**Análise de Tipos de Crescimento: 1976-80**



Até mesmo um exame superficial deste gráfico é revelador. Note que o número de conversões é consistentemente mais alto que o número de reversões. É assim que deve ser. No último ano, porém, a proporção de reversões em contraste com as conversões tem sido mais alta. Esse fato certamente precisa de consideração em espírito de oração.

Note também que, com a exceção de um ano, um número consideravelmente maior de membros tem se transferido da Igreja B do que os que se têm transferido para ela. Talvez isto indique que algo esteja errado com a igreja. Ou talvez as pessoas estejam simplesmente deixando aquela área. Em qualquer caso, alguma coisa deve ser feita ou a Igreja B não continuará a existir!

*Sexto Passo:* Analise os padrões de crescimento da igreja. Quando o tipo de estudo sugerido supra tem sido feito, podemos olhar em retrospecto e analisar os resultados. Cada igreja será diferente, mas à medida em que as linhas e barras nestes gráficos simples sobem e descem, contam a história dos sucessos e fracassos, das fortalezas e das fraquezas.

*Sétimo Passo:* Estabeleça alvos para o futuro. Tendo em mira o início de novas igrejas bem como o fortalecimento das igrejas existentes, este é um passo importantíssimo. Na situação pioneira, talvez a única maneira de pôr em prática este passo é examinar o registro dalguma igreja ou igrejas nas proximidades, em situações semelhantes. A igreja existente pode projetar alvos na base do registro passado, do crescimento biológico esperado (25 por cento ao ano), e da fé naquilo que o Senhor fará em resposta à oração, ao planejamento e ao trabalho. No caso da Igreja A, o alvo pode facilmente ser algo como 225 membros no fim de cinco anos (veja a Figura 17).

A fim de levar a efeito o tipo de análise sugerido supra, os líderes eclesiásticos devem compreender que estão negociando em nome do Rei. Sendo assim, a mordomia sábia do pessoal, dos dons, do dinheiro, e do tempo exige que uma contabilidade seja feita, que alvos mensuráveis sejam estabelecidos, e modos de atingi-los sejam procurados.

Os negócios do Rei não são como quaisquer outros negócios, no entanto. O objetivo das igrejas é obedecer a Deus e glorificar a Ele em tudo quanto fizerem. Neste caso, líderes e igrejas fiéis darão de si mesmos a fim de que o número de igrejas bem como dos membros das igrejas possa crescer em derredor do mundo!

Não é incomum ver um cartaz nos estabelecimentos comerciais, dizendo: "Com Nova Administração." As igrejas e as missões não precisam necessariamente de nova administração, embora uma infusão periódica de sangue novo e de novas idéias sempre seja boa. Tendo em vista, porém, a importância e a imensidão da nossa tarefa, e os desafios do secularismo, do materialismo, do misticismo, e dos demais, seria bom colocar um cartaz em nossos vários escritórios centrais: "Administração em Revisão." O auto-exame faz bem para todos nós.

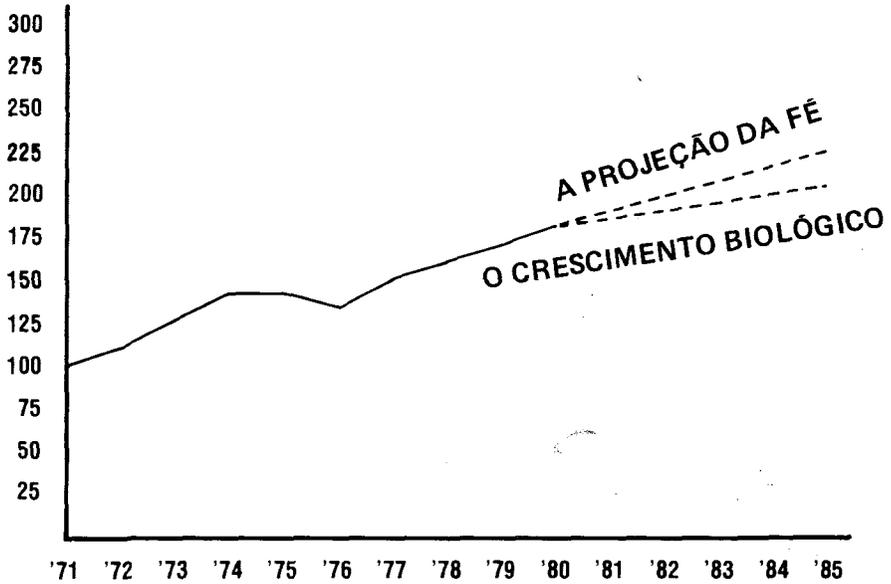
Quem colocará em ordem de batalha as forças cristãs? Quem tomará a liderança no desenvolvimento da estratégia sadia? Quem nos ajudará a determinar para onde e quando marchar adiante? Quem dirigirá os recursos disponíveis na forma de homens e dinheiro, talentos e tempo, dons e energias, na ocupação de novos territórios para Cristo? Quem, senão os administradores que Deus deu à Sua Igreja?

E quando assim fizerem, todos os cristãos se levantarão e os bendirão. E, mais importante ainda, o Supremo Comandante os levantará certo dia e dirá: "Trabalharam bem!"

**FIGURA 17**

**IGREJA A**

**Crescimento Projetado: 1980-85**



**NOTAS**

1. Robert H. Schuller: *Your Church Has Real Possibilities* (Glendale, CA: Regal Books, 1974), págs. 7-18.
2. Cf. Charles L. Chaney: "A New Day for Churches," *Church Growth Bulletin*, vol. 12, nº 4 (março), págs. 512-16.
3. Vergil Gerber: *Sua Igreja Precisa Crescer* (São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 1975, 1983<sup>3</sup>), págs. 33-54. Veja também Bob Wymire e C. Peter Wagner: *The Church Growth Survey Handbook* (Santa Clara, CA: O. C. Ministries, Inc., 1980).

---

TERCEIRA PARTE

---

A Igreja Missionária  
e a Missão  
Cristã

---

---

# OS Missionários Comissionados

---

Alguém já disse que a tarefa que é de todos não é tarefa de ninguém. Há certa dose de verdade nessa declaração. Alguma pessoa precisa assumir a responsabilidade se é que algo vai ser feito. Para as igrejas locais serem verdadeiramente igrejas missionárias, os líderes denominacionais e os pastores e oficiais locais devem fornecer as informações, a inspiração e o exemplo que se fazem necessários. Se o trabalho de implantar igrejas em crescimento no país e no estrangeiro deve ser promovido, especialistas na obra pioneira (i.é, evangelistas e missionários) devem ser chamados, treinados, e enviados. Naturalmente, a participação leiga na tarefa missionária é absolutamente necessária, especialmente nas áreas-alvos acessíveis. Mas alguém deve tomar a iniciativa e, avançando para novas áreas, dar orientação ao empreendimento da implantação das igrejas. É a responsabilidade das igrejas existentes responder ao Espírito Santo e cuidar para que tais obreiros sejam disponíveis.

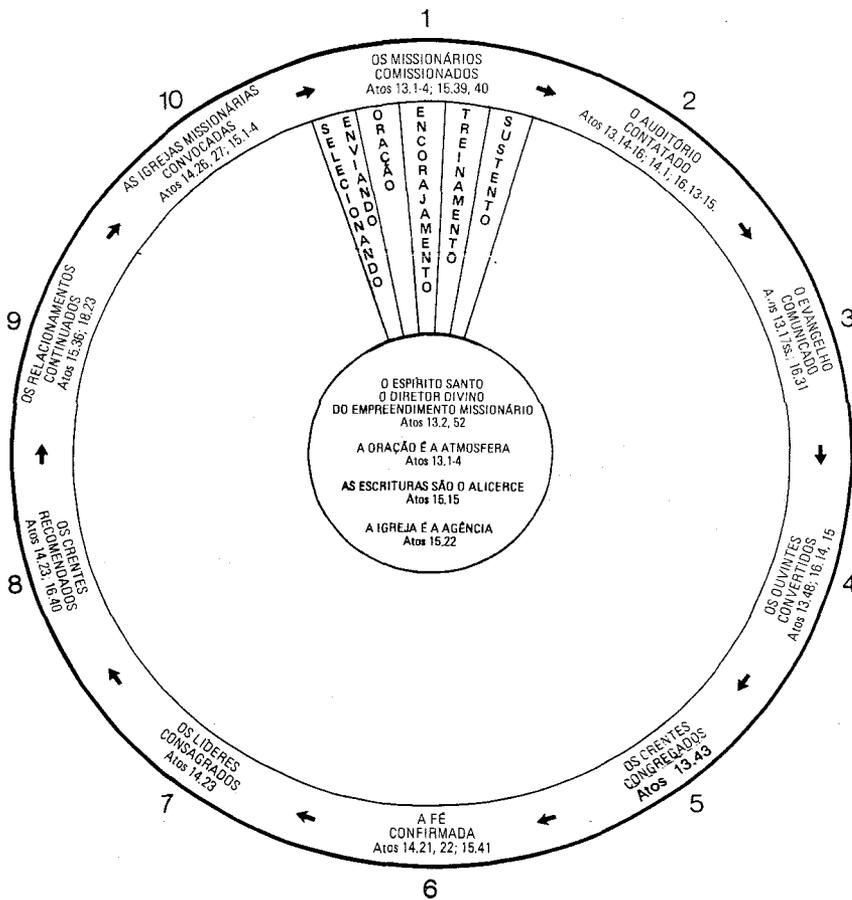
## Objetivos

Neste capítulo estaremos ocupados com nossas “Jerusaléns” e nossas “Antioquias” – igrejas que já foram estabelecidas pela graça de Deus e pela fidelidade dos nossos antecessores, e que formam a base para o alcance adicional.

Nossos objetivos para estas igrejas são:

(1) Promover o tipo de espírito missionário que encoraja pastores, oficiais e crentes leigos a participar na tarefa, dada por Deus, de implantar igrejas crescentes nas comunidades ainda não alcançadas, quer adjacentes, quer mais distantes.

FIGURA 18  
"O CICLO PAULINO"



"Então, jejuando e orando, e impondo sobre eles as mãos, os despediram. Enviados, pois, pelo Espírito Santo..." (At 13.3, 4a).

- (2) Mobilizar os crentes num programa de alcance missionário.
- (3) Reconhecer, preparar, enviar, sustentar, e cooperar com aqueles que Cristo tem nomeado especialmente para assumir a liderança nesta obra.

## A Seleção e o Envio de Missionários para Implantar Igrejas

### Princípios e Precedentes Bíblicos

(1) Os apóstolos (missionários) e evangelistas estavam à frente do esforço original da evangelização para a extensão da igreja. Havia muitos santos comuns, dos quais apenas poucos são mencionados pelo nome, que “iam por toda a parte pregando a palavra” e participando da tarefa de implantar igrejas. Mas também havia apóstolos e evangelistas com dons especiais que “dirigiam as tropas.”

No Novo Testamento há dois tipos de apóstolos. Em primeiro lugar, há o grupo relativamente pequeno daqueles que foram pessoalmente escolhidos e instruídos pelo Senhor. Estes homens tinham o *ofício* de apóstolo, para o qual não há sucessão. Em segundo lugar, há aqueles homens que tinham o *dom* do apostolado, e eram chamados “apóstolos das igrejas” (2 Co 8.23 – NASB). Neste grupo estavam incluídos homens tais como Barnabé, Silas, Timóteo, Epafrodito, Andrônico, e Júnias.

O termo *missionário*, naturalmente, não é uma palavra neotestamentária. Etimologicamente, porém, tem estreito relacionamento com “apóstolo.” As duas palavras transmitem a idéia de alguém que é enviado para cumprir uma tarefa. A ênfase no Novo Testamento recai mais sobre a tarefa a ser cumprida do que sobre o lugar para o qual o homem deve ser enviado. A tarefa era proclamar o evangelho e implantar igrejas ou ajudar aqueles que assim faziam.

O papel do evangelista era semelhante ao dos “apóstolos das igrejas.” O evangelista era especialmente dotado pelo Espírito Santo para proclamar o evangelho de tal maneira que os homens eram persuadidos a aceitar o Salvador. Há pouca evidência no sentido de os evangelistas mesmos terem organizado igrejas. Parece que essa era a tarefa específica dos apóstolos. Consideremos a igreja na ilha de Creta, por exemplo. Embora houvesse indubitavelmente crentes que tinham estado presentes em Jerusalém no dia do Pentecoste (At 2.11) e que depois voltaram para a ilha, nem sequer nomearam presbíteros. Não foi até que Paulo visitou a ilha no começo da década dos sessenta que o processo de nomear presbíteros começou (Tt 1.5). Fica aparente que alguma forma de obra evangelística lançara os alicerces da igreja antes da vinda de Paulo, mas nenhuma organização formal tinha sido desenvolvida.

(2) Deus chama e envia missionários-evangelistas nas igrejas e através delas. Michael C. Griffiths escreve:

Nenhuma só chamada missionária registrada pelo Espírito Santo em Atos dos Apóstolos era subjetiva ou o resultado da iniciativa individual somente. Na maioria dos ca-

sos, o senso subjetivo da vocação não é o aspecto da vocação que é trazido à nossa atenção pelo Espírito Santo. Em todos os demais casos, ou a igreja ou outro missionário tinha um papel considerável para desempenhar na chamada. A chamada de Deus é baseada primariamente nos eventos externos objetivos ao invés da experiência subjetiva e interna.

Barnabé foi para Antioquia porque sua igreja enviou-o para lá (At 11.32). Saulo foi para Antioquia porque Barnabé o levou para lá (At 11.26). Os dois homens saíram de Antioquia como resultado de uma decisão feita conjuntamente com os demais líderes da igreja em Antioquia num período de oração e jejum (At 13.2). Silas acompanhou Paulo mediante o convite deste (At 15.40) e o jovem Timóteo também (At 16.3).

Como aplicamos isto?

(1) O que descobrimos não é o individualismo desenfreado, nem a orientação sensacional, mas o povo de Deus, trabalhando, orando, e planejando juntamente, de modo responsável, em prol da evangelização do mundo. O que vemos não é meramente uma preocupação egoísta com uma vocação individual, mas o encaixar do plano de Deus para muitas vidas.

(2) Uma chamada geral para voluntários missionários não é ressaltada no Novo Testamento. Os missionários iam porque suas igrejas os enviavam, ou porque missionários mais antigos os traziam.

(3) Nossa disposição para ir até qualquer lugar é uma questão intensamente pessoal entre nós e nosso Mestre. Mas a fim de “qualquer lugar” tornar-se em “algum lugar” específico, tanto nossas igrejas locais quanto os missionários mais antigos devem dar sua palavra.<sup>1</sup>

Volte-se para o registro do envio de Paulo e Barnabé da igreja em Antioquia (At 13.1-4). Aqui temos um equilíbrio delicado entre a operação de Deus na Igreja, nos seus líderes, e nos candidatos a missionários-evangelistas. A orientação divina é vista nos papéis desempenhados por aqueles crentes primitivos coletiva e individualmente.

Primeiramente, Deus falou aos homens que haveriam de ser enviados. Tanto Paulo como Barnabé tinham sido chamados por Deus antes deste evento. A chamada de Paulo é registrada na Escritura e foi dramática. A chamada de Barnabé não é registrada, e pode ter sido menos dramática. No caso de Paulo, perto de nove anos se decorreram desde sua chamada pessoal. Mesmo assim, esperou até que Deus falasse para a igreja.

Em segundo lugar, Deus falou para a igreja e para seus líderes. Não há evidência quanto à maneira do Espírito Santo comunicar a vontade de Deus. Pode ter sido tão espetacular quanto a chamada de Paulo ou os eventos do dia de Pentecoste. Mas isto não é indicado. Pode ter havido uma crise na igreja, porque o grupo estava jejuando. Talvez Deus deu à igreja uma preocupação espiritual especial com os perdidos. Parece provável que a extensão do evangelho a outras áreas era discutida freqüentemente. Sem dúvida, os líderes tinham conferenciado uns com os outros e com outros membros da igreja sobre como o evangelho poderia ser dado a outros povos. Seja como for, o Espírito Santo falou. Comunicou para a igreja quais homens Ele queria que fossem para áreas novas.

Desta maneira, dentro do horário de Deus, os missionários-evangelistas foram selecionados pelo Espírito, separados para o trabalho, receberam licença dos seus seguidores crentes, e foram enviados pelo Espírito com a imposição das mãos. Este comissionamento oficial subentende tanto uma bênção quanto um reconhecimento. Era uma bênção porque os que os enviaram reconheceram que aqueles que estavam sendo enviados tinham sido chamados e equipados para a tarefa; estavam saindo com a aprovação da igreja. Mas a cerimônia significava mais do que isto. Assim como no Antigo Testamento o sacerdote impunha as mãos sobre a vítima sacrificial, significando com isto que a vítima estava tomando o lugar do ofertante, assim também no comissionamento dos missionários-evangelistas a igreja reconhecia que os que estavam sendo enviados iam no lugar da igreja.<sup>2</sup>

É importante notar que Paulo e Barnabé eram homens que tinham demonstrado suas capacidades antes do Espírito Santo falar à igreja. Havia cinco homens no grupo de profetas e mestres do qual Paulo e Barnabé foram selecionados. Cada um tinha alguma qualificação especial para a tarefa missionária. Simeão era negro. Lúcio era originário de Cirene, e, portanto, poderia ter sido enviado para lá. Manaém fora criado juntamente com Herodes e poderia ter influência no governo. Parece que nenhuma destas qualificações era crucial ou suficiente. Barnabé era um crente de qualidade comprovada. Foi o primeiro mestre notável na igreja. Paulo era o segundo mestre. Sob a liderança destes dois homens, a igreja crescera. Pode ser dito que a igreja enviou os melhores do seu grupo de liderança. De qualquer maneira, homens de comprovada maturidade e eficácia foram selecionados para liderar o ministério de extensão da igreja de Antioquia.

### **Pesquisas Relevantes**

Movimentos bem-sucedidos de massas geralmente exibem uma sucessão de liderança que cabe dentro de um padrão bastante distinto. Eric Hoffer nota três tipos de líderes de tais movimentos e a ordem em que aparecem: homens de palavras, fanáticos, e homens de ação prática.<sup>3</sup> Os homens de palavras articulam o ensino. Os fanáticos movimentam os crentes, levam a mensagem às massas, e ganham convertidos. Os homens práticos de ação consolidam o movimento. Segundo Hoffer, é possível que um só homem possua as várias capacidades necessárias para levar um movimento pelas várias etapas, mas, na maioria das vezes, uma sucessão de liderança está envolvida. A obra de Hoffer pode ser qualificada como pesquisa apenas no sentido mais amplo daquela palavra, mas certos estudos subseqüentes realmente indicam que sua análise tem boa medida de validade.<sup>4</sup>

Nossos interesses são radicalmente diferentes daqueles de Hoffer, sem dúvida, mas pode haver algum valor em diferenciar entre os teóricos, os missionários-evangelistas, e os consolidadores em nossos programas de extensão da igreja. Nem toda pessoa que começa uma obra pode sustentá-la. E do outro lado, nem toda pessoa que pode pastorear uma congregação é eficaz em achar

ovelhas perdidas e trazê-las para o aprisco. As implicações da distinção bíblica entre vários tipos de "dons em forma de pessoas" merecem atenção.

## Reflexão Prática

(1) Conforme já notamos anteriormente, nas igrejas temos tendido a deixar a prática determinar a definição de alguns termos que se relacionam estreitamente com a extensão das igrejas. De um lado, temos tendido a definir a "missão" da igreja muito frouxamente. Como consequência, "missionários estrangeiros" são "aqueles que fazem obra missionária no estrangeiro," e a "obra missionária" consiste nas "boas coisas que os missionários estrangeiros fazem em prol das pessoas necessitadas entre as quais trabalham." Segue-se que os "missionários nacionais" são "os que fazem boas coisas em prol das pessoas necessitadas do país." Tudo isto pode ser verdade, mas também é vago e enganador. Na realidade, a tarefa missionária central é ganhar homens para Cristo e estabelecer igrejas em áreas novas.

Do outro lado, temos tendido a definir a "evangelização" muito estreitamente. Como consequência, o "evangelista" fica sendo aquele que "prega" (usualmente) as "boas novas" e "ganha homens para Cristo." Na realidade, a proclamação do evangelho é básica à tarefa do evangelista, mas não podemos praticar, e as Escrituras globalmente não apóiam, a evangelização que é divorciada das igrejas, ou apenas tenuemente relacionada com elas.

Cabe aos pastores-mestres, especialmente, delinear cuidadosamente os termos e as tarefas relacionados com o crescimento da igreja. Todos os cristãos são testemunhas, mas nem todos eles são missionários-evangelistas, assim como nem todos eles são pastores-mestres. Precisamos de "especialistas," mas especialistas de acordo com as definições e orientações bíblicas.

(2) Temos edificado a maior parte dos nossos esforços evangelísticos e missionário contemporâneo num vasto programa de voluntarismo. As missões neotestamentárias eram *voluntárias* — ou seja: os que participaram o fizeram voluntariamente e de livre e espontânea vontade. Mas as missões neotestamentárias não eram baseadas no *voluntarismo* — ou seja: uma chamada geral para qualquer pessoa que se oferecesse para ir, e o envio de tal pessoa.

Nas missões estrangeiras o resultado da nossa abordagem tem sido o envio de muitos missionários relativamente não-treinados para realizar uma tarefa que é mal-definida e na qual não tiveram experiência. Nas missões nacionais o resultado tem sido que os que são mais bem-sucedidos no ministério das igrejas locais avançam para igreja maiores e salários mais altos ao invés de avançarem para desafiar as áreas sem igrejas, onde sua experiência e suas capacidades pudessem ser usadas para começarem novas congregações. E porque as missões nacionais não são definidas primariamente em termos de entrar em novos territórios por Cristo, porque os fundos são limitados, e porque o sustento-próprio parcial não é usualmente considerado, até mesmo as pessoas mais jovens prontas para lançar-se para o ministério cristão raras vezes iniciam novas congregações.

## **A Solicitude em Oração pelas Missões para Implantação de Igrejas**

### **Os Princípios e Precedentes Bíblicos**

O Novo Testamento está repleto de exortações à oração. Ensina cuidadosamente aos cristãos como orarem. O assunto da oração recebe desenvolvimento doutrinário extensivo no Novo Testamento. Não é estranho, portanto, que muita coisa seja dita acerca da oração e das missões.

### **A Oração e a Seleção de Missionários-Evangelistas**

A Igreja é ordenada a orar para que missionários sejam enviados. Quando Jesus contemplou os grandes campos prontos para a ceifa, mandou Seus discípulos orarem para que o Senhor enviasse obreiros para Seu campo (Mt 9.38; Lc 10.2). Quando a igreja em Antioquia estava ministrando e jejuando, o Senhor indicou quais líderes Ele queria que fossem para os campos ceifar (At 13.2). Tanto o mandamento como o exemplo tornam claro que a seleção dos candidatos a missionários-evangelistas deve ser banhada em oração.

### **A Oração e o Envio de Missionários-Evangelistas**

Assim como a seleção do candidato deve ser assunto de muita oração, assim também o comissionamento do candidato deve ser acompanhado pela oração (At 13.3). O comissionamento dos implantadores das igrejas não é diferente do que a instalação do presbítero ou do diácono neste aspecto. Os primeiros diáconos foram comissionados somente após terem recebido oração (At 6.6) e os presbíteros foram recomendados ao Senhor depois das orações (At 14.23). O procedimento bíblico normal é saturar os cultos de comissionamento com orações.

### **A Oração e o Sustento dos Missionários-Evangelistas**

As orações em prol do implantador de igrejas, seja na pátria, seja no estrangeiro, fazem parte do apoio que a Igreja deve dar. Paulo pedia orações por si, a respeito das suas muitas necessidades. Pediu que a igreja em Roma orasse para que ele fosse protegido dos seus inimigos e que seu ministério fosse aceito pelos santos (Rm 15.31). Pediu aos crentes em Éfeso que orassem para que ele fosse corajoso na proclamação da mensagem (6.19). Pediu aos cristãos em Colossos que orassem por uma porta aberta para Paulo apresentar claramente o evangelho (Cl 4.2, 3). Aos tessalonicenses pediu que orassem em prol da divulgação rápida do evangelho e da proteção contra os homens perversos (2 Ts 3.1, 2). Se acrescentarmos aos pedidos específicos de ora-

ções os ítems mencionados nos mandamentos gerais que dizem respeito à oração em prol de todos os líderes das igrejas, ficará tanto mais óbvio que a totalidade da operação da implantação de igrejas deve ser continuamente banhada com orações cheias de fé.

### Pesquisas Relevantes

A história eclesiástica revela que há um relacionamento íntimo entre a oração sincera e o alcance cristão bem-sucedido.

Depois de várias tentativas abortivas na Europa continental, muitas atividades missionárias desenvolveram-se do movimento pietista e da dedicação de homens tais como Philipp Spener (1635-1705) e August Francke (1663-1727). Suplementavam seus sermões domingueiros com reuniões de oração e estudos bíblicos nas casas humildes. Dois séculos após a Reforma Protestante, o movimento do qual estes homens eram os pais frutificou na forma de esforços missionários bem-sucedidos.<sup>5</sup>

Na Inglaterra, em 1723, Robert Millar escreveu: *A History of the Propagation of Christianity and the Overthrow of Paganism*. Neste livro, propunha a intercessão em prol da conversão dos descrentes em derredor do mundo. Dentro de poucos anos, grupos de oração eram achados em todas as partes das Ilhas Britânicas. Em 1746, os cristãos norte-americanos foram convidados a participarem de uma "Aliança de Oração" durante sete anos, em prol das missões. Jonathan Edwards ecoou a chamada num planfleto. Quarenta anos mais tarde — lá na Inglaterra — John Sutcliff encorajava todas as igrejas e pastores batistas em Northamptonshire a consagrarem a primeira segunda-feira de cada mês às orações em prol do mundo não-cristão. Dentro em breve, William Carey (1761-1834) afiliou-se aos batistas. Em 1793 partiu de navio para a Índia e um novo dia raiou para as missões cristãs.<sup>6</sup>

Nos Estados Unidos, as missões e a evangelização também foram o resultado da oração que prevalecia. Uma preocupação espiritual em prol de missões mundiais desenvolveu-se nas reuniões convocadas por Samuel J. Mills para orações e debates na Faculdade Williams na primeira década do século XIX.<sup>7</sup>

A história fala de maneira inequívoca: A ceifa é vista por olhos abertos depois desses olhos terem sido fechados em oração.

### Reflexão Prática

Coletiva e individualmente, os cristãos em todos os lugares devem orar: "Senhor da Igreja, opera entre nós, e dentre Teus filhos e Tuas filhas em nossa comunhão convoca aqueles que proclamam as boas-novas de Cristo e plantarão Sua Igreja nas áreas necessitadas do mundo. Para a glória de Deus e o bem da humanidade, ouve nossa oração proferida em nome de Jesus. Amém." A oração é o ponto de partida. Deus Se deleita em responder a este tipo de oração. Sempre está dentro da Sua vontade assim fazer.

A oração, no entanto, é mais do que o ponto de partida. É a força contínua por detrás do programa inteiro de alcance. Repetidas vezes, o apóstolo Paulo exortava os crentes nas igrejas a orarem, não somente pelas suas necessidades pessoais, como também em prol dele e da obra de Cristo entre os perdidos. E oraram mesmo. E nós também devemos orar. Afinal das contas, tanto eles como nós somos servos que ministram ao Senhor da Igreja. Somos filhos que devemos estar nos comunicando com o Pai acerca dos "negócios da família." Somos soldados — num exército que avança somente de joelhos!

Sejam quais forem as razões que possamos apresentar pelas nossas reuniões de oração congregacionais hoje em dia, demasiadamente fracas e pouco freqüentadas, podemos ter certeza de que os membros das igrejas da era do Novo Testamento não ficariam impressionados! A situação real é que as reuniões de oração da atualidade freqüentemente nem atraem sequer os candidatos mais prováveis para a liderança no alcance cristão das igrejas. E por quê? Porque a reunião de oração mediana na igreja mediana não parece fazer parte vital daquele alcance! Isto não serve de desculpa para aqueles que se ausentam. Mas deve dar o que pensar aos pastores, membros da diretoria, presbíteros e diáconos nas igrejas.

É na reunião de oração que fazemos as transações dos negócios do Rei! Quem começou a tradição de separar as reuniões dos negócios da igreja das reuniões de oração da igreja prestou um grande desserviço à igreja. Planejemos o reajuntamento dos negócios e da oração — e isto com certo grau de regularidade. E apliquemos a Palavra de Deus à obra entregue a nós. Que os líderes no planejamento e no alcance cristão discutam a obra local de Cristo em que todos devem estar envolvidos de uma maneira ou de outra, e a obra mais distante de Cristo em que nossos representantes participam — não apenas de modo geral, mas em termos de um plano específico, programas declarados, e pessoas genuínas. Compartilhemos dos nossos pensamentos nestas questões — e depois oremos que Deus nos dê um zelo espiritual e nos abençoe, e nos escolha e use de acordo com a Sua vontade. E que nosso alvo seja que a freqüência nas reuniões de oração pelo menos se aproxime do número de membros que residem dentro de uma distância razoável da localização da reunião. E que outro alvo seja que, periodicamente, o Senhor coloque Sua reivindicação divina sobre algumas pessoas na congregação e faça delas "dons na forma de pessoas" para a edificação da Sua Igreja e a bênção de todos.

## O Encorajamento de Missionários que Implantam Igrejas

### Princípios e Precedentes Bíblicos

#### *A Necessidade de Encorajamento*

Quando Paulo chegou em Corinto, era um homem muito desencorajado. Tendo enviado Timóteo à Tessalônica para averiguar o estado dos crentes ali,

tinha sido deixado sozinho em Atenas (1 Ts 3,1, 2). Estava tão preocupado a respeito dos tessalonicenses que queria visitá-los, mas Satanás o impediu de fazê-lo (1 Ts 2.18). Em Atenas, não conseguiu ganhar muitos convertidos, mesmo depois dos ministérios bem-sucedidos em Filipos, em Tessalônica, e em Beréia. Talvez isto o tenha incitado a examinar seu ministério. Resolveu pregar somente a mensagem do Cristo crucificado (1 Co 2.2-5). Sejam quais tenham sido as razões, Paulo parece ter sido um missionário desencorajado. Se um homem tão grande como Paulo pôde ficar desencorajado, todos os missionários podem ficar desencorajados. A necessidade do encorajamento fica aparente.

### *A Provisão para o Encorajamento*

Deus tem providenciado encorajamento. O Espírito Santo é o "Encorajador" (*Paraklētos*) (Jo 14.16) oficial. O dom do encorajamento tem sido dado aos homens da Igreja (Rm 12.8a, NIV). Um exemplo por excelência tem sido fornecido na pessoa de Barnabé (At 4.36). É digno de nota que Barnabé, "filho de exortação ou encorajamento," é o primeiro missionário a ser mencionado pelo nome em Atos. Foi ele quem apresentou Saulo aos apóstolos céticos (At 9.26, 27). Foi a ele que a igreja em Jerusalém enviou para Antioquia (At 11.22); Foi ele quem recrutou Saulo para trabalhar na igreja de Antioquia (At 11.25, 26). Mais tarde, foi ele quem deu a João Marcos uma segunda chance e quem teve muito a ver com a restauração de Marcos ao serviço útil (At 15.36-39; 2 Tm 4.11). Com toda a probabilidade, foi porque Barnabé encorajou Paulo que a Escritura não registra nenhum período de depressão na vida de Paulo enquanto Barnabé o acompanhava.

Barnabé, no entanto, não estava sozinho no ministério do encorajamento.

Há certo número de indicações de obreiros aos quais Paulo encorajou ou que o encorajaram nas suas labutas. Em 1 Co 16.10 pede aos crentes coríntios: "E, se Timóteo for, vede que esteja sem receio entre vós." As duas cartas de Paulo a Timóteo tinham a natureza de encorajamentos. Paulo reconhece em 1 Co 16.17-18 como sentia solidão, e conta como a chegada de dois amigos o animou. Repetidas vezes refere-se ao encorajamento que lhe foi trazido pela vinda de Epafrodito com as ofertas que trouxe (Fp 4.18). Mais importante do que receber o suprimento das suas necessidades era o pensamento de que estavam com ele em mente e que este esforço da parte dos cristãos macedônios era um sinal seguro do crescimento espiritual da parte deles. Na carta de Paulo a Filemom, Paulo disse que teve "grande alegria e conforto" da parte de Filemom (Fm 1, 7).<sup>8</sup>

Em Romanos 1, Paulo dá uma compreensão de como o encorajador pode estimular um servo de Deus deprimido. Diz: "Porque muito desejo ver-vos, a fim de repartir convosco algum dom espiritual, para que sejais confirmados; isto é, para que, em vossa companhia, reciprocamente nos confortemos, por in-

termédio da fé mútua, vossa e minha” (Rm 1.11, 12). A idéia fica clara. À medida em que o missionário-evangelista usa o seu dom, a fé é estimulada na congregação. Isto, por sua vez, encoraja o missionário-evangelista. Noutras palavras, o servo deprimido neste caso é estimulado a usar seu dom espiritual; isto cria fé da parte dos ouvintes; e o resultado é que o próprio missionário-evangelista é encorajado.

## Pesquisas Relevantes

É muito interessante notar que Gary Collins começa seu livro *Ajudando uns aos outros* com um capítulo que tem o título: “Ajudando as Pessoas e a Grande Comissão.” Naquele capítulo, demonstra que a atividade discipuladora da Grande Comissão requer que a comunidade cristã seja uma comunidade de ajuda e de encorajamento. Embora o livro de Collins seja basicamente um tratamento popular, refere-se a estudos que reforçam seu argumento principal. A respeito da “eficácia da ajuda em grupo” escreve:

Já faz muitos anos que os psicólogos descobriram a eficácia da ajuda em grupo. Doentes mentais que tinham ficado em cadeias em asilos insanitários melhoraram dramaticamente quando foram tratados com compaixão e bondade. Como parte daquilo que se chamava de “tratamento moral”, os administradores e funcionários do hospital conviviam com os pacientes, tomavam as refeições juntamente com eles, e demonstravam que o hospital poderia ser uma comunidade terapêutica ao invés de uma masmorra tipo prisão. Esta idéia foi estendida ainda mais depois da Segunda Guerra Mundial, quando um psiquiatra britânico chamado Maxwell Jones publicou um relato de uma comunidade terapêutica na qual todas as atividades diárias do paciente eram dirigidas em direção à sua recuperação. A “terapia do ambiente” era o termo que se aplicava a este tipo de tratamento. O aconselhamento de indivíduo para indivíduo fazia parte deste tratamento, mas igualmente importante era o apoio, ajuda e encorajamento que, dia após dia, os funcionários e os pacientes davam uns aos outros.<sup>9</sup>

No presente contexto, naturalmente, não estamos tratando especificamente com a terapia como tal. Mas a tese de Collins, e numerosos estudos, indicam o valor do tipo de relacionamento de ajuda sendo defendidos aqui.<sup>10</sup>

## Reflexão Prática

O encorajamento faz parte dos ministérios espirituais de todos os crentes. Espíritos tipo Barnabé devem tomar nota especial dos jovens na Igreja que demonstram dedicação a Cristo, um espírito de cooperação, a capacidade de comunicar, a confiabilidade nas tarefas de pouco resalto, e outros dons e qualidades que são tão vitais à missão da Igreja. Devem ser selecionados para o aconselhamento. Devem ter oportunidades para a discussão com os evangelistas, pregadores, pastores, mestres, e líderes missionários que vêm de visita. Devem ser totalmente envolvidos em oração.

Esta abordagem tem aplicação a pastores bem-sucedidos e obreiros eclesiásticos mais antigos, e não somente aos filhos e filhas mais jovens da Igreja. A obra precisa de Paulos e Barnabés, bem como de Marcos e Timóteos! Alguns pastores-mestres não podem ser divinamente nomeados para fazerem a obra de um evangelista numa nova área? Onde estão os Paulos modernos — divinamente nomeados para irem a vácuos sem igrejas ao invés de para igrejas maiores? E o que se diz de leigos que ainda têm condições de cuidar das suas famílias enquanto avançam para ajudar a reivindicar novos territórios para Cristo?

*Ilustração ME-1:* Um dos maiores pregadores que os Estados Unidos já produziu, George Truett, disse certa vez que provavelmente jamais teria chegado a ser pregador se não fosse o encorajamento dos santos de Deus na sua igreja local. O encorajamento faz parte do plano de Deus. Deve fazer parte dos nossos planos mestres. Não será necessariamente menos espontâneo ou sincero por isso.

## Treinando os Obreiros Cristãos para a Tarefa Missionária

### Princípios e Precedentes Bíblicos

Dois tipos de treinamento podem e devem ser distinguidos na Escritura. Doutra forma, surgirá confusão quanto àquilo que a Bíblia ensina a respeito do treinamento dos missionários-evangelistas. Embora seja popular hoje obliterar a distinção entre os leigos e os clérigos, a Escritura mantém a distinção. Mesmo assim, a distinção não é do tipo hierárquico que algumas igrejas fazem hoje. Pelo contrário, é no que diz respeito ao treinamento dos obreiros que a verdadeira distinção é vista. Pode ser facilmente percebido que Paulo, Timóteo e Tito não foram treinados da mesma maneira que os santos em Beréia, em Tessalônica, ou em qualquer das outras igrejas que Paulo fundou. De modo semelhante, os Doze não foram treinados por nosso Senhor da mesma maneira que as multidões.

As razões desta distinção são variadas. Em primeiro lugar, o Senhor ensinou que o discípulo não está acima do seu mestre. Isto dá a entender que o mestre deve saber mais do que o discípulo. Em segundo lugar, os dons dados a cada tipo de ministério são diferentes. Logicamente, a pessoa é treinada de acordo com seus dons. Os dons que são dados ao missionário-evangelista, sendo diferentes, envolvem-no num programa de treinamento diferente daquele para um diácono. Em terceiro lugar, o papel dos missionários-evangelistas e dos pastores-mestres é aquele de treinar os leigos para o trabalho do ministério. Ou seja: estes líderes devem ser "treinados para treinar aos outros." Seu propósito na Igreja não é tanto levar a efeito o ministério inteiro quanto equipar outros para ministrar. O treinamento do missionário-evangelista, portanto, deve diferir do dos leigos em profundidade e intensidade, de acordo com os dons que Deus tem dado.

Embora a Escritura mencione apenas a escola de Tirano como lugar onde os discípulos eram instruídos diariamente, não devemos inferir disto que o treinamento dado aos obreiros do século I era menos do que profundo. Até mesmo uma leitura superficial das Epístolas Pastorais demonstra que os dois jovens missionários treinados por Paulo tinham um profundo conhecimento da Palavra de Deus e sabiam traduzi-la em ação. Paulo lhes ensinara tanto a doutrina veraz quanto a prática sadia.

Que a doutrina era ensinada pode ser vista no mandamento de Paulo a Tito no sentido de assegurar-se que os cretenses adornavam a doutrina de Deus em todos os aspectos (Tt 2.1, 10). Timóteo recebeu a ordem de passar adiante aquilo que Paulo o ensinara (2 Tm 3.10). Devia aplicar-se à doutrina até que Paulo viesse. Claramente aos dois jovens missionários fora ensinada a doutrina.

Mas também lhes fora ensinada a teologia prática. Tito tinha sido treinado em questões financeiras e a ele foi confiada a missão de levar a oferta para os pobres, de Corinto para Jerusalém (2 Co 8.1-6, 16-21). Timóteo sabia acerca dos *diáconos e suas qualificações para o cargo de presbítero* (1 Tm 3.1-7; Tt 1.5-9). Paulo até mesmo dá um indício de técnicas pedagógicas nesta passagem. Tito devia falar (*laleō*) aos homens idosos, fazer com que as mulheres mais idosas ensinassem as mulheres mais jovens, e ser um exemplo aos moços (vv. 1, 3-4, 7).

Não somente a substância da doutrina e da prática, como também a maneira segundo a qual foram ensinadas podem ser vistas no Novo Testamento. Era treinamento no local do trabalho. Para os missionários-evangelistas mais jovens, isto significava acompanhar o apóstolo. João Marcos, Timóteo, e Tito, todos deviam sair de casa para serem treinados. Esta é uma das grandes diferenças entre o treinamento do presbítero e o do missionário. Não há evidência de que o presbítero tinha de deixar o ambiente da sua casa para receber treinamento, mas os missionários-evangelistas que estão descritos na Escritura realmente deixaram suas casas.

## **Pesquisas Relevantes**

Naturalmente, a abordagem do Novo Testamento ao treinamento dos obreiros cristãos é de suprema importância para o crente. Mas também é interessante que tanto a pedagogia sadia quanto a história da igreja confirma a validade desta abordagem.

Tem sido freqüentemente suposto que o preparo dos clérigos nos tempos modernos tenha sido muito semelhante ao padrão com que hoje estamos familiarizados. Tal não é o caso, no entanto. No passado, a vasta maioria dos clérigos nos Estados Unidos, por exemplo, era treinada pelo sistema de aprendizes. De fato, uma das tendências recentes mais importantes na educação teológica nos Estados Unidos é enfatizar a residência como parte integrante da educação. E uma das mais importantes tendências recentes no estrangeiro é a educação teológica por extensão — uma abordagem que foi projetada para tirar pelo menos parte do processo da aprendizagem fora das salas

de aulas e colocá-lo nas áreas locais onde os líderes da igreja habitam, trabalham, e servem. A pesquisa educacional e histórica sustenta a validade destas abordagens.

## Reflexão Prática

Já veio a hora de repensarmos nossos programas de preparação para os vários ministérios cristãos. Tendo em vista a rápida elevação dos padrões educacionais em derredor do mundo, não pode haver dúvida de que a preparação totalmente eficiente é necessária. A pergunta é: "Que tipo de preparação é necessária?"

Negativamente, já não podemos tomar o risco de tirar homens e mulheres jovens, enviá-los para escolas que efetivamente os isolam tanto da Igreja quanto do mundo por um período mais longo ou mais curto, e depois lançá-los à obra no país ou no estrangeiro.

Positivamente, devemos achar meios de aproximar mais estreitamente a igreja e a escola, fornecendo, assim, treinamento nas Igrejas existentes e no mundo onde as igrejas ainda deverão ser estabelecidas.

Uma das possessões inestimáveis da Igreja de Cristo é sua liderança atual e em potencial — especialmente aquele tipo de liderança que labuta na ponta da lança onde novos territórios estão sendo reivindicados para Cristo. De modo contrário à opinião cristã popular, é este tipo de pioneirismo que impõe as maiores exigências sobre o obreiro cristão. Sendo assim, cada igreja local deve dar atenção à orientação e à ajuda daqueles que porventura tenham sido chamados por Deus para esta tarefa.

## NOTAS

1. Michael C. Griffiths: "You and God's Work Overseas" (Chicago: Inter-Varsity Press, 1967), págs. 20-21.
2. Ao interpretar a imposição das mãos, devemos tomar cuidado para não fazer da Igreja uma agência mediadora. A Igreja não foi mediadora da chamada de Paulo. Sua chamada veio diretamente de Deus (Gl 1.1). Usamos, portanto, as palavras *reconhecimento* e *bênção* em conexão com a cerimônia. Cf. também Gl 2.7-9.
3. Eric Hoffer: *The True Believer: Thoughts on the Nature of Mass Movements* (Nova York: New American Library of World Literature, 1958), pág. 120.
4. *Dynamic Religious Movements*: ed. David J. Hesselgrave (Grand Rapids: Baker, 1978), pág. 309.
5. J. Herbert Kane: *A Global View of Christian Missions* (Grand Rapids: Backer, 1971), pág. 7.
6. *Ibid.*, págs. 83-85.
7. *Ibid.*, págs. 86-87.
8. Tirado de um estudo chamado: "A Search for New Models" contribuído por Dale W. Bjork em 19 de janeiro de 1978 a uma classe sobre a evangelização para extensão das igrejas na Escola de Divindades Evangélicas "Trinity."
9. Gary Collins: *Ajudando Uns aos Outros* (Edições Vida Nova, São Paulo, 1982), págs. 135-136.
10. Talvez valha a pena notar que a categoria "Comportamento que Ajuda" foi acrescentada aos alistamentos do *Social Science Index* (Nova York: H. Wilson Co.) há seis anos.

---

QUARTA PARTE

---

# A Igreja Emergente e a Missão Cristã

---

---

# O Auditório Contatado

---

“Deus não faz acepção de pessoas” (At 10.34). Ama a todos os homens e “de-seja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade” (1 Tm 2.4). Nosso Senhor alcançou todos os tipos de pessoas – inclusive um Mateus, um Zaqueu, uma Maria Madalena, e uma mulher samaritana anônima porém de má reputação. A Igreja não conhece barreiras. Não somente a distinção entre os judeus e os gentios foi ultrapassada, como também o mesmo aconteceu às distinções entre as raças, os sexos, e as posições sociais (Gl 3.28).

Começamos este capítulo com estes entendimentos. *Mas eles não militam contra a seletividade em fazer contatos para Cristo e Suas igrejas!*

Em primeiro lugar, é manifestamente impossível alcançar todas as pessoas simultaneamente com a mensagem de Cristo. Logo, algumas devem ser contatadas antes de outras.

Em segundo lugar, nosso Senhor era seletivo nos Seus contatos!

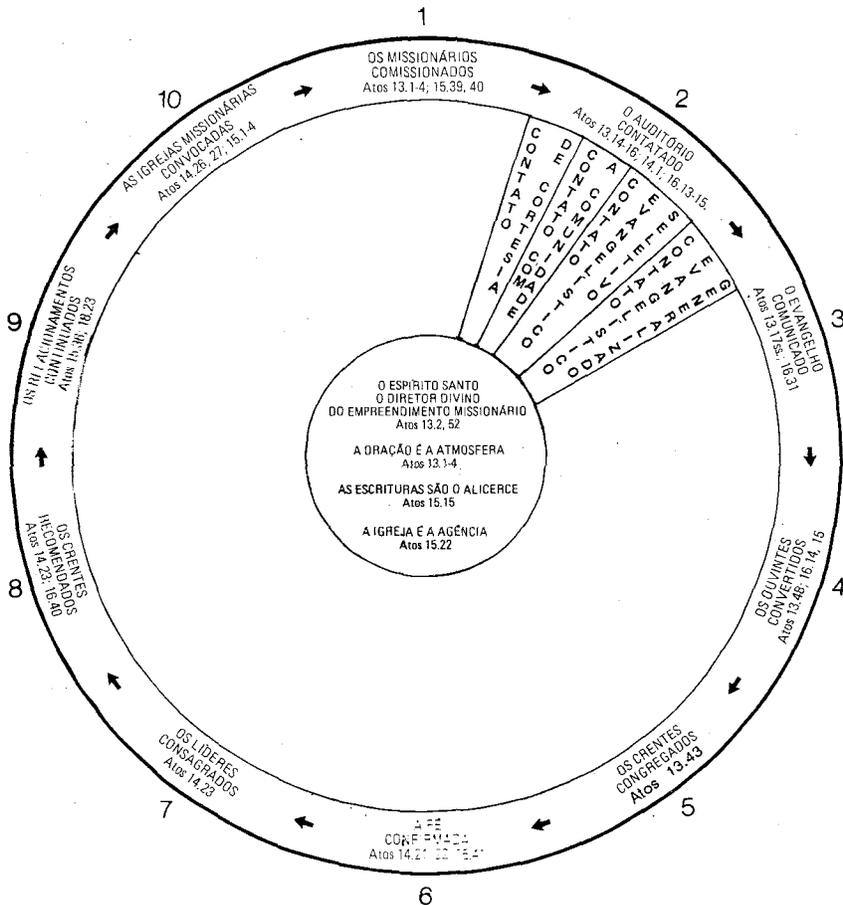
Em terceiro lugar, o privilégio de ouvir, crer, e ser reconciliado com Deus através de Cristo acarreta responsabilidade. Logo, a equidade não é uma questão em pauta aqui. Até mesmo os descendentes naturais de Abraão foram escolhidos – não simplesmente tendo em vista sua própria bênção – mas visando a bênção para todas as nações da terra (Gn 12.1-3).

Em quarto lugar, nosso alvo em qualquer estratégia de contato deve ser alcançar todos os homens com o evangelho. A seletividade nos contatos iniciais pode contribuir para esse alvo.

Em quinto lugar, Paulo tinha uma “estratégia de contato” que envolvia um grau de seletividade.

Seja qual for o método propriamente dito, o princípio que aprendemos de Paulo, não somente do seu período em Atenas como através da sua carreira missionária inteira,

**FIGURA 19**  
**“O CICLO PAULINO”**



“Mas eles, atravessando de Perge para a Antioquia da Pisídia, indo num sábado à sinagoga, assentaram-se.” (Ato 13.14)

é que a maneira de alcançar as pessoas não é esperar que elas venham a nós; nós devemos ir até elas.

Sendo um pioneiro, as exigências feitas a ele foram muito diferentes daquelas que esperamos para um evangelista hoje em dia. Não havia igreja ou grupo de igrejas existente em Atenas, nem na maioria das demais cidades que visitou, para convidá-lo para vir dirigir uma série de reuniões. Nem havia quaisquer cristãos locais dos quais podia depender para fazer os preparativos para sua chegada e convidar seus amigos e vizinhos a vir ouvi-lo. Pelo contrário, o próprio evangelista chegava em cena primeiro, e tinha de sair para fazer seus próprios contatos. E é na capacidade de fazer isso que se acham em grande medida os dons do evangelista.

Reconhecemos que é aqui que nossa sociedade atual não é tão pagã como a situação que Paulo enfrentava... Porém... a tarefa realmente difícil para a qual a ajuda de Deus é especialmente necessária não é achar alguém que pode vir pregar sermões evangelísticos — um bom número de pessoas pode fazer isto — mas achar aqueles que podem fazer contato eficaz com os descrentes onde quer que eles se achem. Se insistirmos em termos reuniões onde um evangelista dirige a palavra, a tarefa principal ainda será persuadir as pessoas a virem escutá-lo.<sup>1</sup>

## Objetivos

Naturalmente, os objetivos do plantador de igrejas se tornarão mais concretos e específicos à medida em que fica conhecendo sua comunidade-alvo. Falando geralmente, no entanto, seus objetivos devem ser os seguintes:

- (1) Obter a compreensão e a boa vontade dos cidadãos locais (especialmente seus líderes), à medida do possível.
- (2) Alcançar os cristãos sem igreja e convidá-los para a comunhão da igreja.
- (3) Alcançar “um povo preparado” (aqueles que porventura sejam favoravelmente dispostos ao evangelho).
- (4) Obter um círculo de ouvintes tão grande quanto possível para o evangelho.

O obreiro cristão entra numa nova comunidade armado com as informações obtidas pelos levantamentos preliminares. Sabe se pode esperar que as pessoas serão receptivas ou hostis. Conhece a composição geral da comunidade segundo as classes e a étnica. Com base em tais informações e na sua estratégia global, pode fazer planos preliminares e estabelecer objetivos com relação ao contato com a comunidade. Claramente, não pode tomar por certo que as pessoas têm o dever de ouvi-lo, nem que não fará diferença a quem aborda ou como aborda. Deve conquistar a atenção e deve determinar, em espírito de oração, uma estratégia de contato.

Talvez as decisões mais difíceis que o missionário-evangelista enfrenta quanto a isto são aquelas que dizem respeito à estrutura social.

## Uma Consideração Preliminar — a Estrutura Social e a Resposta ao Evangelho

### Princípios e Precedentes Bíblicos

Há dois fatos sociológicos absolutamente básicos que passam para o primeiro plano quando lemos o registro bíblico da era apostólica.

Em primeiro lugar, distinções sociais que surgem de diferenças raciais, culturais, econômicas, e outras, faziam parte vital da experiência dos cristãos primitivos. De início, Jesus mandou Seus discípulos irem somente para as ovelhas perdidas da casa de Israel (Mt 10.6). Mais tarde, ordenou-os fazerem discípulos de todas as nações (Mt 28.19, 20). O primeiro mal-entendimento na igreja primitiva foi ocasionado quando os judeus helenistas queixaram-se de que havia discriminação entre as viúvas da raça deles (At 6.1). Pedro teve de vencer seu preconceito judaico a fim de ajudar a Cornélio (At 10.28). Foi a notícia da conversão de um grande número de gentios em Antioquia que levou a igreja em Jerusalém a enviar Barnabé para avaliar o que estava acontecendo ali (At 11.20-22). A presença de judeus e gentios, senhores e escravos (1 Pe 2.18), e ricos e pobres, claramente faz parte dos registros da igreja primitiva.

Em segundo lugar, é igualmente certo que as distinções sociais deviam ser transcendidas na pregação do evangelho e na comunhão dos santos. Da parte de Deus, Ele “não mostra parcialidade” (At 10.34, NASB) mas é “rico para com todos os que o invocam” (Rm 10.12). Em Cristo não há homem nem mulher, judeu nem gentio, escravo nem liberto (Gl 3.28). Fica claro, portanto, que “Todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo” (Rm 10.13). Sendo assim, na comunhão da igreja primitiva, os senhores deviam reconhecer que seus servos também eram irmãos (Fm 16); além disto, os ricos não deviam receber tratamento preferencial (Tg 2.1-4), mas deviam ser generosos (1 Tm 6.17, 18).

O Novo Testamento, portanto, reconhece que certas tensões, causadas pelas diferenças sociais, existirão enquanto a Igreja estiver no mundo. As distinções sociais que fazem parte tão integrante do convívio humano não são apagadas. Mas não devem, tampouco, determinar quem ouvirá as Boas Novas de Cristo e como os crentes serão recebidos na comunhão das igrejas.

As orientações sociais decorrentes das raças, das riquezas, e doutras características eram um fator na estratégia de Paulo e na maneira de seus ouvintes responderem ao evangelho que ele pregava. A comunidade da sinagoga era usualmente a primeira a ser contatada, e embora alguns judeus daquela comunidade cressem em Cristo, a maioria dos convertidos provinha dos prosélitos gentios e tementes a Deus. Paulo pregava e até disputava publicamente, mas não tinha a prática de pregar nas esquinas das ruas ou noutros logradouros públicos à “multidão desocupada e curiosa” nem para os “vadios, os carregadores, os ignorantes e degradados, o trabalhador casual na rua.”<sup>2</sup> Conforme diz William Ramsay: “As classes nas quais a educação e o trabalho vão de mãos dadas eram as primeiras a ficar sob a influência da nova religião.”<sup>3</sup>

Roland Allen diz: "A maioria dos convertidos de S. Paulo vinha das classes inferiores comerciantes e trabalhadores, lavradores, libertos e escravos..."<sup>4</sup> Allen enfatiza que dentro destes grupos havia pessoas que tinham qualidades pessoais e contatos comunitários que davam força e potencial às igrejas novas. Citando Allen mais uma vez: "Ele [Paulo] ensinava de tal maneira que nenhuma igreja fundada por ele ficava sem um núcleo forte de pessoas respeitáveis, de mentalidade religiosa. Estas naturalmente assumiam a liderança e preservavam a igreja da rápida decadência."<sup>5</sup>

### Pesquisas Relevantes

Pense na estrutura social como uma referência "àqueles relacionamentos que parecem ser de importância crítica para o comportamento dos membros da sociedade."<sup>6</sup> Inclui os agrupamentos e os segmentos na sociedade que tendem a persistir: a classe, a casta, os clãs, as faixas etárias, as sociedades secretas, e os grupos de parentesco.<sup>7</sup> Quando Donald McGavran se refere a "unidades homogêneas" na sociedade, sua referência primária diz respeito a estes agrupamentos.<sup>8</sup> (Naturalmente, há mais coisas envolvidas. Os vínculos da linguagem, os modos de pensar, os sistemas dos valores, e as preferências culturais também tendem a vincular os grupos). Conforme nota McGavran, as pessoas gostam de se tornar cristãos sem precisarem atravessar as fronteiras principais que distinguem estes grupos uns dos outros.<sup>9</sup>

Há muitos anos, P. E. Kraemer demonstrou que as denominações norte-americanas consistem basicamente em "igrejas de classes."<sup>10</sup> Fez a seguinte hierarquia das denominações de acordo com as classes que representam (as identificações denominacionais refletem a situação na ocasião do estudo):

Classe superior: Episcopal e Unitariana

Classe média superior: Presbiteriana, Congregacional, e Reformada

Classe média: Metodista, Luterana, Batista, Discípulos, Irmãos Unidos Evangélicos, Reformada Evangélica, e Reformada Cristã

Classe baixa: "Seitas"

Essencialmente o mesmo fenômeno pode ser achado a respeito doutros segmentos e agrupamentos dentro dos Estados Unidos (e.g., igrejas étnicas) e em derredor do mundo. Num certo domingo durante uma visita na Índia há vários anos, um dos autores visitou três igrejas em Bombaim. Não somente as três igrejas eram de denominações diferentes, como também cada uma era composta de membros de castas diferentes (pense na casta como sendo uma "classe congelada"), e a abordagem à adoração em cada igreja era apropriada à orientação denominacional bem como à orientação da casta dos membros. Não se pode escapar do fato de que, embora haja numerosos exemplos de igrejas multi-classes, multi-étnicas, e multi-idiomas, a maioria das igrejas tendem a ser igrejas das classes, das castas, étnicas, ou tribais além de serem igrejas cristãs!

## Reflexão Prática

À medida em que são verdadeiramente cristãs, a maioria das igrejas de hoje deve sentir as mesmas tensões que estavam evidentes na igreja apostólica. Mas à medida em que são cristãs, também passarão por cima dessas tensões. Isto não significa que na implantação de uma igreja não possa ser feita uma abordagem a uma só unidade homogênea da sociedade. Nem quer dizer que as igrejas não possam padronizar sua vida e adoração coletiva (que chamaremos de "postura programática") para encaixar-se nas preferências de um segmento responsivo da sociedade dentro da área-alvo. Realmente, a estratégia sadia talvez dite que a abordagem inicial seja feita a membros de um só grupo, e que a postura programática seja tal que eles se sintam bem nas reuniões.

Do outro lado, a estratégia sociológica sadia não deve ter licença para substituir a realidade espiritual. Não deve haver discriminação contra ninguém por causa da cor, da classe, da casta, ou da tribo. E, uma vez estabelecidas, as igrejas fiéis à Bíblia devem achar maneiras de demonstrar sua união essencial em Cristo.

Tendo isto em mente, os seguintes fatores devem receber consideração preliminar antes de realmente se estabelecer contatos na área-alvo;

(1) Um recém-chegado numa sociedade pode achar mais fácil relacionar-se com pessoas de classes diferentes (i.é, pessoas de classes mais altas ou baixas do que à classe à qual pertencia na sua cultura natal) do que a pessoa que é nativa daquela sociedade. Nas sociedades de classes fechadas, especialmente, este potencial pelo aumento do contato entre as classes da parte do recém-chegado (em comparação com a oportunidade do nativo) não deve ser considerado.

(2) Um dos resultados dos contatos iniciais não-diferenciados na evangelização para extensão da igreja, em muitas áreas, tem sido que as novas igrejas ficaram identificadas com marginais e párias que se ligam ao missionário-evangelista para fins de auto-engrandecimento. Outro resultado tem sido que as igrejas se identificam com pessoas que são mais dignas mas que — por causa de doenças, impedimentos, idade, posição social, e outras coisas semelhantes — não recomendam o evangelho aos seus concidadãos. Não se engane. Cada indivíduo é igualmente precioso aos olhos de Deus: Este fato não está em dúvida aqui. O que precisa ser pensado (o que raramente acontece) são as implicações da "não-estratégia" bastante generalizada de fazer contatos iniciais com aqueles que são mais facilmente abordados.

(3) Pode ser de grande valor se um núcleo de cidadãos sólidos pode ser ganho para Cristo e para a Igreja. Não somente sua conversão oferece estabilidade para a obra, como bem possivelmente aumentará a possibilidade de outras pessoas virem para Cristo. Se os primeiros convertidos forem provenientes da classe mais baixa, a conversão das pessoas da classe média e superior ficará sendo mais difícil. Se as pessoas da classe média e superior forem ganhas para Cristo, a conversão de pessoas da classe inferior pode ficar mais fácil. O missionário John Kemp ganhou para Cristo um chefe de Fiji chamado Elias Veronti. Milhares de pessoas o seguiram para a fé. Falando de modo geral, no

entanto, a estratégia de uma demora prolongada em abordar as pessoas potencialmente responsivas que estão mais baixo na escala social, enquanto a obra continua entre as pessoas pouco responsivas da classe superior, é estratégia duvidosa.

(4) Assim como acontece com muitos grupos pentecostais e alguns batistas, talvez mais consideração deva ser dada a alcançar as classes média-inferior e inferior-superior onde "a educação e o trabalho freqüentemente vão de mãos dadas." O precedente bíblico e o sucesso destes grupos indicam que muitas denominações e missões talvez estejam perdendo uma oportunidade para um grande crescimento entre um povo responsivo que obviamente forma bom madeiramento para a edificação das igrejas. Isto talvez exija uma postura programática que seria difícil para grupos mais sérios, formais, e intelectualmente orientados evoluírem, porém.

## Contatos de Cortesia Pré-evangélicos

### Princípios e Precedentes Bíblicos

Em nosso zelo evangélico às vezes tendemos a esquecer-nos de dois princípios bíblicos muito básicos. O primeiro tem a ver com a integridade da humanidade, sendo que todos foram feitos à imagem de Deus. Esta integridade é refletida em mandamentos tais como: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Lc 10.27); "Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles" (Mt 7.12); "Façamos o bem a todos" (Gl 6.10). O segundo é refletido em declarações tais como: "As autoridades que existem foram por ele [Deus] instituídas" (Rm 13.1), e em mandamentos tais como: "Dai, pois, a César o que é de César" (Mt 22.21), e "Pagai a todos o que lhes é devido" (Rm 13.7). Estes princípios certamente são relevantes para os contatos pré-evangélicos numa área-alvo. Certamente não se pode justificar a declaração de que o Senhor Jesus e Paulo tinham a prática de irem direto ao lar ou ao escritório do oficial mais categorizado do governo que ali se achava ao entrarem numa nova província ou cidade. Realmente, o fator mais importante na sua identificação com os cidadãos locais usualmente parece ter sido uma resposta positiva à sua mensagem. Deve ser dito mais do que isto, porém.

A missão de Paulo, é claro, era para os gentios (At 9.15; 26.16-18). Foi comissionado para esta tarefa (At 13.2) e era reconhecido pelos apóstolos na sua missão aos gentios (Gl 2.7-9). Ao mesmo tempo, tinha grande solicitude por seus compatriotas judeus (Rm 10.1). À luz desta comissão e desta solicitude, a prática de Paulo de visitar as sinagogas (e os lares de certos cidadãos) pode ser vista como contatos de cortesia da mais alta ordem.

## Pesquisas Relevantes

As pesquisas nas áreas da antropologia, da sociologia, e das comunicações ressaltam a importância dos papéis dos líderes, patrocinadores e mediadores formais na sociedade.<sup>11</sup> Conforme as disposições específicas sociais aplicáveis, o recém-chegado pode achar quase totalmente impossível obter aceitação à parte de uma abordagem apropriada a tais pessoas. Até mesmo nas sociedades ocidentais que enfatizam o igualitarismo, um contato inicial com aqueles que desempenham ditos papéis usualmente realçará a causa missionária.

## Reflexões Práticas

Ainda que pudesse ser argumentado de modo bem-sucedido que os missionários-evangelistas não têm obrigação sagrada alguma de conformar-se com as regras e o protocolo locais ao entrarem numa nova comunidade, nada poderá ser ganho por meio de desrespeitá-los sem mais nem menos. Até mesmo nos Estados Unidos, uma visita de cortesia a certos líderes cristãos locais, aos oficiais governamentais e escolares, e representantes dos veículos de comunicação em massa, podem ocasionar a boa-vontade e abrir portas para a nova obra. Noutras sociedades, tais contatos podem ser ainda mais importantes e frutíferos do que na nossa própria.

*Ilustração ME-3:* O missionário James Luckman da Etiópia tem tido sucesso destacado em abrir novas portas ao evangelho naquele país. Porque fez um hábito, desde seus primeiros dias naquele país, de visitar os mais altos oficiais para explicar suas intenções e obter sua boa vontade logo ao entrar em qualquer território local.

*Ilustração ME-3:* John Ritchie estabeleceu cerca de duzentas igrejas entre os índios do Peru. Era sua crença de que um esforço evangelístico inesperado, sem patrocinadores, simplesmente não se encaixava na cultura dos índios. Nunca foi para uma aldeia sem ser convidado por um patrocinador (qualquer membro de destaque da comunidade). Frequentemente, ficaria alojado com aquele patrocinador enquanto levava a efeito seu esforço evangelístico.

*Ilustração ME-3:* Alguns missionários enquanto estavam de licença na Escola de Divindades Evangélicas "Trinity" trabalhavam num plano mestre para entrar em novas aldeias tribais no Quênia. Concluíram que embora os anciãos das aldeias (assentados como grupo) fossem cordiais ao esforço, tinham sido descuidadosamente deixados de lado na maioria dos casos da evangelização pioneira. Os missionários passaram, então, a incluir um contato de cortesia com os anciãos da aldeia no seu plano-mestre.

*Ilustração ME-3:* Uma missionária para o Japão descobriu que um dos seus contatos mais frutíferos em qualquer área nova era com os diretores das escolas locais. Visitava-os com uma oferta de livros cristãos apropriados para as bibliotecas das escolas.

Um dos grandes fracassos da evangelização cristã na pátria e no estrangeiro tem sido na área dos contatos pré-evangelísticos. Frequentemente tem sido o

caso que quanto maior a preocupação com os perdidos, e quanto maior a visão para uma obra permanente por Cristo, tanto menos atenção é dada às amenidades sociais e à edificação de pontes de amizade e confiança. Esta falta tem se destacado mais na evangelização dos judeus. Mas é aparente em quase todos os países e culturas, quer nos Estados Unidos, quer no estrangeiro. Devemos lembrar-nos de que há um senso muito real em que os que não estão contra nós são por nós. Até mesmo descrentes, freqüentemente por amizade, abrirão portas estratégicas para aqueles que se dedicam a uma obra tão nobre quanto a edificação do reino de Deus.

O obreiro cristão, portanto, deve fazer uma lista simples de contatos de cortesia a serem feitos ao entrar na área do seu novo ministério. Não deve tomar sobre si demais a esta altura. Até mesmo dentro da cultura norte-americana haverá diferenças relevantes entre as subculturas de, por exemplo, uma cidade na orla marítima do leste, uma cidadezinha do oeste central, e uma comunidade montanhesa em Kentucky.

### **Contatos Pré-evangelísticos Comunitários**

Por falta de um termo melhor, chamaremos os contatos pré-evangelísticos mais amplos de "contatos comunitários." Ficar conhecendo as pessoas na comunidade e permitir que nos conheçam é uma parte do processo. A participação na vida comunitária é ainda outro aspecto desse processo.

### **Princípios e Precedentes Bíblicos**

Diferentemente dos missionários dos nossos dias, Paulo não tinha de tratar do problema do isolamento da comunidade. Quando chegava numa cidade, morava ali. Isto envolvia não somente residir na cidade, como também trabalhar na comunidade e ficar hospedado nas casas das pessoas. Lídia convidou Paulo a hospedar-se no lar dela (At 16.14, 15), e está certo que morou com Jasom (At 18.2, 3), e com Áqüila (At 18.2, 3), e também com Tício Justo (At 18.7). Não é de se admirar que pudesse pedir aos tessalonicenses que se lembrassem da sua vida entre eles (1 Ts 2.8, 9). Tinha convivido com eles. Jesus ensinara que o bom pastor conhece as suas ovelhas. Paulo certamente era qualificado como um bom pastor!

Paulo também conhecia a comunidade do ponto de vista dos negócios. Trabalhava na sua profissão e vendia suas tendas. Embora isto fosse feito a fim de ganhar seu sustento, de modo que a jovem igreja não tivesse de sustentá-lo, também colocava Paulo em contato com as pessoas da comunidade comercial. Conhecia aqueles que lhe vendiam matéria-prima, e aqueles que lhe compravam tendas. É possível que estes contatos comunitários resultassem em certas pessoas influentes entrarem na comunhão das igrejas jovens (Lídia, Jasom, Filemom, Priscila, Áqüila e Aristóbulo, mencionando uns poucos).

## Pesquisas Relevantes

Todas as sociedades têm certas expectativas no tocante aos recém-chegados. Nalgumas sociedades (e.g., os Estados Unidos), espera-se dos habitantes locais que visitarão um recém-chegado à sua comunidade. Noutras sociedades (e.g., a França), espera-se que os que passam a residir num local visitarão seus vizinhos. Quando estas expectativas forem satisfeitas, as linhas de comunicação são abertas e é lançado o alicerce para os relacionamentos continuados. Da mesma maneira, quando estas expectativas não forem satisfeitas, as comunicações se desgastam e as possibilidades de bons relacionamentos correm perigo.

O que foi dito supra é talvez mais importante para um obreiro da igreja do que em quase qualquer outro caso. Em nossa própria cultura a razão disto é óbvia. As pessoas têm tantas idéias preconcebidas (muitas delas negativas) acerca das igrejas e dos seus respectivos obreiros, que a nova obra com seu obreiro ficam condenados de antemão a não ser que este faça alguma coisa para dissipar tais idéias.

Em muitas culturas, um estudo de organizações e papéis sociais revelará como o missionário e a igreja que planeja iniciar serão compreendidos. Por exemplo, antes da vinda do missionário, a sociedade Tila Chol do México não tinha organização religiosa alguma comparável a uma igreja, e ninguém tinha um papel religioso comparável ao de um missionário-evangelista. Naturalmente, algum contato pré-evangelístico relevante era necessário naquela situação para garantir que o missionário não fosse considerado outro médico feiticeiro (com péssima medicina!).

## Reflexões Práticas

Parece que o missionário médio, plantador de igrejas — nacional e estrangeiro — toma por certas coisas demais ao entrar numa nova comunidade por Cristo. Se nos colocarmos no lugar do residente local cuja comunidade é “invasada” por alguém de fora que veio pregar para nós e começar uma nova organização em nossa área, talvez compreenderemos o que está envolvido. Devem ser achadas maneiras de romper os preconceitos, de conseguir um auditório, e de garantir compreensão. Aulas de cozinha, de criação de filhos, e de fotografia, por exemplo, têm sido usadas de modo vantajoso nalgumas áreas. Naturalmente, não há substituto para viver e trabalhar lado a lado com os residentes locais no decurso de um período de tempo.

Nas etapas iniciais de uma obra, uma pesquisa de casa em casa talvez ajude a quebrar o gelo e monitorizar as atitudes da comunidade. Deve ser reconhecido que isto não funcionará em todos os lugares, no entanto. Os obreiros nas áreas metropolitanas tais como Nova York provavelmente objetarão pelo motivo de que os apartamentos são quase totalmente inacessíveis, e de que as perguntas pessoais não são bem-recebidas naquela área. Os missionários e os obreiros nacionais nas Filipinas, do outro lado, descobriram que as pesquisas são razoavelmente bem-recebidas nas cidades. Em muitos casos, portanto,

mas não em todos, os tipos de pesquisas ilustrados abaixo serão extremamente úteis.

*Ilustração ME-1:* Robert H. Schuller, pastor da florescente Igreja Comunitária de Garden Grove em Garden Grove, Califórnia, escreve a respeito de tocar as campainhas às portas de centenas de casas na área da sua igreja. Defende a idéia de reservar duas semanas para fazer chamadas de porta em porta em círculos concêntricos cada vez mais amplos a partir da localização da igreja (ou da possível localização). Sugerindo que escutemos o que as pessoas têm para dizer, promete que receberemos uma educação para toda vida.

Reserve nestas duas semanas *tempo integral* para o seguinte projeto: comece visitando de porta em porta na vizinhança imediata da sua igreja. Você já visitou alguns dos lares antes, mas agora vai visitar com um propósito diferente, um motivo diferente, e uma pergunta diferente.

Você vai perguntar: “Você frequenta nossa igreja regularmente? Já a frequentou? Frequenta qualquer outra igreja?”

Se lhe derem uma resposta negativa, você responderá, dizendo: “Estou muito contente em ouvir isto porque estou ansioso para descobrir como posso melhorar esta igreja e fazer dela uma igreja tão emocionante que pessoas inteligentes e maravilhosas como você desejariam vir. Você é obviamente uma pessoa inteligente, de modo que, sem dúvida, tem boas razões por não frequentar a igreja. Quer me contar quais são elas? E pode me contar o que nossa igreja poderia possivelmente fazer para ajudar em qualquer área da sua vida? Existe qualquer programa que você acharia interessante?”

Geralmente, depois de você ter feito as primeiras perguntas, as respostas aparecerão. Eu fiz assim há muitos anos, e era uma experiência de abrir os olhos! Ouvi críticas dos sermões típicos.” E ouvi críticas a respeito doutras lacunas no programa da igreja. As críticas das pessoas fora da igreja na minha comunidade ficaram sendo uma experiência essencial de aprendizagem!

Se você quiser passar duas semanas visitando de porta em porta num círculo cada vez maior, a começar do local da sua igreja, e escutar com mente aberta, então realmente receberá a melhor educação da sua vida! Escute os indivíduos com os quais conversa — escute-lhes cuidadosamente.

Não seja defensivo! A despeito de tudo quanto já foi ensinado, suponha — para um momento humilde da sua vida — que talvez você tenha se enganado a respeito de muitas coisas! Logo, escute aquilo que as pessoas fora da igreja estão dizendo, e você descobrirá onde as pessoas fora da igreja estão sentindo dor, onde estão com medo, onde estão preocupadas. Tome nota cuidadosamente. Mantenha uma agenda com os pormenores das suas visitas.

Depois de uma quinzena, você saberá que tipo de programa de igreja você terá de elaborar para satisfazer as necessidades destas pessoas na sua comunidade. Você saberá que tipos de mensagens deve pregar a fim de trazê-las para a igreja.<sup>12</sup>

Aquilo que Schuller tem para dizer é igualmente válido para a situação pioneira e para a igreja existente.

*Ilustração M-3:* Nas Filipinas, os pastores e missionários da Igreja Batista Conservadora descobriram que uma simples pesquisa de casa em casa, com convites, pode ser um preparativo significativo para um esforço evangelístico de implantar igrejas. Descobriram que as pesquisas eram geralmente aceitáveis somente nos centros urbanos maiores, no entanto. Lá fora nos bairros, as pessoas tinham fortes suspeitas desta abordagem. A diferença, naturalmente, desenvolve-se das experiências e dos valores dos moradores das cidades em contraste com os dos bairros relativamente isolados.

### Contatos Evangelísticos Seletivos

Entrar numa área sem outro plano senão pregar a Palavra a “quem quiser” é em si mesmo uma seleção. Realmente significa que aqueles que têm mais tempo, ou que são mais acessíveis, ou que podem ser alcançados pelos veículos e modos de comunicação usados, se constituirão em nosso contato seletivo. Esta abordagem pode resultar em conversões iniciais que, com efeito, fecharão as portas da oportunidade por meio de identificar a nova igreja com aqueles que, aos olhos das pessoas não-salvas, são indesejáveis. Não é provável que esta abordagem resulte em alcançar aqueles que têm as melhores condições de compreender a mensagem e receber a Cristo. Se, do outro lado, os contatos evangelísticos iniciais forem selecionados em espírito de oração, os primeiros convertidos poderão ser a ocasião para o evangelho ser ouvido em muito maior escala. As disposições da sociedade devem, portanto, ser levadas em consideração antes de decidir sobre os contatos evangelísticos iniciais.

### Princípios e Precedentes Bíblicos

#### *Alcançando Pessoas Preparadas*

No que diz respeito a contatos evangelísticos seletivos, três princípios bíblicos podem ser enunciados. Já nos aludimos ao primeiro deles. Podemos chamá-lo “o princípio do portão.” O contato evangelístico seletivo deve ser um portão para um auditório mais amplo. Este princípio pode ser visto nas visitas de Paulo à sinagoga. Seu grupo-alvo, os gentios, era representado nas sinagogas pelos tementes a Deus, pelos devotos, e pelos prosélitos. A utilidade do princípio pode ser vista na visita de Paulo a Antioquia na Pisídia. No fim da mensagem de Paulo, o registro declara que os gentios “rogaram-lhes que no sábado seguinte lhes falasse estas mesmas palavras... No sábado seguinte, afluíram quase toda a cidade para ouvir a palavra de Deus” (At 13.42, 44).

O segundo princípio é o “princípio de estar preparado.” Um grupo de pessoas, ou uma única pessoa selecionada para a evangelização, deve demonstrar um grau de preparo para aceitar o evangelho. Este princípio é visto em funcionamento no caso dos efésios. O registro declara que Paulo achou alguns discí-

pulos (At 19.1) que nem mesmo tinham ouvido que o Espírito Santo existia (v. 2), mas que tinham sido batizados no batismo de João (v. 3). Paulo então pregou o Salvador como sendo Aquele para Quem João preparara o caminho. Estes discípulos demonstraram um grau de preparo prévio e assim, ficaram sendo alvos-chaves para o esforço evangelístico.

A chamada para a Macedônia pode ser considerada um exemplo do mesmo princípio. O homem na visão disse: "Ajuda-nos" (At 16.9). Esta é a petição de um homem que ou era um crente que foi incapaz de evangelizar efetivamente a sua área, e, portanto, estava necessitando de ajuda, ou era um descrente que reconhecia sua triste situação e clamou por socorro. Seja qual tenha sido o caso, a chamada por socorro indicou que uma obra preparatória tinha sido realizada.

O terceiro princípio nos contatos evangelísticos seletivos pode ser chamado o "princípio da confirmação." É visto no caso do paraplégico de Listra. É declarado que Paulo fez um escrutínio (*atenisas*) dele e percebeu (*idōn*) que tinha fé para ser curado (At 14.9). Depois, Paulo ordenou o homem a firmar-se sobre os seus pés (At 14.10). Embora o episódio pudesse ser interpretado como um caso de preparo prévio, também pode ser visto como um caso de confirmação (Hb 2.3). A mensagem seria confirmada com certos sinais apostólicos. Tais sinais confirmavam a mensagem pregada.

Embora alguém possa argumentar que não há apóstolos hoje em dia, e, portanto, não se deve esperar os sinais de confirmação, permanece firme o princípio da confirmação. Paulo escreveu mais tarde a outras pessoas que não eram apóstolos, que eram exemplos "para todos os crentes na Macedônia e na Acaia... pois eles mesmos, no tocante a nós, proclamam que repercussão teve o nosso ingresso no vosso meio,, e como, deixando os ídolos, vos convertestes a Deus, para servirdes o Deus vivo e verdadeiro" (1 Ts 1.7, 9). Aqui, não há evidências de milagres físicos mas fica claro que o milagre da vida transformada era evidência que confirmava a validade da mensagem pregada.

Talvez devêssemos ir um passo além. Roland Allen declara que as conversões entre os tementes a Deus não eram em número suficiente para inclinar a balança a favor do cristianismo.<sup>13</sup> Stephen Hsu, no entanto, argumenta que Paulo estava seguindo uma estratégia que levava a um número crescente de *evangelistas*, e não apenas de *convertidos*. As pessoas nas sinagogas — especialmente os judeus gregos e os prosélitos de origem gentia — tinham fácil acesso e contatos com a população gentia que as cercava. Dentro de pouco tempo, uma região inteira, tal como a Ásia (At 19.10) podia, portanto, ouvir a mensagem. Hsu pensa que os muitos proponentes do Crescimento da Igreja deixaram despercebido este aspecto da estratégia paulina. Paulo não estava pensando simplesmente em termos de trazer muitos membros de um movimento homogêneo responsivo para dentro do reino.

Via qualquer oportunidade de ceifar como meio de colher uma colheita ainda maior... O princípio dos contatos evangelísticos seletivos é, portanto, selecionar o grupo que tem o maior potencial de resposta ao Evangelho e o maior potencial de tornar-se um grupo de testemunhas evangelísticas eficazes na área-alvo.<sup>14</sup>

### *Alcançando os Parentes dos Crentes*

Um estudo dos parentescos entre os discípulos de Jesus é instrutivo. Revela o princípio de alcançar os que são parentes dos crentes e o princípio de trabalhar dentro do relacionamento da família ao invés de desfazer a família. André trouxe seu irmão, Simão Pedro, para ouvir Aquele em quem tinha crido. Tiago e João, os filhos de Zebedeu (juntamente com sua mãe) são uma ilustração do fato de que Jesus trabalhava dentro dos relacionamentos da família.

O princípio de trabalhar com a família era tão importante ao apóstolo Pedro que deu instruções às mulheres com maridos não-salvos (1 Pe 3.1-6). Este parece ser o único caso em que a Escritura fala de ganhar uma pessoa não-salva sem o uso da Palavra. Aqui, a vida transformada é o fator que o Espírito Santo usa para ganhar uma pessoa não-salva dentro da família.

Paulo, com toda a probabilidade, tem este princípio em mente quando escreve aos coríntios, conclamando o cônjuge crente a ficar com o cônjuge descrente. A expressão: "Porque o marido incrédulo é santificado no convívio da esposa e a esposa incrédula é santificada no convívio do marido crente" (1 Co 7.14), seja o que mais possa significar, indica que o cônjuge descrente (ou qualquer outro membro da família) está num estado de "consagração" e, portanto, é um candidato para a salvação.

Além disto, a promessa ao carcereiro em Filipos: "Crê no Senhor Jesus, e será salvo, tu e tua casa" (At 16.31), não significa que um crente pode crer em prol doutra pessoa. Ao invés disto, a promessa indica que dentro dos relacionamentos de parentesco há circunstâncias favoráveis para a evangelização.

Donald McGavran argumenta que Paulo abordou muitos indivíduos e grupos que tinham algum relacionamento com os cristãos em Antioquia, e que este era mesmo seu plano. Constituíam-se em pessoas que estavam "sobre a ponte," para usar a frase de McGavran. McGavran acha evidência de um movimento de fé através destas pontes, acendendo um grande "movimento do povo" entre os gregos assim como "movimentos do povo" tinham começado entre os judeus e os samaritanos depois do Pentecoste.

Enquanto Paulo trabalhou com aquela comunidade greco-hebraica de Antioquia durante um ano, deve ter chegado a conhecer centenas de parentes dos cristãos, e a ouvir falar em milhares doutros. Alguns destes parentes, provenientes de Chipre, da Pisídia, de Icônio, de Listra e de Derbe, possivelmente tinham visitado Antioquia durante o ano que Paulo passou ali e freqüentado seus horários de instrução. Segundo o registro, alguns dos cristãos que primeiramente falaram da fé aos gregos em Antioquia eram provenientes de Chipre. Provavelmente pertenciam a famílias que tinham conexões tanto na ilha como na parte continental. Tendo ganho seus parentes em Antioquia, era natural para eles pensarem em ganhar seus parentes não-convertidos, judeus e gregos, em Chipre...

Como, pois, Paulo escolhia os campos de labuta? Para sermos exatos, devemos dizer que *não escolhia campos. Ele seguia grupos de pessoas que tinham parentes vivos no Movimento do Povo para Cristo.*<sup>15</sup>

## Pesquisas Relevantes

### *Fatores Psicológicos Relacionados com a Prontidão para o Evangelho*

Além dos conceitos sociológicos notados anteriormente neste capítulo, outros fatores são importantes para a preparação de um povo para o evangelho.

(1) O conceito de “cosmovisão”, conforme é desenvolvido pelos antropólogos, é muitíssimo relevante aqui. Expressando o conceito de modo muito singelo, uma cosmovisão é simplesmente a maneira de uma pessoa “ver” o mundo. Conforme diz Norman Geisler, as pessoas não vêem as coisas como são, mas como elas parecem ser, através de óculos tingidos por sua cosmovisão.<sup>16</sup> O naturalista ou o materialista, por exemplo, não vê evidência alguma do poder ou da presença de Deus no mundo. Sempre procurará explicações psicológicas ou científicas para os fenômenos observados. O animista, do outro lado, vê deuses e espíritos em todos os lugares. Segundo o conceito dele, até mesmo os fenômenos naturais devem ter explicações espirituais. As pessoas que compartilham da cosmovisão monoteísta do cristianismo podem ser mais fáceis de se ganhar para Cristo (e.g., cristãos nominais), ou mais difíceis (judeus e muçulmanos). Mas uma vez ganhas, freqüentemente formam um bom alicerce para a Igreja, por causa de largas áreas de idéias em comum.

(2) Outro fator importante é o “senso de oportunidade.” Por exemplo, se pessoas tribais puderem ser atingidas antes de adotarem alguma outra religião ou ideologia desenvolvida, provavelmente serão muito mais receptivas às reivindicações de Cristo. Além disto, as pessoas que têm sido desarraigadas das suas antigas comunidades, que romperam antigos vínculos, e que se estabeleceram numa nova área, freqüentemente se constituem num grupo que é mais receptivo às novas idéias e associações. As barreiras sociológicas à conversão já não são tão altas. Novas amizades são procuradas. Os padrões antigos tendem a entrar em colapso; padrões novos estão em vias de serem estabelecidos. Em semelhante situação, Cristo e Sua Igreja podem muito facilmente receber consideração favorável.

(3) Um terceiro fator estreitamente relacionado com a receptividade é o do “encaixe.” Quando uma inovação se encaixa mais ou menos nos valores culturais e nas formas sociais de uma comunidade-alvo, a possibilidade de que membros da comunidade adotarão a inovação é aumentada. George Foster nota que na Europa de após a Reforma, o desejo de ler a Bíblia levou ao primeiro movimento mundial da alfabetização em massa. Prediz que no futuro, assim como ocorreu na Mesopotâmia antiga, as necessidades econômicas serão mais importantes do que a leitura da Bíblia como um incentivo à alfabetização.<sup>17</sup> Talvez seja assim. Mas as situações variarão. Seja qual for o motivo para aprender a ler, em numerosas situações a alfabetização abriu a porta para os missionários-evangelistas. A capacidade de ler, ligada com a falta de matéria para leitura e a ênfase protestante na mensagem do Livro, preparou o caminho para um “encaixe” que tem sido muito relevante.

*Distinguindo entre os Sistemas de Afinidade por Parentesco e Afinidade por Linhagem*

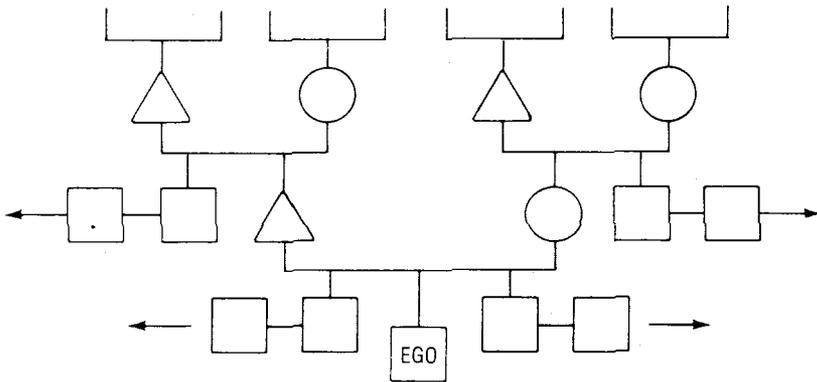
A família (nuclear ou estendida) é o grupo social básico nas sociedades humanas. Mas conforme notou Francis L. K. Hsu: "Embora a família como o primeiro agrupamento humano seja universalmente importante, sua importância para o indivíduo varia enormemente de sociedade em sociedade."<sup>18</sup> Na China antiga a família é mais importante, na Índia é um pouco menos importante, e nos Estados Unidos a família é de ainda menos importância. A diferença entre várias sociedades torna-se pronunciada quando examinarmos os padrões segundo os quais os parentes consangüíneos ou afins reagem entre si. Peter Hammond e outros fazem uma distinção relevante neste ponto entre afinidade e linhagem.<sup>19</sup>

O termo *parentesco* às vezes é aplicado àquele grupo de pessoas com o qual um indivíduo (ego) pode estabelecer um elo genealógico através dos seus pais e com o qual está reciprocamente ligado por certas convenções e obrigações. Note-se que o parentesco está "focalizado no ego" e que a composição do grupo de parentes, que é importante para o ego e com o qual os relacionamentos são vivos e vitais, variarão de acordo com sua idade, sua situação, e seus interesses (veja a Figura 20).

O termo *linhagem* é aplicado a um grupo composto de todos os parentes consangüíneos com que o indivíduo tem parentesco através de um ou outro dos seus pais, e com que está ligado num sistema de convenções e obrigações. A linhagem está "focalizada nos ancestrais." Todos os descendentes de um ancestral tornam-se membros de linhagem ao nascer, e crescem num conjunto de relacionamentos com (e responsabilidades para com) outros membros que é predeterminado e constante. A composição do grupo não se altera de acordo com as necessidades e os desejos do ego, mas somente à medida em que novos membros nascem nele e membros velhos morrem. Mesmo no caso de morte, é provável que o ancestral falecido continue a ocupar um lugar importante no agrupamento da linhagem e que permanecerá ligado aos vivos num sentido muito real (veja a Figura 21).

O sistema social dos Estados Unidos é basicamente do tipo de parentesco. Os parentes do pai e da mãe estão incluídos entre nossos próprios parentes. É muito raro, no entanto, darmos atenção àqueles que são mais distantes do que primos do segundo grau. Visto que o sistema está focalizado no ego, cada indivíduo terá seu próprio conceito dos seus parentes (conceito este que pode compartilhar plenamente somente com seus irmãos e irmãs germanos). Além disto, este conceito mudará para o próprio ego de acordo com sua idade e situação. Quando é criança, tem relacionamento com sua família nuclear e com os outros parentes que são importantes para seus pais (sendo que a proximidade é um fator-chave). Enquanto avança em idade, pode interessar-se em estabelecer um relacionamento com vários outros parentes, especialmente nas ocasiões de nascimentos, batizados, formaturas, casamentos, enterros, e assim por diante. Quando o ego envelhece, a composição do agrupamento de parentes poderá alterar-se dramaticamente devido à morte doutros da sua própria geração,

**FIGURA 20**  
**O SISTEMA DE AFINIDADE POR PARENTESCO**



A Afinidade por Parentesco baseia-se num relacionamento com outros "egos", através do pai ou da mãe (os quadrados indicam pessoas de um ou outro sexo) (adaptado de Peter B. Hammond: *An Introduction to Cultural and Social Anthropology* [Nova York: The Macmillan Company, 1971], pág. 170). Copyright (c) 1978 de Peter B. Hammond. Usado com permissão.

à multiplicação dos descendentes, e, em muitos casos, à desconsideração um pouco generalizada para com os muito idosos em nossa sociedade.

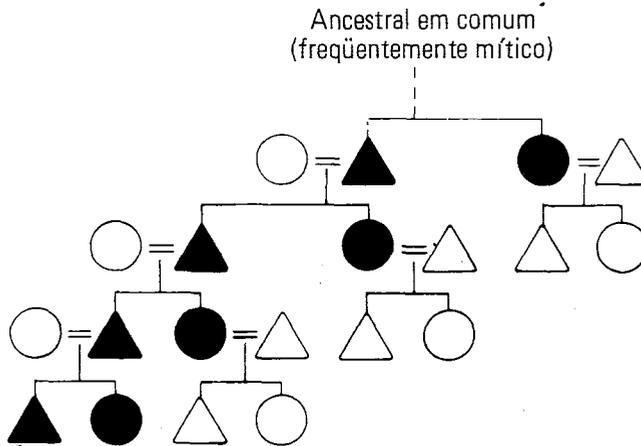
Os agrupamentos de linhagem da China e do Japão e literalmente de vintenas de sociedades tribais estão no outro extremo do espectro. Naquelas sociedades, a linhagem consangüínea (ou do pai, ou da mãe, mas não dos dois) muito provavelmente determina a totalidade do padrão de vida do indivíduo — a educação, a vocação, o cuidado dos membros mais velhos e mais jovens da linhagem, as obrigações religiosas, e muito mais. O ego tem comparativamente pouco para dizer. Os membros da linhagem são ligados juntos não simplesmente visando a conveniência e a convivência, mas a fim de sustentar a vida, garantir o bem de todos os parentes, e perpetuar a linhagem ancestral.

Por causa da ênfase exagerada dada ao ego (o indivíduo) em boa parte da sociedade ocidental — e especialmente da norte-americana — as famílias e os parentes com contatos reais e em potencial na evangelização têm sido olvidados em grande medida. É verdade que em sociedades de parentesco tais como os Estados Unidos, o potencial de alcançar os parentes dos cristãos não é tão grande como noutros lugares. (Na realidade, o individualismo já produziu numerosas pessoas que estão [ou se sentem] abandonadas até mesmo pela sua própria família e parentes). Isto é especialmente o caso entre cidadãos mais idosos. Estes contatos em potencial não devem ser desconsiderados.

Nas sociedades em que prevalecem os padrões de linhagem (conforme acontece em boa parte do mundo não-ocidental), o missionário-evangelista deve ver os candidatos em potencial numa luz inteiramente diferente. Os contatos apresentarão um conjunto inteiramente diferente de problemas e potenciais diante da Igreja. Os mais importantes entre estes podem ser definidos com

FIGURA 21

## O SISTEMA DE AFINIDADE POR LINHAGEM



Os parentes pensam em si mesmos como descendentes de um ancestral comum mediante a linhagem masculina (adaptado de Peter B. Hammond: *An Introduction to Cultural and Social Anthropology* [Nova York: The Macmillan Company, 1971]. Copyright (c) 1978 de Peter B. Hammond. Usado com permissão.

razoável facilidade uma vez que a pessoa está na sociedade. Negligenciá-los será uma grande perda à obra de Cristo.

### Reflexões Práticas

Freqüentemente temos olvidado o fato de que Deus quase sempre já preparou pessoas em nossas áreas-alvos, e que *vai* preparar pessoas à medida em que orarmos. Como consequência, negligenciamos muitas pessoas que Jesus e Seus apóstolos, e Paulo e sua equipe, nunca teriam deixado de lado.

#### *"Povo da Igreja" fora da Igreja*

As pessoas que tiveram uma **associação com igrejas** noutras áreas podem, vez ou outra, ser achadas fora da igreja. **Tais pessoas** podem ou não ser cristãos genuínos, mas se já pertenceram a uma **igreja no passado**, podemos esperar que compreenderão a apreciação a **cosmovisão e a fé cristãs**.

*Ilustração ME-1:* Certa denominação norte-americana inaugurou um programa recomendável de extensão eclesial na Flórida. Uma das chaves do sucesso do programa é que o contato inicial tem sido feito em cada área-alvo com um número significativo de migrantes que deixaram as igrejas denominacionais no Norte do país e ainda não foram encaixadas em igrejas nas suas novas comunidades.

### *Recém-chegados e Outros Segmentos Responsáveis da Sociedade*

Destacamos os recém-chegados a uma área-alvo como potencialmente receptivos. Naturalmente, pode haver outros segmentos responsáveis em qualquer determinada área. Todas as pessoas deste tipo devem receber atenção especial.

*Ilustração ME-3:* Há cerca de 150.000 pessoas provenientes das Antilhas na França hoje — muitas delas na área de Paris. Vieram principalmente da Martinica e de Guadalupe. São cidadãos franceses, mas sua semelhança com seus vizinhos franceses natos termina aí. Entre as diferenças há o fato de que, em muitas áreas, se constituem num subgrupo que é muito mais responsivo ao evangelho do que os franceses. Sua receptividade é ocasionada por vários fatores. Nenhum plano viável para a evangelização para a implantação de igrejas naquela área seria possível sem levar essas pessoas em consideração.

### *Classes com Características Correspondentes*

As características e os interesses de algumas classes na área-alvo corresponderão melhor com a postura programática da igreja projetada do que as outras classes. Enfrentemos os fatos. As igrejas são, em grande medida, "igrejas de classes" porque atraem os membros de certas classes. Nas "sociedades de classes fechadas," tais como a Índia, as igrejas raramente cortam decisivamente através das linhas das classes (castas). Até mesmo nas "sociedades de classes abertas," tais como os Estados Unidos, as igrejas usualmente apelam primariamente a certos segmentos de classes. Tendo isto em mente, talvez seja sábio equiparar o auditório-alvo primário com a postura programática. Esta abordagem não tem a intenção de excluir contatos mais amplos. Simplesmente reconhece as realidades sociais, especialmente nas etapas iniciais. É verdade que temos pensado nas diferenças entre as igrejas e as denominações como sendo históricas e teológicas. Mas há poucas dúvidas de que as diferenças também são psicológicas e sociológicas.

*Ilustração ME-1-2-3:* Um exemplo destacado de uma postura programática que se encaixa nos valores e nos padrões da área-alvo é o das igrejas pentecostais na América Latina. De modo geral, os pentecostais têm tido sucesso incomum em alcançar pessoas da classe média inferior e da classe inferior-superior em várias áreas em derredor do mundo. Donald Palmer, no seu estudo sobre o sucesso da Igreja Pentecostal Unida na Colômbia, ressalta o fato de que seu programa e sua abordagem têm atração especial à mentalidade de certos segmentos daquela sociedade.<sup>20</sup>

### *A Afinidade como uma Ponte*

Missionários de sociedades de parentesco, altamente individualistas e focalizadas no ego quase nem sequer começaram a aproveitar as oportunidades que têm para alcançarem as famílias imediatas e outros parentes daqueles que

já se decidiram por Cristo. Cada vez mais, os plantadores de igrejas — no Oriente e no Ocidente — devem pensar nos cristãos como elos e pontes para os não-salvos. É bem possível que os parentes dos crentes se constituam no maior grupo específico de pessoas preparadas no mundo hoje.

*Ilustração ME-3:* Depois de três períodos de plantar igrejas no Japão, certo missionário inverteu a estratégia. Ao invés de fazer os contatos evangelísticos iniciais com as crianças, os jovens, e umas mães interessadas, e parando aí; a estratégia inteira foi dirigida para usar estes indivíduos para fazer contatos com famílias inteiras, inclusive os pais cujos horários de trabalho e falsos conceitos do cristianismo os tinham mantido à parte da igreja. O resultado? Famílias inteiras foram ganhas e uma nova igreja foi estabelecida em metade do tempo que fora necessário para estabelecer outras igrejas.

## A Pregação e o Ensino em Grande Escala

### Princípios e Precedentes Bíblicos

A Bíblia declara claramente que Deus deseja que todos cheguem ao arrependimento (2 Pe 3.9). Os princípios da seletividade que discutimos anteriormente não negam, de modo algum, este desejo divino. Representam uma tentativa de realizar a tarefa da maneira mais eficiente. Mas fica claro que se a Igreja vai cooperar com o desejo de Deus, que é a salvação de todos os homens, terá de seguir a ordem bíblica e usar os métodos bíblicos. Terá de se mexer com abundância se quiser colher com abundância (2 Co 9.6).

Como Paulo se dedicava à evangelização em grande escala? Em primeiro lugar, fazia uso sábio dos seus cooperadores. Era rara a ocasião em que Paulo era achado trabalhando sozinho. Trabalhava em equipes. Timóteo, Lucas e Tito freqüentemente eram enviados em missões de vários tipos. Embora os cooperadores freqüentemente levassem instruções da parte do apóstolo, não eram simples mensageiros dele. Tito tinha de resolver os problemas na igreja em Creta (Tt 1.5). Timóteo foi enviado para estabelecer e confortar os santos de Tessalônica (1 Ts 3.2), e na sua volta, devia dar um relatório do seu trabalho (1 Ts 3.6). Tudo isto deixava Paulo livre para a obra dele e, ao mesmo tempo, recrutava outras pessoas para a tarefa da evangelização.

Em segundo lugar, Paulo encorajava e usava na tarefa da evangelização as igrejas que iniciara. Freqüentemente se pergunta como a congregação colossense foi formada. É razoavelmente certo que Paulo não visitou a área; não foi, portanto, o missionário fundador. Donald Guthrie sugere que Epafras, um convertido de Paulo, foi o instrumento humano envolvido no fundamento da igreja colossense. É interessante que Paulo tinha uma escola de treinamento bíblico em Éfeso (At 19.9), e que escreveu aos efésios que homens com dons são dados à igreja para a edificação e o aumento do corpo (Ef 4.7-16). Paulo ressaltava que a obra do ministério é a responsabilidade de todos os santos e não a obra de apenas uns poucos. O resultado deste esforço é visto no Livro do Apo-

calipse — as sete igrejas especialmente mencionadas incluem Éfeso e seis outras na área geral. Além disto, Paulo louvou os tessalonicenses porque deles “repercutiu a palavra do Senhor... a tal ponto de não termos necessidade de acrescentar coisa alguma” (1 Ts 1.8).

Em terceiro lugar, Paulo retirava-se de congregações em crescimento. Embora nalguns casos sua retirada fosse forçada pela perseguição, noutros casos não se devia nem à oposição humana, nem à satânica. Foi no meio de um reavivamento que Paulo e Barnabé partiram de Antioquia para ocupar-se na obra da extensão (At 13.1-3), e foi depois de uma vitória tremenda que Paulo deixou a ilha de Chipre para ir até Perge (At 13.6-13).

Qual, pois, era o padrão que Paulo usava a fim de dedicar-se ao ensino e à pregação evangelísticos em grande escala? Pessoalmente, ocupava-se na evangelização, treinava outras pessoas para fazer a mesma obra, e deixava outras para fazer o trabalho para o qual tinham sido treinados.

### Pesquisas Relevantes

Parece trivial mencionar o princípio dos vendedores: quanto mais campanhas o vendedor toca, e quanto mais contatos faz, tanto mais sucesso terá. Os levantamentos dos consumidores freqüentemente determinam o potencial de venda de determinados produtos. Depois de ter sido feito o levantamento dos consumidores, boa parte da técnica de vendas é simplesmente entrar em contato com tantas pessoas quanto possível, sabendo que, em média, um contato em sete (ou dez, ou quinze) representa uma venda. Movimentos religiosos em rápido crescimento, tais como os Mórmons e as Testemunhas de Jeová estão bem conscientes deste princípio.

### Reflexão Prática

O evangelho é para todos. O convite é: “Quem quiser, venha.” Este tem sido um dos princípios orientadores do evangelicalismo na pátria e no estrangeiro. Reuniões em massa, o rádio, a televisão, os folhetos, a propaganda, os cursos de correspondência — todos foram usados para entrar em contato com populações inteiras. Na realidade, o espírito inovador e a ênfase dada às metodologias para alcançar toda e qualquer pessoa (menos o vizinho ao lado!) deram o ímpeto ao livro satírico de Joe Bayly: *The Gospel Blimp*.<sup>21</sup> Embora esse livro nos ensine uma lição importante, devemos orar no sentido de não negligenciarmos o uso de tantos métodos quantos forem honrosos para alcançarmos o maior número possível de pessoas.

As igrejas devem achar meios de penetrar em todas as classes da sociedade. Na América do Norte, o protestantismo tem sido tradicionalmente ligado primariamente com a classe média. Howard Snyder parece justificado, no entanto, ao dar atenção especial ao “evangelho para os pobres” no seu livro: *The Problem of Wineskins*. Provavelmente tenha razão em dizer: “a renovação

*na igreja usualmente tem importado no renascimento da igreja entre os pobres, as massas, e os alienados.*<sup>122</sup> As massas devem ser alcançadas e ganhas se é que as igrejas devem experimentar crescimento incomum.

### A Elaboração de um Plano Mestre

Há certo número de considerações básicas a serem conservadas em mente enquanto prepararmos uma estratégia para entrar numa área-alvo tendo em vista a formação de contatos para Cristo.

Em primeiro lugar, a totalidade do empreendimento da extensão da igreja deve ser banhada em oração à medida em que entramos numa nova área. Não se deve esquecer que, cada vez que entramos numa comunidade sem igreja estamos, num sentido real, andando no terreno de Satanás. Logo, os obreiros cristãos envolvidos, quaisquer crentes na comunidade, os oficiais públicos, o povo em geral — todos devem ficar sendo alvos de orações especiais.

Em segundo lugar, uma análise básica da área-alvo e do seu respectivo povo deve ser levada a efeito. Devemos saber, por exemplo, quais classes são representadas, suas características e suas peculiaridades. Idealmente, as implicações destas descobertas deverão ter sido levadas em conta na seleção da nossa área-alvo. Informações importantes que talvez tenham sido olvidadas previamente serão levadas em consideração na etapa do contato.

Em terceiro lugar, daremos atenção à seleção da nossa equipe evangelística com base no acesso que seus membros terão aos povos-alvo e das suas qualificações essenciais. Não devem ser escolhidos simplesmente com base na sua disponibilidade.

Em quarto lugar, levaremos em conta nossas diferenças culturais ao trabalharmos nosso plano para fazer contatos na comunidade-alvo. Dependendo do contexto cultural, as idéias e as formas que são sugeridas nos parágrafos que se seguem talvez tenham de ser modificados ou até mesmo abandonados e idéias culturalmente apropriadas colocadas no seu lugar.

Em quinto lugar, continuaremos a passar em revista e atualizar as informações que colhemos, reconhecendo que podem ser incompletas ou até mesmo incorretas, e lembrando-nos que a disciplina cuidadosa será requerida para evitar o deslize de volta aos padrões e rotinas antigos e familiares.

Com estas considerações básicas atendidas, podemos prosseguir com um plano mestre para entrar na comunidade-alvo.

### Contatos de Cortesia Pré-evangelísticos

Passe em revista a seção deste capítulo sobre os contatos de cortesia. Tendo-a como pano de fundo, duas perguntas básicas devem ser respondidas ao preparar o plano-mestre: (1) Quais pessoas na comunidade devem ser contatadas a fim de se conformar com as expectativas da sociedade? e (2) Quais contatos adicionais de cortesia podem ser feitos tendo em vista os contatos apropriados numa área-alvo? Certos procedimentos podem ser úteis:

*Compile uma Lista de Contatos de Cortesia*

(1) O que as pessoas na cultura-alvo esperam que os recém-chegados na comunidade façam?

(2) Quais são as pessoas nos vários segmentos sociais da área-alvo cuja compreensão e boa-vontade seria de importância especial?

- a) A comunidade governamental
- b) A comunidade comercial
- c) A comunidade educacional
- d) A comunidade religiosa
- e) Outras

(3) Há algumas pessoas nesta sociedade que teriam benefícios especiais (em dinheiro, prestígio, etc.) por meio da sua associação com os missionários-evangelistas e cuja influência (pelo menos nas etapas iniciais da obra) poderia, portanto, revelar-se detrimental?

(4) Além da compreensão e da boa-vontade, o que nós desejamos da parte das pessoas diferentes que visitaremos (por exemplo, apresentações a outras pessoas, informações sobre a vida e as necessidades da comunidade, a abertura de portas para o ministério)?

*Contatar Pastores de Igrejas Existentes*

Dependendo das circunstâncias, os membros da comunidade religiosa podem merecer consideração especial. Talvez seja sábio escrever uma carta aos pastores (e sacerdotes) das igrejas na área-alvo ou, melhor ainda, visitá-los. Se for assim, a abordagem geral da carta-amostra (Figura 22) é sugerida.

**Contatos Comunitários Pré-Evangelísticos**

Os contatos comunitários podem ser feitos de quatro maneiras primárias: a interação normal e cotidiana com indivíduos na sociedade (contatos de livre associação); afiliar-se a certos grupos locais organizados para promover os interesses comunitários; levantamentos especiais; e usar os veículos de comunicações disponíveis na comunidade.

*Contatos Pessoais de Livre Associação*

(1) Com quais pessoas normalmente estaremos em contato nesta comunidade específica?

(2) Como seu potencial como contatos evangelísticos pode ser melhor usado?

## FIGURA 22

### Carta Sugerida aos Pastores Das Igrejas na Área-Alvo

Prezado Pastor \_\_\_\_\_

Permita que eu me apresente. Sou (nome do missionário) e represento (nome da sua organização eclesiástica). No futuro próximo, eu e outros representantes da nossa igreja estaremos contatando pessoas nesta comunidade tendo em vista o estabelecimento de uma igreja local da nossa denominação. Ao efetuarmos um levantamento da comunidade inteira, é provável que alguns membros da sua congregação serão contatados. Fique certo de que não é nosso objetivo influenciar os membros doutras igrejas a deixarem suas respectivas igrejas. Pelo contrário, desejamos descobrir quais são as necessidades da comunidade e ministrar a essas necessidades.

Se tiver quaisquer perguntas acerca da nossa igreja e do lugar dela na comunidade, sinta-se livre, por favor, para entrar em contato comigo. Nosso alvo é ter mais conhecimentos da sua pessoa e dos membros da comunidade maior, e ser bons representantes do nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo.

Fraternalmente,

#### *Contatos com Grupos*

(1) Quais grupos (organizações cívicas, grupos de interesses especiais, etc.) existentes na área-alvo fornecem oportunidades para a melhoria da comunidade, o crescimento individual, e os contatos evangelísticos futuros?

(2) Quais destes grupos devem ser contatados e/ou aos quais se deve afiliar-se?

(3) Há algumas funções, serviços, ou ministérios importantes que precisam ser levados a efeito na comunidade e que requerem a organização de um grupo novo?

#### *Levantamentos*

Um levantamento da área deve ser cuidadosamente planejado e o pessoal que participa deve ser cuidadosamente selecionado, instruído, e preparado. Um levantamento de dados não deve ser usado como um fingimento a fim de obter acesso a um lar. Deve representar uma tentativa honesta de colher informações, e o levantamento deve ser realizado em conjunção com planos específicos para utilizar essas informações num ministério à comunidade. Qualquer coisa menos do que isto é indigna do Reino (veja a Figura 23).

### *O Uso de Veículos de Comunicações*

A disponibilidade e a eficácia dos veículos de comunicações para fazer contatos variará consideravelmente com a área do mundo e as características da comunidade local envolvida. Sendo este o caso, é sábio estudar as várias possibilidades e seu potencial, e depois escolher aqueles veículos de comunicações que parecem prometer mais numa determinada situação. (Os veículos de comunicação devem ser usados de maneiras que complementem o contato pessoal. Registros cuidadosos devem ser mantidos a fim de possibilitar o seguimento apropriado). (Veja a Figura 24).

### **Contatos Evangelísticos Seletivos**

Desde o próprio início de uma nova obra, mordomos sábios do evangelho *quererão dirigir um testemunho especial a indivíduos e grupos que talvez sejam incomumente receptivos ao evangelho e que serão pontes para outras pessoas na comunidade-alvo. De início, os esforços para identificar e alcançar aquelas pessoas que talvez sirvam de pontes será a responsabilidade do indivíduo ou equipe que está fazendo a obra pioneira. O uso sábio dos dados coletados através dos levantamentos da comunidade e doutros meios, servirá para aumentar e corrigir as informações iniciais.*

Ao identificar pessoas receptivas e potencialmente receptivas, os plantadores eficazes de igrejas solicitarão um afluxo contínuo de informações além do levantamento já sugerido.

(1) Os levantamentos preliminares e comunitários devem ser analisados tendo em vista a identificação de indivíduos receptivos, bem como famílias e segmentos receptivos da comunidade.

(2) Algumas denominações e associações de igrejas fornecem aos missionários e pastores os nomes e endereços dos recém-chegados que, no passado, já estavam associados com igrejas afiliadas noutras áreas. As denominações que não oferecem este serviço realmente têm pouca visão, e os missionários-evangelistas que não se aproveitam de semelhante serviço são mais cegos ainda.

(3) Obviamente, um método primário será perguntar aos crentes residentes se têm parentes ou amigos na área que talvez se interessem. Esta investigação tenderá a ser a esmo a não ser que algum instrumento específico for desenvolvido. A Figura 25 dá um exemplo de um questionário simples a ser preenchido por crentes residentes (e pessoas que se tornam crentes) na comunidade-alvo.

(4) Tão logo as reuniões para o público geral sejam programadas (seja para estudo bíblico, evangelização, adoração, ou o que mais for), os missionários-evangelistas devem certificar-se de que um registro permanente de freqüentadores está sendo mantido. As pessoas que evidenciam interesse suficiente pelo evangelho e pela nova igreja para freqüentar as reuniões devem ter prioridade no programa de seguimento evangelístico. Normalmente, tais pessoas devem ser contatadas nos seus lares dentro de poucos dias após a sua visita (veja a Figura 26).

## FIGURA 23

## ENTREVISTA SUGERIDA PARA LEVANTAMENTO DE UMA ÁREA

\*

*A ser preenchido na presença do respondente:*

Nome do Respondente \_\_\_\_\_

Endereço \_\_\_\_\_ Telefone \_\_\_\_\_

Membros do lar:

Esposo \_\_\_\_\_ Esposa \_\_\_\_\_

Filhos \_\_\_\_\_ Sexo \_\_\_\_\_ Idade \_\_\_\_\_ Escola \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Sexo \_\_\_\_\_ Idade \_\_\_\_\_ Escola \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Sexo \_\_\_\_\_ Idade \_\_\_\_\_ Escola \_\_\_\_\_

Ocupação do esposo e/ou da esposa \_\_\_\_\_

Tempo de domicílio na área \_\_\_\_\_

Afiliação religiosa (se houver) \_\_\_\_\_ Ativa? \_\_\_\_\_

\*\*

Como uma igreja do nosso tipo poderia servir sua família? \_\_\_\_\_

Deseja uma visita do missionário/pastor? \_\_\_\_\_

Precisa de uma Bíblia? \_\_\_\_\_ De literatura cristã em qualquer assunto? \_\_\_\_\_

Podemos enviar-lhe periodicamente informações acerca da nossa igreja? \_\_\_\_\_

Tem amigos ou parentes que talvez tenham interesse especial por uma igreja tal como a nossa? \_\_\_\_\_

\*\*\*

Notas: \* O representante da igreja apresenta-se e explica a razão do levantamento.

\*\* O representante apresenta a igreja e suas crenças, seus objetivos, e seu programa, sendo sensível para com os interesses e as necessidades do respondente.

\*\*\* O representante deixa informações impressas acerca da igreja, inclusive um convite e o nome de alguém que possa ser contatado em caso de perguntas ou necessidades (conforme apropriado).

*A ser preenchido pelo representante depois da entrevista:*

Qual grau de interesse evidenciado pela pessoa na casa? \_\_\_\_\_

Houve qualquer item de interesse ou preocupação especial? \_\_\_\_\_

Quaisquer recomendações? \_\_\_\_\_

**FIGURA 24**  
**Lista de Conferência de Veículos**  
**de Comunicações Disponíveis\***

VEICULO	CUSTO**	AUDIÊNCIA	RESPOSTA
<b>1. Rádio ou Televisão</b>			
a. Anúncio breve			
b. Identificação com programação existente			
c. Novo programa			
d. Nova cobertura			
<b>2. Jornal</b>			
a. Anúncio			
b. Encartes			
c. Cobertura noticiosa			
<b>3. Cartazes públicos</b>			
a. Cartazes da igreja			
b. Cartazes evangélicos			
c. Anúncios em cartazes			
<b>4. Telefone</b>			
a. Anúncio nas Listas Telefônicas			
b. Levantamento por telefone			
c. "Disque uma Mensagem"			
<b>5. Outros</b>			

\* Na etapa do contato é usualmente suficiente anotar o custo por contato em potencial com um indivíduo ou com um lar, a composição da audiência (idade, educação, classe, etc.), e a resposta realmente recebida.

\*\* Custo por 1.000 = taxa de espaço ou tempo x 1.000/audiência alcançada.

### O Contato Evangélico Generalizado

Em última análise, os obreiros cristãos fiéis na evangelização para plantação de igrejas quererão entrar em contato com tantos cidadãos da comunidade-alvo quanto possível com a mensagem de Cristo. O senso de oportunidade e o(s) tipo(s) de semelhantes empreendimentos grandes serão questões para oração e perseverança em cada comunidade. Planos (pelo menos planos tentativos) devem ser feitos na etapa do contato inicial. Por exemplo, o envolvimento de futuros crentes num programa de visitas evangélicas, a utilização de veículos de comunicações em massa no alcance evangélico, a programação de campanhas evangélicas especiais, e assim por diante, devem ser considerados bem cedo no processo do planejamento.

Neste capítulo, dirigimos nossa atenção a outro dos grandes desafios que confrontam as igrejas cristãs. Pedro diz que os cristãos se constituem em "nação santa." Paulo assemelha os obreiros cristãos a soldados. Mas por demais freqüentemente a nação é "santa demais" para contatar o mundo. Acontece muito freqüentemente que os soldados são treinados e fazem paradas regulares,

## FIGURA 25

### Questionário: Contatos em Perspectiva

Apreciaríamos grandemente sua assistência em nosso-esforço evangelístico na implantação de uma igreja em \_\_\_\_\_. Depois de considerar a questão em espírito de oração, faça o favor de preencher as seguintes informações acerca de qualquer pessoa que, segundo você acha, seria uma perspectiva provável para contatos por representantes da nossa igreja.

(Favor preencher um formulário separado para cada interessado.) Obrigado.

Nome \_\_\_\_\_ Endereço \_\_\_\_\_

Relacionamento (com o subscrito): Amigo \_\_\_\_\_ Parente \_\_\_\_\_

Caso for parente, especificar o grau de parentesco \_\_\_\_\_

Outros membros do lar \_\_\_\_\_

Condição espiritual (dentro do seu conhecimento):

Descrente e sem igreja \_\_\_\_\_

Descrente e com igreja \_\_\_\_\_

Crente e sem igreja \_\_\_\_\_

Crente e com igreja \_\_\_\_\_

Informações importantes para fazer contato com a pessoa supra (quem deve fazer o contato; quando o contato deve ser feito; precauções em fazer o contato; etc.):

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

Você está tendo comunicação com esta pessoa? \_\_\_\_\_

Seu nome \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_\_

## FIGURA 26

### Cartão de Registro para Visitas

Bemvindo à igreja \_\_\_\_\_ hoje. Somos gratos pela sua presença e queremos fazer tudo quanto é possível para você se sentir em casa na nossa igreja. Além disto, queremos servi-lo e à sua família de qualquer manei-

ra que nos seja possível. A fim de nos possibilitar fazer isso, queira ter a bondade de nos fornecer as seguintes informações e colocar este cartão (indicar o local apropriado).

Muito obrigado.

Nome \_\_\_\_\_

Endereço \_\_\_\_\_ Telefone \_\_\_\_\_

Igreja de domicílio (se houver) \_\_\_\_\_ Localidade \_\_\_\_\_

Como ficou conhecendo a nossa igreja?

\_\_\_\_\_ Membro da família (Nome: \_\_\_\_\_)

\_\_\_\_\_ Amigo na igreja (Nome: \_\_\_\_\_)

\_\_\_\_\_ Anúncio ( \_\_\_\_\_)

\_\_\_\_\_ Outro ( \_\_\_\_\_)

Como poderemos servir a você ou à sua família?

\_\_\_\_\_ Informações acerca do ensino bíblico a respeito da salvação

\_\_\_\_\_ Informações acerca do ensino bíblico a respeito da vida cristã

\_\_\_\_\_ Informações acerca do programa da igreja

\_\_\_\_\_ Informações acerca da afiliação à igreja

\_\_\_\_\_ Outros

mas nunca lutam realmente contra o inimigo. Neste ínterim, seitas não-cristãs e sub-cristãs estão lá nas linhas da frente em combate corpo a corpo. Ou, voltando à terminologia deste capítulo, estão fazendo contatos vivos e vitais. Pense! Quem toca a campainha da nossa casa para nos convidar para a sua religião? Quem vende as revistas religiosas em nossas cidades? Quem nos aborda nos aeroportos? *Faça contato* — este é outro dos desafios contemporâneos à Igreja de Cristo.

#### NOTAS

1. Kenneth F. W. Prior: *The Gospel in a Pagan Society* (Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 1975), pág. 33.
2. Roland Allen: *Missionary Methods: St. Paul's or Ours?* (Grand Rapids: Eerdmans, 1962), pág. 22.
3. Citado em Allen: *Missionary Methods*, pág. 23.
4. *Ibid.*, pág. 24.
5. *Ibid.*
6. Raymond Firth: *Elements of Social Organization* (Boston: Beacon Press, 1963), pág. 30.
7. *Ibid.*, pág. 31.
8. Donald McGavran: *Understanding Church Growth* (Grand Rapids: Eerdmans, 1970), págs. 85-87.
9. *Ibid.*, págs. 289-91.
10. Cf. Joel H. Netherhood: *The Church's Mission to the Educated American* (Grand Rapids: Eerdmans, 1960), pág. 31.
11. Cf. Felix Keesing: *Cultural Anthropology: The Science of Custom* (Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1966), págs. 403, 421.
12. Robert H. Schuller: *Your Church Has Real Possibilities* (Glendale, CA: Regal Books, 1974), pág. 81.
13. Allen: *Missionary Methods*, pág. 13.
14. Stephen Hsu: "Selective Evangelistic Contacts." Um estudo submetido à Escola de Divindades Evangélicas "Trinity" — Escola de Missões Mundiais e Evangelização, fev. de 1978.
15. Donald McGavran: *Bridges of God* (Nova York: Friendship Press, 1955), págs. 27, 31.
16. Norman Geisler: "Some Philosophical Perspectives on Missionary Dialogue," em *Theology and Mission*, ed. David J. Hesselgrave (Grand Rapids: Baker, 1978), págs. 241-57.

17. George M. Foster: *Traditional Cultures and the Impact of Technological Change* (Nova York: Harper and Row, 1962), págs. 145-6.
18. Francis L. K. Hsu: *Clan, Caste, and Club* (Princeton, NJ: Van Nostrand Co., 1963), pág. 6.
19. Peter B. Hammond: *An Introduction to Cultural and Social Anthropology* (Nova York: The Macmillan Company, 1971), págs. 169-72.
20. Donald Palmer: "Jesus Only: The United Pentecostal Church," em *Dynamic Religious Movements*, ed. David J. Hesselgrave (Grand Rapids: Baker, 1978), págs. 234-35.
21. Joe Bayly: *The Gospel Blimp* (Grand Rapids: Zondervan, 1960).
22. Howard A. Snyder: *The Problem of Wineskins: Church Structure in a Technological Age* (Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 1975), pág. 51.

---

# O Evangelho Comunicado

---

Provavelmente nenhum assunto tenha sido o enfoque de mais atenção, discussão e pesquisa na ala evangélica da Igreja nos dias recentes do que o assunto da evangelização. É justo que seja assim. As Boas Novas devem ser proclamadas. Apresenta-se a pergunta: Alguma coisa mais precisa ser dita aqui? Achamos que sim. Aqui é o lugar para o missionário-evangelista perguntar a si mesmo, primeiramente: "O que mais pode ser aprendido acerca da comunicação eficaz do evangelho?" e, em segundo lugar: "O que faremos para comunicar eficazmente o evangelho na área-alvo?"

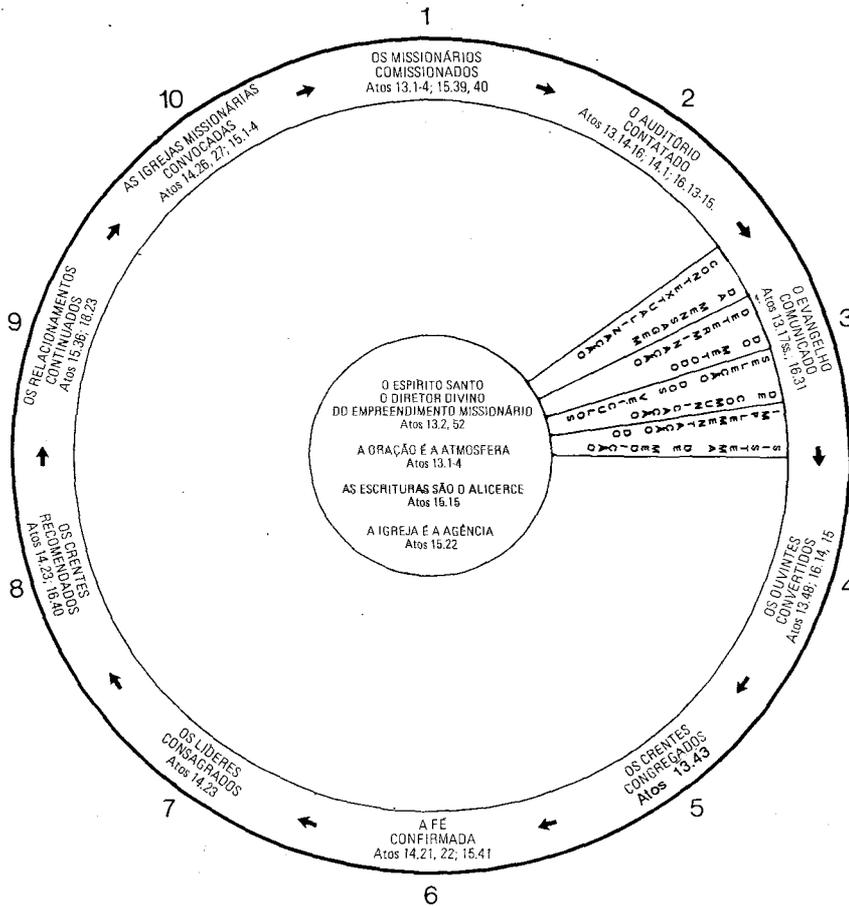
## Objetivos

O objetivo final na comunicação evangelística é a apresentação clara e persuasiva do evangelho a cada pessoa que nos é possível alcançar dentro da área da nossa responsabilidade — àquelas cujo coração foi especialmente preparado pelo Espírito Santo àquelas para quem há canais de comunicação já embutidos — mas também, para *todos* aqueles que nos ouvirão. Queremos que respondam mediante o arrependimento do pecado, a fé em Cristo, e a dedicação à Sua causa.

Note que, embora nosso objetivo final seja a apresentação clara e persuasiva do evangelho a todos os não-salvos na área-alvo, os problemas práticos que ficam entre nós e a realização desse objetivo freqüentemente podem ser grandes. Sendo assim, é melhor elaborar uma lista curta de objetivos mais humildes e imediatos que, uma vez galgados, contribuirão para o objetivo global. Estes objetivos imediatos podem muito bem incluir os seguintes:

(1) Mobilizar tantos crentes quantos sejam disponíveis e que possam ser eficazmente distribuídos em formação ativa para evangelizar a área-alvo.

FIGURA 27  
"O CICLO PAULINO"



"Varões israelitas, e vós outros que também temeis a Deus, ouvi" (At 13.16b).

- (2) Relacionar as Boas Novas de Cristo com o(s) auditórios(s) de uma maneira que seja clara, convincente, e irresistível.
- (3) Empregar os métodos de evangelização mais apropriados.
- (4) Utilizar o potencial de vários veículos de comunicação dentro da área-alvo.
- (5) Alcançar os não-evangelizados na área-alvo de acordo com uma ordem de prioridade estabelecida para a fase de contato do Ciclo Paulino.

A mensagem bíblica é normativa para todas as pessoas em todos os lugares. Algumas pessoas acreditam ingenuamente que nada mais precisa ser dito. Talvez nada mais fosse necessário se Deus tivesse escolhido algum veículo que não fosse palavras, e alguns agentes que não fossem homens, para a comunicação da Sua mensagem. Mas não é assim. Desta maneira, a comunicação do evangelho — talvez acima de todos os demais passos no Ciclo Paulino — requererá investigação e planejamento bem-pensados.

### **A Consideração Preliminar: O Conteúdo da Mensagem do Evangelho**

#### **Princípios e Precedentes Bíblicos**

A evangelização no Novo Testamento era integral. Refletia a ênfase da Grande Comissão: “Ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado.” Isto não significa que a totalidade da revelação era transmitida em cada caso de evangelização. Seria manifestamente impossível. Havia, e há, um “evangelho” ou âmago “salvífico” (1 Co 15.1-4). Este âmago evangélico era determinado pelo Espírito e não pelo evangelista; era edificado sobre “todo o desígnio de Deus” e apontava para ele (At 20.27).

Roland Allen ressalta que a mensagem missionária de Paulo continha boa dose daquilo que chamaríamos de teologia ou de doutrina:<sup>1</sup>

- Deus — Sua natureza, Seu plano, Sua ira, e Suas promessas.
- O homem — seu problema (pecado, descrença, idolatria) e sua posição diante de Deus.
- Cristo — os fatos a respeito da Sua pessoa, da Sua vinda, e da Sua obra.
- O julgamento — seu significado, sua certeza, e uma advertência a respeito dele.
- A salvação — a misericórdia de Deus e o reino de Deus.
- A resposta — a necessidade do arrependimento e da fé.

A mente humana, sem ajuda, é inadequada quando se trata de compreender a verdade divina. A mente natural nunca poderia ter concebido essa verdade (1 Co 2.9), e a mente natural não é um instrumento suficiente para compre-

endê-la (1 Co 2.14). Paulo não queria que a fé dos seus convertidos dependesse primariamente da lógica e da sabedoria humanas. Envidou seus melhores esforços, portanto, para comunicar a Palavra de Deus.

### **Pesquisas Relevantes**

Mesmo quando é reduzida às suas dimensões mais simples, a comunicação é um processo complicado. Seu objetivo básico é a transferência de idéias. É difícil, senão impossível, divorciar as idéias das palavras. Mesmo assim, as idéias que são transferidas e as palavras que as transferem não são idênticas. A maneira do semanticista expressar este fato é: "A palavra não é a coisa"; ou: "As palavras não têm sentido — somente as pessoas o têm." Naturalmente, esta não é a totalidade da verdade. As palavras não têm significado *inerente*. Mas certamente transmitem os significados investidos nelas. Ao mesmo tempo, simplesmente falar certas palavras não é necessariamente a mesma coisa que comunicar uma mensagem, embora escolhamos e articulemos aquelas palavras cuidadosamente e as falemos com ênfase! Alguém já indicou que as quinhentas palavras mais usadas na língua inglesa têm uma média de vinte e três significados cada! Os peritos julgam que a comunicação é apenas cerca de 80 por cento eficaz nas circunstâncias mais ideais.<sup>2</sup> O que é comunicado não é necessariamente aquilo que uma pessoa diz. É aquilo que outra pessoa (o "respondente") ouve! Pode ter certeza que seu respondente imporá o significado dele sobre as palavras que você fala!

Se tudo isto é verdade a respeito da comunicação das mensagens naturais (e é verdade mesmo!), pense quão frágil a mensagem do evangelho deve ser. Não deve, portanto, ser tratada com cuidado e oração?

### **Reflexões Práticas**

Talvez nossa falha mais comum como crentes, pregadores e mestres cristãos seja a falta de perceber que as palavras mais intimamente relacionadas com o evangelho de Jesus Cristo ("Deus," "Cristo," "pecado," "cruz," "sangue," "redenção," "salvação," e "vida eterna" — sem mencionarmos "expição" e "propiciação"!) comunicam pouco ou nada do evangelho a uma porcentagem cada vez maior da população mundial. Ou os significados bíblicos devem ser acrescentados a estas palavras, ou outras palavras devem ser usadas! Doutra forma, a comunicação verdadeira não ocorrerá.

## **Consideração Preliminar: a Elêntica**

### **Princípios e Precedentes Bíblicos**

Por alguma razão estranha, o estudo da elêntica é negligenciada nos estudos teológicos contemporâneos, embora alguns aspectos dela sejam tratados

no estudo da apologética. A palavra tem sua origem na palavra grega *elengchein*, que originalmente significava “levar a um senso de vergonha,” mas mais tarde veio a significar “levar a um senso de culpa.” Este último significado é achado no Novo Testamento. Por exemplo, ao prometer o Espírito Santo, nosso Senhor disse: “Quando ele vier, convencerá [*elengxei*] o mundo do pecado, da justiça e do juízo” (Jo 16.8).

Este versículo, na realidade, relaciona-se com uma pergunta básica na comunicação evangelística. Que o Espírito Santo é o sujeito em João 16.8 está fora de dúvida. Somente Ele pode convencer o mundo do pecado, da justiça, e do juízo. E nisto está nosso problema. Que papel, pois, é desempenhado pelo comunicador cristão? O que se diz dos argumentos *dele*? O que se diz dos rogos *dele*? E das estratégias *dele*? Em resumo, quais são as implicações da elênica para a evangelização?

Embora as respostas a estes problemas sejam complexas demais para sondarmos adequadamente aqui, há alguns fatos que requerem ênfase. Em primeiro lugar, note que as áreas de convicção são dadas em João 16.8. O Espírito Santo convence os homens do pecado, da justiça, e do juízo. É como se nosso Senhor dissesse ao evangelista: “Pregue nestas linhas porque o Espírito Santo tratará dos homens nestas três áreas.”

Em segundo lugar, o pecado, a justiça e o juízo são definidos. Pode haver pouca dúvida quanto ao significado destas palavras no contexto. O “pecado” acerca do qual nosso Senhor está falando é o pecado de não crer no Senhor Jesus Cristo (v. 9). A “justiça” é a justiça suficiente que o Senhor demonstrou — a justiça com que o Pai ficou bem satisfeito e que somente Cristo pode dar ao homem (v. 10). O “juízo” é o de Satanás, o cabeça do sistema mundial sob cuja autoridade está cada ser humano e de quem Cristo salva (v. 11).

Concluimos que somente o Espírito Santo pode levar o pecador à posição do arrependimento e da fé; que os instrumentos humanos são, apesar disto, usados pelo Espírito Santo (2 Co 5.11); que os grandes temas a serem especialmente enfatizados são o pecado, a justiça, e o juízo; e que estas Boas Novas da provisão de Deus para os pecadores devem fluir do desígnio inteiro de Deus, e levar para ele.

## Pesquisas Relevantes

Os retóricos clássicos sustentam que há três tipos de comunicação. Alguns teóricos modernos acrescentaram outros tipos, mas toda a comunicação pode ser reduzida a três, ou talvez quatro tipos (que correspondem a quatro propósitos):

- (1) Comunicação que diverte
- (2) Comunicação instrutiva
- (3) Comunicação persuasiva
- (4) Comunicação expressiva

Estes tipos explicam a si mesmos, a não ser o último. A comunicação expressiva que visa primariamente satisfazer as necessidades (psicológicas) da *fonte* ao invés de realizar algo em prol dos *respondentes*.

Alguns peritos sustentam que exemplos puros destes tipos de comunicação são de impossível realização. Por exemplo, argumentariam que é impossível instruir sem persuadir. Insistem que toda a comunicação é persuasiva nalgum sentido. Até mesmo a saudação comum: "Como vai?" segundo dizem, não é motivada tanto pelo desejo de obter informações quanto pelo desejo de comunicar que a pessoa que fala é uma pessoa cordial e agradável.

Quando chegamos aos fatos básicos, realmente parece que a persuasão é o assunto da comunicação. Já em 1957, Vance Packard chegou à conclusão de que aproximadamente 1300 "mensagens de vendas" chegam ao lar norte-americano mediano todos os dias.<sup>3</sup> Algo semelhante a isto está acontecendo em derredor do mundo. Visto que a intenção humana está envolvida, o debate acerca de se toda a comunicação é persuasiva nunca será resolvido. Mas nem por isso este debate deixa de ser instrutivo.

## Reflexões Práticas

Enquanto passamos em revista nosso desempenho passado na evangelização, e a instrução que recebemos da revelação e das pesquisas, é necessário perscrutar nossa própria alma em pelo menos duas áreas:

(1) É possível que seja verdade, segundo acredita Eugene Nida,<sup>4</sup> que uma proporção considerável da pregação cristã é "expressiva," projetada e levada a efeito para satisfazer a necessidade do pregador de apagar a sua culpa, de sentir seu valor, de cumprir seu dever, ou de aumentar seu prestígio? Os comunicadores do evangelho devem praticar a introspecção periodicamente. Deus prova os corações dos Seus servos (2 Co 5.11).

(2) Às vezes tendemos a manipular os homens ao invés de persuadi-los no poder do Espírito? Quase pareceria assim. Algumas abordagens na evangelização pessoal e em massa parecem perigosamente semelhantes às técnicas de vendas elucidadas nos manuais para super-vendedores, e elaboradas para levar as pessoas a aceitarem a Cristo antes de perceberem o que aconteceu. Esta análise talvez pareça injusta, e pode ser falsa. Mas é digna da nossa meditação.

A fé cristã é uma fé razoável embora não seja o produto do raciocínio humano. Há razões compulsivas para tornar-se um membro do corpo de Cristo. Que estas razões sejam articuladas com fervor e impacto, mas sempre humildemente, no reconhecimento de que estamos em terra santa onde o fogo divino revelará os motivos mais profundos do preletor e dos ouvintes igualmente.

## A Contextualização da Mensagem do Evangelho

### Princípios e Precedentes Bíblicos

Obviamente, a totalidade da revelação de Deus ao homem não pode ser entregue em qualquer ocasião isolada. Nem precisa sê-lo. Realmente, não somente

a Escritura revela um âmago salvífico, como também revela que o âmago salvífico foi adaptado a vários auditórios — não aos seus preconceitos e gostos a fim de tornar a mensagem *agradável*, mas à sua cosmovisão e conhecimento a fim de torná-la *compreensível*. O Novo Testamento está repleto de ilustrações. O Senhor Jesus abordou Nicodemos e a mulher samaritana de modos muito diferentes (cf. Jo 3 e 4), e a ênfase do Evangelho de Mateus é notavelmente diferente daquelas dos Evangelhos de Marcos e Lucas, embora apresentem muitos dos mesmos eventos. Mas talvez os exemplos mais claros sejam achados na comunicação do apóstolo Paulo, que foi comissionado para pregar o evangelho a vários auditórios gentios. Note a diferença da sua abordagem nos seguintes exemplos:

(1) No caso dos monoteístas nas sinagogas de Damasco (At 9.20-22), de Antioquia da Pisídia (At 13.16, 17), e da Tessalônica (At 17.2, 3), Paulo pressupôs um conhecimento de Deus e da revelação especial, e partiu daí.

(2) No caso dos politeístas em Listra (At 14.15-17), Paulo enfatizou o fato de que a cura do aleijado não significava que ele e Barnabé eram deuses. Pelo contrário, eram tão humanos quanto os próprios homens de Listra.

(3) No caso dos filósofos atenienses, com inclinações ao panteísmo (At 17.22-23), Paulo começou sua mensagem com referências ao "Deus desconhecido," a um poeta grego, e à natureza e ao homem como sendo a criação de Deus.

Note nos casos supra como os mensageiros do evangelho edificaram sobre o entendimento prévio dos seus vários auditórios. A "adaptação apostólica" deve ser mantida em perspectiva, no entanto. *Em primeiro lugar*, lembre-se de que os apóstolos não alteraram o evangelho (Gl 1.6-9). *Em segundo lugar*, embora usassem conceitos comuns tais como *logos* ("verbo," Jo 1.1-4) e *plêrôma* ("plenitude," Ef 3.19), investiam-nos de significados distintamente cristãos. *Em terceiro lugar*, mal-entendimentos culturais eram respondidos e corrigidos (At 14.15-17; 17.31, 32; Rm 3.28-30).

## Pesquisas Relevantes

Há muito tempo tem sido reconhecido que o significado é uma função do contexto. No século XX, no entanto, com seu grande aumento de contatos interculturais e com a ascensão da ciência da antropologia, mais atenção do que em qualquer período anterior tem sido focalizada na importância da cultura e do contexto. Esta consciência crescente vem num tempo muito propício porque nos ajuda a comunicar a mensagem cristã, não somente ao mundo não-cristão, como também no mundo ocidental pós-cristão que está em rápida mudança.

A palavra mais freqüentemente usada hoje em dia para referir-se a este processo da adaptação da mensagem é a palavra *contextualização*. A extensão da adaptação necessária é freqüentemente refletida nas definições dadas à palavra. Mas para nosso propósito, a definição dada por Bruce Nicholls é bem adequada: "a tradução do conteúdo imutável do Evangelho do reino em formas

verbais *relevantes* para os povos nas suas culturas separadas e dentro das suas situações existenciais específicas."<sup>5</sup>

Note que a contextualização tem a ver com tornar o evangelho *relevante*. Outros acrescentariam palavras e frases tais como "tornar o evangelho significativo" e "descobrir as implicações do evangelho numa determinada situação." Mas a questão a ser ressaltada aqui é que o evangelho se torna significativo (a relevância, etc., depende, em primeiro lugar, do significado) somente à medida em que é contextualizado.<sup>6</sup>

## Reflexões Práticas

O estudo das Escrituras e das pessoas (nos seus contextos culturais) devem ir de mãos dadas. É possível que o alcance evangélico tenha sofrido porque há alguns missionários-evangelistas que conhecem a teologia mas não as pessoas, outros conhecem as pessoas mas não a teologia, e ainda outros não conhecem nenhuma das duas? Inquestionavelmente, esta área de comunicações é uma em que os missionários-evangelistas do futuro serão mais seriamente testados.

Todos os comunicadores eficazes prestam atenção à contextualização. A religião folclórica e as grandes religiões étnicas estão vivas e ativas em todas as partes do planeta Terra. O ocidente já entrou na era pós-cristã. A cosmovisão de muitos ocidentais é materialista, mas os falsos sistemas religiosos estão ganhando terreno também. Se o missionário cristão, indo para outras culturas, não adaptar sua mensagem, verá que está pregando em Tóquio exatamente como faria em Toledo. Se o evangelista cristão no seu próprio país não se conservar em dia com as mudanças culturais, verá que está falando a uma geração passada!

*Ilustração ME-1-2:* Francis Schaeffer pode ser considerado um exemplo eminente de alguém que "modificou" a mensagem do evangelho a fim de comunicá-la para uma geração nova e diferente dentro do seu próprio contexto cultural. Schaeffer está falando e escrevendo a um auditório que foi ensinado que o mundo (inclusive o homem) é o produto de uma colocação aleatória de átomos num vasto mar do tempo; auditório este que é mal-equipado para compreender o conteúdo de palavras tais como "Deus," "sangue," "redenção," e assim por diante; auditório este que pensa na fé como um salto no escuro. Não é de se admirar que Schaeffer escolha um ponto de partida diferente.

Muitos argumentarão que pouquíssimas pessoas conseguem fazer uma adaptação da mensagem cristã conforme Schaeffer fez. É certo. Mas a capacidade é uma coisa relativa. Um esforço é exigido, sem dúvida alguma. E nem todos serão igualmente bem-sucedidos. Mas a não ser que mais evangelistas façam a tentativa, cada vez menos pessoas "ouvirão" o que estão dizendo.

*Ilustração ME-3:* Seleccionaremos um só exemplo da contextualização numa cultura não-ocidental dentre as miríades que se apresentam para nossa consideração.

O Pastor Baldemore, antigamente um pastor batista conservador nas Filipinas, foi usado pelo Senhor como um dos missionários-evangelistas mais efica-

zes naquele país. Um dos fatores do seu trabalho frutífero tem sido sua abordagem sem igual à evangelização para extensão da igreja. Baldemore e sua equipe começavam com um estudo de áreas-alvos onde não havia igreja evangélica. Antes de começar uma campanha de pavilhão com três semanas de duração, contatos eram feitos, lares eram visitados, e convites especiais às reuniões eram oferecidos. Durante a própria campanha, Baldemore pregava (com a ajuda de diagramas simples) sobre assuntos tais como: "Qual É a Igreja Verdadeira?" "A Quem Devemos Confessar Nossos Pecados?" e "Por que os Cristãos dão o Dízimo?" De um ponto de vista ocidental, estes assuntos talvez não pareçam apropriados para uma campanha evangelística. Mas, após reflexão, ficará aparente que têm relevância especial nas Filipinas. Os tópicos de Baldemore ofereciam respostas precisamente àquelas perguntas que os filipinos fazem acerca de um cristianismo que se baseia na Bíblia. O estilo de Baldemore também permitia perguntas do seu auditório. Já no fim da campanha extensa, muitos daqueles que tinham fielmente freqüentado as reuniões compreendiam o evangelho verdadeiro. Somente então ficavam animados para receber o Salvador. Os que assim fizeram tornavam-se o núcleo de uma igreja nova.

## Os Vários Métodos de Comunicação do Evangelho

### Princípios e Precedentes Bíblicos

No Novo Testamento a mensagem do evangelho é dada numa variedade de maneiras e com uma variedade de abordagens.<sup>7</sup>

- *Particularmente* a indivíduos (Jo 3; 4; At 8) e a grupos formados de uma família ou um lar (At 10; 16; 20.20); *publicamente* para grupos reunidos (At 13.14-41; 19.8, 9) e a multidões nas praças públicas (At 17.17, 22-33).

- Por meio da *pregação* (At 2.14-40), do *ensino* (At 10.34-43), e do *testemunho* (At 26.1-23).

- Às vezes na forma de um *monólogo* (At 2.14-36), mas freqüentemente na forma de um *diálogo* (At 17.16, 17).

- De uma maneira que às vezes acarretava a simples *proclamação* e *exortação* (At 13.14-41), mas que freqüentemente era *apologética* e *polêmica* (com disputas) (At 17.16-31; 19.8, 9).

Note que todos os métodos supra envolvem comunicação pessoal (face a face). Nosso Senhor e os apóstolos não fizeram uso dos vastos recursos de veículos de comunicações que temos hoje. Apesar disto, a relativa falta de meios de comunicação em massa nos tempos bíblicos tinha suas vantagens porque, de certas maneiras, a comunicação interpessoal é superior à comunicação pelos veículos em massa.

Note, também, que os métodos neotestamentários da comunicação parecem ter levado em conta um grau significativo de interação entre os preletores e seus respondentes. Repetidas vezes, vemos que os ouvintes faziam perguntas, levantavam objeções, ou verbalmente reforçavam a mensagem. Quer dizer com

isto que boa parte da comunicação do evangelho no Novo Testamento era *diálogica* embora essa palavra exata nem sempre seja usada. A palavra *dialelogomai*, que literalmente significa “discutir” ou “conduzir em debate”, era usada “para preleções que provavelmente terminassem em debates”<sup>8</sup> (e.g., At 17.2, 17; 18.4, 19; 19.9; 20.7, 9; e 24.12). Há pouca possibilidade de disputar que a comunicação evangélica da era apostólica era caracterizada por muito mais interação pessoal do que é geralmente o caso hoje.

### Pesquisas Relevantes

(1) A razão e as pesquisas indicam que, em comparação com a comunicação em massa, a comunicação interpessoal tem algumas vantagens muito reais bem como algumas limitações (veja a Figura 28).<sup>9</sup>

(2) Algumas pesquisas muito interessantes realizadas pelos psicólogos Albert Dabba e James Dabba, Jr., na Universidade de Michigan revelaram alguns resultados um pouco surpreendentes. Numa experiência que visava testar até que ponto a distância entre o locutor e o ouvinte afeta sua capacidade de persuadir, os psicólogos variaram a distância entre as fontes e os respondentes desde 30 ou 60 cm., até quase dois metros, e depois até cerca de 5 m. A hipótese deles era que os locutores seriam mais persuasivos na distância média (2 m.), porque não estariam invadindo o espaço particular dos respondentes, causando desconforto, de um lado, nem estariam perdendo a atenção do respondente devida à distância demasiada entre ambos, do outro lado. Para a maior surpresa dos que faziam a experiência, os locutores se revelaram mais persuasivos à maior distância.<sup>10</sup>

Talvez não seja demasiadamente forçado dizer que esta experiência dá algum apoio à prática bíblica de pregar a um auditório tendo em vista a sua conversão. Não podemos inferir da palavra *pregar* que é necessário que haja uma distância entre o pregador e seu auditório. Mas num dia em que a pregação — e talvez especialmente a pregação evangelística — está sendo atacada nalguns lugares, é bom lembrarmos que boa parte da pregação nos tempos bíblicos (como também hoje) necessariamente envolvia um spacejamento apropriado entre o pregador e o seu auditório. Há o tempo certo para o testemunho, aconselhamento, e ensino com grupos pequenos, mais personalizados, com os quais temos tanta familiaridade hoje. Mas também há o tempo certo para a proclamação pública da Palavra de Deus.

(3) As limitações da pregação do tipo mais formal, unidirecional, são indicadas pelo tipo de pesquisa que foi levada a efeito por Kurt Lewin. Numa tarefa que recebeu atenção considerável desde que foi levada a efeito, Lewin recebeu um pedido para ajudar a Cruz Vermelha durante a Segunda Guerra Mundial num esforço para vencer atitudes negativas para com o consumo de carnes tais como os corações e outros órgãos internos. Quando as preleções sobre o assunto não produziram nenhum efeito relevante, usou discussões em grupo como substituto, com o resultado que 32 por cento responderam de modo favorável.<sup>11</sup>

## FIGURA 28

## As Vantagens e Limitações Comparadas da Comunicação Interpessoal Versus a Comunicação em Massa

	Comunicação Interpessoal	Comunicação em Massa
<b>Alcançando um Auditório Grande</b>		
Velocidade . . . . .	Lenta	Rápida
Custo por indivíduo alcançado . . .	Alto	Baixo
<b>Influência sobre o Indivíduo</b>		
Capacidade de atrair atenção . . . . .	Alta	Baixa
Exatidão da mensagem comunicada . . . . .	Baixa	Alta
Probabilidade de triagem seletiva . .	Relativamente baixa	Alta
Clareza de conteúdo . . . . .	Alta	Moderada até baixa
<b>Feedback</b>		
Direção do fluxo da mensagem . . .	Bidirecional	Unidirecional
Velocidade de feedback . . . . .	Alta	Baixa
Exatidão de feedback . . . . .	Alta	Baixa

## Reflexões Práticas

A inovação é necessária para comunicar o evangelho hoje, mas a prioridade máxima (quanto ao método) é a necessidade de voltar aos métodos evangelísticos básicos neotestamentários. Se nossas capacidades de inovar não forem esgotadas ao explorarmos o potencial dos modelos bíblicos, podemos passar a tentar novos métodos de comunicar Cristo. Mas por que não dar consideração especial aos métodos didáticos, apologéticos, e de visitação (que são bem frequentemente olvidados hoje em dia), especialmente no padrão do diálogo? A experiência parece indicar que ainda são eficazes.

*Ilustração ME-3:* Um exemplo marcante de estratégia sadia que realmente combina certo número de princípios (a evangelização didática, a evangelização por família estendida numa sociedade de linhagem, a comunicação em grupo, o uso de uma equipe) vem da área Seav da Nigéria, e do alcance evangelístico da Comunhão das Igrejas de Cristo no Sudão. Os missionários Eugene Rubingh e Ralph Baker tomaram nota do fato de que nenhuma só pessoa daquela área tinha sido batizada na Igreja (da tribo) Tiv durante treze anos. Uma estratégia especial foi elaborada:

(1) Na estrutura social dos Tiv, a menor unidade ou segmento é chamada o “*ipaven u ken iyou*.” Este normalmente consiste em nove até doze recintos de famílias estendidas. O chefe do segmento mora no recinto central. O Sr. Rubingh determinou como projeto-piloto evangelizar um só segmento e obter catecúmenos e, eventualmente, batizar crentes que fossem todos membros do mesmo segmento.

(2) Este plano foi explicado para os líderes da igreja local e uma equipe de homens foi recrutada, sendo que estes dariam um dia por semana durante quatorze semanas para trabalharem no segmento escolhido. O Sr. Baker preparou uma apostila de quatorze lições que explicavam o caminho da salvação.

(3) A equipe, no primeiro dos quatorze dias, foi para o segmento e ali se dividiu de tal maneira que em cada recinto um homem ensinava a lição designada, pregava o sermão designado, e contava a história designada.

(4) No fim das quatorze semanas, uma conferência com três dias de duração foi realizada no recinto do chefe do clã. Um apelo foi feito para decisões por Cristo.

(5) Aqueles que responderam foram organizados numa classe de catecúmenos e começaram a freqüentar o culto semanal regular. Continuavam a trabalhar visando o recrutamento doutros catecúmenos. Embora não fossem uma igreja organizada, *cumpriam muitas das funções de uma congregação de uma igreja.*

(6) Planos específicos para outra visita foram feitos antes da partida da equipe.<sup>12</sup>

Os resultados da primeira tentativa deste tipo de “evangelização por segmento” (1962) foram muito gratificantes. Três equipes tinham trabalhado entre três segmentos com um total de 350 pessoas. O número total de catecúmenos arrolados como resultado do esforço foi de 60! Lembre-se, isto ocorreu numa área que não tivera um só batismo em treze anos.

### **Selecionando os Veículos Apropriados para a Comunicação do Evangelho**

#### **Princípios e Precedentes Bíblicos**

Quando se aproxima da área-alvo o moderno implantador de igrejas deve tomar a decisão sobre os veículos de comunicação que usará para alcançar a comunidade. Nos tempos bíblicos a tarefa não era tão complicada como hoje, porque, naturalmente, as técnicas modernas de alcançar as massas não tinham sido desenvolvidas. Apesar disto, havia escolhas a serem feitas, e pelo menos dois veículos primários eram usados para alcançar as pessoas.

Lucas declara que quando a perseguição tinha espalhado a congregação de Jerusalém, “*iam por toda parte pregando a palavra*” (At 8.4). Esta era uma atividade de pessoa para pessoa, face a face. Esta era a abordagem usual à comunicação, mas não era a única abordagem. Cartas e livros também eram usados, e assim as Escrituras que temos hoje vieram a existir. As matérias escritas tinham amplo emprego para comunicar o evangelho aos descrentes e também para dar certeza e instrução aos crentes (cf. Jo 20.31).

## Pesquisas Relevantes

As pesquisas indicam que há boas e sólidas razões para avaliarmos com cuidado os veículos mediante os quais comunicamos o evangelho:

(1) Os vários veículos de comunicação têm graus diferentes de eficácia como canais de comunicação persuasiva.<sup>13</sup> As pesquisas indicam que em todos os níveis sociais, econômicos, e educacionais (pelo menos nos Estados Unidos) as pessoas estão mais propensas a acreditar nas notícias recebidas pela televisão do que naquelas que são recebidas através dos jornais.<sup>14</sup> Um estudo feito em cidades isoladas nas montanhas andeanas do Equador revelou que embora tanto o rádio como os veículos áudio-visuais eram eficazes, cumpriam funções diferentes no que dizia respeito à sua influência sobre o auditório.<sup>15</sup>

(2) A despeito do potencial incomparável dos veículos de comunicação em massa para alcançar grandes auditórios com rapidez e eficiência, seu potencial persuasivo é mais limitado do que alguns supõem. *“Os veículos da comunicação em massa podem ajudar apenas indiretamente para alterar atitudes fortemente sustentadas ou práticas estimadas. A comunicação em massa nunca se comprovou muito eficaz em atacar atitudes, valores, ou costumes sociais que estão fortemente encaixados ou sustentados com rigor.”*<sup>16</sup> G. Ralph Milton conclui:

Já foram feitas pesquisas suficientes... para capacitar-nos a ter certeza de que a comunicação que a pessoa tem com sua família e seus amigos é mais significante em termos de mudanças de atitude e de formação do que qualquer dos veículos de comunicação, ou todos eles. Na realidade, este resultado é relatado com regularidade quase monótona. Este é especialmente o caso de atitudes e crenças profundamente arraigadas tais como a convicção religiosa.<sup>17</sup>

(3) As pesquisas parecem apoiar o conceito do “fluxo dos dois passos,” que foi formulado por Paul Lazarsfeld, Bernard Berelson, e Hazel Gaudet. A idéia básica é que quando as pessoas locais, especialmente os líderes da opinião, transmitem e reforçam as mensagens através dos veículos de comunicação em massa, aquelas mensagens tornam-se especialmente eficazes. Estudos feitos em conexão com a eleição presidencial nos Estados Unidos revelaram que estas ligações humanas no fluxo das comunicações eram mais eficazes do que as próprias mensagens através dos meios de comunicação no que dizia respeito a influenciar as decisões dos votantes.<sup>18</sup>

(4) Os estudos indicam que os vários veículos de comunicação devem ser usados para completar uns aos outros.

Já em 1955, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos fez um estudo com mais de 1.100 donas de casa em cinco estados. Estas donas de casa tinham sido expostas a mensagens transmitidas numa variedade de meios de comunicação, com a intenção de influenciá-las a alterar suas práticas no modo de cuidar do lar. Os resultados eram muito reveladores. Das que tinham sido expostas às informações através de um ou dois veículos, cerca de 46 por cento foram influenciadas a fazer alterações

apropriadas. Daquelas donas de casa, no entanto, que tinham sido expostas às informações através de dois ou três veículos, 68 por cento foram motivadas a fazer alterações. E daquelas que tinham sido expostas a oito veículos de comunicação, ou mais, mais de 97 foram influenciadas a introduzir alterações!

As implicações daquilo que foi dito supra são claras. Embora em qualquer determinada situação cultural haverá um certo veículo de comunicação que se comprovará superior aos demais quando for corretamente empregado, de modo global a igreja aumentará a eficácia da sua comunicação se os vários veículos de comunicação em massa forem usados de tal maneira que se complementem mutuamente. Falando de modo geral, nenhum só veículo deve ficar sozinho.<sup>19</sup>

## Reflexões Práticas

Certamente há muitas causas de encorajamento quando se trata do uso dos vários veículos para comunicar a mensagem cristã ao nosso mundo contemporâneo. A Bíblia, na sua totalidade ou em parte, tem sido traduzida em mais de 1.300 idiomas e dialetos. As estações de rádio cristãs irradiam a mensagem de Cristo a povos em todas as áreas do globo. Filmes, slides, filmes fixos, fitas-cassete e equipamentos áudio-visuais de vários tipos encontram-se à disposição dos comunicadores do evangelho. Nunca antes na história a igreja desfrutou tanto das riquezas da perícia e da tecnologia que, hoje, estão às mãos dos porta-vozes cristãos.

Infelizmente, alguns dos usos mais estratégicos dos veículos de comunicação na propagação da fé religiosa em grande escala vêm, não do setor evangélico cristão, mas dos movimentos não-cristãos, tais como o Mormonismo, as Testemunhas de Jeová, do movimento da Verdade Clara de Armstrong, e (no Japão) do Soka Gakkai. Os evangélicos têm necessidade desesperadora de estudar estes exemplos da utilização complementar do rádio, da televisão, das matérias impressas, dos líderes locais, e dos grupos pequenos. Devemos notar como as mensagens dos veículos de comunicação são retomadas no nível local e repetidas e reforçadas ali na comunicação face a face, nos diálogos em grupos pequenos.

Dentro da Igreja, duas áreas de interesse merecem atenção especial. Em primeiro lugar, os programas e esforços evangelísticos tendem a ser desjuntados e até mesmo competitivos entre si ao invés de coordenados e complementares. Em grande medida, este é um resultado da fragmentação da Igreja e do aumento sem precedentes das organizações especialistas. E à medida em que é assim, o problema admite — uma solução somente ao ponto em que os líderes cristãos com um evangelho bíblico derem prioridade à causa maior.

Em segundo lugar, parece que uma ênfase fora das proporções é dada aos veículos de comunicações em massa na evangelização contemporânea. Especialmente ao tratar de uma consideração tão básica quanto a fé religiosa, não há substituto para a comunicação face a face. Não é tanto a nossa utilização dos veículos de comunicação que causa preocupação, mas, sim, nossa negligência quanto ao complementar as mensagens através deles com um seguimento relacionado com a igreja local. Todos os esforços devem ser feitos para ligar

a evangelização dos veículos de comunicação em massa com o testemunho e a instrução locais e pessoais. Somente fazendo isso é que nos comprovaremos mordomos responsáveis e fiéis da mensagem de Cristo.

*Ilustração ME-3:* Durante muitos anos os filmes bem-conhecidos do Instituto Moody de Ciência têm sido usados em todo o mundo em grandes reuniões evangelísticas. Mas recentemente, pelo menos em certo número de áreas no Oriente, os filmes estão sendo aplicados a um uso novo e talvez mais eficaz. Os cristãos estão achando “patrocinadores” (os chefes dos lares, na sua maior parte) que estão dispostos a convidar seus vizinhos para seu lar uma noite por semana (durante quatro semanas) para verem um filme científico cristão. Pequenas equipes evangelísticas projetam os filmes e encorajam o diálogo após cada filme. Os espectadores são convidados à igreja. Após a última projeção, a oportunidade para uma resposta relevante é oferecida. Este método é especialmente bom nas áreas onde há pessoas cultas que apreciariam (e questionariam!) a mensagem dos filmes.

*Ilustração ME-3:* Em certo país na América do Sul um bem-conhecido programa de rádio com ensinamentos bíblicos, tendo sua origem na América do Norte, era irradiado em espanhol durante certo número de anos. Desde o início, a resposta na forma de cartas dos ouvintes era boa, mas as igrejas evangélicas na área fizeram poucos contatos relevantes como resultados dos programas. Os líderes das igrejas locais estavam preocupados. Representantes do programa e das igrejas locais se reuniram para ver o que poderia ser feito. Como resultado, as igrejas na área e suas atividades eram mencionadas nos programas de rádio. Os líderes das igrejas locais relacionavam parte da sua pregação e do seu ensino com os temas usados nos programas de rádio. Como consequência, estes programas vieram a identificar-se com as igrejas locais e seus pastores. Muitas igrejas relataram um aumento significativo no número de contatos que vieram a ter fé salvífica e exercer serviço frutífero.

## Medindo a Compreensão e a Resposta do Auditório

### Princípios e Precedentes Bíblicos

Há certa relutância da parte de alguns implantadores de igrejas e doutros obreiros cristãos de medir resultados, porque é considerado não-espiritual fazer assim. Da parte doutros, pode haver uma ênfase demasiada na medição dos resultados, ou pelo menos uma falta de equilíbrio na ênfase. Tendo em vista este estado de coisas, é importante ver como os apóstolos mediam as respostas à sua mensagem.

Em primeiro lugar, os apóstolos mediam a resposta numericamente. No primeiro dia do Pentecoste, 3.000 almas foram acrescentadas aos 120 (At 2.41). Mais tarde, é relatado que 5.000 creram (At 4.4). Depois, é relatado que “as igrejas eram fortalecidas na fé e aumentavam em número dia a dia” (At 16.5).

Em segundo lugar, os apóstolos mediam a resposta em termos de qualidade. Por exemplo, Paulo sabia da eleição dos tessalonicenses. Este conhecimento veio da sua consciência de que o Espírito Santo estava presente na sua pregação a eles e de que eles primeiramente se tornaram imitadores dele e depois exemplos para os outros (1 Ts 1.4-8). Depois desta medição inicial, Paulo enviou Timóteo a Tessalônica. Quando Timóteo voltou, relatou que os crentes tessalonicenses tinham fé e amor mas que não compreendiam a segunda vinda do Senhor (1 Ts 3.1-7; 4.13-5.10).

Parece que Epafras fez uma medição semelhante no que diz respeito ao estado espiritual dos colossenses, porque Paulo, como resposta, expressou o desejo "que transbordeis de pleno conhecimento da sua vontade" (Cl 1.7-10).

Noutra ocasião, foram notícias da casa de Cloe acerca do estado espiritual da igreja coríntia que levaram Paulo a escrever uma carta corretiva (1 Co 1.11).

Concluimos que os pregadores apostólicos faziam medições bastante cuidadosas de quantas pessoas se tornavam crentes e de quão bem os crentes estavam progredindo espiritualmente. Queriam saber se a mensagem tinha sido aceita, e por quantas pessoas, e se os crentes estavam progredindo da etapa elementar para a exemplar do entendimento e da conduta cristãos.

## Pesquisas Relevantes

As pesquisas recentes na área das comunicações cristãs são muito reveladoras. Considere os seguintes exemplos:

Uma igreja de 650 membros parece ser bem-sucedida por todas as medidas externas. Mas uma pesquisa entre a congregação revelou que apenas 20 por cento procurou compartilhar da sua fé no decurso do mês passado; 21 por cento tinha cultos domésticos; 70 por cento confinava seu envolvimento eclesial aos cultos de domingo; 10 por cento conhecia seu dom espiritual; e 50 por cento alegava que não estava sendo alimentado espiritualmente nesta igreja.

Uma estação de rádio com proprietários cristãos oferece programas tanto seculares quanto cristãos. Foi descoberto que os programas elaborados para evangelizar os não-cristãos são ouvidos quase exclusivamente pelos cristãos.

Uma Bíblia foi dada a cada interno numa grande prisão nos Estados Unidos. Poucos dias mais tarde foi descoberto que 90 por cento destas foram encaminhadas para as latas de lixo, provocando, assim, a despesa desnecessária de mais de US\$ 250.000 quando este programa foi prematuramente espalhado entre outras prisões.

Menos que 8 por cento dos cristãos nas sete maiores cidades do Brasil já se deram ao trabalho de sintonizar as muitas horas de programas de ensino dirigidos a eles semanalmente por duas emissoras missionárias importantes nas ondas curtas.

O plano da salvação foi demonstrado com destaque numa revista dirigida aos não-cristãos no campus da faculdade. De modo geral, era desconsiderado, ao passo que vários artigos que focalizam uma perspectiva cristã acerca de questões pertinentes eram tanto lidos quanto avaliados de modo positivo.<sup>20</sup>

Citando estes exemplos, James Engel comenta:

Esta lista de exemplos poderia ser estendida por muitas outras páginas. Note o denominador comum em cada caso: a dependência da comunicação unidirecional. As mensagens são enviadas do púlpito, de porta em porta, pelas ondas sonoras, ou na forma impressa. Mas qual é a resposta? A comunicação verdadeira não ocorre até que a mensagem seja tanto compreendida quanto colocada em prática pelo receptor, de acordo com sua intenção. A comunicação é, na realidade, um processo bidirecional. Por demais freqüentemente, desconsideramos o auditório.<sup>21</sup>

## Reflexões Práticas

É imperativo que averiguemos o interesse, a compreensão, e a dedicação do auditório diante da mensagem do evangelho. No setor secular há organizações cujo único propósito é medir a opinião pública e a reação do auditório. Relatórios tais como as pesquisas Gallup e as avaliações Nielsen são o resultado. As emissoras evangélicas de rádio freqüentemente usam dispositivos tais como “a semana da carta” e amostragens da correspondência para determinar o tamanho da audiência que ouve a programação e (até certo ponto) a reação da audiência. No nível local, poucos esforços são feitos para obter este tipo de *feedback* (recuperação de informações) até que os respondentes atinjam a etapa da conversão, que é freqüentemente acompanhada pelo levantamento das mãos, pela vinda para a frente, ou pela assinatura de um cartão de decisão. A vantagem de métodos tais como a evangelização de visitação, a evangelização centralizado na família, e a evangelização de estudo bíblico em grupos pequenos, é que permitem o diálogo verdadeiro em que os respondentes têm a oportunidade de declarar suas opiniões e fazer perguntas, e o missionário-evangelista tem a oportunidade de relacionar o evangelho com as necessidades dos respondentes.

É importante pensarmos em novas maneiras de medir as atitudes e a compreensão daqueles aos quais dirigimos a mensagem do evangelho. Métodos evangélicos que avançam rapidamente para a etapa de decisão sem levar em conta se os respondentes realmente entendem o evangelho correm o risco de medir a resposta somente por meio de averiguar quantos “vão perseverando.” A mordomia sábia exige que os comunicadores do evangelho em todos os níveis dêem mais consideração à averiguação da real compreensão e resposta dos ouvintes. Especialmente numa época em que os métodos para fazer estas medidas são geralmente sabidos e prontamente aceitos, é irresponsável desconsiderá-los.

## A Formação do Plano Mestre

Um conhecimento do auditório (respondentes) é totalmente essencial no planejamento para a comunicação eficaz. Felizmente, o obreiro pioneiro terá armazenadas informações acerca do(s) seu(s) auditório(s) que foram colhidas anteriormente. Em especial, analisará os dados incluídos na Figura

10 (pág. 72), que foram coletados tendo em vista a seleção da área-alvo. Tendo sido bem realizada esta tarefa, os dados servirão bem na elaboração de uma estratégia de comunicação.

### Contextualizando a Mensagem Cristã

Noutro lugar, já tratamos dos abismos gigantescos que separam as pessoas das várias tradições religiosas. Se nosso auditório for composto em grande medida de hindus, por exemplo, aquele estudo deve ser consultado para sugestões quanto às maneiras de contextualizar a mensagem cristã.<sup>22</sup> Até mesmo quando as lealdades religiosas não são tão diversas, no entanto, será muito útil gastar tempo para caracterizar as crenças predominantes dos auditórios-alvos. (A maioria das áreas-alvos tem pessoas com várias orientações religiosas. Daí o uso do plural). Para os ativistas, este exercício talvez dê a impressão de consumir tempo em demasia, e, talvez, tipo "torre de marfim." Se, porém, o ativista quiser refletir sobre as atitudes que prevalecem entre seus vários auditórios no que diz respeito ao conteúdo básico do evangelho, e procurar formular sua mensagem de acordo com isto, chegará a reconhecer a importância do exercício.

Com as informações na Figura 29 em mente, o comunicador do evangelho será ajudado a contextualizar a sua mensagem, e a colocar as doutrinas bíblicas em linguagem que o auditório compreenderá. No decurso disto, deve prestar atenção a perguntas como as seguintes:

- (1) Em que pontos os ouvintes terão mais probabilidade de compreender erroneamente a mensagem?
- (2) Quais das crenças religiosas sustentadas pelos respondentes são semelhantes à doutrina cristã e podem dar a esperança de formar pontes conceituais para a comunicação? (Deve-se exercer cuidado neste ponto. O que consideramos semelhanças podem ser apenas semelhanças *aparentes* e podem ocasionar mal-entendidos significativos a não ser que sejam tratadas com cuidado).
- (3) A quais preocupações do auditório-alvo Cristo fala com autoridade e clareza?
- (4) Quais adaptações comunicadores cristãos bem-sucedidos têm usado em dirigir-se a este auditório ou a auditórios semelhantes?

### Determinando os Métodos da Comunicação

Uma vez que tenhamos identificado e caracterizado os auditórios-alvos, é natural perguntar como comunicaremos a eles a mensagem (contextualizada). Neste capítulo, usamos a palavra *método* como termo geral para as variedades da comunicação sem veículos de massa. A chave para a comunicação bem-sucedida do evangelho é que utilizemos tanta variedade quanto possível, prestando atenção especial aos princípios bíblicos, aos dons dos evangelistas, e às preferências dos auditórios. O perigo principal é cairmos em rotinas fixas e restringirmos desnecessariamente os nossos métodos.

**FIGURA 29**  
**Posturas do Auditório diante da Mensagem Cristã**

- A. Orientação Religiosa: \_\_\_\_\_ (naturalista, cristão nominal, hindu, etc.).
- B. Porcentagem da Comunidade-Alvo: \_\_\_\_\_
- C. Crenças Básicas

<b>Doutrinas Bíblicas de Importância Central</b>	<b>Crenças Predominantes do Auditório-Alvo</b>
<p><b>1. Deus:</b> Criador e Sustentador do universo; um Ser pessoal que tem vontade, é moral e santo, revela-Se ao homem, exige a adoração, condena a idolatria...</p> <p><b>2. O Homem:</b> Criado por Deus à Sua imagem; uma criatura caída; o objeto do amor redentor de Deus...</p> <p><b>3. Jesus Cristo:</b> Pré-existente; plenamente Deus e plenamente homem; a encarnação; o Cordeiro de Deus; Sua morte expiatória...</p> <p><b>4. O Pecado:</b> A rebelião contra a vontade de Deus; a culpa moral real que acarreta o julgamento e que resulta na alienação e na morte...</p>	<p><b>Deus:</b></p> <p><b>O Homem:</b></p> <p><b>Jesus Cristo:</b></p> <p><b>O Pecado:</b></p>

Boa parte da comunicação cristã é, e deve ser, espontânea. Mas existem muitas comunicações que devem ser cuidadosamente planejadas. À medida em que forem planejadas, preencher o formulário na Figura 30 deve revelar-se útil.

### **A Seleção dos Veículos de Comunicação**

Quais veículos de comunicação os respondentes usam para comunicar-se entre si? Esta é uma pergunta importante. Os missionários-evangelistas podem

## FIGURA 30

## Métodos da Comunicação do Evangelho

Auditório-Alvo: \_\_\_\_\_

Como?	A quem?	Quando?	Onde?
1. Em particular Em público			
2. Pregando Ensinando Testemunhando			
3. Monológico Dialógico			
4. Proclamacional e Exortacional			
5. Apologético e Polêmico			

importar novos veículos e introduzir inovações no uso dos veículos, mas seriam sábios se primeiramente prestassem atenção aos veículos de comunicações autóctones. Estes podem ocupar uma gama entre lousas com giz e televisores. A disponibilidade e o uso de locais devem ser cuidadosamente estudados. Então, o processo da seleção dos veículos de comunicação pode começar. (Um grupo pequeno de dois ou três residentes bem-informados podem fornecer o conselho necessário para uma projeção inicial — veja a Figura 31).

## Implementação da Medição

Três perguntas são supremas: (1) A mensagem realmente está penetrando até ao auditório visado? (2) A mensagem que pretendemos transmitir é a mesma mensagem que realmente está sendo recebida? (3) Os métodos e os veículos estão servindo seus fins pretendidos, e não estão sendo finalidades em si mesmos? As medições que foram elaboradas para responder a estas perguntas podem ser feitas por meios que variam entre a conversação e observação pessoais e levantamentos eficientes da comunidade com o uso de métodos estatísticos avançados. Os meios devem ser apropriados para o tamanho e a natureza do auditório. A mordomia apropriada exige que demos passos positivos para averiguar se os cinco ou dez talentos a nós confiados estão ganhando mais cinco ou dez, ou se estão simplesmente sendo enterrados naquelas mensagens, métodos e veículos que nos são mais familiares como comunicadores. A avaliação requer um esforço sério, mas certamente vale a pena pelas informações que pode nos oferecer para nos guiar enquanto considerarmos meios de melhorar nossas comunicações com um mundo perdido.

FIGURA 31

## Avaliação de Veículos para o Uso na Comunicação do Evangelho

Tipo	Uso Global Local (alto, médio, baixo)	Preferência de Subgrupo (atração alta ou baixa para os seguintes grupos)	Apropriado para Uso na Igreja (tabus, etc.)	Considerações Especiais
1. Veículos impressos a. Jornais b. Revistas c. Periódicos d. Livros e. Panfletos e folhetos f. Correio g. Cartazes h. Outros _____ _____				
2. Veículos eletrônicos a. Rádio b. Televisão c. Cinema d. Slides e. Discos f. Fitas cassete g. Outros _____ _____				
3. Outros Veículos a. Drama b. Fantoques c. Lousa e giz d. Outros _____ _____				

Cada vez mais, os mensageiros de Cristo estão se preocupando com a *qualidade* da comunicação cristã. Mas a qualidade significa muito mais do que empregar o melhor talento e a tecnologia mais avançada. Tem referência, também, ao conteúdo da mensagem, ao método da sua apresentação, e o tipo de veículo de comunicação escolhido para transmiti-la.

## NOTAS

1. Roland Allen: *Missionary Methods: St. Paul's or Ours?* (Grand Rapids: Eerdmans, 1962), págs. 68-69.
2. Martin Joos: "Semology: A Linguistic Theory of Meaning," *Studies in Linguistics* 13 (1958), págs. 53-72.
3. Vance Packard: *The Hidden Persuaders* (Nova York: Pocket Books, 1957).
4. Eugene A. Nida: *Message and Mission: The Communication of the Christian Faith* (Nova York: Harper and Row, 1960), págs. 4.
5. Bruce Nicholls: "Theological Education and Evangelization," em *Let the Earth Hear His Voice*, ed. J. D. Douglas (Minneapolis: World Wide Publications, 1975), pág. 647.
6. Para uma discussão mais pormenorizada do que está envolvido na comunicação do evangelho através

- das barreiras culturais, veja David J. Hesselgrave: *Communicating Christ Cross-Culturally: An Introduction to Missionary Communications* (Grand Rapids, Zondervan, 1978. A ser publicado por Edições V. Nova.)
7. Para uma declaração informativa sobre as diversidades e a profundidade reveladas na abordagem evangélica da igreja primitiva, veja Michael Green: *Evangelização na Igreja Primitiva* (São Paulo: Ed. Vida Nova, 1984), pág. 160.
  8. Gottlob Schrenk, em *Theological Dictionary of the New Testament*, ed. Gerhard Kittel, trad. [inglês] e ed. Geoffrey W. Bromiley, 9 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1964), vol. 2, pág. 94.
  9. James F. Engel, Hugh G. Wales, e Martin R. Warshaw: *Promotional Strategy*, edição revista (Home-wood, IL: Richard D. Irwin, Inc., 1971), pág. 27, (C) 1971 de Richard D. Irwin, Inc. Usado com permissão.
  10. Cf. "Behaviour," *Time*, 7 de setembro de 1970, pág. 27.
  11. Kurt Lewin: "Group Decision and Social Change," em *Readings in Social Psychology*, ed. Theodore M. Newcomb e Eugene L. Hartley (Nova York: Henry Hold and Co., 1947), págs. 330-44.
  12. John B. Grimley e Gordon E. Robinson: *Church Growth in Central and Southern Nigeria* (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), págs. 213-21.
  13. Cf. Joseph T. Klapper: *The Effects of Mass Communication* (Glencoe, IL: Free Press, 1960), págs. 129-32.
  14. Um estudo Roper citado numa preleção de Louis Hausman chamada: "Measured View: The Public's Attitude Toward Television" feita diante do Clube de Publicidade de Filadélfia, 8 de fevereiro de 1962.
  15. Citado por J. B. Haskins: "How to Evaluate Mass Communication," um monógrafo publicado pela Fundação para Pesquisas na Propaganda, 1968, págs. 56-57; e de G. Ralph Milton: "Media Integration — a Fad and a Fact: The Church and the Media," *Asia Focus* 6 (terceiro trimestre, 1971), pág. 37.
  16. Wilbur Schramm: *Mass Media in National Development* (Stanford, CA: Stanford University Press, 1969), pág. 132.
  17. "Media Integration," pág. 41.
  18. Merrill Abbey: *Man, Media and the Message* (Nova York: Friendship Press, 1960), pág. 79.
  19. Hesselgrave: *Communicating Christ Cross-Culturally*, págs. 396-97; o estudo citado é de Wilson e Gallup, Circular do Serviço por Extensão 495, Departamento de Agricultura dos EEUU, Washington, DC, 1955.
  20. James Engel: *How Can I Get Them to Listen? A Handbook on Communication Strategy and Research* (Grand Rapids: Zondervan, 1977), págs. 14-15.
  21. Ibid.
  22. Cf. David J. Hesselgrave, *ibid.*, págs. 161-171.

# Os Ouvintes Convertidos

---

Acerca da conversão, Michael Green diz:

Normalmente usamos a palavra, num contexto religioso, em uma de duas maneiras: para indicar que um homem deixou uma posição religiosa (ou até mesmo nenhuma) a favor da lealdade exclusiva a outra. Alternativamente, falamos da conversão num homem que até certo período tinha sido um aderente meramente nominal da sua religião, mas que depois despertou para sua relevância e importância com entusiasmo e entendimento.<sup>1</sup>

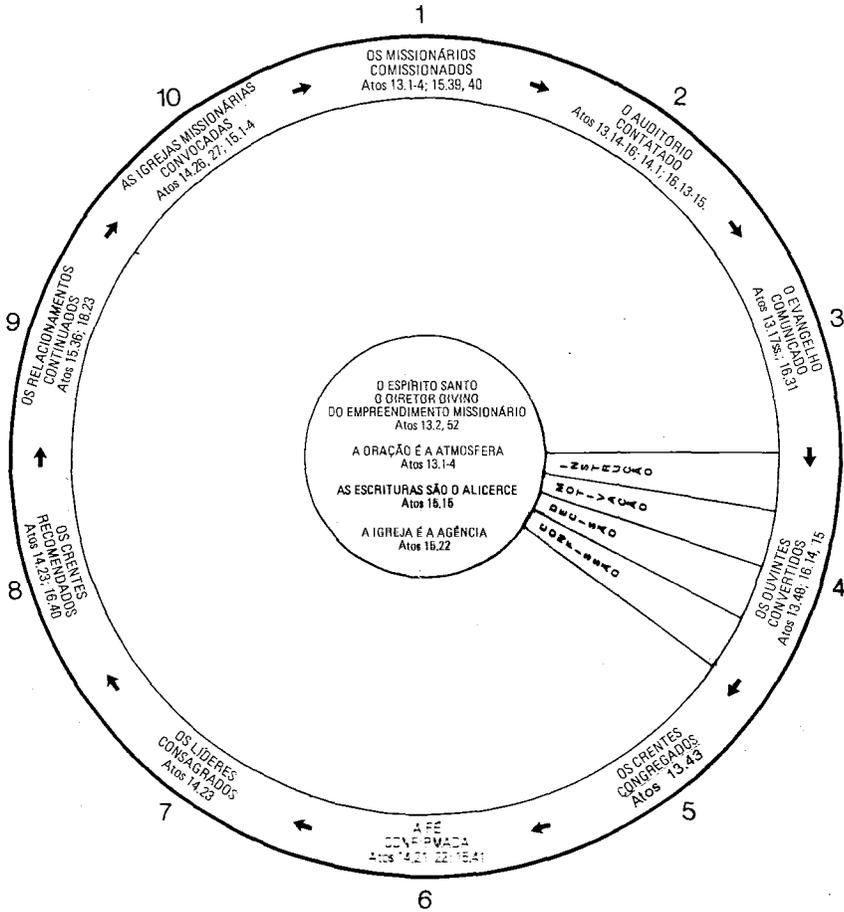
Bem provavelmente, isto representa o que a maioria das pessoas da igreja considera como conversão. E é correto, dentro das suas limitações. Muito mais deve ser dito, no entanto, se os implantadores de igrejas vão mitigar problemas tais como a falta de conversões e a frequência de reversões na evangelização atual.

## Objetivos

Nossos objetivos no que diz respeito à conversão devem ser:

- (1) Obter uma resposta ao evangelho que brota da compreensão.
- (2) Obter uma resposta ao evangelho que leva em conta padrões culturalmente apropriados de tomada de decisões.
- (3) Obter uma resposta ao evangelho que será genuína e duradoura, e que resultará na frutificação espiritual.
- (4) Obter uma resposta a Cristo que ressaltará a possibilidade de outros se tornarem cristãos.

FIGURA 32  
O "CICLO PAULINO"



"Enviados, pois, e até certo ponto acompanhados pela igreja, atravessaram as províncias da Fenícia e Samaria e, narrando a conversão dos gentios, causaram grande alegria a todos os irmãos" (Aos 15.3)

## Instrução quanto ao Significado e à Importância da Conversão

### Princípios e Preceitos Bíblicos

#### *A Definição de "Conversão"*

É popular na teologia contemporânea usar o termo *conversão* num sentido frouxo para descrever a salvação. A Bíblia, no entanto, usualmente não usa a palavra desta maneira. Um estudo de *epistrephō* e suas formas substantiais correlatas sustentarão esta afirmação.

O Novo Testamento emprega *epistrephō* num sentido físico para descrever um "virar-se" (Mt 9.22; Mc 5.30) ou um "voltar para trás" ou um "retornar" (Mt 10.13; 12.44; Jo 21.20). Seus usos metafóricos são semelhantes. A Septuaginta usa o termo para descrever uma "volta" à adoração de Javé (Jr 3.14), inversamente, para descrever um "desviar-se" da adoração de Javé (Jr 2.21).

Há várias passagens no Novo Testamento que podem ser consideradas centrais para a doutrina da conversão. Escrevendo aos tessalonicenses, Paulo declarou: "deixando os ídolos, vos convertestes a Deus, para servirdes o Deus vivo e verdadeiro" (1 Ts 1.9). Aqui, a conversão é tanto um "voltar-se para Deus" e um "desviar-se dos ídolos." Isto é importante, porque a frase "desviar-se dos ídolos" por si mesma pode significar um "voltar-se para" o ateísmo, o materialismo, a adoração do imperador, ou alguma outra forma de religião. É importante, também, porque a conversão cristã é vista como um rompimento com as práticas e crenças religiosas anteriores. A conversão exclui o sincretismo.

Noutra passagem-chave, Paulo diz ao Rei Agripa que fora comissionado para ir aos gentios "para lhes abrir os olhos e convertê-los das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus" (At 26.18). Aqui, também, a conversão é vista tanto como um "desviar-se de" como um "voltar-se para." Note, porém, que a cegueira espiritual tinha de ser removida antes da conversão poder ocorrer. É importante distinguir a cegueira espiritual das trevas espirituais. As trevas são a ausência da luz, ao passo que a cegueira é a falta da capacidade de perceber a luz. Um cego numa sala iluminada continua sendo cego. De modo semelhante, uma pessoa espiritualmente cega deve receber a capacidade de compreender a verdade antes da conversão poder ocorrer. Esta cegueira, segundo Paulo, é imposta por Satanás sobre as mentes de todos os descrentes (2 Co 4.4). Jesus, usando outra figura, disse que o homem forte, Satanás, tinha de ser amarrado antes de sua casa poder ser saqueada (Mt 12.29). O que estamos sugerindo é que antes de um homem não-salvo poder ser convertido, a cegueira satânica deve ser removida.

Numa terceira passagem-chave, o arrependimento e a conversão estão vinculados entre si. Pedro disse: "Arrependei-vos, pois, e convertei-vos para serem cancelados os vossos pecados, a fim de que da presença do Senhor venham tempos de refrigério" (At 3.19). O arrependimento (*metanoia*) é literalmente uma

mudança de atitude ou opinião. Tem a ver com o intelecto. No contexto, Pedro está falando com aqueles que, na sua ignorância, tinham crucificado o Senhor. Foram conclamados a mudar sua maneira de pensar acerca dEle. Ele devia ser considerado o Servo de Deus (v. 13) e Aquele que operara o milagre da cura que acabaram de observar (v. 16). Ora, a não ser que Pedro esteja sendo redundante, a conversão é alguma coisa adicional ao arrependimento que acaba de ser descrito. É mais do que uma coisa intelectual. É o abandono do sistema inteiro que crucificou a Cristo, e a aceitação de Jesus Cristo como Messias. É a prática que deve seguir uma mudança de opinião. Sendo assim, o arrependimento e a conversão são semelhantes, mas a conversão é o termo mais amplo.

Nas Escrituras, a crença e a conversão também são apresentadas como conceitos correlatos. Lucas, ao descrever o reavivamento em Antioquia, declara: "E muitos, crendo, se converteram ao Senhor... Tendo ele [Barnabé] chegado e, vendo a graça de Deus, alegrou-se, e exortava a todos a que, com firmeza de coração, permanecessem no Senhor" (At 11.21-23). Nesta passagem, a crença antecede a conversão. É o crente que se volta ao Senhor. Mas além disto, a conversão é algo mais do que a crença. Pode ser vista. É o fenômeno observável da graça de Deus em ação na vida do crente.

Uma observação final deve ser feita antes de se poder tentar uma definição plena da conversão bíblica. Em comum entre todas as passagens citadas há o fato de que as formas verbais que denotam o processo de conversão sempre estão na voz ativa. Embora haja versões que talvez sugiram um sentido passivo nalguns trechos, o texto grego usa a palavra na voz ativa. *É o crente que se volta.* A idéia não é: "Arrependei-vos e que alguma força exterior vos converta para o Senhor." A idéia é: "Arrependei-vos e convertei-vos." A conversão é um ato que é ordenado.

Ora, baseado nas observações exegéticas precedentes, uma definição mais completa e bíblica da conversão pode ser feita. *A conversão é um ato da parte do crente que se segue ao arrependimento em que ele se volta a Deus, de tal maneira que as crenças e práticas da religião antiga são completamente abandonadas e a graça de Deus torna-se observável na sua vida.*

### *A Importância da Conversão*

Aquelas passagens que são centrais à definição da conversão também revelam a *importância da conversão*.

Em primeiro lugar, a conversão é importante porque é uma exigência prévia à bênção (At 3.19).

Em segundo lugar, a conversão é importante porque naturalmente antecede o serviço prestado a Deus (1 Ts 1.9, 10).

Em terceiro lugar, sendo que a conversão é externa e observável, é importante para o testemunho cristão.

Em quarto lugar, a conversão é importante porque é relacionada com o perdão dos pecados (At 3.19; 26.18). Pedro comenta na sua primeira Epístola o relacionamento entre a conversão e o perdão. Declara que seus leitores ti-

nham voltado para o Pastor e Bispo das suas almas — Jesus Cristo que carregou os pecados deles no madeiro (1 Pe 2.24, 25). Sendo assim, a conversão é uma volta ao Perdoador e tem relacionamento com o perdão. Paulo argumenta da mesma maneira na carta aos Colossenses. O perdão do pecado é mais ou menos sinônimo da redenção. A redenção está no Filho amado de Deus, para cujo reino o crente foi transferido (Cl 1.12-15).

Em quinto lugar, a conversão é importante porque está relacionada com uma compreensão da lei. Paulo declara que os israelitas tinham um véu sobre seus corações quando a Lei era lida. “Quando, porém, algum deles se converte ao Senhor, o véu lhe é retirada” (2 Co 3.16). Charles Ryrie explica que o véu está sobre o coração “enquanto considerarem a lei como permanente, e não se voltarem a Cristo, que remove o véu.”<sup>2</sup> Noutras palavras, a lei não pode ser compreendida à parte de um voltar-se para Cristo. A conversão é importante para se compreender o Antigo Testamento.

### **Pesquisas Relevantes**

A história revela que a conversão da variedade neotestamentária era totalmente estranha ao mundo helenístico do século I d.C. Michael Green aduz várias razões para este fato. Em primeiro lugar, o homem helenístico não considerava a crença como uma exigência para pertencer a uma seita. Em segundo lugar, a ética não era considerada parte da religião. Em terceiro lugar, a conversão cristã fazia sobre seus aderentes uma reivindicação exclusivista que era assustadora ao homem helenístico.<sup>3</sup>

A conversão, portanto, não deve ser considerada como alguma coisa bem aceitável (ou até mesmo elegante) no século I mas que está fora da moda no século XX. A conversão cristã era, e é, necessária por causa da exigência divina a despeito da antipatia da sociedade contra ela. Esta é uma parte da cruz do crente.

### **Reflexões Práticas**

Os cristãos evangélicos são rápidos para apontar um dedo acusador contra os liberais, muitos dos quais, por alguma alquimia teológica produziram uma salvação que não requer a mudança radical que é implícita na conversão. Mas como o pregador que aponta o dedão sobre si mesmo enquanto estende seu dedo na direção doutras pessoas, os evangélicos devem considerar suas falhas e defeitos quanto a isto. Também tendem a errar. Freqüentemente, a evangelização contemporânea leva a uma “decisão por Cristo” ou “recebimento do Salvador” com muita pressa mas com pouca atenção ao arrependimento e (às vezes) com explicações inadequadas da fé e da própria conversão.

É importante que os convertidos em potencial sejam instruídos no evangelho e a respeito do sentido e do significado da conversão. Pedir que alguém faça uma decisão tão importante com base em nenhuma compreensão ou em um mal-entendimento é eticamente indefensável.

*Ilustração ME-3:* John L. Nevius, o grande estadista missionário da China e da Coréia, escreve que a maioria dos missionários da China dos seus dias dedicava a "atenção principal" à evangelização da "classe média ou mais analfabetizada."<sup>4</sup> Faziam assim por meio de irem até áreas relativamente não-alcançadas e por meio de visitarem as feiras que eram um aspecto marcante da vida do interior da China. A curiosidade assegurava grandes multidões, e, quando era feito um apelo, havia uma boa resposta. Nevius, no entanto, adverte contra tomar por certo que, em tais casos, as pessoas compreendem o que está sendo pregado. Aconselha os missionários no sentido de que o objetivo importante em tais casos seja deixar uma impressão de boa vontade e criar um senso de expectativa para as visitas futuras. É um bom conselho. O mundo tem uma superabundância de "convertidos" cuja curiosidade tem sido satisfeita mas cujos corações não foram transformados!

## Motivação e Conversão

### Princípios e Precedentes Bíblicos

No capítulo anterior, o assunto da elêntica foi tratado de forma breve. Aquele assunto está intimamente relacionado com a motivação. Está abundantemente claro que ninguém *vem* para o Filho a não ser que seja trazido *pelo* Pai (Jo 6.44). O Espírito Santo foi enviado para o mundo precisamente com o propósito de convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8). A explicação do nosso Senhor torna claro que neste contexto o pecado é a descrença em Cristo, a justiça é a justiça de Cristo, e o juízo é o julgamento de Satanás quando Cristo triunfar sobre o pecado e a morte. Na realidade, somente o Espírito Santo pode convencer o mundo destas coisas. Que a descrença em Jesus é pecado hediondo não é fácil aceitar. Com Cristo no céu ao invés de na terra, os homens tendem a comparar-se com seu próximo ao invés de com o Cristo justo. E para o homem natural a idéia de que a luta contra o mal já é uma "causa perdida" parece prepóstera. A "motivação" para aceitar estas verdades e agir à altura delas deve vir da parte do Espírito Santo. Isto, porém, não significa que não possa haver outros fatores motivacionais ligados com a conversão. Dentro do próprio convertido em potencial pode haver pelo menos três tipos de motivação.

Em primeiro lugar, há o conjunto de fatores motivacionais que se orienta em direção ao próprio-eu. Há várias ilustrações disto no Novo Testamento. Um leproso foi até Jesus e pediu para ser purificado. Seu motivo era pessoal — "Podes purificar-me" (Mc 1.40, grifos nossos). Depois, havia o cego Bartimeu, que pediu: "Mestre, que *eu* torne a ver" (Mc 10.51, grifos nossos). Os dois homens foram motivados pelo desejo de uma vida melhor aqui e agora. O jovem rico também deu evidência de um motivo pessoal, perguntando: "Que *farei* para herdar a vida eterna?" (Lc 18.18, grifos nossos). Note que Bartimeu e o leproso estavam preocupados a respeito do presente ao passo que o jovem rico estava

preocupado com o futuro. Mas ainda mais interessante e importante é a reação do Salvador. Não declarou que os motivos de qualquer destes homens eram indignos. Reconhecia os motivos orientados em direção ao próprio-eu como tendo certa legitimidade.

Um segundo conjunto de fatores motivacionais podem ser descritos como orientados em direção a Deus. Há algumas pessoas que já compreendem algo da majestade ou santidade de Deus. Paulo estava nesta categoria. Viu a luz, ouviu a voz, e ficou cego. Somente ao perguntar: "Quem és tu, Senhor?" (At 9.5), é que chegou a reconhecer o senhorio de Cristo. A conversão de Paulo foi instantânea. Veio como resultado de estar ele orientado em direção a Deus.

Um terceiro tipo de fator motivacional pode ser chamado orientado em direção à sociedade. Esta atitude fica em evidência quando um indivíduo não procura algo para si mesmo mas, sim, procura o bem doutra pessoa ou do seu próprio grupo social. No Novo Testamento, a motivação em direção à sociedade ficou aparente quando o povo trazia os enfermos e os aflitos ao Senhor e aos apóstolos para serem curados. Também ficou aparente em Zaqueu, que, na ocasião da sua conversão, evidenciou uma nova preocupação para com os pobres e para com qualquer pessoa que tivesse tratado com injustiça (Lc 19.8-10).

Há uma pergunta crucial relacionada com estas motivações. É esta: O pregador está justificado em apelar a motivações orientadas para o próprio-eu e para a sociedade? Talvez nosso Senhor resolveu o problema quando Ele disse: "Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas" (Mt 6.33). Estava falando para uma nação que ativamente procurava uma vida melhor. As palavras "estas coisas" referiam-se especificamente ao alimento e às vestes (v. 25). Mas o Senhor não rebaixou Seus ouvintes, dizendo-lhes que seus motivos eram indignos. Pelo contrário, disse-lhes que ao buscarem o reino de Deus e a Sua justiça podiam ter estas coisas. Noutras palavras, Jesus apelou para os fatores motivacionais "não-espirituais" orientados para o próprio-eu e para a sociedade. *Mas ao assim fazer, nosso Senhor não deixou de lado as condições necessárias para seu cumprimento.*

Paulo e os demais apóstolos imitavam o Senhor quanto a isto. Não cessavam de pregar o reino porque, inerente neste assunto, havia um apelo a motivações orientadas para o próprio-eu e a sociedade. Pregavam o reino (At 8.12; 28.31) e explicavam as condições necessárias (At 8.22; 14.22).

Nossa discussão nos trouxe para outra pergunta. Podemos hoje pregar o reino da mesma maneira que Cristo e os apóstolos o pregavam? O missionário-evangelista de hoje pode prometer a realização dos desejos pessoais e sociais com base em mudar da lealdade a Satanás para a lealdade a Deus? A resposta a estas perguntas parece óbvia. O pecador convertido não está isento da injustiça social. O sofrimento é a sorte do crente (2 Tm 1.8, 12; 2.11-13; 3.12). Ninguém tem autoridade para prometer a ausência do sofrimento. Mesmo assim, o reino deve ser proclamado. Faz parte de "todas as coisas" da Grande Comissão. Todos os crentes participarão dele quando o Senhor estabelecer Seu reino na terra. Os crentes reinarão com Cristo (2 Tm 2.12).

Além disto, a salvação não é somente para o futuro. As bênçãos pessoais da paz com Deus, da verdadeira liberdade em Cristo, da ausência da culpa, e

da vitória sobre os vícios podem ser prometidas àqueles em qualquer época que fazem de Cristo seu Senhor.

Concluimos que os benefícios que advêm ao crente mediante a conversão ao Senhor Jesus Cristo devem ser pregados. Os desejos que os homens têm de receberem estes benefícios constituem-se em base legítima para apelar a eles no sentido de se converterem.

### Pesquisas Relevantes

Obviamente, a conversão está estreitamente relacionada com a motivação — assunto este que se tem revelado difícil para os pesquisadores e os teóricos. Da vasta literatura sobre o assunto, vários ítems são de importância especial no presente contexto:

(1) Deve-se fazer uma distinção entre as necessidades reais e as necessidades sentidas. As necessidades sentidas nem sempre são reais ou básicas, embora possam sê-lo. As necessidades reais surgem daquilo que o homem é em virtude da sua criação. Criado um organismo biológico, o homem precisa do alimento, do descanso, do sono, do exercício, e assim por diante. Criado um ser sensível, o homem, sempre que faz escolhas, requer razões que estão fundamentadas na sua inteligência ou no seu sentido de bem-estar. Criado um ser social, o homem precisa da comunhão com outros homens e da aprovação deles. Criado um ser espiritual, o homem precisa da comunhão com Deus. Compreendendo isto, os missionários-evangelistas, na própria natureza da sua vocação, devem prestar atenção às necessidades reais do homem integral, e especialmente às necessidades espirituais essenciais.

Aquelas necessidades que são meramente sentidas podem até servir de pontos de contato, mas não devem ser confundidas com necessidades reais, nem devem ter licença para desviar o missionário de ministrar às necessidades reais ou de anunciar todo o desígnio de Deus.

(2) Um estudo levado a efeito pela Federação Luterana Mundial no Japão em 1973-74 é aplicável à nossa discussão.<sup>5</sup> De 1.428 crentes batizados durante os dois anos em quatro denominações luteranas, 438 responderam a um questionário. Foram feitas várias perguntas que diziam respeito aos motivos para a conversão a Cristo. As respostas a estas perguntas (e talvez as próprias perguntas) precisam de análise cuidadosa. Mas, aceitas por aquilo que são, não deixam de ser instrutivas.

Pergunta:	O que você estava procurando no início da sua busca?	
Respostas:	O significado da vida . . . . .	40%
	O modo de viver corretamente . . . . .	40%
	O verdadeiro amor . . . . .	37%
	O significado da morte . . . . .	20%
	Libertação da solidão . . . . .	15%
	Compreensão do destino . . . . .	15%

Pergunta:	No começo da sua busca, o que havia na igreja que atraía seu interesse?	
Respostas:	Comunhão calorosa . . . . .	48%
	Amor . . . . .	44%
	Perdão do pecado . . . . .	43%
	Paz para a alma . . . . .	39%
	Significado e propósito para a vida . . . . .	31%
	Encontros com pessoas . . . . .	30%
Pergunta:	Que tipos de fardos você sentia?	
Respostas:	Incapacidade . . . . .	32%
	Repreensão do pecado . . . . .	20%
	Quebra de relacionamentos de confiança . . . . .	17%
	Vida passada obscura . . . . .	11%
	Doença . . . . .	11%
	Desarmonia no lar . . . . .	10%

Reconhecendo que tanto as perguntas quanto as respostas (especialmente uma resposta tal como "incapacidade") devem ser interpretadas no contexto, parece evidente que a maioria destes convertidos evidenciavam motivos que podem ser geralmente categorizados como sendo orientados em direção ao grupo (e.g., buscando comunhão calorosa e amor na igreja), embora alguns deles se enquadrem bem claramente ou na categoria orientada em direção a Deus, ou na categoria orientada em direção ao próprio-eu (e.g., procurando o significado da vida, o modo de viver corretamente, o perdão para o pecado, a paz para a alma).

(3) Pesquisas levadas a efeito na Índia por Waskom Pickett indicam que a "pureza de motivo" talvez não seja um fato tão grande na multiplicação quanto gostaríamos de pensar.<sup>6</sup> Um estudo cuidadoso e científico dos convertidos indianos de uma geração anterior revelou que seus motivos primários para se tornarem cristãos podiam ser categorizados da seguinte maneira:

- (a) Motivos espirituais (34,8%)
- (b) Motivos seculares: e.g., um emprego melhor, uma vida melhor (8,1%)
- (c) Motivos sociais: e.g., outros estavam se tornando cristãos (22,4%)
- (d) Influências desde o nascimento (34,7%)

O estudo concluiu que havia um grau muito maior de "seguimento" ou "realização espiritual" entre aqueles que se tornaram crentes por razões diferentes das rigorosamente "espirituais" do que ordinariamente anteciparíamos. Setenta por cento daqueles que se tornaram cristãos por razões outras do que as espirituais, e setenta por cento daqueles que se tornaram cristãos porque outros da sua família ou casta fizeram o mesmo, passaram a freqüentar a igreja com regularidade.<sup>7</sup> Aquilo que poderíamos ordinariamente chamar de "pureza de motivo" na conversão, portanto, não é necessariamente decisivo em determinar se os convertidos continuarão até serem membros frutíferos, ou não.

(4) Um exame cuidadoso dos efeitos da criação nas sociedades onde as religiões não judaico-cristãs formam a orientação básica levou Robert Oliver à conclusão de que um apelo direto ao interesse egoísta não é apropriado em muitas sociedades.<sup>8</sup> Nas áreas em que o conceito do não-ego ou de nenhum próprio-eu predomina (e, por implicação, todas as áreas onde a ênfase recai sobre a subordinação aos interesses do grupo), seria melhor não apelar diretamente ao interesse-próprio. Oliver reconhece, no entanto, que as pessoas em todos os lugares evidenciam certa medida de auto-interesse, e que pode haver apelo indireto a ele.

A validade das conclusões de Oliver é confirmada por um estudo de incentivos oferecidos aos vendedores da filial em Tóquio de uma companhia norte-americana.<sup>9</sup> Os incentivos oferecidos aos vendedores individuais não levaram a aumentos de vendas. Mas quando "recompensas" eram divididas entre todos os vendedores, independentemente das realizações individuais, as vendas aumentaram de modo significativo. A explicação? Os vendedores davam mais valor à boa-vontade dos seus pares (seus semelhantes) do que ao salário mais alto para si mesmos como indivíduos.

Traduzida em termos cristãos, esta pesquisa nos levaria a crer que o apelo ao convertido em perspectiva para ser "leal a si mesmo" (i.é, às suas próprias convicções) deve ser equilibrado (precedido?) por um apelo no sentido de ajudar a sua família, os seus amigos, a sua tribo, ou a sua nação ao aceitar o Único que pode satisfazer suas necessidades mais profundas.

## Reflexões Práticas

(1) Dois fatos devem ser levados em mente quando conclamamos à conversão a Cristo. Em primeiro lugar, nem todos os motivos que não são rigorosamente espirituais são indignos por causa disto. Nada há de errado com o desejo de tornar-se um cristão a fim de ter comunhão calorosa com o povo de Deus, por exemplo. Em segundo lugar, embora Sir Gallade professou: "Minha força é como a força de dez, porque meu coração é puro," é duvidoso se na vida real alguém possa fazer semelhante reivindicação. Não devemos limitar o ministério do Espírito Santo. O fato de que grandes cristãos ainda lutam com motivos ulteriores deve bastar para indicar que Deus aceita algo menos do que "convertidos puros" e leva bastante tempo (um plano para uma vida inteira?) e trabalho para transformá-los em "santos puros." Isto não significa que nosso Senhor abaixou o padrão. *Não* conservou a cruz do crente um segredo a fim de ganhar discípulos. Chegou *mesmo* a dizer que somente os "puros de coração" verão a Deus (Mt 5.8). Em última análise, podemos carregar nossa cruz somente porque Ele anda conosco, e podemos ser puros de coração somente porque, na Sua graça, Ele nos torna assim.

(2) Como resultado do individualismo ocidental, os missionários-evangelistas tendem a olvidar o grande valor que muitas culturas atribuem à identidade do grupo. A nova ênfase que está sendo dada à vida familiar, à vida comunitária, e à dinâmica de grupo em nossa sociedade é uma reação contra o individualismo.

lismo que tem sido levado longe demais. Podemos apenas imaginar as lealdades que estavam envolvidas na conversão da família de Cornélio, da família do carcereiro em Filipos, e outros grupos no Novo Testamento. Estes exemplos não devem ser confundidos com os grandes números que respondem ao convite numa cruzada de Billy Graham. Estes últimos são ainda individualistas, quase até ao âmago. Precisamos considerar abordagens à conversão que encorajam unidades homogêneas a tornar-se "um em Cristo" e os membros individuais de unidades descrentes a serem leais a Cristo, não apenas tendo em vista a sua própria salvação, mas também tendo em vista a salvação dos seus semelhantes. Note outra vez que grande porcentagem no estudo Pickett foram motivados para receberem a Cristo por motivos sociais e de nasçença, e que passaram a ser cristãos produtivos.

(3) Finalmente, lembremo-nos que o missionário-evangelista é sempre conclamado a ser fiel. Não é prometido que será bem-sucedido. Jesus chorou sobre Jerusalém. Grandes hostes não foram convertidas no Campo de Marte (o Areópago). Mas Jerusalém ouvira palavras dos lábios do Filho de Deus. E aqueles atenienses curiosos tinham escutado o maior apóstolo de todos.

### A Decisão de Converter-se

#### Princípios e Precedentes Bíblicos

(1) O registro bíblico é claro no sentido de que tanto o privilégio quanto a responsabilidade estão envolvidos ao escutar a Palavra de Deus. Não é o "ouvinte" mas o "praticante" que é justificado (Tg 1.22). O evangelho não é somente uma mensagem para ser proclamada, é também um convite a ser recebido (Jo 1.12) e um mandamento a ser obedecido (2 Ts 1.8). A R. Tippett chama isto de "teologia do veredito."<sup>10</sup> Seja qual for o seu nome, é bíblico.

(2) A conversão no Novo Testamento às vezes envolvia um só indivíduo, mas freqüentemente envolvia grupos de pessoas. Há casos no Novo Testamento onde indivíduos chegaram a aceitar Cristo sem relacionamento aparente com qualquer outra pessoa senão o evangelista. O eunuco etíope é um caso destes (At 8.30). Às vezes, os indivíduos eram conclamados a decidir a favor de Cristo diante da oposição dos amigos e até mesmo da família. Quando Cristo enviou Seus discípulos, advertiu-os que a fé às vezes traria uma espada entre os membros da mesma família (Mt 10.34-36).

É verdade, também, que lares inteiros eram convertidos nos tempos bíblicos (At 10.24, 47; 16.30-33). E pelo menos numa ocasião, tantas pessoas vieram a Cristo simultaneamente que o historiador podia escrever: "Viram-no todos os habitantes de Lida e Saroná, os quais se converteram ao Senhor" (At 9.35).

(3) A chamada ao arrependimento e à fé foi dirigida àqueles que eram capazes de fazer a decisão. Pessoas plenamente responsáveis eram chamadas para converter-se a Cristo. Devemos tomar cuidado para não atribuímos peso de-

mais ao argumento baseado no silêncio. As crianças indubitavelmente estavam presentes em muitas ocasiões nas quais o evangelho foi pregado e suas reivindicações apresentadas. Que crianças seguissem a Cristo fica claro nas narrativas tais como aquela dos pães e dos peixes (Jo 6.9-13). E Cristo tornou claro que as crianças têm um lugar especial no Seu reino (Mc 10.14). Mas o registro é claro e específico quanto à identidade daqueles que primariamente foram convidados e ordenados a arrepender-se e crer no evangelho: são basicamente os adultos (inclusive adultos jovens) que estão em mira.

### Pesquisas Relevantes

(1) As sociedades diferem entre si quanto à tomada de decisões. Algumas sociedades estão orientadas em direção às decisões (e.g., os Estados Unidos). Qualquer decisão é considerada melhor do que nenhuma decisão. Outras culturas evitam as decisões tão freqüentemente e por tanto tempo quanto possível (e.g., a China tradicional). Quando as decisões realmente se tornam necessárias, não se "queima as pontes atrás de si," mas, pelo contrário, a porta para a reconsideração é deixada tão escancarada quanto possível. Os chineses (e pessoas de orientação semelhante), estão agindo de acordo com os valores da sua própria cultura quando não seguem até ao fim uma decisão que já não é do agrado deles. Segundo o ponto de vista deles, quando se torna difícil conviver com uma decisão feita previamente, o homem inteligente não permanece nela! Esta abordagem à tomada de decisões não diminui a responsabilidade dos chineses de seguirem a Cristo. Os missionários-evangelistas que foram chamados por Deus para trabalhar com os chineses devem ter em mente esta abordagem à tomada de decisões.

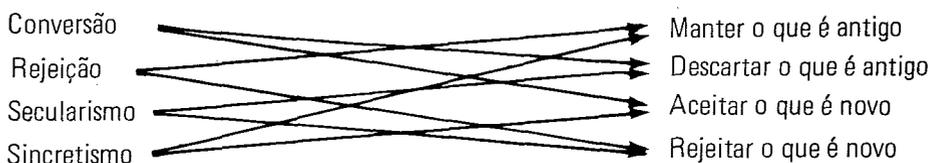
(2) Há várias possibilidades a respeito de qualquer determinada decisão. Nós usualmente pensamos numa decisão diante de qualquer mudança de atitude e/ou ação proposta como tendo possibilidades limitadíssimas: a aceitação ou a rejeição. Isto, naturalmente, é uma simplificação exagerada. A pessoa pode:

- (a) Manter o que é antigo.
- (b) Descartar o que é antigo.
- (c) Aceitar o que é novo.
- (d) Rejeitar o que é novo.

Quando relacionamos a conversão com estas quatro possibilidades, fica evidente que a conversão realmente significa "descartar o que é antigo" (a descrença, o pecado, a idolatria) e "aceitar o que é novo" (a fé em Cristo e a obediência a Ele). Os dois elementos são vitais. Há outros cenários, no entanto. É possível manter o que é antigo e rejeitar o que é novo. Isto é rejeição. É possível descartar a fé antiga sem aceitar a nova. O resultado é secularismo. É possível, também, aceitar o que é novo sem descartar o que é antigo. O resultado é o sincretismo. (Vaja a Figura 33).

FIGURA 33

## Alternativas nas Decisões Religiosas



(3) A Decisão ocorre num ponto e como um processo. Numerosos estudos indicaram que o processo de fazer decisões requer estudo cuidadoso. Devemos ter consciência dos vários passos no processo (embora, naturalmente, possam ser elaborados diferentemente).<sup>11</sup>

- (a) A Descoberta. "A possibilidade X existe para mim."
- (b) A Deliberação. "Devo escolher a possibilidade X?"
- (c) A Determinação. "Sim, aceitarei X."
- (d) A Dissonância. "Se eu não tivesse escolhido X, não estaria tendo estes problemas."
- (e) A Disciplina. "As implicações da escolha de X devem ser aceitas."

Estes passos no processo da tomada de decisões explicam-se a si mesmos, com uma exceção — a dissonância.<sup>12</sup>

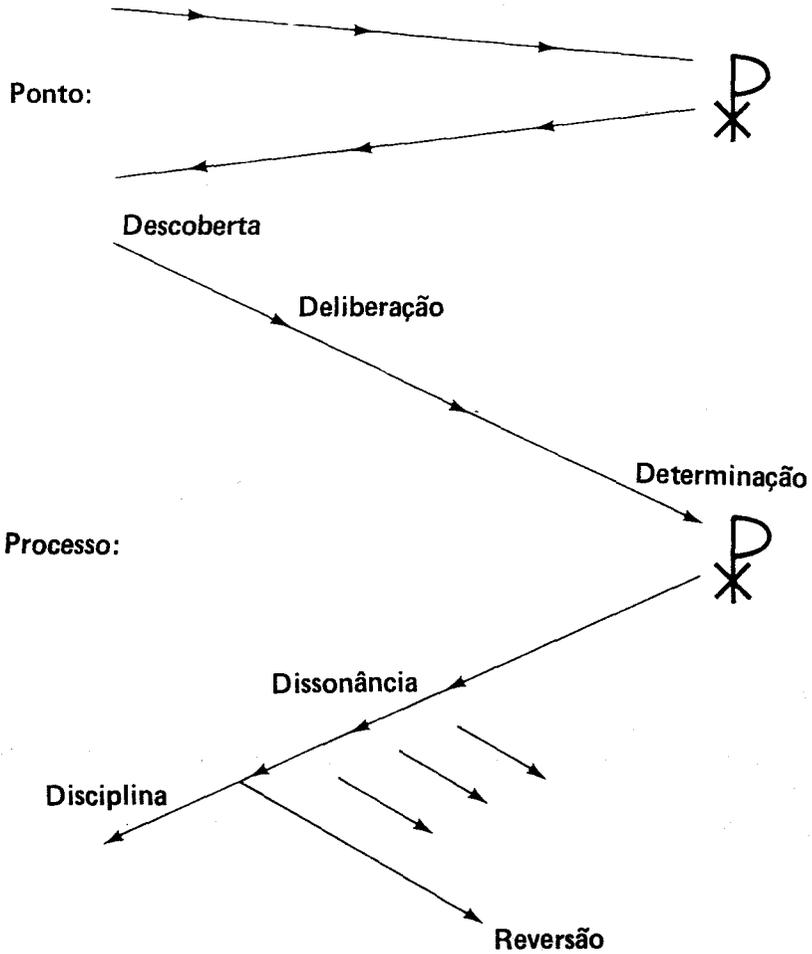
A dissonância refere-se ao estado de indecisão inquietante que freqüentemente ocorre depois da pessoa ter resolvido que seguiria um certo curso de ação — seja comprar um automóvel, selecionar uma escola, ou alterar sua fé religiosa. A dissonância surge quando a pessoa experimenta problemas ligados com o curso de ação escolhido (e.g., poucos km. por litro no caso do automóvel; as exigências educacionais "desordenadas" da escola; oposição inesperada à conversão).

O que a pessoa faz quando experimenta a dissonância depende de que tipo de pessoa é. Depende, também, do tipo de situação em que se acha. Uma vez que a entrada para um carro novo foi paga, o comprador provavelmente não poderá devolvê-lo, por mais baixa que seja sua quilometragem por litro! Mas a pessoa não perde a sua liberdade quando faz uma decisão por Cristo. Pode retroceder. (Veja a Figura 34).

Um esboço muito mais detalhado do processo da tomada de decisões no seu relacionamento com a missão cristã no país e no estrangeiro tem sido tentado por James Engel e H. Wilbert Norton no seu livro: *What's Gone Wrong with the Harvest?*<sup>13</sup> O argumento básico dos autores é que os comunicadores cristãos erraram grandemente ao deixarem de averiguar onde seus auditórios estão localizados em termos da sua compreensão da mensagem cristã, e da sua resposta a ela.

FIGURA 34

A Decisão como um Ponto e um Processo\*



\* Extraído de David J. Hesselgrave: *A Comunicação Transcultural do Evangelho* (São Paulo: Edições Vida Nova, 1996), v. 3.

(4) Quem pode fazer quais tipos de decisões? As sociedades variam consideravelmente quanto a quem pode legitimamente fazer certos tipos de decisões e as circunstâncias nas quais podem ser feitas. Em muitas sociedades (e.g., no Japão) decisões tomadas por crianças e até mesmo por adultos jovens não serão levadas muito a sério. Somente na ocasião da independência econômica e do estabelecimento de um lar separado é que as decisões da pessoa recebem o devido respeito. Como resultado, os ocidentais devem conservar duas questões em mente quando procuram converter as pessoas em tais sociedades: (a) Os que insistem numa decisão feita por jovens sem conferenciar com os membros mais velhos da família podem ser considerados subversivos da vida familiar e desrespeitadores da autoridade constituída. (2) O teste verídico da resolução de uma pessoa mais jovem talvez não venha na ocasião da sua decisão, mas quando entra num emprego ou quando está pronto para o casamento.

(5) A decisão em grupo às vezes é possível. Falando de modo geral, as culturas com padrões de afinidade por linhagem, com orientações rurais (de aldeias e especialmente de tribos), e de estratificação por "classe fechada" (casta) tenderão a ressaltar a unidade do grupo e a necessidade de uma decisão em grupo. As culturas com o sistema de afinidade por parentesco e um grau significativo de heterogeneidade e abertura tenderão a ressaltar as decisões individuais e a necessidade de manter a integridade das convicções individuais. A decisão em grupo, naturalmente, evita o problema do deslocamento social. Tem sido demonstrado que até mesmo no ocidente, a decisão em grupo é mais duradoura. Uma vez que um grupo chega a uma decisão no sentido de agir, os membros têm a probabilidade de levá-la a efeito.

No contexto da missão cristã, as conversões em grupo podem ser chamadas "*movimentos populares*" ou "*conversão multi-individual*."<sup>14</sup> As decisões em grupo não significam necessariamente que os indivíduos foram desconsiderados. Usualmente significam que os indivíduos fazem escolhas em consulta e entendimento com outros, ao invés de independentemente deles.

## Reflexões Práticas

Uma revisão dos dados supra sobre a conversão e a tomada de decisões revela certo número de áreas em que algum ajustamento às realidades bíblicas, sociais, e psicológicas poderiam trazer a compreensão e prática evangélicas do século XX muito mais perto do ideal neotestamentário. Talvez não haja nenhuma área individual em que estamos mais circunscritos do que pelo pensamento e a prática tradicionais. Nossa prática nem sempre tem sido fiel ao ensino do Novo Testamento, nem tem ficado em dia com o entendimento contemporâneo. Isto fica bastante aparente dentro do contexto norte-americano, mas torna-se ainda mais pronunciado quando atravessamos as barreiras culturais. A prática missionária-evangelística em culturas muito diferentes das nossas próprias revela uma insensibilidade às diferenças culturais básicas que é freqüentemente apavorante. Como consequência, freqüentemente desperçamos antagonismo desnecessário por abordagens que desconsideram os que

fazem as decisões e que confrontam seus "protegidos." Às vezes formamos sincretistas e secularistas ao invés de cristãos. Frequentemente apelamos a abordagens que resultam em reversões e depois pensamos que os que retrocedem são inconstantes. Vamos para áreas-alvos com grande potencial para a conversão em grupos, e ainda apelamos aos métodos concebidos para as culturas individualistas. Devemos esperar que agora estamos entrando num tempo de transição durante o qual os missionários e os evangelistas se tornam cada vez mais conscientes dos fatores supra.

Deve ser lembrado que na conversão estamos tratando de *homens, e não máquinas, e com almas, e não com estatísticas*. As considerações principais no planejamento para decisões reais por Cristo entre qualquer povo-alvo, dizem respeito àquilo que experimentam como *peças individuais* e como *peças na sociedade*. As chamadas às decisões devem ser não somente centralizadas em Cristo, como também relacionadas com a cultura e orientadas para as pessoas.

### *Decisões Relacionadas com a Cultura*

Em qualquer sociedade, deve ser feito um apelo à decisão porque o evangelho exige uma resposta. Mas conforme temos visto, as culturas diferem tão grandemente entre si que a consciência cultural é necessária para os missionários-evangelistas evocarem a resposta apropriada.

(1) Planeje oportunidades regulares, freqüentes, e culturalmente apropriadas para os descrentes receberem a Cristo. O tempo e o lugar de tais ocasiões variarão entre si de modo significativo. O que importa é que se entenda de modo geral que convites para receber a Cristo poderão ser feitos em qualquer tempo, e serão dados regularmente.

*Ilustração ME-3:* O Pastor Rene Zapata de El Salvador tem programado, já há muitos anos, um culto evangélico na sua igreja todas as noites de domingo. Todos os crentes são informados que se convidarem seus amigos não-salvos, poderão ter a certeza de que o evangelho será pregado e um convite dado. As almas chegam a Cristo com regularidade. Nas áreas do mundo onde as reuniões são impossíveis nos domingos à noite, ou são freqüentadas somente pelos crentes, tempos alternativos terão de ser achados.

(2) Um grande esforço deve ser feito para abordar aqueles líderes que são considerados pelas suas culturas respectivas como capazes de tomar decisões tão importantes como a conversão religiosa. Mesmo quando não aceitarem a Cristo, a compreensão e a boa vontade que pode ser ganha por meio de reconhecer sua autoridade poderá tornar a situação mais fácil para outros membros do grupo que realmente se tornam cristãos. Os obreiros cristãos cujos esforços evangélicos estão dirigidos primariamente às crianças, aos estudantes, e às mulheres (aqueles que, conforme a cultura, talvez sejam considerados carentes de autoridade para tomar semelhante decisão) fariam bem em prestar atenção especial a este conselho.

*Ilustração ME-3:* Depois de muitos anos de evangelização em Quênia, um plano mestre foi preparado para alcançar novas aldeias. O pequeno grupo de planejamento representava muitos anos de experiência missionária na África. Concluíram unanimemente que sua estratégia prévia de ir em primeira e diretamente àqueles que eram imediatamente acessíveis tinha sido um erro. Resolveram que nas áreas novas uma apresentação inicial seria feita aos anciãos da aldeia a fim de garantir sua compreensão e boa vontade, ou até mesmo sua conversão e cooperação. A experiência subsequente comprovou a validade desta abordagem.

(3) Decisões em grupo devem ser encorajadas. Por um tempo longo demais, o individualismo ocidental tem determinado nossos padrões de conversão. Até mesmo na América do Norte, atenção está sendo dada agora a abordar casais e famílias (núcleos) inteiras com o evangelho. A possibilidade de estimular decisões em grupo não deve ser desconsiderada.

*Ilustrações ME-3:* Alguns dos exemplos mais destacados de conversões em grupo nos tempos recentes têm ocorrido no Iriã Ocidental, onde tribos inteiras queimaram seus fetiches e vieram a Cristo. Uma ilustração com uma aplicabilidade mais ampla, no entanto, talvez seja o plano entre os Sevav, explicado em detalhes no capítulo anterior. Em Sevav houve uma tentativa de alcançar famílias inteiras extensas como unidades, e encorajar decisões em grupo por Cristo. O número relativamente grande daqueles que decidiram a favor de Cristo e que seguiram fielmente, testifica da viabilidade de abordagem.

### *O Convite à Decisão Sensível ao Processo*

Ao usarmos a frase “convite sensível ao processo”, dirigimos a atenção ao fato de que, ao lidarmos com aqueles em prol de quem Cristo morreu, estamos tratando de pessoas que têm numerosas perguntas, frustrações, e provocações. Planeje, portanto, aconselhar alguns respondentes acerca das questões do arrependimento e da fé *no decurso de um período de tempo*. Não subestime a importância do ponto da decisão. Mas lide com as realidades espirituais e psicológicas da situação.

“A decisão de processo,” no sentido em que usamos a frase, tem referência especial às decisões em grupo. No entanto, também é importante pensar nestes termos quando estamos lidando com indivíduos que correm o risco do ostracismo como resultado da conversão a Cristo. Ajudar estas pessoas a vencer a dissonância é vital! Satanás não gosta de sair perdendo!

*Ilustração ME-3:* Os missionários batistas conservadores em Kalimantan estavam interagindo com um grupo de nativos que estavam considerando a conversão a Cristo. Muitas perguntas foram feitas e respondidas — de modo satisfatório a todos, conforme parecia. Finalmente, certo homem de idade achou a coragem e as palavras para expressar um problema que provavelmente estava na mente de todos. Disse: “Queremos crer no seu Deus e segui-LO; mas, digamos: Ele sabe fazer um arrozal?”

Quão fácil é dar respostas prontas em semelhante situação. Afinal das contas, Deus fez os campos, o arroz, o sol, e a chuva! E aquelas ofertas e orações

que acompanham a agricultura naquela parte do mundo não passam de superstição e idolatria!

Estas, porém, eram pessoas responsáveis que tinham de cuidar de filhos em fase de crescimento. Eram sinceras. E, levando em conta sua cosmovisão até àquele tempo, a pergunta era inteiramente legítima. Bem-aventuradas são tais pessoas quando os que ministram a Palavra de Deus compreendem seu ponto de vista, e quando têm ministros que se recusam a deixá-los na idolatria nem a levá-los para o secularismo, mas, sim, levam-nos a Cristo. Naturalmente, Deus *pode* fazer um arrozal!

## O Batismo e a Confissão de Fé

### Princípios e Precedentes Bíblicos

Nos tempos neotestamentários, quando alguém aceitava a Cristo, esperava-se dele que confessasse a Cristo. Isto era feito de três maneiras: (1) na confissão verbal de Cristo como Senhor; (2) na confissão simbólica pelo batismo na água; e (3) pelas boas obras e por uma vida transformada. Nenhuma destas era suficiente, em si só e por si só, para a salvação. Todas acompanhavam a fé salvífica.

(1) *A confissão verbal* pode ser vista na carta aos Romanos:

Se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Porque com o coração se crê para justiça, e com a boca se confessa a respeito da salvação. Porquanto a Escritura diz: Todo aquele que nele crê não será confundido... Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo” (Rm 10.9-11, 13).

O conteúdo da confissão é o senhorio de Cristo. Mas o que é a confissão? Literalmente: é “dizer a mesma coisa” — ou seja: dizer acerca do Filho a mesma coisa que o Pai diz acerca dEle. Mas no contexto de Romanos 10 a “confissão” é explicada de uma maneira algo diferente. Há um paralelismo na estrutura da sentença que pode ser visto ao agrupar declarações semelhantes:

- (a) “cre em teu coração que Deus O ressuscitou”
- (b) “com o coração se crê para justiça”
- (c) “Toda aquele que nele crê não será confundido”
  
- (a) “confessa com a tua boca Jesus como Senhor”
- (b) “com a boca se confessa a respeito da salvação”
- (c) “Todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo”

Desta maneira torna-se claro que a “confissão” é o equivalente a “invocar o nome do Senhor.” Sendo assim, a confissão de Jesus como Senhor é um ato do crente que é baseado na fé em Cristo como Senhor, ato mediante o qual invoca o Seu nome.

(2) Esta confissão verbal era seguida por uma *confissão simbólica* diante dos homens. O batismo era obrigatório para o crente. Era enfatizado na Grande Comissão e praticado pela igreja apostólica. Há um perigo na doutrina do batismo, no entanto. É o perigo de deixar de distinguir entre o batismo que salva (1 Pe 3.21) e o batismo na água que é apenas simbólico. Não estamos dando a entender aqui que há dois batismos na Escritura, porque isso seria contrário a Efésios 4.5. Pelo contrário, estamos dizendo que o batismo na água é a representação visível do batismo no Espírito. Assim como o batismo no Espírito coloca todos os crentes no corpo de Cristo no momento em que a fé salvífica é colocada nEle (1 Co 12.13), assim também o batismo na água é realizada no momento em que Cristo é confessado como Senhor, e o crente passa então a ser acrescentado à igreja (At 2.41; 8.12-16).

(3) Um terceiro tipo de confissão é aparente no Novo Testamento no qual era exigido do crente que praticasse “obras dignas de arrependimento” (At 26.20). Este tipo de confissão é ressaltado em Tito 2, onde a conduta do crente é aquela que adorna a doutrina de Deus (v. 10). As boas obras deviam ser realizadas porque “a graça de Deus se manifestou salvadora” (v. 11). As obras do crente eram um testemunho da graça de Deus. Tão essenciais eram as boas obras que Tiago podia afirmar que sua ausência era um sinal da fé morta (Tg 2.17) e sua presença era uma evidência da fé salvífica (Tg 2.18).

Resumindo: três tipos de confissão eram ordenados pelos pregadores na igreja apostólica: O crente devia confessar Jesus como Senhor pela palavra falada; devia ser batizado na água como evidência do batismo pelo Espírito; e devia produzir obras que demonstrassem que sua fé era uma fé salvífica.

## Pesquisas Relevantes

(1) Será bom simplesmente notar o que os pesquisadores falam unanimemente acerca do relacionamento íntimo que existe entre o conhecimento e as palavras de um lado, e entre a comunicação e o comportamento doutro lado. É difícil — talvez impossível — pensar sem palavras. Articular suas crenças não é apenas transmiti-las a outras pessoas. Também tem o efeito de esclarecê-las e reforçá-las para si mesmo. Quanto ao comportamento não-verbal, que agora é geralmente chamado “a linguagem silenciosa,” as pessoas estão constantemente *comunicando* suas idéias, atitudes, sentimentos, e valores sem *dizerem* uma única palavra.

(2) As pesquisas também indicam que seria incomum se algum tipo de rito não acompanhasse um evento tão importante quanto a conversão cristã e a identificação do novo crente com uma nova família e um modo diferente de vida. Analogias ao batismo cristão são encontradas na maioria das religiões e das organizações pseudo-religiosas — desde a circuncisão, bar mizvá, e ordenanças sacerdotais (cf. Nm 19.7), até aos rituais babilônios e gregos (especialmente os elisianos), até os ritos da livre maçonaria moderna. De fato, ritos de iniciação que significam a aceitação nas obrigações e nos privilégios da vida adulta são comuns em muitas áreas do mundo. Cristo não deixou desa-

percebido o significado desse tipo de ato simbólico ao estabelecer a Sua Igreja.

### Reflexões Práticas

De modo geral, a Igreja fez bem ao enfatizar a importância de dar testemunho verbal à fé da pessoa e de viver o tipo de vida que é consistente com essa confissão. (Deve ser notado, no entanto, que nalgumas sociedades e circunstâncias até mesmo o testemunho verbal não seja aconselhável imediatamente após a conversão.<sup>15</sup>) A experiência parece indicar que as fraquezas da missão e evangelização modernas acham-se nas áreas de "atos de arrependimento" e de batismo.

(1) Os "atos de arrependimento" provavelmente ficam sem ênfase hoje em dia porque interpretamos erroneamente a graça divina. A graça não exclui a necessidade do arrependimento, no entanto. E a restituição, a reforma, e o arrependimento formam um bom conjunto.

Outro aspecto deste problema aparece em primeiro plano nas situações transculturais onde os atos de arrependimento talvez assumam formas pouco familiares. Isto é assim porque o pecado e a descrença têm suas próprias expressões culturais peculiares. Por exemplo, muitas sociedades pagãs têm deuses do lar. Nos Estados Unidos, a própria casa pode tornar-se a deusa da pessoa. Dificilmente seria apropriado queimar a sua própria casa. Mas o que se diz dos ídolos do lar? O que é que o arrependimento envolve nestes casos? É necessário que os ídolos do lar sejam publicamente queimados? Talvez não. Mas também não devem ser quietamente armazenados no armário!

*Ilustrações ME-3:* Na ocasião da sua conversão, os membros da tribo Dani do Iriã Ocidental reuniram seus fetiches, amuletos e outros equipamentos de superstição e bruxaria, colocaram-nos numa pilha grande, e acenderam tudo com tochas. Sem dúvida, este rompimento claro com o passado foi encorajado pelo fato que a decisão de converter-se foi uma decisão em grupo, com os líderes tribais mostrando o caminho. Nos contextos da China, da Coréia, e do Japão, onde as conversões tendem a ser individuais e as missões têm uma história mais longa, queimar ídolos e talismãs não é comum. Talvez não seja necessário; mas, de qualquer forma, a questão levantada pelo prevalectimento dos ídolos não pode ser olvidada.

(2) As confissões verbais devem ser encorajadas. Visto que nosso Senhor requer que O confessemos como Senhor, precisamos encorajar confissões de fé espontâneas da parte dos nossos convertidos. Devemos também programar algumas confissões a fim de que o assunto não seja deixado de lado nas muitas atividades das nossas labutas.

*Ilustração ME-1:* Warren Bathke, até recentemente pastor de uma igreja em Dix Hills, Nova York, desenvolveu a prática de fazer um apelo no fim de cada culto de domingo de manhã. Seu objetivo não era apenas convidar descrentes para o Salvador, como também dar uma oportunidade àqueles que foram convertidos nos seus lares como resultado do programa de visitação durante a sema-

na a virem para a frente e publicamente dar testemunho à sua nova fé. Raras vezes havia um domingo sem resposta.

*Ilustração ME-1-3:* Em certas culturas os plantadores de Igrejas deram início a uma prática que parece muito útil. Antes dos novos convertidos serem batizados, são convidados a escrever cuidadosamente por extenso seu testemunho e sua confissão de fé. Este testemunho escrito torna-se parte dos arquivos da igreja, e uma cópia é dada para o crente. Periodicamente no curso dos anos, e sempre quando necessário, estes testemunhos são passados em revista pelos crentes. Que bela maneira de trazer à lembrança a graça de Deus na vida dos indivíduos e da igreja!

(3) Há duas razões básicas porque o batismo freqüentemente se torna um problema ao invés de uma bênção. Em primeiro lugar, muita evangelização é levado a efeito por grupos paraeclesiais e fora da igreja. Como resultado, o batismo se torna um assunto duvidoso, ou, na melhor das hipóteses, um assunto que é convenientemente arquivado para consideração futura.

Em segundo lugar, muitos cristãos evangélicos têm reagido demasiadamente contra a noção muito divulgada de que o batismo é um meio da graça. Têm razão em objetar contra esta noção. Mas, no que diz respeito à sua prática, parece que reagem por meio de negar que o batismo significa coisa alguma. Nisto, estão manifestamente enganados. Seu relacionamento com a missão e a evangelização precisa ser examinado de novo; porque, depois de resolvidos muitos dos demais problemas da obra missionária, este freqüentemente permanece. Por quê? Porque no Novo Testamento o rito é iniciatório, mas, na prática, batizar cedo demais parece resultar apenas num aumento do número dos pagãos batizados. Por difícil que seja, os missionários-evangelistas, bem como os pastores, precisarão resolver qual é o procedimento que parece condizer melhor com as exigências bíblicas e locais.

*Ilustração ME-3:* Pouco depois da Segunda Guerra Mundial alguns missionários da Igreja Batista do Sul, implantando igrejas no Japão, ficaram aflitos com o número de convertidos que retrocederam. A fim de averiguar se havia qualquer relacionamento entre a época do batismo e a freqüência da reversão, levaram a efeito um teste limitado. Nalgumas campanhas evangelísticas, os convertidos eram batizados muito pouco tempo após a profissão da fé. Noutras campanhas, os convertidos eram convidados a seguir um determinado curso de estudos bíblicos antes do batismo. Os missionários concluíram que a época do batismo não era um fator crucial na incidência da reversão. Fatores tais como a qualidade da instrução recebida pelo convertido e sua aceitação por cristãos mais velhos pareciam ser mais importantes.

*Ilustração ME-3:* Os Batistas Conservadores nalgumas partes da Ásia examinaram cuidadosamente a questão do batismo. Há vários anos, resolveram que o batismo não seria administrado aos convertidos mais jovens até ficarem maiores de idade.

## A Formação de um Plano Mestre

### Instrução Acerca da Conversão

Pode-se esperar que os não-cristãos não entenderão aquilo que está envolvido na verdadeira conversão cristã. O próprio conceito da conversão religiosa é totalmente estranho a alguns contextos culturais. Na realidade, quando damos o convite para a conversão, *qualquer* determinado grupo de respondentes terá alguns falsos conceitos que devem ser fielmente tratados por meio da Palavra de Deus, seja em nossa pregação e ensinamento, seja em nosso testemunho e aconselhamento.

Um modo relativamente fácil de lidar com a situação é notar os prováveis falsos conceitos dos respondentes (que podem ser cogitados na base de estudo e interação com os habitantes locais) e depois neutralizar aqueles falsos conceitos com ensinamentos bíblicos preparatórios à conversão. Quando fizermos este tanto, poderemos depender do Espírito Santo para fazer o resto (veja a Figura 35).

### Analisando Possíveis Motivos para a Conversão

O problema da motivação é melhor respondido por meio de colocar as coisas na sua perspectiva apropriada. Os resultados do pecado estarão evidentes em todas as culturas: a pobreza, a escravidão, a fome, relacionamentos sob tensão, lares quebrados, a embriaguez, a violência, as enfermidades, a ignorância, e muitos outros. Dependendo de certo número de fatores, a conversão a Cristo pode ou não resultar na resolução destes problemas. *A primeira responsabilidade do mensageiro de Cristo é tratar daquelas necessidades espirituais que, segundo a autoridade da Palavra de Deus, sabe serem absolutamente básicas. Sua segunda responsabilidade é passar em revista as demais necessidades dos seus respondentes e lidar com elas de modos bíblicos, quer por palavras, quer por ações.* Seria indigno da parte do servo de Cristo desconsiderar os sentimentos e os desejos dos seus ouvintes. Seria ilegítimo para ele apelar para tais sentimentos e desejos sem levar em conta a *resposta de Deus* a eles! (Veja a Figura 36).

Com os dados da Figura 36 em mente, responda a estas perguntas:

(1) Quais destas necessidades se constituem em motivos legítimos para a conversão? Legítimos, mas insuficientes? Claramente ilegítimos? (Note na lista).

(2) As necessidades legítimas *sentidas* tendem a obscurecer as necessidades *reais* porém não sentidas? (Por exemplo, o desejo da aceitação num grupo cristão atrapalha a necessidade do perdão do pecado?)

(3) Os motivos ilegítimos para a conversão (e.g., a expectativa de felicidade ou riqueza instantâneas) indicam que o evangelho tem sido comunicado erroneamente?

## FIGURA 35

## Atitudes dos Auditórios a Respeito da Conversão

FALSO CONCEITO (notar ou classificar)	ÊNFASE BÍBLICA REQUERIDA
--- <b>Oposição:</b> "A conversão é desnecessária."	"Arrependei-vos e convertei-vos."
--- <b>Sincretismo:</b> "Temos sido _____ (hindus, budistas, etc.), mas queremos ser cristãos também."	"Não tereis outros deuses diante de mim."
--- <b>Decisão Reversível:</b> "Sempre podemos mudar de opinião outra vez se as coisas não derem certas."	"Ninguém que, tendo posto a mão no arado, olha para trás..."
--- <b>A Graça Barata:</b> "Faça uma oração, Nada mais há no assunto."	"Contai o preço."
--- <b>Uma Questão Íntima:</b> "A religião não é algo acerca de que se possa falar."	"Com o coração se crê... e com a boca se confessa a respeito da salvação."
--- <b>Outros:</b> _____	

(4) O convertido tenderá a retroceder se as necessidades sentidas não forem satisfeitas após a conversão?

(5) Que ajustamentos poderiam ser feitos em nossa evangelização e aconselhamento?

### Encorajando Decisões Relevantes

Uma vez que entendemos o que a Bíblia ensina acerca da decisão de converter-se a Cristo, resta-nos averiguar as compreensões e práticas *locais* no que diz respeito à tomada de decisões. Isto pode ser feito em vários passos analíticos simples.

*Primeiro Passo.* Averiguar onde o grupo-alvo se encaixa na séria contínua do processo da tomada de decisões (veja Figura 37).

**FIGURA 36**  
**Análise de Motivos Potenciais para a Conversão**

Motivos (notar ou classificar)	Global	Subgrupo 1	Subgrupo 2	Subgrupo 3
<p>1. Motivos Orientados ao Próprio-ou</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>a. Conseguir enfrentar problemas pessoais</li> <li>b. Obter paz com outras pessoas</li> <li>c. Obter prestígio ou poder</li> <li>d. Escapar as obrigações doutra religião</li> <li>e. Procurar emprego ou ganhos materiais</li> <li>f. Obter saúde ou benefícios médicos</li> <li>g. Obter felicidade</li> <li>h. Outros _____</li> </ul>				
<p>2. Motivos Orientados para Deus</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>a. A consiência do amor de Deus</li> <li>b. Um senso do pecado e da necessidade do perdão</li> <li>c. O desejo de estar em paz com Deus</li> <li>d. O desejo de santidade pessoal</li> <li>e. A necessidade de libertação dos poderes malignos e satânicos</li> <li>f. O desejo de conhecer a Deus</li> <li>g. A convicção de que a mensagem cristã é verdadeira</li> <li>h. Outros _____</li> </ul>				
<p>3. Motivações Orientadas para a Sociedade</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>a. Influência materal (pais cristãos)</li> <li>b. O desejo de aceitação pelo grupo ou igreja cristão</li> <li>c. O desejo de casar-se com um cristão</li> <li>d. A concordância com a decisão de um grupo que está se convertendo</li> <li>e. Reação contra a religião (ou irreligião) de um grupo ou pessoa opressor</li> <li>f. O desejo de obter entrada em uma classe ou grupo superior</li> <li>g. Outros _____</li> </ul>				

*Segundo Passo.* Averiguar se diferentes subgrupos-alvos devem ser colocados em pontos diferentes da série contínua. Nas gerações passadas, por exemplo, os norte-americanos adultos estavam no ponto (a); agora ficam mais perto de (b). Não poucos adolescentes estão no ponto (c) ou até mesmo (d).

*Terceiro Passo.* Averiguar quais respondentes serão considerados capazes de fazerem decisões de magnitude da conversão religiosa e quais deles participarão somente através do chefe do clã, do marido, dos pais, ou de alguma outra figura de autoridade. (Nos Estados Unidos, por exemplo, uma mulher é considerada competente para escolher uma religião independentemente do seu marido, mas uma criança muito jovem talvez não tenha a mesma liberdade.)

*Quarto Passo.* Usando os tipos de dados que acabamos de discutir, responda às seguintes perguntas:

(1) Devemos dar mais prioridade às decisões individuais ou às decisões em grupo?

(2) Devemos dar prioridade a certos segmentos (e.g., às pessoas mais idosas) na sociedade ao apelar por decisões por Cristo?

(3) Quanto tempo normalmente será requerido a fim de obter decisões relevantes?

(4) É aconselhável para o evangelista *criar* um grupo de elementos iguais (e.g., uma classe de estudo) cujos membros podem deliberar juntos e tomar uma decisão?

Se o evangelista seguir os passos delineados supra, as decisões por Cristo tenderão a ser mais relevantes e genuínas.

## FIGURA 37

### A Série Contínua do Processo da Decisão

Uma vez que o grupo compreende o evangelho e alguns indivíduos querem converter-se, os respondentes...

Decidirão por si mesmos, sem referência aos seus iguais nem à sua comunidade.

Decidirão por si mesmos, mas com consideração cuidadosa da decisão dos iguais e da comunidade.

Deliberarão e decidirão juntos, com referência aos iguais ou à comunidade, sem sanções contra os que não concordarem.

Deliberarão e decidirão juntos, e aplicarão sanções contra os que não compartilharão do consenso do grupo.

---

a

b

c

d

---

### Determinando Formas Apropriadas de Confissão e a Época do Batismo

(1) O que o batismo significa para a maioria dos membros da comunidade? (Um meio da graça? A renúncia das suas tradições?)

FIGURA 38

**Fatores Culturais que se Relacionam com  
a Época do Batismo**

Fatores (note os que são aplicáveis)	Implicações		
	Batismo Logo	Demora Curta	Avaliação Estendida
1. A demora encorajaria a decisão em grupo. _____			
2. A demora desencorajaria o convertido. _____			
3. Os convertidos geralmente têm conhecimento da fé cristã e das suas exigências _____			
4. Há práticas prévias na localidade que são importantes para a cronologia. _____			
5. Outros. _____			

(2) De quais maneiras o convertido pode confessar a Cristo e renunciar à sua religião anterior sem renunciar à sua cultura e seu povo?

(3) A confissão de fé deve ser oral, escrita, ou ambas?

(4) A confissão e o batismo devem ocorrer num lugar particular ou público?

(5) Quais são os paralelos culturais ao batismo (e.g., formaturas, iniciações, ritos de passagem)?

(6) O que aprendemos dos paralelos culturais? (Por exemplo, o batismo deve servir de substituto funcional para uma cerimônia de iniciação que é amplamente praticada mas que é não-cristã?)

(7) Em estreito relacionamento com estas perguntas há o problema *perene* de *quando* batizar os convertidos. A não ser que a questão seja ditada pela missão ou pela denominação, ou a não ser que o plantador da igreja sinta fortemente que os precedentes bíblicos exigem o batismo imediato, os fatores culturais poderão ser importantes em decidir a questão. Se for assim, o tipo de reflexão sugerida na Figura 38 pode ser útil.

Embora a conversão seja considerada extremamente importante, os passos que levam para a conversão e dali em diante recebem bem pouco planejamento cuidadosamente pensado pela maioria dos missionários-evangelistas. Este é um estado de coisas muito infeliz. Na fidelidade a Deus e com toda a

eqüidade diante dos convertidos em potencial e reais, devem ser tratados com delicadeza e de modo bíblico. Se as considerações supra nos ajudarem a fazer isso, terão cumprido o seu propósito.

## NOTAS

1. Michael Green: *Evangelism in the Early Church* (Grand Rapids: Eerdmans, 1970), pág. 144. A ser publicado brevemente por Edições Vida Nova.
2. Charles Caldwell Ryrie: *Ryrie Study Bible – NAS: New Testament* (Chicago: Moody Press, 1976), pág. 318.
3. Cf. Green: *Evangelism*, págs. 144ss.
4. John L. Nevius: *The Planting and Development of Missionary Churches* (Filadélfia: Presbyterian and Reformed, 1958), págs. 81-82.
5. "How Japanese Become Christians: Second Report of the Baptism Motivation Survey of 1973-1974" (Tóquio: Federação Luterana Mundial, Escritório de Comunicações, sem data).
6. J. Waskom Pickett: *Christian Mass Movements in India* (Nova York: Abingdon Press, 1933), pág. 165.
7. *Ibid.*, pág. 168.
8. Robert Oliver: *Culture and Communication* (Springfield, IL: Charles C. Thomas, 1962), págs. 148-49.
9. W. S. Howell: "A Survey of Problems in Face-to-Face Communication Encountered by American Corporations Overseas" (um estudo lido na Conferência da Associação de Linguagem dos Estados Centrais em Chicago, Illinois, em 15 de abril de 1966).
10. Cf. A. R. Tippett: *Verdict Theology in Missionary Theory* (Lincoln, IL: Lincoln Christian College Press, 1969).
11. David J. Hesselgrave: *Communicating Christ Cross-Culturally*, pág. 447.
12. Cf. Leon Festinger: *A Theory of Cognitive Dissonance* (Evanston, IL: Row, Peterson Publishing Co., 1957), págs. 446-52.
13. James F. Engel e H. Wilbert Norton: *What's Gone Wrong with the Harvest? A Communication Strategy for the Church and World Evangelism* (Grand Rapids: Zondervan, 1975).
14. Donald McGavran: *Understanding Church Growth* (Grand Rapids: Eerdmans, 1970), págs. 296-305.
15. Bruce Olson: *Por Esta Cruz te Matarei* (Editora Vida, Miami, EEUU, 1973), pág. 167.

# Os Crentes Congregados

---

Uma vez que as pessoas tenham sido convertidas, é importante que se sintam parte da família divina, que se reunam fielmente com outros membros da família, e que participem regularmente das atividades da família. Somente desta maneira é que se tornarão membros fortes, maduros, e frutíferos da família de Cristo. Este capítulo se ocupa com a execução desses eventos.

## Objetivos

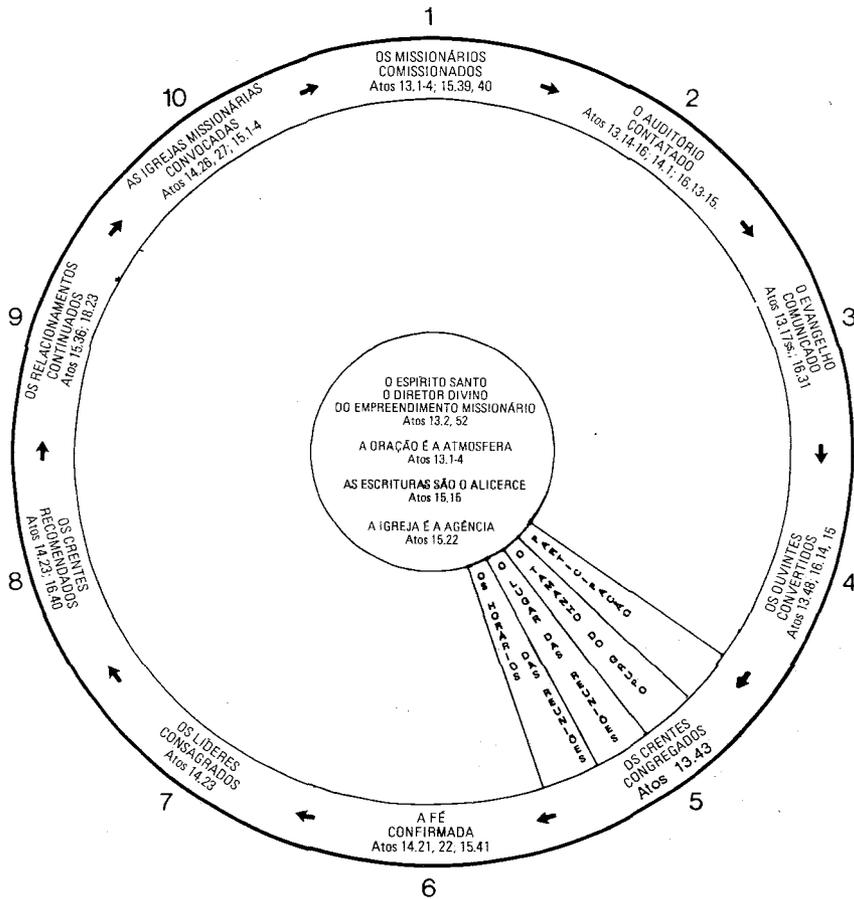
- (1) Estabelecer tempos e lugares para a reunião dos crentes de conformidade com a prática cristã e com os costumes e as circunstâncias locais.
- (2) Tornar as reuniões dos crentes (programadas ou não) tão espiritualmente relevantes e úteis quanto possível.
- (3) Introduzir os novos crentes na comunhão e na disciplina de uma família local de crentes o mais cedo possível.
- (4) Fornecer tantos caminhos para a participação na comunhão da família quanto possível.
- (5) Ajustar o programa da evangelização de modo que encoraje novos convertidos do mundo bem como convertidos com um fundo cristão nominal a entrar na nova comunhão.

## Comunidades Crentes e Descrentes

### Princípios e Precedentes Bíblicos

Na era do Antigo Testamento, Deus estava solícito para com Seu povo, de modo que resolveu que ficariam juntos e que Ele habitaria entre eles. Temos

**FIGURA 39**  
**O "CICLO PAULINO"**



"... muitos dos judeus e dos prosélitos piedosos seguiram a Paulo e a Barnabé..." (At 13.43).  
 "Não deixemos de congregar-nos..." (Hb 10.25).

um quadro da Igreja do Novo Testamento quando, no Antigo Testamento, o povo de Deus se reúne em derredor do tabernáculo. Além disto, Deus e Seu povo viviam e se moviam juntos (Nm 9.17-23).

No Novo Testamento, Jesus disse: "Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles" (Mt 18.20). Com a vinda do Espírito Santo, os crentes eram batizados no novo corpo em que os judeus e os gentios eram um só e Cristo era a Cabeça (1 Co 12.13). Os crentes se constituíam na família de Deus (Ef 2.19); todos eles eram aceitos independentemente dos seus antecedentes étnicos ou da sua posição social. Os crentes faziam parte de uma comunidade de apoio chamada a Igreja e deviam "levar as cargas uns dos outros, e assim cumprir a lei de Cristo" (Gl 6.2, grifos nossos).

A comunidade crente nos tempos neotestamentários tinha certas semelhanças com organizações descrentes comuns, naturalmente. Reuniam-se regularmente; cumpriam em conjunto certos objetivos; enfrentavam certas dificuldades dentro do grupo; procuravam novos membros. Mas, ao mesmo tempo, eram diferentes. Lucas escreve que no dia do Pentecoste Pedro conclamou seus ouvintes: "Salvai-vos desta geração perversa." Sendo assim, aqueles que aceitaram a mensagem e que foram batizados dedicavam-se à:

- (1) O estudo — "perseveravam na doutrina dos apóstolos."
- (2) A comunhão — reunindo-se no templo e nos lares.
- (3) A adoração — partindo o pão, orando, e louvando a Deus.
- (4) A mordomia — dando de si mesmos e dos seus bens uns para os outros conforme a necessidade.
- (5) O testemunho — "contando com a simpatia do povo" de modo que o Senhor acrescentava ao seu número (cf. At 2.41-47).

No decorrer do tempo, e à medida em que as comunidades cristãs se multiplicavam, a cultura pagã e a comunidade descrente começavam a organizar-se contra os crentes primitivos. O que os tornava alvos de suspeita não é que eram "maus" mas que eram "diferentes"! Veja os apóstolos, por exemplo. Por onde quer que iam, havia problemas! Jerusalém, Chipre, Icônio, Listra, Éfeso, Filipos, Tessalônica, Beréia, Corinto — em todos estes lugares a história era semelhante. Os templos pagãos perdiam seu atrativo, os fabricantes de ídolos perdiam fregueses, os adivinhadores perdiam sua maneira de ganhar o sustento.

As famílias cristãs do século I eram compostas de pessoas de classes sociais diferentes, e, muito provavelmente, de várias cores. A comunidade crente em Colossos incluía tanto Filemom quanto seu escravo, Onésimo, como irmãos em Cristo (Fm 16). Certamente havia outros senhores e muitos escravos. Simeão Níger da Antioquia provavelmente era um negro (At 13.1). O apóstolo Paulo deixou bem claro que em Cristo "não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher" (Gl 3.28a). Isto não quer dizer que tais distinções eram totalmente desconsideradas entre os cristãos primitivos. Significa, isto sim, que os cromossomos, a cor, e a classe não eram os elementos formadores daquelas comunidades. Nem tinham licença de conservar separados os crentes daquelas comunidades.

Com o tempo, o próprio César expressou oposição à comunidade crente. Assim como os oponentes de Jesus O tinham acusado de sedição e traição, os inimigos das comunidades crentes primitivas acusavam os crentes de agirem contrariamente aos decretos de César ao subverterem o culto a César.

Uma cultura hostil, as diferenças de classe e de cor, o antagonismo de César — nenhuma destas coisas podia, em última análise, dividir as comunidades crentes ou destruir sua comunhão. Por quê? Há duas razões básicas. Em primeiro lugar, estavam unidos em Cristo. “Porque todos vós sois um em Cristo Jesus,” escreveu o apóstolo (Gl 3.28b). Eles tinham um só credo em comum. Era expressado de várias maneiras e com maiores ou menores detalhes. Mas sua essência era: “Jesus Cristo é Senhor.” Sendo assim, João pôde escrever com muita simplicidade:

Todo aquele que ultrapassa a doutrina de Cristo e nela não permanece, não tem Deus; o que permanece na doutrina, esse tem assim o Pai, como o Filho. Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem lhe deis as boas-vindas (2 João 9, 10).

Em segundo lugar, os crentes primitivos eram atraídos uns aos outros por um interesse comum. Tinham problemas genuínos nos seus relacionamentos. Apesar disto, reuniam-se voluntariamente a fim de adorar, de orar, de ter comunhão à mesa do Senhor, de ser instruídos na fé, de dar dos seus bens, de ajudar uns aos outros, e de levar a efeito a sua missão. E estes interesses os motivavam de tal maneira — e Cristo os cativava tanto — que a despeito do antagonismo da sua cultura, das diferenças da classe e da cor, e da oposição de César, reuniam-se para adorar e saíam para testemunhar. E Deus fazia as igrejas crescerem (1 Co 3.7).

## Pesquisas Relevantes

### *A Conservação da Cultura e a Transformação Cultural*

Raymond Firth faz uma distinção entre a estrutura social e a organização social. Indica que as pessoas têm mútuo relacionamento a fim de *conservar* os costumes e valores tradicionais (a estrutura social) e também para *efetivar mudanças* e realizar finalidades que doutra forma não poderiam ser levadas a efeito (a organização social).<sup>1</sup> A Igreja (e, portanto, as igrejas locais, inclusive as igrejas locais embriônicas) é ordenada por Deus para conservar e transmitir Sua verdade. Neste sentido, é uma estrutura divinamente ordenada. Infelizmente, às vezes fica entrincheirada e entretecida com seus respectivos “Césares” e culturas de tal maneira que as pessoas que nascem na nação automaticamente “nascem” na igreja também. Quando acontece assim, a igreja torna-se uma estrutura culturalmente determinada!

Basicamente, no entanto, as igrejas começam como organizações. Isto significa que as pessoas se alinham voluntariamente umas com as outras a fim de

transformar pessoas (inclusive elas mesmas) e circunstâncias, e realizar certos outros objetivos e alvos. Sendo este o caso, certa dose de antagonismo ou, no mínimo, de desdém, usualmente pode ser esperada da sociedade maior. As pesquisas revelam que a desaprovação cultural não significa que uma organização religiosa não possa crescer, no entanto. Na realidade, Dean Kelley já demonstrou que as organizações religiosas que são mais ou menos semelhantes à cultura maior da qual fazem parte tendem a não crescer. Os grupos tais como as Assembléias de Deus, os Mórmons, as Testemunhas de Jeová, os Adventistas do Sétimo Dia, e os Muçulmanos Negros, do outro lado, crescem rapidamente enquanto estão "fora do compasso" com a sociedade maior.<sup>2</sup>

### *Diferenças no Grau de Cooperação e de Integração*

A distinção de Firth não é a única que é importante para a compreensão dos grupos crentes. Há pelo menos duas outras categorizações bem-conhecidas que enfatizam até que grau os membros dos grupos interagem e cooperam entre si.

Em primeiro lugar, há a distinção *gemeinschaft/gesellschaft* do sociólogo alemão Ferdinand Tonnies.<sup>3</sup> Na *gesellschaft* (associação) os membros estão unidos por um sistema de trocar bens e serviços, mas não vivem nem trabalham em relacionamento íntimo uns com os outros. Na *gemeinschaft* (comunidade) os membros do grupo têm íntimo relacionamento uns com os outros conforme ocorre, por exemplo, nas famílias nucleares ou estendidas.

Em segundo lugar, há a distinção entre os grupos integrados e não-integrados. A integração aqui não tem a ver com o pano de fundo étnico, mas com o grau de comunidade de interesses e alvos. Os grupos não-integrados, tais como os auditórios nos concertos e as multidões nos estádios de futebol exibem pouca coisa de comunidade. Os grupos integrados, tais como o corpo docente de uma escola ou os acionistas de uma companhia exibem um grau muito mais alto de comunidade (idéias em comum).

Se é que as igrejas devem estar à altura do padrão do Novo Testamento, os líderes e os crentes devem orar e planejar em prol dos relacionamentos pessoais calorosos e um alto grau de integração desde o início. Os crentes estão destinados a glorificar a Deus e a promover a causa de Cristo. Acima de todos os outros grupos, devem evidenciar uma comunidade unida e uma causa em comum.

### *Unidades Homogêneas na Sociedade*

No movimento do Crescimento das Igrejas, especialmente, há um enfoque especial na assim-chamada unidade homogênea.<sup>4</sup> Este é um termo um pouco nebuloso; baseado nos dados sólidos da ciência social, refere-se a um grupo de pessoas que formam uma unidade coesa por causa de um denominador comum tal como os antepassados, o idioma, ou o estilo de vida. Famílias nucleares e estendidas, clãs e castas, grupos étnicos e lingüísticos, todos podem ser

classificados como unidades homogêneas. Tais unidades ou agrupamentos de pessoas gostam de tomar decisões, trabalhar, divertir-se, e adorar juntos.

Sendo este o caso, Donald McGavran acredita que as igrejas devem ser plantadas por meio de focalizar-se nas tribos, castas, e grupos lingüísticos individualmente, embora semelhante política pareça estar em conflito com o princípio bíblico de que os cristãos de todas as línguas, classes, e cores são um só em Cristo.<sup>5</sup> Roger Greenway, concordando com McGavran, diz que isso acontece até mesmo nas grandes cidades do mundo:

As cidades são “cadinhos,” mas este aspecto da vida urbana não deve ser superestimado. Por baixo da superfície ainda há muitas diferenças. Boa parte da solidão e da frustração que os imigrantes rurais-urbanos experimentam origina-se na sua incapacidade de comunicar-se livremente na língua oficial e no aspecto estranho de boa parte da cultura urbana. Cultos religiosos na sua própria língua ou dialeto os atraem, e sermões e hinos que conseguem compreender acabam chegando aos seus corações. À medida em que as distinções entre as tribos e as castas se desfazem no decorrer do tempo, a mudança poderá ser feita das congregações étnicas para as igrejas de “todos os povos.” Mas até que chegue esse tempo, é melhor reconhecer e aceitar a heterogeneidade cultural da cidade e passar a multiplicar tantas igrejas para tribos, castas, e línguas quanto possível, até que todas as partes da comunidade urbana tenham sido levedadas pelo evangelho.<sup>6</sup>

## Reflexões Práticas

Fica aparente pelo que foi dito acima, que as compreensões, preferências, e ligações culturais, de um lado; e os ideais e exigências cristãos, do outro lado; podem entrar em muitos conflitos na etapa do Ciclo Paulino em que os crentes se congregam (assim como na etapa da conversão). Assim como o descrente é tentado a seguir a maioria ou ficar fiel ao clã e não converter-se a Cristo, assim também o novo crente, após um rompimento inicial, é tentado a voltar ao grupo ou o clã ao invés de seguir até o fim e identificar-se plenamente com o grupo crente. Se seguir mesmo até o fim, tende a procurar a comunhão cristã entre crentes do mesmo fundo cultural. De qualquer maneira, Cristo e a cultura parecem estar em conflito. O que faremos para congregar os crentes? Tiraremos proveito dos vínculos entre unidades homogêneas naturais, a fim de vencer a reversão e encorajar o crescimento? Ou tais vínculos devem ser desconsiderados tendo em vista o vínculo muito mais importante que os crentes têm em Cristo?

Não é fácil achar soluções para este problema. Mas certas considerações podem ajudar na sua resolução:

(1) Não deve haver dúvida alguma quanto à autoridade derradeira. Devemos conformar-nos com Cristo, e não com a cultura. No entanto, o fato de que no Cristo divino não há distinções de classe, cor ou sexo não significa que tais distinções são obliteradas na cultura humana. Simplesmente significa que são transcendidas. Permanecem relevantes, mas não reinam supremamente. Nem toda família local de crentes precisa evidenciar a plena riqueza social e cultural

que caracteriza a família maior, o corpo de Cristo. Além disto, nenhuma distinção social ou cultural deve ser suficientemente significativa para excluir um crente de qualquer família de crentes, nem para alienar famílias da igreja local umas das outras ou do grande corpo de Cristo.

(2) Se nossa estratégia foi sadia nas etapas de contato, comunicação e etapas de conversão do Ciclo Paulino, o problema talvez não seja tão agudo na prática quanto parece estar na teoria. As pessoas com semelhanças étnicas, lingüísticas, de classe, e outras semelhantes tendem a morar na mesma área, corresponder ao mesmo tipo de comunicação, e fazer decisões em conjunto. Sendo este o caso, à medida em que as famílias locais de crentes crescerem, tenderão a ser socialmente homogêneas. Charles Chaney distingue as Igrejas Batistas do Sul nos Estados do Norte Central, pelo costume do povo falar "vós outros" ou "oi!". Esta distinção subentende, não somente que a maioria das Igrejas Batistas do Sul se compõe de uma grande porcentagem de sulistas, como também que algumas são compostas em grande medida daqueles que são originários da parte sudeste do país (EUA), ao passo que outras são compostas de sulinos originalmente do sudoeste. Isto não quer dizer que crentes de antecedentes diferentes não devem nem podem ser assimilados em tais igrejas.

(3) Nas situações que exigem especial "estratégia de lidar com problemas," talvez possamos, com paciência e compreensão, acomodar temporariamente preferências culturais enquanto avançamos em direção ao ideal cristão. A sugestão de Greenway de que nas cidades começamos com congregações de "unidades homogêneas" que finalmente se tornarão em congregações de "todos os povos" seria um exemplo. Além disto, podemos ter reuniões múltiplas para os crentes, e assim apelar a tipos diferentes de pessoas. Devemos, porém, manter diante de nós o ideal bíblico e achar maneiras significantes de expressar e experimentar nossa unidade em Cristo, tanto no grupo local quanto entre grupos crentes.

(4) Novos grupos locais de crentes não se tornarão natural e automaticamente em comunidades organizadas e integradas. Deve haver um elemento divino — a operação do Espírito Santo no grupo crente. E um elemento humano deve ser fornecido pelo plantador de igrejas à medida em que o objetivo final de glorificar a Cristo é colocado em prática por meio de alvos intermediários claros e significantes ao redor dos quais os membros do grupo podem se reunir e concentrar suas energias.

## **Participação: O Novo Crente e a Comunidade Crente**

### **Princípios e Precedentes Bíblicos**

De acordo com as Escrituras, a triste sorte dos homens não-salvos é a completa separação de Deus e da Sua família. Estão "separados da comunidade de Israel, e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo" (Ef 2.12). Mesmo na eternidade estão consignados ao "fogo

eterno, preparado para o diabo e seus anjos" (Mt 25.41). A falta de participação é tão evidente em todos os lugares, que Karl Marx usou o termo *alienação* para descrever a situação desesperadora do proletariado. Os homens não-salvos estão alienados.

Os crentes, do outro lado, "já não são estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e são da casa de Deus" (Ef 2.19). Noutras palavras, *pertencem!* Relevantes a esta verdade há dois fatos importantes apresentados nas Escrituras.

O primeiro fato é que o homem é um ser social. Quando Adão foi criado, Deus declarou que não era bom que o homem vivesse só (Gn 2.18). Eva foi criada e a primeira sociedade foi formada. Mas o homem caiu e Deus criou um novo homem (2 Co 5.17; Gl 6.15; Ef 4.24; Cl 3.10). Este novo homem também é um ser social. Ele, também, é criado para a comunhão com Deus e com os demais homens. Para reconhecer as responsabilidades sociais do homem novo, basta observar como o apóstolo Paulo imediatamente se lança numa discussão dos relacionamentos sociais quando fala do novo homem (Ef 4.24-32; Cl 3.10-14). Redimido ou caído, o homem é, por natureza, um ser social. Esta verdade não pode ser olvidada.

O segundo fato é que Deus criou uma nova sociedade para o homem redimido. Esta nova sociedade é a Igreja. Pertencer à Igreja não é opcional para o crente. Pela ação divina, está unido ao corpo de Cristo (1 Co 12.13). Nenhum crente está excluído ou isento por motivos de raça ou classe social (1 Co 12.14). Todos os crentes fazem parte da nova sociedade.

A igreja primitiva entendia estas verdades. À nova sociedade embriônica de 120 crentes, 3.000 foram acrescentados num só dia (At 2.41). Não havia nenhum período de espera enquanto os novos convertidos aprendiam a doutrina básica ou atingiam um certo grau de santidade. Este padrão era repetido vez após outra (At 4.4; 6.7; 11.21; 16.5). O novo convertido não era deixado sozinho. O Espírito ligava-o ao corpo de Cristo e a igreja primitiva o identificava como um membro.

Como pessoa que pertencia à Igreja, o novo crente tinha identidade. Era um seguidor de Cristo. Na nova sociedade recebia alimento espiritual através da ação do grupo crente (Ef 4.11-16). Era amado e ensinado a amar (Hb 10.24, 25). Recebia toda a segurança e a estabilidade que advêm de pertencer a um grupo. Este senso de pertencer era tão íntimo que o grupo era chamado de *corpo* e cada pessoa fazia parte do corpo. Quando uma parte sofria, todas as partes sofriam. Quando um membro era honrado, todos os membros eram honrados (1 Co 12.26).

A identificação com o grupo, no entanto, não destruía a individualidade. Como indivíduo, o novo crente tinha recebido capacidades especiais que o capacitavam a fazer contribuições sem iguais ao corpo (Rm 12.3-8; 1 Co 12.7-11; Ef 4.7-16). Estes dons espirituais lhes davam status. O grupo tinha necessidade dele e o grupo não podia funcionar devidamente sem suas capacidades. Ao mesmo tempo, precisava do grupo porque não podia funcionar à parte dele. Sua individualidade contribuía à sua "existência social" e sua natureza social contribuía à sua individualidade. No novo homem e na nova sociedade, a alienação é completamente vencida. O crente participa!

## Pesquisas Relevantes

De um ponto de vista científico, também, o homem é uma criatura comunitária. Vive no contexto da comunidade. Não somente isto está de acordo com a natureza do homem, como também está de acordo com sua situação existencial, porque a cooperação é essencial à coexistência. Os seres humanos, portanto, têm relacionamento entre si — especialmente com aqueles da mesma raça, língua, classe, educação — a fim de servir às necessidades psicológicas e sociológicas. Em toda a literatura enfatiza-se a necessidade do indivíduo pertencer à comunidade e ser aceito por ela. Daremos uma olhada breve em três conceitos que têm relacionamento com esta necessidade.

### 1. A Incorporação

A incorporação refere-se à aceitação do novo membro no grupo do qual passa a fazer parte. A incorporação é de dois tipos. A incorporação informal é realizada simplesmente ao se fazer o novo membro sentir que realmente é um membro do grupo. A incorporação formal envolve algum tipo de recepção ritualista do novo membro no grupo, usualmente na presença de todos os membros, ou da maioria deles.

As atividades e os ritos da incorporação são tão importantes que quase todas as organizações, inclusive as igrejas, os têm nalguma forma ou maneira. Mesmo assim, nós, os cristãos, podemos errar neste ponto. Em primeiro lugar, podemos enfatizar tanto o *ponto* da decisão que nos esquecemos que o *processo* da decisão envolve a incorporação no novo grupo e a aceitação da sua disciplina. Em segundo lugar, damos tanta ênfase à aceitação de Cristo e a ser aceito por Ele, que podemos tomar por certo que o novo crente se sente aceito pelo grupo crente. Se o novo crente tem a responsabilidade de unir-se ao grupo crente, o grupo crente tem a responsabilidade de incorporar e integrar o novo crente na família da fé!

### 2. A Anomia

Talvez mais do que qualquer outro sociólogo, Emile Durkheim ressaltava o papel da sociedade na vida humana. Na realidade, chegou ao ponto de sugerir que a religião é importante primariamente por apoiar e interpretar a ordem social. É óbvio que não podemos concordar totalmente com Durkheim a esta altura. Mesmo assim, podemos aprender dele muita coisa.

Durkheim elaborou três tipos muito diferentes de relacionamentos que existem entre um indivíduo e a ordem moral representada pela sociedade.<sup>7</sup>

No primeiro tipo, o indivíduo é relacionado com uma sociedade na qual é levado a ver-se separado e responsável por seus próprios assuntos. Não apela à comunidade quando as coisas desandam. O resultado pode ser o "suicídio egoísta."

No segundo tipo de relacionamento, o indivíduo é ligado à sociedade de maneira intensa. De fato, está disposto a dar sua vida pela comunidade num ato de altruísmo.

No terceiro tipo, o indivíduo é transferido de um padrão ou ordem social em outro. Repentinamente, adquire um novo “caráter social.” Por exemplo, pode tornar-se rico da noite para o dia com o resultado de ficar alienado dos seus amigos empobrecidos sem ser aceito pelos ricos já estabelecidos. Durkheim chamava esta condição de *anomia* — o estado que resulta de ser colocado num lugar onde as normas são mal-definidas, contraditórias, ou ausentes.

Se a posição de Durkheim parece extrema, deve ser lembrado que estava reagindo contra Charles Darwin, que via tudo da perspectiva biológica. A despeito da nossa discordância com a posição de Durkheim, é importante ver seu conceito de *anomia* de uma perspectiva cristã. Quão freqüentemente os novos crentes entram no convívio dos crentes sem receberem sinais claros quanto àquilo que se espera deles e quanto àquilo que significa ser membro de um grupo ou igreja cristã? O que talvez pareça claro para nós talvez seja totalmente obscuro para o novo crente! O “suicídio anômico” espiritual talvez seja apenas outro nome para a reversão ou, usando o termo mais antigo, o desvio. Mas quando ocorre, pelo menos parte do ônus cai sobre os crentes mais maduros.

### 3. A Conformidade

Analisando a adaptação que os indivíduos devem fazer em relacionar-se uns com os outros a fim de alcançar alvos do grupo, Robert K. Merton ressalta que os membros devem aceitar tanto os alvos do grupo quanto os meios de alcançá-los.<sup>8</sup> Se o membro individual aceitar os alvos mas não os meios de galgá-los, o resultado provavelmente será a *inovação*. Se aceitar os meios mas não os alvos, o *ritualismo* pode ser o resultado. Se aceitar tanto os alvos quanto os meios, o resultado será a *conformidade*.

Baseando-se nas idéias de Merton, Lawrence Richards acredita que as igrejas tendem a dar prioridades aos meios mais do que aos alvos. Como resultado, os cristãos tendem a tornar-se ritualistas, realizando os atos do culto, da adoração, e assim por diante, mas sem realmente amadurecerem como irmãos crentes em Cristo.<sup>9</sup> O conceito da conformidade usualmente é mal visto (pelo menos na sociedade norte-americana); mas quando a conformidade importa na aderência à fé e à prática verdadeiras, quando importa em tornar-se mais semelhante a Cristo, quando significa que o grupo crente pode avançar no plano e no programa de Deus — então é um conceito positivo!

Parece que o próprio Richards está defendendo a inovação, porque aceita os alvos das igrejas mas não os meios que estão sendo usados para atingi-los. De qualquer maneira, sua observação merece consideração quando estamos planejando as primeiras reuniões dos crentes novos, ou mesmo quando estudamos o ministério continuado das igrejas. A adoração, o culto, o testemunho, e a comunhão são alvos a longo prazo. Mas desde o próprio início, os crentes novos devem ser apresentados a eles e aos meios bíblicos de atingi-los. Doutra forma,

ou o ritualismo ou a inovação podem ser o resultado, e a inovação para o crente novo pode também importar na reversão.

### Reflexões Práticas

Esta pequena paródia da hinódia talvez pareça humorística, mas também tem um aghilhão:

Viver no céu com os santos que amamos,  
Será a nossa glória,  
Viver aqui com os santos que encontramos,  
Bem, é outra história.

Coloque-se no lugar de um novo convertido na sua área-alvo. Está em ordem uma reconstituição das crenças, dos valores, do estilo da vida, e dos relacionamentos. Tome tempo para refletir: Quais seriam as suas perguntas? As palavras do Pastor Baldemore de Manila são dignas de menção: "Quando um filipino considera a possibilidade da conversão, uma das suas primeiras perguntas é: 'Com qual grupo eu seria associado?' " Talvez esta pergunta seja de maior importância do que imaginamos na *maioria* das culturas e das ocorrências da conversão (a não ser nalguns casos de conversão em grupo). Note outra vez a grande porcentagem de japoneses cuja motivação para a conversão ao luteranismo era um desejo pelo amor e pela comunhão da igreja (pág. 175).

À luz destas considerações, há várias perguntas que gostaríamos de fazer acerca das nossas políticas no passado:

- (1) Colocamos responsabilidade em demasia pela "integração" sobre o convertido e não suficientemente sobre aqueles que já são crentes?
- (2) Demos orientações insuficientes e unilaterais aos convertidos?
- (3) Temos confiado demasiadamente nos modos tradicionais de tratar (ou negligenciar) os novos convertidos?

### As Funções do Grupo e seu Tamanho Ideal

A noção de "tamanho ideal" será nova para a maioria dos leitores. Referimo-nos ao tamanho apropriado de um grupo, tendo em vista os alvos e as funções daquele grupo. É algo análogo ao assim-chamado peso normal do corpo. Obviamente, nem todo corpo humano deve ser do mesmo peso. O peso normal depende da altura, da formação óssea, e, até certo ponto, do tipo de atividades em que a pessoa se ocupa. Tendo em vista as atividades e os alvos de um determinado grupo, chamaremos o número "certo" de membros de "tamanho ideal".

### Princípios e Precedentes Bíblicos

A Bíblia não nos dá todas as informações que talvez desejemos quando se trata do número de crentes presentes em qualquer determinada situação. Mas

dá algumas informações relevantes quanto a isto. Temos certeza dos seguintes fatos:

- (1) Cristo tinha três discípulos que tinham um relacionamento especial com Ele — Pedro, Tiago e João.
- (2) Nosso Senhor escolheu doze discípulos para estarem com Ele enquanto Ele realizava Seu ministério. Quando um deles o traiu, outro — Matias — foi escolhido para tomar seu lugar (At 1.26).
- (3) Depois de enviar os Doze numa missão, o Senhor enviou setenta (ou setenta e dois) para irem antes dEle até as cidades e os lugares que Ele estava para visitar (Lc 10.1).
- (4) Nosso Senhor apareceu a um grupo de mais de 500 após a Sua ressurreição (1 Co 15.6).
- (5) Havia cerca de 120 crentes na igreja de Jerusalém na ocasião do Pentecoste. Depois do Pentecoste o número de crentes aumentou até 3.000 e depois 5.000 (homens) e provavelmente mais (At 1.15; 2.41; 4.4).

Seria interessante saber exatamente quantos crentes havia naquelas igrejas que são mencionadas no Novo Testamento. O número deve ter variado grandemente. Sabemos que “todos” em Lida e Sarna se voltaram ao Senhor (At 9.35). O número de crentes nalguns outros lugares, tais como Atenas, deve ter sido bem pequeno mesmo. As igrejas primitivas seguiriam o modelo da sinagoga, mais ou menos, e o fato de que devia haver dez homens adultos a fim de ser organizadas uma sinagoga pode ter tido alguma relevância para a prática da igreja. Alguns estudiosos fizeram a conjectura de que a congregação em Antioquia numerava entre 300 e 500 almas. O fato de que os crentes freqüentemente se reuniam em lares particulares (bem como em lugares públicos) significava que muitas das reuniões eram necessariamente pequenas.

### Pesquisas Relevantes

Mais uma vez, não podemos apresentar cifras firmes para o tamanho ideal de vários tipos de grupos, mas há algumas indicações gerais na literatura:

(1) Grupos do *âmbito da liderança* tais como aqueles que dirigem sociedades anônimas e comandam campanhas militares parecem ter um número entre três e doze membros. Edward T. Hall escreve: “Oito até doze pessoas podem conhecer-se suficientemente bem para usar ao máximo os seus talentos.”<sup>10</sup>

(2) O *grupo pequeno*, que é tão destacado na literatura sociológica, é usualmente definido como um grupo de tal tamanho que (a) todos os seus membros podem estabelecer um relacionamento face a face e (b) a ausência de qualquer membro da reunião seria notada. O grupo pequeno raramente excede vinte e cinco ou trinta membros quanto ao número, e usualmente menos. É apropriado para levar a efeito aprendizagem em grupo, a comunhão, e a ação em conjunto. Howard Snyder nota a importância dos grupos pequenos:

O antigo pietismo era nutrido pelo *collegio pietatis*, ou as reuniões nas casas para oração, estudo bíblico, e debate. O grupo pequeno era um aspecto básico do Reavivamento Wesleyano na Inglaterra, com a proliferação das “reuniões de aula” de João Wesley. Os grupos pequenos eram o sustentáculo do Avivamento de Santidade que varreu os Estados Unidos no fim do século XVIII e levaram, parcialmente, ao movimento pentecostal moderno. O que é mais significativo é que o caminho para a Reforma foi preparado por estudos bíblicos em grupos pequenos. Estes fatos certamente sugerem, no mínimo, que os grupos pequenos são apropriados para o ministério reavivador do Espírito Santo.<sup>11</sup>

Já enfatizamos noutra lugar que o crescimento extremamente rápido do budismo Soka Gakkai no Japão está relacionado com o destaque dado aos pequenos grupos de discussão.<sup>12</sup> Numa preleção na Escola “Trinity”, George Cowan, dos Tradutores Bíblicos Wycliffe enfatizou que, segundo a lei, o governo mexicano somente reconhece grupos de quarenta membros ou mais.<sup>13</sup>

(3) Uma definição de *comunidade* é o “número máximo de pessoas que podem residir juntas num relacionamento face a face.” A cifra usualmente é considerada cerca de 1.000 pessoas. No seu estudo de movimentos nativistas na África, David Barrett sugere que o número 1.000 talvez seja muito relevante. Usando estatísticas de 1966, nota que o tamanho médio de cerca de 600 igrejas missionárias protestantes, ou dioceses, na África era de 36.000 membros. Trezentos dioceses católicos tinham uma média de 97.000. Mas as igrejas independentes que têm tido crescimento muito rápido na África tendiam a ser consideravelmente menores – a média global era 1.400, e apenas cerca de 1.000 em Ghana, na África do Sul, na Nigéria, e noutras nações de “longo envolvimento.” Barrett sugere que o tamanho de uma comunidade cristã verdadeira talvez seja menor do que o mundo ocidental já percebeu, e que o tamanho dalguns dos nossos agrupamentos eclesiásticos talvez tenha de ser diminuído a fim de reintroduzir a *philadelphia*.<sup>14</sup>

## Reflexões Práticas

As implicações do “tamanho ideal” talvez sejam muito maiores do que é percebido na maioria das igrejas e missões.

(1) A liderança deve estar nas mãos dalguns poucos líderes reconhecidos, que têm dons. Se a liderança não for compartilhada, correrá o risco de ser ditatorial e de ocasionar divisões. Se for compartilhada de modo demasiadamente generalizado, correrá o risco de ser difícil de manejar e ineficaz.

(2) Nalgumas culturas talvez seja extremamente difícil para as igrejas locais crescerem até serem muito maiores do que os limites superiores do tamanho do grupo pequeno. As culturas que enfatizam o grupo ao invés do indivíduo causam dificuldade para os indivíduos seguirem a Cristo. Quando alguns crêem, a família crente fica sendo muito importante para eles. Mas a não ser que uma visão incomum e uma estratégia superior para o alcance se tornem evidentes, a necessidade da aceitação e da comunhão é satisfeita no grupo pequeno, e o crescimento pode equilibrar-se naquela altura.

(3) À medida em que as igrejas embriônicas crescem até serem igrejas estabelecidas com números cada vez maiores de crentes, é crucial lembrar-se que a vida dos crentes em grupos pequenos deve ser mantida. Howard Snyder enfatiza:

Teologicamente, reuniões de grupos grandes e pequenos são as implicações estruturais de a igreja ser o povo de Deus e a comunhão do Espírito Santo... Ser um povo subentendendo a necessidade de reuniões de grupos grandes, ao passo que a comunidade requer estruturas em grupos pequenos.<sup>15</sup>

### O Local da Reunião

Não há dúvida alguma de que o engarrafamento em muitos esforços para implantar uma igreja acha-se no local da reunião. Em país após país, missionários-evangelistas e outros líderes eclesiais dizem: "Solucionem para nós o problema da construção de uma igreja, e nosso programa de plantar novas congregações entrará em órbita." É difícil acreditar que a Igreja de Cristo não possa avançar sem um suprimento generoso de tijolos e cimento. Ao mesmo tempo, a maioria de nós que temos sido envolvidos em esforços pioneiros no decorrer de certo número de anos confessará que uma construção adequada usualmente fornece um grande ímpeto para o crescimento.

### Princípios e Precedentes Bíblicos

Vale a pena refletir sobre o fato de que a primeira provisão que Javé fez para um lugar especial em que Se encontraria com Seu povo era uma tenda ou tabernáculo. Mediante o mandamento de Javé, o povo avançava. Mediante o Seu mandamento, o povo acampava. Javé estava presente com Seu povo, dentro do tabernáculo (Nm 9.17-23). Veio, então, o dia em que Davi propôs que um templo fosse edificado. Disse a Natã: "Olha, eu moro em casa de cedros, e a arca de Deus se acha numa tenda" (2 Sm 7.2). Respondendo, Javé disse:

Vai, e dize a meu servo Davi: Assim diz o SENHOR: Edificar-me-ás tu casa para minha habitação? Porque em casa nenhuma habitei desde o dia em que fiz subir os filhos de Israel do Egito até ao dia de hoje; mas tenho andado em tenda, em tabernáculo. Em todo lugar em que andei com todos os filhos de Israel, falei acaso alguma palavra com qualquer das suas tribos, a quem mandei apascentar o meu povo de Israel, dizendo: Por que não me edificais uma casa de cedro? (2 Sm 7.5-7).

Depois de discutir as passagens relevantes, Howard Snyder conclui: "O sinal mais verídico da presença de Deus na Sua igreja terrestre é o tabernáculo, e somente de modo secundário o templo. O tabernáculo é o símbolo mais genuíno, porque demonstra mais exatamente como Deus age na história."<sup>16</sup>

Em certo sentido, o Novo Testamento parece confirmar este argumento, embora não fosse verídico dizer que nosso Senhor negligenciava o templo. Foi levado para lá quando menino. Visitava o templo durante o Seu ministério, e o expurgou dos seus mercadores e proclamou que a casa do Seu Pai devia ser uma casa de oração (Mt 21.13; Lc 19.46). Mas à mulher samaritana disse que viria o tempo em que os homens nem O adorariam no Monte Gerizim nem em Jerusalém, mas “em espírito e em verdade” (Jo 4.23). E prometeu que onde dois ou três crentes se reunissem em Seu nome, Ele Se encontraria com eles (Mt 18.20).

Depois da ascensão do seu Senhor, os crentes primitivos reuniam-se no templo e nos lares (At 5.42). À medida em que o cristianismo se espalhava por todo o Império, os crentes se reuniam nas sinagogas (At 9.20; 13.5; 18.26), publicamente (At 18.28; 20.20), e ao ar livre (At 16.13). Desde o próprio início, e no decurso da era cristã, as reuniões nas casas eram um aspecto comum da vida coletiva cristã (At 2.46; Rm 16.5; 1 Co 16.19; Cl 4.15). Na realidade, não havia igrejas construídas conforme as conhecemos, durante os 150 primeiros anos da existência da Igreja.

Concluimos, portanto, que o cristianismo não tem nenhum local sagrado ou santuário único na terra, e que Deus Se encontrará com Seu povo sempre que ele se reunir para adorar e invocar o Seu nome. Nisto, o cristianismo verdadeiro é a única religião universal.

## Pesquisas Relevantes

As pesquisas nesta área não são tão volumosas e relevantes quanto ocorre noutras áreas, mas as seguintes observações baseadas em históricos de movimentos religiosos de rápido crescimento noutras culturas talvez sejam dignas de consideração.<sup>17</sup>

(1) Uma vantagem óbvia da reunião nas casas é que serve para conservar pequeno o grupo. As reuniões de grupos pequenos prestam-se ao reconhecimento mútuo dos participantes, ao diálogo, à interação, e à edificação de amizades. Quando um membro está ausente, os demais têm consciência disto e estabelecem contato. Os vizinhos, os amigos, e os conhecidos acham relativamente fácil aceitar convites para as reuniões nas casas, e são assimilados com bastante facilidade no grupo pequeno. Quando o grupo cresce além das limitações da casa (e do tamanho do grupo pequeno), é bem simples para parte do grupo começar outro grupo na casa doutro membro. Desta maneira, o número de reuniões, de locais de reunião, e de membros individuais multiplica-se rapidamente.

(2) A maioria dos grupos religiosos realmente têm localidades centrais onde os fiéis se reúnem. Talvez nem todos os grupos de crentes tenham semelhante lugar de reunião na sua própria comunidade. Mesmo assim, o mais provável é que tenham acesso a algum prédio que sirva como centro para certas atividades religiosas.

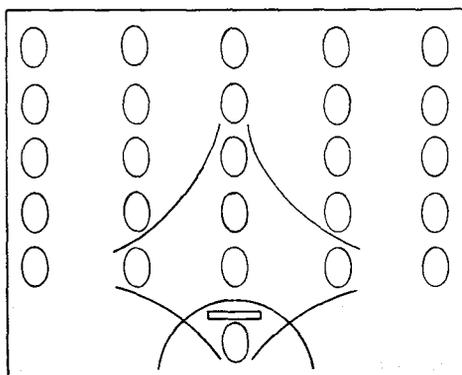
O Grande Templo Principal da Seita Ortodoxa do Budismo de Nichiran é uma maravilha moderna que tem a reputação de ser o maior templo no mun-

do. Edificado para durar, o *Sho-Hondo*, conforme é chamado, tem assentos para 6.000 pessoas, distribuídos de tal maneira que todos possam contemplar o *Honzon* sem interferência. O *Honzon*, uma tábua de pedra alegadamente inscrita por Nichiren há cerca de setecentos anos, é o objeto central de adoração para os Soka Gakkai. Perto do *Sho-Hondo* há outras construções, sendo que umas são contemporâneas e outras são curiosidades que retratam a história do Japão durante as eras do crescimento do Soka Gakkai.<sup>18</sup> Os Soka Gakkai alegam que este templo é o centro da terra e a localização do reino vindouro.

Alguns outros grupos também revelam grandeza arquitetônica. Considere a Praça do Templo dos Mórmons em Salt Lake City. Ainda outros têm lugares de reunião caracterizados pela extrema simplicidade. A maioria deles realmente tem alguma localidade ou propriedades culturais que têm significado para eles.<sup>19</sup>

FIGURA 40

A ZONA DE PARTICIPAÇÃO\*



\*Veja Mark L. Knapp: *Nonverbal Communication* (Nova York: Holt, Rinehart e Winston, 1972), págs. 26-27. Copyright (c) 1972 de Holt, Rinehart e Winston. Usado com permissão.

(3) As pesquisas revelam que o formato do lugar das reuniões e a disposição dos seus móveis afeta o processo da comunicação. Mark Knapp enfatiza que há uma "zona de participação" que tem mais ou menos a forma de um triângulo, com a base imediatamente em frente do preletor.<sup>20</sup> As pessoas sentadas nesta área têm mais probabilidade de corresponder àquilo que está sendo dito e feito na área do púlpito. (Veja a Figura 40). Os santuários longos e retangulares que são características de muitas igrejas e doutros lugares de reunião não foram bem projetados para a comunicação eficaz. Se os santuários fossem melhor projetados para a comunicação eficaz, muito menos energia precisaria ser gasta na tentativa de persuadir as pessoas a mudarem para os assentos da frente!

## Reflexões Práticas

Não pode haver dúvida de que em muitas partes do mundo a falta de um lugar adequado de reunião é um dos obstáculos fundamentais para a plantação de novas igrejas. Seja o que mais que possamos concluir, devem ser ditas as seguintes coisas:

(1) Mais engenhosidade, criatividade, e paciência, dadas por Deus, provavelmente serão exigidas da liderança missionária durante esta etapa (a não ser que um lugar permanente de reuniões seja adquirido, ou até então) do que em qualquer outra etapa no Ciclo Paulino.

(2) O desenvolvimento de igrejas novas, em última análise, não pode depender do fornecimento de um edifício da igreja, por mais desejável que isto seja.

(3) Tocar no problema de uma construção permanente cedo demais, depois de começar uma obra nova, pode desencorajar os novos convertidos.

(4) A esta altura, a promessa de algum tipo de assistência da organização sustentadora pode ser uma fonte de grande encorajamento.

## Os Horários das Reuniões

### Princípios e Precedentes Bíblicos

O escritor aos Hebreus claramente declarou que os cristãos não devem deixar de congregar-se (Hb 10.25). A igreja primitiva seguia a prática de reunir-se freqüentemente. De fato, no período após o Pentecoste, reuniam-se diariamente (At 2.46).

Não se pode estabelecer, no entanto, que havia um certo horário em que a congregação obrigatoriamente se reunia. Aos colossenses foi dito que não deviam permitir que pessoal alguma os julgasse por causa de dia de festa ou de sábado (Cl 2.16). Aos romanos foi dito que não havia concordância entre os cristãos a respeito de dias: "Um faz diferença entre dia e dia; outro julga iguais todos os dias. Cada um tenha opinião bem definida em sua própria mente" (Rm 14.5). Ao entrar numa cidade, Paulo tinha o costume de agregar-se com aqueles que se reuniam na sinagoga no sábado (At 17.2). Para os crentes cristãos, no entanto, o primeiro dia da semana ficou sendo o dia costumário para se reunirem. No primeiro dia da semana, uma coleta devia ser feita em prol dos pobres (1 Co 16.2). Foi no primeiro dia da semana que o Senhor foi ressurreto (Jo 20.1). Logo, como testemunho da morte e ressurreição de Cristo, era natural celebrar a Ceia do Senhor no primeiro dia da semana (At 20.7). Veio a ser conhecido como o Dia do Senhor (Ap 1.10). Sendo assim, embora não houvesse mandamento no sentido de reunir-se num certo dia (a não ser que 1 Co 16.2 seja interpretado como sendo semelhante mandamento), o primeiro dia veio a ser o dia normal de reunião.

De modo semelhante, não pode ser estabelecido, a partir da Escritura, que a igreja primitiva era obrigada a reunir-se em qualquer horário específico do dia. Algumas reuniões eram feitas de noite (At 12.6, 12; 20.7). Outras eram realizadas durante o dia (At 3.1; 19.9). Parece que as igrejas escolhiam horários que eram convenientes para os adoradores.

### **Pesquisas Relevantes**

As pesquisas antropológicas recentes revelaram que, no que diz respeito ao conceito do tempo, há uma diferença marcante entre as culturas. Parcialmente, estas diferenças refletem diferenças na filosofia da história. Por exemplo, as culturas que têm uma filosofia cíclica da história, segundo a qual a história constantemente se repete e avança a um passo quase imperceptível, terão, conforme se pode esperar, uma abordagem bem diferente do tempo do que uma cultura com uma filosofia em que o tempo sempre está “se esgotando.” As condições e estilos de vida locais também terão um efeito profundo. Assim, duas considerações se tornam especialmente importantes aos eclesiásticos.

#### *A “Orientação pelo Tempo” Versus a “Orientação pelos Eventos”*

Pelo bem ou pelo mal, alguns auditórios se sentirão bem se uma reunião somente começar e terminar no horário exato. Outros auditórios ficarão relativamente despreocupados a respeito da pontualidade (neste sentido), e terão uma boa sensação somente se a reunião for à altura das suas expectativas em termos daquilo que deve ocorrer. No primeiro caso, a reunião “boa” começa — ou, pelo menos, termina — dentro do horário. No segundo caso, a reunião “boa” começa quando o povo está pronto e termina quando os objetivos para a reunião forem realizados. As diferenças entre estas duas orientações culturais (e subculturais!) são cruciais.

#### *A Variação nos Horários*

Longe de serem tão sutis como a distinção anterior, mas de importância vital para o plantador de igrejas, são as diferenças que resultam de variações entre os estilos de vida locais. Na Nigéria, por exemplo, a semana é determinada pelo dia do mercado, que ocorre cada quatro ou oito dias (conforme a tribo). Para os Igbo, o dia é demarcado por três colheitas separadas do líquido da palmeira da ráfia. Todos os encontros são marcados de acordo com estes eventos.<sup>21</sup>

Em nossa cultura, as diferenças entre os horários urbanos e rurais frequentemente são relevantes na determinação dos horários das reuniões.

## Reflexões Práticas

Os líderes cristãos precisam de sensibilidade diante do tipo de dados que temos considerado. Têm uma tendência de dizer: “Domingo de manhã somente,” ou “nenhum dia especial”, ou “as reuniões começam às 20.00 horas em ponto,” e assim por diante, de acordo com sua própria criação e preferências pessoais. A Bíblia parece requerer que os crentes se reúnam freqüentemente, e coloca ênfase especial no primeiro dia da semana. As pesquisas indicam que algum tipo de flexibilidade será muito importante quando se trata de estabelecer o horário para reuniões em qualquer determinada localidade. Especialmente no começo de uma obra, as idéias locais acerca do tempo e os estilos de vida locais serão cruciais para congregar e discipular eficazmente os crentes. Somente consultando as Escrituras e avaliando a situação local é que pode ser determinado quantas reuniões são necessárias e quando as reuniões devem ser realizadas. Somente mediante um estudo da Escritura e a aplicação dos seus ensinamentos à situação local é que poderemos ter certeza que as reuniões serão agradáveis a Deus e compensadoras para Seu povo.

*Ilustração ME-3:* Os líderes de certa igreja em Hong Kong analisaram sua situação e resolveram que teriam dois cultos no domingo — um pela manhã e um à noite. Raciocinaram corretamente que muitas pessoas do comércio, que eram obrigadas a trabalhar até às 17.00 ou 18.00 horas aos domingos, raras vezes teriam a oportunidade de reunir-se para o culto regular a não ser que um culto de domingo à noite se tornasse parte do programa da igreja. Reuniões de vários grupos pujantes da juventude eram programadas para o mesmo horário. Além disto, cultos evangelísticos freqüentes eram realizados noutros horários que não domingo à noite, e eram bem-freqüentados, devido à localização da igreja numa região comercial muito movimentada.

## A Elaboração do Plano Mestre

### A Participação

Talvez as duas coisas mais necessárias para os novos crentes, imediatamente após a sua conversão (quer como indivíduos, quer como grupos), sejam instruções claras sobre aquilo que Deus espera dos membros da Sua família e da amizade cristã solícita. É a responsabilidade do missionário-evangelista garantir que estas duas necessidades sejam imediatamente supridas. Os novos crentes devem receber instrução oral. Além disto, devem receber matérias escritas culturalmente apropriadas tais como uma Bíblia (ou porções dela), um manual breve para novos crentes, e informações sobre locais e tempos de reuniões. Na maioria dos casos, a identificação com o grupo crente será ajudada de modo significativo se alguma insígnia tangível for providenciada para novos convertidos — uma porção bíblica com um impresso especial, um alfinete, um cartãozinho.

Uma das coisas mais importantes que o obreiro cristão pode fazer em prol dos novos convertidos é apresentá-los (como indivíduos, famílias, ou grupos crentes) a crentes maduros que agirão como conselheiros e amigos enquanto estiverem sendo estabelecidos na fé. *É imperativo que isto seja feito imediatamente, porque as primeiras quarenta e oito a setenta e duas horas depois da profissão de fé são, com frequência absolutamente cruciais.* Seja como for feita esta introdução, o conselheiro/amigo deve receber, e, mais tarde, providenciar informações específicas a respeito do novo convertido pelo qual é responsável. Três passos simples devem ser seguidos:

*Primeiro Passo:* Uma lista de crentes cristãos, maduros e bem-dispostos para assumirem este tipo de responsabilidade, deve ser compilada.

*Segundo Passo:* O crente mais apropriado para ajudar o(s) novo(s) convertido(s) deve ser escolhido em espírito de oração, e o conselheiro e o(s) convertidos(s) serem apresentados entre si.

*Terceiro Passo:* Um formulário tal como o da Figura 41 deve ser preenchido (à medida do possível) e depois dado ao conselheiro, com o pedido no sentido dele preencher as seções que faltam e devolvê-lo. Isto deve ser feito dentro de um tempo específico, na maioria dos casos dentro de seis semanas.

## Grupos Projetados para a Igreja

É tão importante satisfazer as necessidades dos crentes e os objetivos da igreja, quanto o é aumentar o número total dos crentes. Sendo assim, é muito bom planejar e (finalmente) prover para os vários grupos de crentes na igreja emergente. Fatores tais como a idade, o sexo, as origens étnicas, a formação educacional, e assim por diante, devem ser levados em conta ao planejar para estes subgrupos. Dê consideração aos seguintes:

- (1) Grupos de liderança emergente.
- (2) Grupos pequenos para o estudo bíblico, o discipulado, o serviço cristão, etc.
- (3) O tamanho ideal para a congregação finalmente atingir. (A que ponto deve-se considerar começar congregações-satélites?)

## Lugar(es) de Reunião

Em harmonia com habitantes locais com bons conhecimentos, avalie lugares possíveis de reunião como bons, razoáveis, ou ruins para cada um dos fatores que afetarão a disposição dos crentes de participar. Lembre-se: classifique os lugares potenciais das reuniões para a congregação como um todo e para os subgrupos separadamente (veja a Figura 42). Visto que as circunstâncias se alteram, esteja disposto a reavaliar estes locais periodicamente.

## FIGURA 41

## Cartão do Cuidado Inicial da Família Cristã

Nome do novo(s) crente(s) \_\_\_\_\_  
 Endereço \_\_\_\_\_  
 Fone (se houver) \_\_\_\_\_ Data da profissão de fé \_\_\_\_\_  
 Nome do conselheiro/amigo cristão alocado \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

(Conselheiro, note, por favor: Aquelas áreas em que o novo crente já foi ajudado estão preenchidas abaixo. Em amor cristão, faça o favor de cumprir as demais tarefas, lembre-se do novo convertido diariamente em oração, e preencha o formulário e devolva-o ao abaixo-assinado até (data) \_\_\_\_\_).

## 1. Contatos iniciais:

Primeiro contato (data) \_\_\_\_\_ Segundo contato \_\_\_\_\_  
 Terceiro contato \_\_\_\_\_ Quarto contato \_\_\_\_\_  
 Quinto contato \_\_\_\_\_ Sexto contato \_\_\_\_\_

## 2. Primeiras instruções. Informações e aconselhamento fornecidos a respeito de:

Orações particulares (em casa) e leitura bíblica \_\_\_\_\_  
 Reuniões e atividades em grupo (na igreja) \_\_\_\_\_  
 Confissão de fé \_\_\_\_\_  
 Preparo para o batismo \_\_\_\_\_

## 3. Matérias fornecidas:

Bíblia ou porção da Bíblia \_\_\_\_\_  
 Manual ou outra matéria impressa \_\_\_\_\_  
 Programas das reuniões, etc. \_\_\_\_\_  
 Outras \_\_\_\_\_

## 4. Apresentação à comunidade crente (conforme apropriada):

Novo crente apresentado à igreja ou grupo inteiro (data) \_\_\_\_\_  
 Novo crente apresentado aos seguintes grupos da igreja (classes, etc.):  
 \_\_\_\_\_ (\_\_\_\_\_ data)  
 \_\_\_\_\_ (\_\_\_\_\_ data)  
 \_\_\_\_\_ (\_\_\_\_\_ data)

Alocação feita por \_\_\_\_\_

Conselheiro que preenche o formulário \_\_\_\_\_

Data em que o formulário é devolvido \_\_\_\_\_

**FIGURA 42**  
**Localidades Potenciais para Reuniões**

	Facilidade de transporte (distância, estacionamento, etc.)	Disponibilidade e viabili- dade econômica	Fatores psicológicos (vizinhança, prédio, etc.)	Conveniência para atividades cristãs (tamanho, barulho, atmosfera).
Lares dos Crentes				
Templo				
Salão Público				
Teatro				
Edifício Escolar				
Fábrica				
Escritório				
Outro: _____				
Outro: _____				
Outro: _____				

## FIGURA 43

## Horários em Potencial para Reuniões

Horário	Compatibilidade com as horas de serviço, os horários escolares, os horários tradicionais para reuniões na comunidade, etc.	Facilidades de transportes (disponibilidade de transportes particulares e públicos, proximidade às residências dos crentes, etc.)
Domingo: Manhã Tarde Noite		
Dias da Semana:		
Segunda-Feira: Manhã Tarde Noite		
Terça-Feira: Manhã Tarde Noite		
etc.		

## Horários das Reuniões

De uma maneira semelhante à avaliação dos lugares de reunião, avalie possíveis horários de reunião como bons, razoáveis, ou ruins com relação àqueles fatores que afetarão a participação dos crentes. Lembre-se: classifique os horários possíveis das reuniões para a congregação como um todo e para os subgrupos separadamente (veja a Figura 43).

Neste capítulo nossa preocupação tem sido integrar os novos crentes na comunhão cristã. Esta etapa do Ciclo Paulino é extremamente importante, inicialmente ao reunir os crentes como congregação embriônica e, subsequente, ao trazer os convertidos para a comunhão. Para cada nova congregação e para cada novo crente, esta etapa é temporária. Mas também é muito crucial. Muitas congregações passaram por reveses significantes porque os fatores envolvidos não foram eficientemente pensados e levados à oração. E miríades de "ovelhas perdidas" têm sido achadas e perdidas de novo porque os pastores assistentes procrastinaram a obra de trazê-las para o curral e alimentá-las.

## NOTAS

1. Raymond Firth: *Elements of Social Organization* (Boston: Beacon Press, 1963), págs. 29-40.
2. Dean Kelley: *Why Conservative Churches Are Growing: A Study in Sociology of Religion* (Nova York: Harper and Row, 1972), págs. 20-25.
3. Cf. Ferdinand Tönnies: *Community and Society*, trad. e ed. Charles P. Loomis (East Lansing: Michigan State University Press, 1957).
4. Donald McGavran: *Understanding Church Growth* (Grand Rapids: Eerdmans, 1970), págs. 85-87.
5. *Ibid.*, págs. 289-91.
6. Roger S. Greenway: *Guidelines for Urban Church Planting* (Grand Rapids: Baker, 1976), págs. 16-17.
7. Cf. Emile Durkheim: *Suicide: A Study in Sociology* (Nova York: Free Press of Glencoe, 1951).
8. Robert K. Merton: *Social Theory and Social Structure*, edição revista (Nova York: Free Press of Glencoe, 1957), págs. 139-40.
9. Lawrence O. Richards: *A New Face for the Church* (Grand Rapids: Zondervan, 1970), págs. 50-51.
10. Edward T. Hall: *Beyond Culture* (Garden City, NY: Anchor Press, 1977), págs. 203.
11. Howard A. Snyder: *The Problem of Wineskins: Church Structure in a Technological Age* (Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 1975), págs. 140.
12. David J. Hesselgrave: "A Propagation Profile of the Soka Gakkai" (dissertação para o Doutorado de Filosofia, Universidade de Minnesota, 1965), págs. 249-64.
13. A preleção foi feita em abril de 1970.
14. David Barrett: *Schism and Renewal in Africa* (Nairobi: Oxford University Press, 1968), pág. 171.
15. Snyder: *Problem of Wineskins*, pág. 163. Note que o uso que Snyder faz da palavra *comunidade* não se refere ao tamanho do grupo por si só.
16. *Ibid.*, pág. 63.
17. David J. Hesselgrave: "What Causes Religious Movements to Grow?" em *Dynamic Religious Movements: Case Studies in Rapidly Growing Religious Movements Around the World*, ed. David J. Hesselgrave (Grand Rapids: Baker, 1978), págs. 313-14.
18. Hesselgrave: "Nichiren Shoshu Soka Gakkai — The Lotus Blossoms in Japan," em *Dynamic Religious Movements*, págs. 129-30.
19. Hesselgrave: "What Causes Religious Movements to Grow?" pág. 313.
20. Mark L. Knapp: *Nonverbal Communication* (Nova York: Holt, Rinehart e Winston, 1972), págs. 26-27.
21. Margaret Green: *Igbo Village Affairs*, 2a. ed. (Londres: Cass and Co., 1964), págs. 22, 34.

# A Fé Confirmada

---

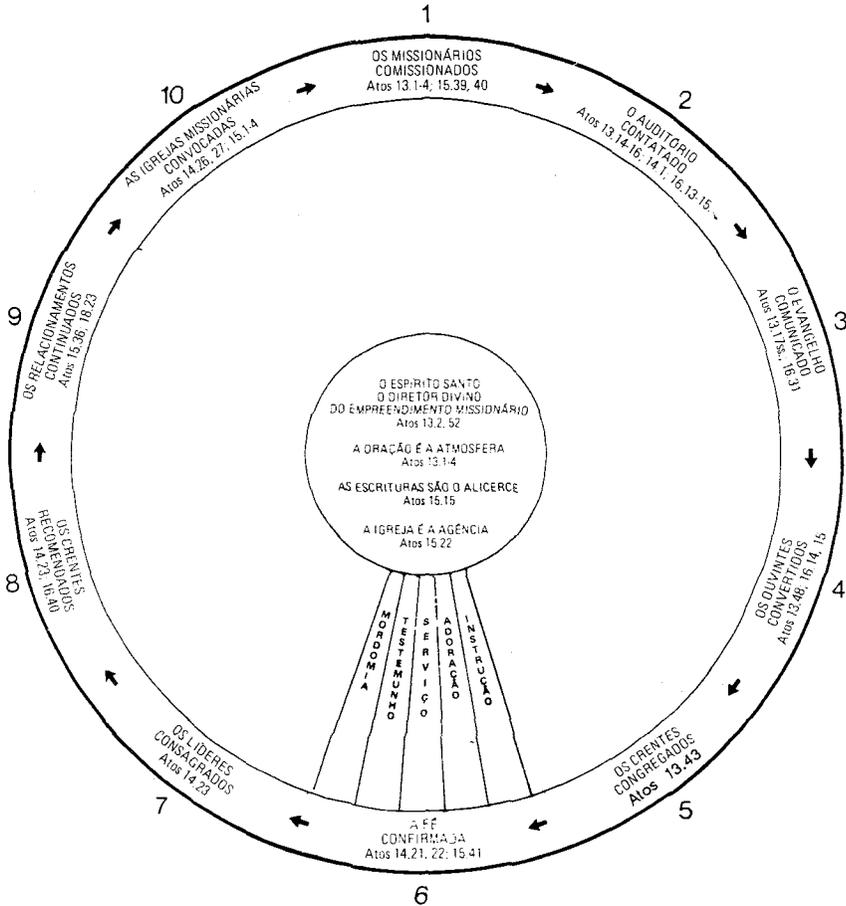
A confirmação não deve ser concebida simplesmente em termos de um exercício mental para a juventude da igreja. A confirmação é para *todos* os crentes, e para os crentes *somente*. A conversão sem confirmação (ou profissão de fé) e a confirmação sem conversão são contradições teológicas. A conversão é *para* uma nova fé e uma nova vida. Antecipa a confirmação. A confirmação acontece *em* uma nova fé e vida. Pressupõe a conversão. Que cada missionário-evangelista — e, de fato, todo líder eclesástico — dedique pensamentos sérios a esta fase indispensável da vida e do ministério cristãos.

## Objetivos

Tendo em mente o que foi dito supra, os seguintes objetivos são importantes na implantação de igrejas:

- (1) Estabelecer crentes na fé de modo que saibam o que devem crer e como devem viver.
- (2) Fornecer oportunidades para o culto que sejam inspiradoras e que honrem a Deus.
- (3) Exortar crentes a servirem sob a autoridade de Cristo pelo poder do Espírito Santo de modo que, como cidadãos do céu e da terra farão as duas esferas mais ricas mediante suas contribuições a Deus e ao homem.
- (4) Ajudar os crentes no seu testemunho — “na distribuição da sua fé,” segundo a expressão de Paul Little.
- (5) Encorajar os crentes a praticarem a mordomia fiel de acordo com o tempo, os talentos, os tesouros, os dons, e as energias que Deus lhes deu.

FIGURA 44  
"O CICLO PAULINO"



"E passou pela Síria e Cilícia, confirmando as igrejas" (At 15.41).

## A Fé e a Instrução

### Princípios e Precedentes Bíblicos

O Antigo Testamento deixa claro que os crentes deviam ser confirmados na fé. Deus disse através de Moisés:

Ouve, Israel, o SENHOR nosso Deus é o único SENHOR. Amarás, pois, o SENHOR teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força. Estas palavras que hoje te ordeno, estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão e te serão por frontal entre os teus olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa, e nas tuas portas (Dt 6.4-9).

No Novo Testamento o mandamento de Deus é igualmente claro. Jesus ordenou Seus discípulos a ensinar "todas as coisas que vos tenho ordenado" (Mt 28.20). Paulo obedecia rigorosamente esta ordem. Escreveu: "Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei" (1 Co 11.23). Timóteo foi exortado a ensinar homens fiéis a fim de que eles, por sua vez, pudessem ensinar a outros (2 Tm 2.2). Ensinar a Palavra de Deus aos crentes é tão imperativo para nós como era para Paulo e Timóteo!

É óbvio, no entanto, que "todas as coisas" devem ser ensinadas num contexto de tempo e de espaço. Nem tudo pode ser ensinado ou aprendido de uma só vez. Este fato torna importante a questão das prioridades. Quais verdades ou práticas são tão importantes que devem ser ensinadas cedo na vida cristã?

### *Verdades a Serem Ensinadas aos Novos Crentes*

O autor da Epístola aos Hebreus faz uma declaração marcante acerca das verdades a serem ensinadas cedo no desenvolvimento do crente. No capítulo 6, depois de expressar seu desgosto porque seus leitores ainda não se transformaram em professores conforme a expectativa dele, e depois de afirmar que algumas verdades são "leite" e outras se constituem em "alimento sólido", diz:

Por isso, pondo de parte os princípios elementares da doutrina de Cristo, deixemos levar para o que é perfeito, não lançando de novo a base do arrependimento de obras mortas, e da fé em Deus, e do ensino de batismos e da imposição de mãos, da ressurreição dos mortos e do juízo eterno (Hb 6.1, 2).

"Os princípios elementares da doutrina de Cristo" são aquelas verdades apresentadas nos cinco primeiros capítulos da carta. Cristo é visto como superior aos profetas porque deu uma revelação definitiva da própria natureza de Deus quando fez a purificação pelos pecados. É superior aos anjos por ser Ele o Deus Soberano a quem os anjos dirigem seu louvor. Ele é superior porque par-

tipicou da carne e do sangue e provou a morte por todo homem, dando a salvação. Ele é superior a Moisés, porque Moisés é um servo na casa ao passo que Cristo é o Filho. Cristo proveu um descanso para o crente e tornou-Se nosso Sumo Sacerdote fiel. Estas são verdades elementares.

Outras verdades elementares são o arrependimento e a fé, o batismo, a ressurreição, e o juízo eterno. Uma comparação entre esta lista e as Epístolas Paulinas que foram dirigidas às igrejas novas revela que Paulo seguiu um padrão semelhante no seu ensino. Em 1 Tessalonicenses os sofrimentos, a morte, e a ressurreição de Cristo são considerados já ensinados (2.14, 15; 4.14; 5.9). A fé claramente foi ensinada (1.3; 2.10; 3.7; 5.8). O ensinamento do arrependimento é subentendido (1.10), ao passo que o juízo eterno é especificamente mencionado (1.10; 3.13; 5.9). Em 1 Coríntios Paulo escreve que está resolutivo no sentido de ênfatisar a cruz (2.2). A ressurreição é ensinada de maneira pormenorizada (15.12-58) e o juízo também é apresentado (3.10-15; 4.5). Paulo claramente seguia o padrão de apresentar as verdades que o autor de Hebreus rotulou de "elementares."

A passagem em Hebreus, porém, contém a queixa de que os leitores não haviam progredido da etapa elementar porque não se tornaram praticantes da Palavra (Hb 5.12-14). A implicação é que a prática cristã era ensinada juntamente com a doutrina cristã elementar. Este fato também é visto nas epístolas que Paulo escreveu às igrejas novas. Por exemplo, a pureza nas relações sexuais é apresentada como parte integrante da vida santa (1 Co 5.1-10; 6.9-20; 1 Ts 4.1-7). Os crentes são exortados a demonstrar o amor fraternal (1 Co 13; 1 Ts 4.9, 10). Instruções explícitas são dadas acerca do casamento e do divórcio (1 Co 7). A diligência é recomendada para aqueles que aguardam a vinda do Senhor (1 Ts 4.11, 12). O problema de comer carne oferecida aos ídolos é discutido (1 Co 8; 10.14-22). Concluimos, portanto, que o ensino que era administrado aos novos nas igrejas primitivas era uma mistura de instrução na doutrina elementar e no viver cristão prático.

### *O Ensino Dado às Igrejas Maduras*

O autor da carta aos Hebreus declara que seus leitores agora estão prontos para o ensino mais profundo (6.1). Passa, portanto, a discutir o sacerdócio de Melquisedeque e o de Cristo, e a doutrina da nova aliança. De modo semelhante, Paulo demonstra que há ensinamentos mais profundos que devem ser dados ao crente mais maduro (1 Co 3.1, 2). Estes ensinamentos são melhor vistos nas suas cartas às igrejas mais antigas, estabelecidas. As cartas aos Filipenses, aos Efésios, e aos Colossenses devem ser estudadas quanto a isto. O que poderia ser mais profundo do que a passagem da *kenosis* de Filipenses 2, a grande passagem cristológica em Colossenses 1, e a tremenda passagem soteriológica de Efésios 1? Fica claro que Paulo reservava os ensinamentos mais profundos para os cristãos mais maduros.

Além disto, Paulo esperava uma prática mais madura da parte destas igrejas. Os crentes deviam buscar as coisas lá de cima, ao passo que mortificavam

seus membros sobre a terra (Cl 3.1-14). Deviam ser cheios do Espírito e dar evidência deste fato (Ef 5.18-6.9). Deviam exibir a unidade do Espírito (Ef 4.13) e estar alegres em todas as circunstâncias (Fp 3.1).

## **Pesquisas Relevantes**

### *Crescimento e Instrução*

Os estudos demonstram que os movimentos religiosos (e outros) em rápido crescimento tendem a ressaltar que os que desejam instrução devem dominar um âmago básico de doutrina e, uma vez tendo feito isto, avançar para os ensinamentos mais profundos do movimento. Poderíamos chamar este processo de "doutrinação". É uma grande pena que este termo tenha sido vinculado com a lavagem cerebral e, portanto, tem uma má conotação. Quando métodos coercivos são empregados, o doutrinação deve ser deplorado. Outra forma, é uma boa palavra. O fato de que discordamos tanto dos métodos quanto dos ensinamentos do comunismo, da cientologia, da Igreja da Unificação, das Testemunhas de Jeová, dos Mórmons, e dos budistas Soka Gakkai não deve cegar-nos diante dos pontos fortes que possuem. Imediatamente ao serem convertidos Gakkai (por exemplo) são apresentados a um programa de instrução cuidadosamente elaborado dos ensinamentos básicos da seita. A instrução em grupos pequenos, preleções especiais, um manual dos fiéis, uma série de provas voluntárias, a promoção de acordo com o grau de conhecimentos doutrinários atingido — todos estes fazem parte do programa.<sup>1</sup>

### *A Aprendizagem Formal, Informal e Técnica*

Uma distinção muito útil tem sido feita pelo antropólogo Edward T. Hall. Acredita que a aprendizagem ocorre em três níveis: o nível formal (a correção de erros); o nível informal (a imitação de modelos); e o nível técnico (de um professor). Um dos argumentos principais de Hall é que uma proporção muito maior de aprendizagem, do que possamos supor, acontece no nível informal.<sup>2</sup> Uma das implicações disto é que muito mais atenção precisa ser dada a oferecer modelos da verdade bíblica. A não ser que a verdade seja exemplificada e demonstrada em modelos, em termos de comportamento transformado, sua mera recitação provavelmente está longe de ser tão eficaz como ordinariamente supomos. Este é o caso especialmente na situação pioneira.

### *Aprendendo por meio de Escutar e Observar*

Os estudos indicam que, sendo iguais todas as demais coisas, 10 por cento da matéria de uma determinada lição é lembrada quando a lição for ensinada exclusivamente pela fala, ao passo que o dobro dessa porcentagem (20 por cen-

to) será recordado se a lição for comunicada exclusivamente pela vista. Mas se o escutar e o ver forem combinados, 65 por cento da matéria será relembrada!<sup>3</sup>

### *Aprendendo pela Prática*

É uma lei fundamental da pedagogia que a pessoa aprende pela prática. A aprendizagem não é simplesmente uma questão da cognição. É também uma questão da ação. A aprendizagem que é divorciada da vida, que é apenas uma questão do acúmulo de dados, dificilmente é digna do nome. A melhor educação, portanto, é aquela que combina a sala de aula com o laboratório, aquela que envolve o aprendiz no emprego das informações. Ted Ward às vezes emprega a analogia de uma cerca para comunicar esta abordagem à aprendizagem. A idéia é que a teoria e a prática vão juntas e que, periodicamente, deve haver uma oportunidade de discutir e analisar aquilo que aprendemos e experimentamos (veja a Figura 45). Embora o "diagrama de cerca" com sua referência a seminários e ao insumo cognitivo pareça especialmente aplicável às faculdades e às universidades, seria um engano pensar que não se aplica à igreja local e, na realidade, a qualquer situação de aprendizagem.

**FIGURA 45**



\*Baseado em Ted Ward e Samuel F. Rowen: "The Significance of the Extension Seminary," *Evangelical Missions Quarterly*, vol. 9, n.º 1 (outono de 1972), págs. 17-27. Reimpresso com a permissão de *Evangelical Missions Quarterly*, publicada pela Evangelical Missions Information Service, Box 794, Wheaton, IL 60187.

### **Reflexões Práticas**

(1) Embora Roland Allen esteja preocupado no sentido de a doutrina cristã básica ser ensinada aos novos crentes nas áreas pioneiras, suas observações e sua experiência levam-no a acreditar que em muitos casos nossa prática é manter padrões e sistemas de doutrina que são extrabíblicos. E como são mantidos estes sistemas de padrões e doutrinas? Primeiramente, por tornar

obrigatório que os candidatos para o batismo aprendam lições verbais que, para muitos deles, são muitos difíceis. Em segundo lugar, por treinar os professores dentro deste sistema e cuidar que eles, por sua vez, mantenham o padrão. Os resultados têm sido a esterilidade, a dependência, e a imaturidade.

Allen reconhece que há uma linha fina entre ensinar a doutrina de maneira que *revele* a pessoa de Cristo e ensiná-la de maneira que *usurpe* o lugar de Cristo. Mas insiste que devemos pregar Cristo de tal maneira que os homens são realmente convertidos a Ele, e que devemos instruir o convertido de tal maneira que se esforçará a responder às perguntas da vida por meio de procurar a doutrina verdadeira. Somente desta maneira as igrejas crescerão espontaneamente:

É vão dizer que a doutrina era falsa ou falsamente declarada, e que, portanto, falhou. Falhou, não por ter sido falsa ou falsamente declarada, mas porque era mera doutrina divorciada da experiência. E a pregação do poder de Cristo é fiel ao Evangelho; mas o outro tipo, por si mesmo, é mera doutrina, e como toda a doutrina, por si só é morta.<sup>4</sup>

(2) Talvez influenciado por Allen, e certamente informado pela sua própria experiência, Donald McGavran critica os missionários-evangelistas pela “tremenda pressão para as pessoas serem perfeitas” que acredita ser característica do empreendimento missionário protestante. Indica que temos um impulso aparentemente irresistível de deixar de discipular (i.e., fazer novos convertidos) a fim de fazer “bons cristãos” daqueles que já vieram a Cristo.<sup>5</sup>

Estas críticas de Allen e de McGavran são bem aceitáveis. Mas revelam uma tendência natural de reagir exageradamente e ir longe demais na direção oposta. O antídoto a uma doutrina sem vida, embora seja verídica, não se deve achar numa redução do zelo pela doutrina verdadeira, mas numa maior dependência do Espírito Santo e num aumento da confiança nos convertidos genuínos. E a raiz do “problema da perfeição(!)” não é tanto nosso ímpeto para aperfeiçoar os crentes, mas nossa falta de continuar a evangelização. Os diagnósticos, portanto, estão parcialmente corretos, e remédios se tornam necessários. Mas devemos tomar cuidado para a cura não ser pior do que a doença.

(3) Se nossa análise da abordagem usual nas situações pioneiras for correta, talvez explique parcialmente a situação nas igrejas existentes também. A que atribuímos a aparente falta geral de conhecimentos bíblicos? Há falta de instrução bíblica nas nossas igrejas? Talvez. Mas pode ser que o problema seja ainda mais profundo. Se uma pessoa freqüenta três reuniões por semana, com um total de quatro horas, terá freqüentado um total cumulativo de 8.320 horas de cultos religiosos até chegar a ter quarenta anos de idade. Por contraste, o estudante universitário mediano recebe seu bacharelado depois de passar apenas 2.176 horas na sala de aulas!<sup>6</sup> A quantidade do tempo de instrução pode ser um fator, mas estamos persuadidos que a qualidade da instrução é o problema básico, e isto por duas razões.

Em primeiro lugar, um programa relevante de instrução não está disponível ou não está aparente ao crente (especialmente o novo crente) na maioria das igrejas. A Bíblia e vários outros livros são usados. Mas boa parte da instrução é atirar a esmo (e errar mais do que acertar) e nem é cuidadosamente disposta de modo que o crente possa ver seu escopo inteiro, nem cuidadosamente programada para avançar em etapas do elementar para o complexo. Como consequência, o crente raras vezes sabe qual é sua própria posição no programa, e quase nunca tem o senso de progredir de um nível para outro.

Em segundo lugar, de modo demasiadamente freqüente a doutrina é divorciada da vida. "Infelizmente," escreve Lawrence Richards, "nós, os evangélicos, temos sido treinados a pensar na Escritura e a lê-la em termos de 'verdades a serem compreendidas' ao invés de 'realidades a serem vividas'."7 Ao invés de colocar uma cerca entre a doutrina e a vida, ou entre o sagrado e o secular, parece que devemos consertar nossas cercas instrucionais da maneira sugerida por Ted Ward!

*Ilustração ME-3:* A obra dos Tradutores Bíblicos Wycliffe entre os Tzeltal do México é um exemplo brilhante do tipo de instrução que, segundo os dados que acabam de ser examinados, é a mais eficaz. Neste caso específico, o problema de dar instrução cristã aos convertidos era agravado pelo analfabetismo dos Tzeltal. Uma vez que a igreja veio a existir, os crentes eram congregados para cultos dominicais que duravam aproximadamente seis horas! Os cultos eram dirigidos pelos líderes Tzeltal numa base rotativa. Crentes comparativamente novos, que nem por isso deixavam de ter qualificações para pregar e ensinar, assumiam essas responsabilidades depois de terem sido testados pelos ensinadores missionários a respeito das passagens bíblicas sendo usadas. Durante o período da Escola Dominical a congregação inteira era dividida e atribuída a classes onde a Bíblia era ensinada. Cada classe e seu(s) professor(es) tinha uma lição primária que era ensinada semana após semana. Durante a semana, deviam compartilhar com um vizinho aquilo que tinham aprendido. As idéias básicas e as passagens bíblicas eram memorizadas. As perguntas eram respondidas ao indicar a passagem bíblica relevante, ainda que o estudante fosse analfabeto. Os crentes tinham licença de progredir para a classe seguinte (com seus ensinamentos mais adiantados) somente depois de passar uma "prova" e mediante o testemunho de um vizinho de que realmente estavam vivendo de acordo com a verdade da lição! Dentro de poucos anos a Igreja Tzeltal tinha crescido para 8.000 crentes, inclusive 120 crentes que sabiam ler e que possuíam as qualidades espirituais de um pastor!

## A Fé e a Adoração

### Princípios e Precedentes Bíblicos

Recentemente, numa igreja na Venezuela, um missionário estava dirigindo um culto de oração no domingo de manhã. Depois de alguns hinos e cori-

nhos terem sido cantados, alguns avisos terem sido dados, e os dízimos e as ofertas terem sido recolhidos, foi feita a seguinte pergunta à congregação: "Quantos de vocês acreditam que adoraram a Deus hoje de manhã?" Nem uma só pessoa respondeu afirmativamente. O missionário perguntou, então: "O que é a adoração?" Ninguém parecia saber. Vejamos o que a Bíblia diz acerca da adoração.

### *A Definição Bíblica da Adoração*

Há pelo menos seis palavras gregas no Novo Testamento que podem ser traduzidas por "adoração." Cada uma delas revela algum aspecto daquilo que é a adoração.

(1) *Proskuneō* é a palavra mais comum para a adoração. É uma palavra composta que literalmente significa "beijar em direção de." Poderia ser facilmente traduzida "adorar."

(2) *Sebazomai* retrata um ato de temor e medo reverenciais. Sua forma substantiva era usada como um título dos imperadores romanos de César Augusto em diante. Em Atos 25.31 este título é usado para o tirano Nero.

(3) A palavra *eusebeō* tem relacionamento com *sebazomai* e indica piedade ou reverência. A forma substantiva é freqüentemente traduzida "piedade."

(4) *Therapeuō* significa literalmente "curar", e isto por meio da manipulação com as mãos como na massagem. Em Atos 17.25, a adoração na forma de semelhante serviço com as mãos é expressamente negado como forma de adoração legítima no que diz respeito ao Deus verdadeiro.

(5) e (6) *Latreuō* e *leitourgeō* significam, igualmente, o serviço prestado a Deus. "*Leitourgeō* é o cumprimento de um ofício num sentido representativo, ao passo que *latreuō* é serviço à deidade da parte tanto do sacerdote como dos leigos."<sup>8</sup>

Resumindo: o significado do culto no Novo Testamento é a adoração acompanhada por algum tipo de serviço prestado àquele que inspira reverência.

Uma boa ilustração do culto verdadeiro é vista no leproso que veio para Jesus (Mt 8.1-4). O v. 2 diz: "E eis que um leproso, tendo-se aproximado, adorou-o, dizendo: Senhor, se quiseres, podes purificar-me." Aqui, a palavra traduzida "adorar" é *proskuneō*. Envolve três elementos: (1) a percepção do senhorio de Jesus Cristo; (2) o reconhecimento da Sua vontade soberana; e (3) o reconhecimento do Seu poder. Este é o culto verdadeiro. O leproso não adorou porque ia ser curado, nem foi curado porque adorou. Adorava por reconhecer o poder soberano que residia no Senhor. Se não tivesse sido curado, ainda teria adorado.

### *O Padrão Bíblico de um Culto de Adoração*

Por estranho que pareça, as Epístolas Paulinas não usam a palavra *proskuneō* a não ser em 1 Coríntios 14. Mas esta passagem é muito instrutiva. Ensina-nos como o culto verdadeiro deve ser encorajado e levado a efeito.

Se, pois, toda a igreja se reunir no mesmo lugar, e todos se puserem a falar em outras línguas, no caso de entrarem indoutos ou incrédulos, não dirão porventura, que estais loucos? Porém, se todos profetizarem, e entrar algum incrédulo, ou indouto, é ele por todos convencido, e por todos julgado: tornam-se-lhe manifestos os segredos do coração, e, assim, prostrando-se com a face em terra, adorará a Deus, testemunhando que Deus está de fato no meio de vós. Que fazer, irmãos? Quando vos reunis, um tem salmo, outro doutrina, este traz revelação, aquele outra língua, e ainda outro interpretação. Seja tudo feito para edificação (1 Co 14.23-26).

É a manifestação dos segredos do coração e a detecção da presença do Senhor, acompanhadas pelo reconhecimento de termos de prestar contas a Deus, que provocam a adoração. A atividade descrita por Paulo é caracterizada, em primeiro lugar, por uma forte dependência da verdade revelada. O salmo, a doutrina, a profecia, a revelação e a língua têm, todas elas, sua origem em Deus e são reveladas ao homem. Em segundo lugar, há uma participação total dos crentes. Diz-se que cada um tem a sua parte. Em terceiro lugar, há uma clareza de expressão. Este é o tema da passagem. A profecia é mais útil do que as línguas, porque pode ser entendida. Em quarto lugar, há decência e ordem. Embora cada um participe, a participação é por revezamento (v. 27). Em quinto lugar, há recepção crítica da mensagem. Enquanto os profetas estão falando, os ouvintes julgam aquilo que está sendo dito (v. 29). É este tipo de culto simples, que visa edificar o crente, que conduz à adoração.

### *A Adoração e a Ceia do Senhor*

A Ceia do Senhor foi instituída imediatamente antes de Jesus ser traído (Mt 26; Mc 14; Lc 22). Veio a ser uma observância regular da igreja primitiva (At 2.42-47; 20.6, 7; 1 Co 11.20-34). As passagens mais completas sobre a Ceia do Senhor acham-se nos relatos sinóticos da sua instituição e na orientação que Paulo deu quanto à sua prática na igreja de Corinto. Embora os demais apóstolos tivessem estado presentes quando Jesus instituiu a Ceia do Senhor, o apóstolo Paulo declarou ter recebido instruções acerca da sua observância diretamente do Senhor ressurreto (1 Co 11.23), assim como recebera seu evangelho da parte dele (Gl 1.11, 12). Paulo achou necessário corrigir certos abusos que tinham caracterizado a prática da Ceia entre os coríntios, e fê-lo em 1 Coríntios 11.20-34. Devido à sua relevância à prática local da igreja, concentramo-nos aqui nalgumas lições importantes a serem obtidas desta passagem.

Em primeiro lugar, o modo da observância da Ceia do Senhor tinha a aparência de uma refeição comum, embora tivesse uma relevância muito especial (v. 21).

Em segundo lugar, a observância envolvia a ação de graças e de louvores (v. 24). A palavra *eucharisteō*, que significa dar graças, é usada aqui em Lc 22.19. Em Mateus e Marcos *eucharisteō* é usado com referência ao cálice, ao passo que *eulogeō*, que significa falar bem ou atribuir louvores, é usado com referência ao pão.

Em terceiro lugar, a Ceia relembra o Senhor (vv. 24, 25). *Anamnêsis* não significa simplesmente "memória de" porém indica o reconhecimento da presença permanente do Senhor.

Em quarto lugar, a freqüência com a qual a Ceia do Senhor deve ser observada não é especificada, mas a implicação da frase "todas as vezes" (v. 26) é que deve ser observada com regularidade e freqüência. Esta interpretação da frase está de acordo com aquilo que sabemos acerca da prática da igreja primitiva.

Em quinto lugar, a observância da Ceia do Senhor é um meio de anunciar (*katangellô*) a morte do Senhor até que Aquele que está espiritualmente presente venha corporeamente (v. 26).

Em sexto lugar, a Ceia do Senhor é para aqueles que são dignos, ou seja: para os que são crentes e que se examinaram para averiguar que estão no relacionamento certo com o Senhor (vv. 27, 28).

Em sétimo lugar, participar da Ceia do Senhor indignamente resulta em castigo (vv. 29-32).

Ao plantar uma nova igreja no Terceiro Mundo, três suposições errôneas são comumente feitas. A primeira suposição é que se as pessoas vêm à fé em Deus através de Cristo, saberão naturalmente como Deus deseja ser adorado. Isto é apenas parcialmente verdadeiro, ou talvez nem mesmo seja verdadeiro. É necessária a instrução.

A segunda suposição é que a adoração que faz parte da tradição do missionário-evangelista é adoração bíblica. A probabilidade é que a adoração bíblica genuína acarretaria muito mais participação, espontaneidade, e sentimento.

A terceira suposição é que todos os aspectos da adoração indígena sejam inerentemente errados. Não é necessariamente assim. A oração silenciosa, os tambores e outros instrumentos nativos, e certas formas de drama e de danças podem ser usados para tornar a adoração mais bíblica e relevante. Resumindo: nem as formas ocidentais nem as formas indígenas de adoração devem ser introduzidas ou descartadas de modo não-crítico.

### *O Relacionamento entre o Espírito Santo e a Adoração*

Nenhuma discussão sobre a adoração seria completa sem alguma menção do papel do Espírito Santo na adoração. Quando Jesus falou à mulher junto à fonte, disse que a hora viera em que os verdadeiros adoradores adorariam em Espírito e em verdade (Jo 4.23). Em 1 Coríntios 14, que trata dos dons do Espírito, o simples culto de adoração é descrito. Disto podemos inferir que o adorador verdadeiro é equipado pelo Espírito. Lidas em conjunto, as duas passagens ensinam que o Espírito tanto motiva o crente a adorar quanto o equipa para a adoração. Sendo assim, pareceria que nenhuma adoração verdadeira é oferecida até que o adorador seja controlado pelo Espírito Santo e esteja usando os dons do Espírito. Quando isto acontecer, a própria vida do crente deve ser descrita em termos de um culto de adoração (Ef 5.18-20).

## Pesquisas Relevantes

### *A Natureza da Adoração*

Os antropólogos concordam entre si, de modo geral, que a adoração tem feito parte da experiência da humanidade desde os tempos mais antigos.<sup>9</sup> Conforme se pode esperar, os antropólogos caracterizam a adoração primitiva de acordo com seus próprios preconceitos. Para o naturalista, a adoração é usualmente vista como um esforço para aplicar, lisonjear, ou apaziguar poderes sobrenaturais de um tipo ou de outro.<sup>10</sup> No seu livro popular: *The Silent Language*, Edward T. Hall classifica as cerimônias religiosas sob a categoria de "defesa" — juntamente com a defesa militar e as práticas da saúde!<sup>11</sup> Na realidade, os que tiveram qualquer contato apreciável com as religiões não-cristãs — aqueles que têm visto os não-cristãos nos seus vários santuários, templos, e altares do lar — atestarão do fato de que boa parte, senão a maior parte, de semelhante adoração tende a corroborar as conclusões dos cientistas sociais. De fato, a adoração feita por muitas pessoas degenera em aplacar o sobrenatural. Mas a verdadeira adoração cristã é em primeiro lugar honrar a Deus como Deus, e a atribuição a Ele de louvores e ações de graças por aquilo que Ele é e tem feito. Não exclui a petição por previsão e proteção, porque Deus convida Seus filhos a aproximar-se dEle em tempos de necessidade. Mas a adoração não é inteiramente, nem primariamente, petição. É um reconhecimento que Deus existe e que Ele já proveu a vida e o sustento e a salvação. Desta maneira, a adoração cristã é — ou deve ser — algo muito diferente de qualquer coisa praticada pelo homem não-regenerado e algo que será quase totalmente impossível para o homem não-regenerado compreender ou interpretar.

### *A Adoração e o Meio-ambiente*

A adoração é freqüentemente associada com certos lugares sagrados, e, mesmo que não seja *confinada* a esses lugares, não deixa de ser mais relevante e eficaz quando é praticada em tais lugares. A mulher samaritana tinha uma idéia exatamente assim (Jo 4.20). Na realidade, o judaísmo com seu culto no templo reforçava semelhante noção. O cristianismo bíblico é uma religião universal por não conhecer nenhum lugar na terra que é mais sagrado do que qualquer outro, nem onde se deve adorar em preferência a qualquer outro lugar. Ao mesmo tempo, a adoração coletiva realmente requer um lugar de encontro, e um grupo de cristãos — assim como qualquer outro grupo religioso — será afetado por fatores do meio-ambiente.

Muitos de tais fatores serão óbvios a todos. Em muitas situações pioneiras, no entanto, a questão de providenciar um lugar para a adoração se avolumará ao ponto de obscurecer todos os demais fatores que são importantes. De que outra maneira se pode explicar a falta de fornecer enfeites simples (tais

como um arranjo de flores, por exemplo) que, até mesmo no meio-ambiente mais simples, ajudam a criar uma atmosfera para a adoração ao Deus da criação e da ordem? Ou, de que outra maneira se pode explicar os erros que estão embutidos em numerosas casas de adoração desde o início? James White, por exemplo, denuncia o salão comprido e estreito, e os tipos de igrejas com alas separadas, e prediz que, no futuro, a arquitetura das igrejas será mais convidativa para a verdadeira adoração cristã.

Provavelmente as experiências dos dias de hoje que colocaram a congregação em transeptos ou noutras áreas separadas serão pouco limitadas. Tais disposições tornam muito difícil a pregação. Além disto, alimentam a ilusão de duas congregações separadas, ou mais, ao invés de um só corpo reunido em derredor na mesa do Senhor.

Mais provavelmente, o tipo salão de auditório com longas naves, com o chão em declive, e bancos confortáveis será raro no futuro. É bem possível que as galerias serão muito pouco usadas. Com os centros litúrgicos tão perto quanto possível da congregação, o povo terá acesso mais fácil a eles, e a noção de certos lugares da igreja como locais santos, monopolizados pelos clérigos e pelo coro, será consideravelmente diminuída. A impressão de que Deus está além da janela ocidental — será evitada por construções com planejamento central.<sup>12</sup>

## Reflexões Práticas

Talvez nenhum aspecto da experiência cristã coletiva tenha sido objeto de mais críticas recentemente do que o pouco mais de uma hora de adoração formal aos domingos. A crítica está mais evidente no mundo ocidental (especialmente na América do Norte) do que no mundo não-ocidental. Talvez isto seja porque os ocidentais tendem a ter mais auto-crítica. Talvez os não-ocidentais simplesmente não fazem conta ou, bem possivelmente, registram sua decepção pela sua ausência. De qualquer maneira, é necessária a reflexão.

Os povos do Terceiro Mundo provavelmente acham o culto de adoração cristã usual demasiadamente ocidental. Os hinos ocidentais, os instrumentos ocidentais, os sermões ocidentais, e o modo abrupto ocidental — todas estas coisas, e outras tantas, dão à adoração um cunho estrangeiro que não reflete necessariamente a verdadeira espiritualidade.

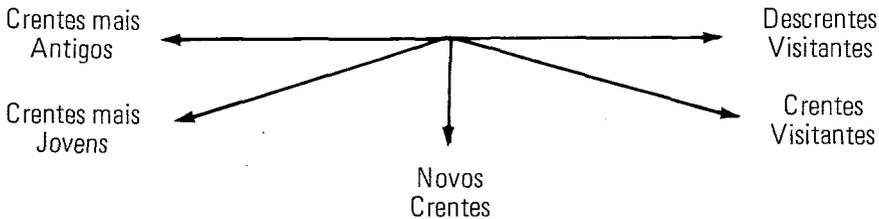
No Ocidente, uma das dificuldades é a de satisfazer as expectativas e necessidades de vários segmentos da congregação média: dos residentes que são crentes mais antigos, crentes mais jovens, e novos crentes; e dos visitantes, crentes e descrentes. Esta dificuldade pode ser parcialmente resolvida por meio de instruir a congregação quanto à verdadeira natureza da adoração e por meio de obter um equilíbrio no que diz respeito às expectativas dos vários segmentos (veja a Figura 46).

Outro problema no Ocidente é que muitas congregações acham que o culto de adoração não é interessante. Representando os pastores evangélicos mais progressistas, David Mains usa a frase: "a adoração que é pomposa e enfado-

## FIGURA 46

## O Culto de Adoração Equilibrado

Adoração que equilibra as necessidades e as expectativas dos



na," para descrever o culto de adoração protestante comum.<sup>13</sup> Seus argumentos básicos são que os líderes erram de várias maneiras: (1) estão enganados quanto ao verdadeiro significado da adoração; (2) chamam nossa mixórdia de atividades independentes e sem mútuo relacionamento no horário de 11 horas de domingo de manhã de "culto de adoração"; (3) vêem uma conexão necessária entre os bancos de igreja, os tapetes de cor castanha, os candelabros elegantes, e os tetos com abóbadas, de um lado, e a "adoração," do outro lado; (4) deixam de planejar a adoração relevante.

Anne Ortlund, esposa do pastor de uma congregação vicejante em Los Angeles, concorda — na maior parte, pelo menos. Insiste que devemos ser bíblicos, que devemos dedicar pensamento criativo aos nossos cultos de adoração, e que nem a repetição de formas tradicionais nem o culto sem estrutura, supostamente espiritual, é a resposta.

De onde vem a idéia de que se você estiver "no Espírito" pode eliminar a preparação?

Não tenho simpatia com a filosofia por detrás disto...

Mas todas as nossas idéias acerca da adoração devem estar firmemente arraigadas nas Escrituras, e nelas não acho altos louvores que eram simplesmente de improviso...

O Salmo 34 é um grandioso hino de louvor. Apenas fluiu da parte de Davi como água? Bem, descobrimos que é um hino acróstico, com o abecedário hebraico embutido na primeira letra de cada linha. O Espírito Santo inspirou-o, certamente — mas talvez também tenha custado a Davi muito trabalho para escrevê-lo.<sup>14</sup>

Sem dúvida é verdade que a originalidade em demasia (bem como em quantidade mínima) pode contribuir para tornar uma igreja enfadonha.<sup>15</sup> Mas se há alguma coisa da qual não necessitamos numa obra nova para Cristo, é simplesmente mais daquilo que já conhecemos antes e noutros lugares — especialmente quando se trata do culto de adoração.

*Ilustração ME-1:* Muitas igrejas revivificaram o interesse pelos seus cultos de adoração por meio de iniciar mudanças relevantes. Uma de tais igrejas é a *Circle Church* de Chicago.<sup>16</sup> A nova congregação não teve a vantagem de vitrais coloridas e de tapetes cor de castanha! Na realidade, suas reuniões são feitas no Salão do Sindicato dos Caminhoneiros! As cadeiras estão dispostas de tal maneira que a congregação fique assentada num semi-círculo ao redor de uma plataforma erguida num canto onde os ministros estão localizados. O coro e outros grupos musicais podem ser colocados ao longo do lado do salão ou nos fundos.

O pastor fundador David Mains define o culto em termos de louvor e adoração a Deus. Visto que a pregação da Palavra é enfatizada durante o culto de domingo de manhã, chama-o de "Culto de Adoração e de Instrução."

O "Culto de Adoração e de Instrução" é usualmente dividido em três seções (embora a flexibilidade seja a regra):

Aproximando-se de Deus na Adoração  
Deus Falando Através de Sua Palavra Escrita  
A Resposta de Obediência

A primeira seção é dada exclusivamente à adoração (no sentido de louvor e adoração). Na música especial e congregacional, a ênfase deve ser dada às palavras mais do que ao estilo da música. Na oração e na leitura das Escrituras, as palavras devem ser dirigidas a Deus e falar da Sua grandeza e do Seu valor. Mains escreve que não é incomum para um membro do serviço pastoral passar uma ou duas horas escrevendo a invocação!

A segunda seção do culto ressalta a leitura bíblica e o sermão. A prática de Mains é enfatizar um único tema básico no sermão — tema este que é ecoado no decurso do culto inteiro. Este tema é expressado numa única "frase de propósito" que é formulada semanas antes por quem for programado para pregar. O sermão é reforçado por ajudas didáticas tais como retroprojetores, transparências, gravações, e assim por diante.

A terceira seção do culto encoraja a resposta apropriada a Deus da parte da congregação. Esta resposta não é a realização automática de uma leitura alternada, mas pede uma dedicação genuína à verdade, expressada em termos de comportamento.

Cultos de adoração bíblicamente orientados e culturalmente relevantes tais como aqueles da *Circle Church* forçosamente atrairão igualmente os crentes e os descrentes.

## A Fé e o Serviço

### Princípios e Precedentes Bíblicos

#### *A Base do Serviço*

Um dos temas mais extensivos que percorrem a Escritura é o do serviço. Está escrito que quando o Filho de Deus Se tornou homem, tornou-Se seme-

lhante a um escravo; a implicação é que a própria natureza do homem é a de um servo (Fp 2.7). O homem é ordenado a servir (Mt 4.10). A igreja primitiva acreditava que os homens são “refeitos” a fim de servir (1 Ts. 1.9). Uma base sólida para o serviço é vista, portanto, na natureza do homem, no mandamento de Deus, e nas crenças e práticas da igreja primitiva.

### *A Semântica do Serviço*

O Novo Testamento emprega várias palavras em conexão com o serviço do crente: *doulos*, *diakonos*, *leitourgos*, *latreuō* (de *latris*), *oiketês* e *hupêretês*.

O *doulos* era um escravo. Esta palavra nas suas várias formas é a mais comumente usada no Novo Testamento em conexão com o serviço. O Senhor tinha muita coisa a dizer acerca deste tipo de serviço. Ninguém pode ser *servo* de dois senhores (Mt 6.24). Quando recebe uma ordem, o *servo* bom a obedece (Mt 8.9). Aqueles que desejam ser grandes no reino de Deus devem primeiramente ser *servos* (Mt 20.27). O *servo* nunca é maior do que seu senhor (Mt 10.24). Um *servo* alerta de Deus será recompensado quando Cristo voltar (Mt 25.21; Lc 12.37). Isto e muito mais foi dito por Cristo acerca do *doulos*.

Paulo também falava acerca do *doulos*. Confessava que era *servo* de Jesus Cristo (Rm 1.1; Gl 1.10; Tt 1.1). Os homens são *escravos* de quem domina a sua obediência (Rm 6.16). Todos eram *escravos* do pecado (Rm 6.17, 20). Mas o crente deve ser *servo* da justiça (Rm 6.18). A obediência ao seu mestre é característica principal de um *escravo* (Cl 3.22). Desta forma, se alguém procura agradar aos homens, pode fazer periclitar seu relacionamento com Cristo como *servo* dEle (Gl 1.10).

Outra palavra comum para servo é *diakonos*. Embora a derivação desta palavra composta seja duvidosa, o significado fica claro pelo seu uso. Ela (inclusive os cognatos) freqüentemente é usada em conexão com o servir de alimentos (Mt 8.15; 25.44; Mc 1.13; Lc 17.8; At 6.2). É usada a respeito de trazer dinheiro de assistência aos santos pobres de Jerusalém (Rm 15.25; 2 Co 8.4). A idéia sempre parecer ser: “Dar a outrém ou fazer para outrém aquilo que é necessário para a sua vida.” No reino espiritual é usada acerca de trazer aos homens as coisas necessárias para sua vida espiritual. Há, portanto, o ministério da Palavra de Cristo (1 Co 3.5), o ministério da reconciliação (2 Co 5.18), e o ministério do Espírito Santo em trazer vida (2 Co 3.6).

Embora *doulos* relaciona o crente com a *Pessoa* do seu Senhor, *diakonos* relaciona o crente com a *obra* do seu Senhor — o trabalho a ser realizado no mundo. Jesus veio para o mundo para ser um *diakonos* (Mc 10.45). A grandeza requer a fidelidade no nível do servo (Mt 23.11). Muito pouco tempo após o nascimento da Igreja, os apóstolos estabeleceram o cargo de diácono (At 6.2-6). Estes homens ministravam ao corpo físico (At 6.1-3) e ao homem espiritual (At 8.5). Aqueles que queriam ser diáconos tinham de ser altamente qualificados (At 6.3; 1 Tm 3.8-10).

Um terceiro tipo de servo era o *leitourgos*. Ele era alguém “que exercia um cargo público às suas próprias custas.”<sup>17</sup> A palavra (e seus cognatos) é empregada em conexão com o ministério público do sacerdote no templo (Lc 1.23; Hb 10.11), com a doação de dinheiro (2 Co 9.12), com a aflição física do apóstolo Paulo em prol dos filipenses (Fp 2.17), com a assistência que os filipenses davam a Paulo (Fp 2.30), com os oficiais do governo que governavam por Deus (Rm 13.6), com o ministério angelical (Hb 1.7), com o ministério sumo-sacerdotal de Cristo no santuário celestial (Hb 8.2), e com os deveres dos apóstolos e mestres na igreja de Antioquia (At 13.2). Em virtude do fato de que os crentes se constituem em sacerdócio real, o ministério tipo *leitourgos* pertence a todos eles (1 Pe 2.5).

A palavra *latris* também descreve um servo. Embora a forma substantiva não seja achada no Novo Testamento, a forma verbal, *latreuō*, é usada com referência tanto ao sacerdote como ao povo. Este tipo de serviço devia ser prestado exclusivamente a Deus (Mt 4.10). Os pagãos perverteram este serviço e adoravam a criatura ao invés do Criador (Rm 1.25). Ora, é este serviço que Paulo tem em mente quando fala de oferecer o corpo do crente a Deus como o seu “culto racional” (Rm 12.1, 2).

O *oiketēs* era o servo doméstico que habitava na casa do seu senhor (At 10.7; Rm 14.4; 1 Pe 2.18). Sendo um servo *da casa*, o *oiketēs* tinha um relacionamento mais estreito com a família do que a maioria dos demais servos. É significativo que Jesus usa esta palavra quando afirma que nenhum servo pode servir a dois senhores (Lc 16.13).

Finalmente, *hupēretēs* também é usada para “servo.” Esta palavra composta significa literalmente “sub-remador.” Era usada para descrever os remadores dos navios do Mar Mediterrâneo. No Novo Testamento, é usada para descrever oficiais do Sinédrio ou da sinagoga (Mt 26.58; Lc 4.20). Descreve de modo apropriado o trabalho de João Marcos enquanto acompanhava Paulo e Barnabé (At 13.5). Note que a palavra transmite a idéia de ser um servo de um ministro do governo numa habilitação oficial. João Marcos estava servindo os apóstolos numa missão oficial. É, portanto, descrito como *hupēretēs*. Paulo, na realidade, usa a palavra para se caracterizar como “ministro [ou oficial] de Cristo” (1 Co 4.1).

Todas estas palavras são usadas para descrever o servo de Deus. Por detrás de cada palavra há a idéia de “fazer a vontade doutra pessoa.” Esta é a idéia geral de ser um servo. O servo de Deus é aquele que faz a vontade de Deus.

## Pesquisas Relevantes

No seu livro: *East to Eden?*<sup>18</sup> Charles Corwin indica uma coisa que tem sido quase universalmente observada por aqueles que já moraram e trabalharam no Oriente por algum período de tempo. A despeito da popularidade das algumas religiões orientais não-cristãs no Ocidente, no decurso da história aquelas religiões não produziram nada semelhante ao derramamento de serviço compassivo à humanidade que tem caracterizado o cristianismo bíblico. Os

hospitais, os leprosários, as campanhas de alfabetização, e muitos outros serviços humanitários têm acompanhado o progresso do cristianismo através da face da terra. Os rivais do cristianismo nem sequer podem começar a igualar esse registro de feitos. Na realidade, as pesquisas revelarão que as obras de compaixão empreendidas pelo budismo ou pelos aderentes de alguma outra religião oriental usualmente tinham sua origem depois de empreendimentos cristãos daquele tipo terem sido iniciados na mesma área geral.

## Reflexões Práticas

É lastimável que o serviço e o testemunho cristãos freqüentemente pareçam ser atividades em competição entre si na expansão cristã, quando, na realidade, os dois são bíblicos e complementares. Paulo disse que foi chamado para ser ministro e testemunha (At 26.16). Uma razão para esta tensão é que empreendimentos de serviço tais como os hospitais e instituições educacionais têm o hábito de reivindicar finanças e energias de tal maneira que a evangelização e o testemunho tendem a ficar de lado. Outra razão é que alguns daqueles nos empreendimentos de serviços têm desclassificado o testemunho verbal e insistido que os atos de compaixão são o único testemunho que é necessário. Ainda outra razão é que algumas organizações se especializaram em certos tipos de serviço cristão, e outras na evangelização — fato este que tende a alimentar a competitividade dentro da Igreja.

De qualquer maneira, quando se trata de um ministério localizado, tal como a plantação de uma nova igreja, a questão dos ministérios de serviço, dentro e fora da igreja, é freqüentemente desconsiderada ou indevidamente adiada. *Tão logo os homens e as mulheres se convertam*, a questão do seu serviço dentro e fora da igreja deve ser considerada. Conforme escreve George Peters: "O serviço não é somente para os perfeitos, é um meio de aperfeiçoar os santos."<sup>19</sup> O fato de que o serviço freqüentemente tem sido negligenciado não deve ter o direito de estabelecer um precedente. A Escritura é a nossa orientação. Até mesmo a igreja emergente deve constituir-se como comunidade que cuida dos outros. Cada crente deve ter alguma coisa para fazer para Cristo.

Em primeiro lugar, atenção especial deve ser dada às necessidades do grupo dos crentes. Alguma maneira de averiguar estas necessidades deve ser determinada. Depois, estas necessidades devem tornar-se em assuntos de oração e de serviço. Naturalmente, as necessidades que surgem como resultado da vida da igreja (tais como a limpeza, a recepção das visitas, o cuidado das crianças, etc.) tornam-se em oportunidades para o serviço também.

Em segundo lugar, a comunidade crente deve fazer com que seja uma questão da máxima prioridade descobrir as necessidades reais e sentidas da comunidade-alvo. A maioria das comunidades ficará tão surpreendida pela presença de um grupo de crentes que realmente quer servir que se despertarão e prestarão atenção à igreja — pela primeira vez, nalguns casos.

*Ilustração ME-1:* Há vários anos, os jovens da Igreja Evangélica Livre em Lincoln, Nebraska, estavam considerando o que fazer para melhor servirem a

Cristo. Reconheciam que não havia muita pobreza na área, mas sabiam que existiam necessidades, muitas delas tanto *sentidas* quanto *reais*. A quais delas poderiam satisfazer? Resolveram que poderiam servir melhor ao se oferecerem como tutores de crianças retardadas e de aprendizagem lenta na comunidade. Fizeram assim numa base regular. Pela primeira vez, muitos cidadãos locais passaram a considerar a igreja uma serva da comunidade. Diferentemente dos seus colegas que, na sua vasta maioria, tinham um estilo de vida que era um peso para a comunidade, estes jovens estavam dando a si mesmos num serviço relevante aos outros. Como resultado, a igreja experimentou um crescimento renovado.

## A Fé e o Testemunho

### Princípios e Precedentes Bíblicos

A quem foi dirigida a Grande Comissão? Essa pergunta tem preocupado a Igreja através dos séculos. Falando de modo geral, os Reformadores do século XVI acreditavam que foi dirigida aos apóstolos originais e por eles cumprida, e que não se aplica diretamente a qualquer pessoa que veio depois deles. Mesmo assim, homens tais como Adrian Saravia (1531-1613), Justianiano von Wetz (1621-1668), e William Carey (1761-1834) argumentavam que a Grande Comissão se aplica à Igreja onde e quando existir.

Há certo sentido, naturalmente, em que os vários comissionamentos daqueles primeiros seguidores de Cristo tinham aplicação especial a eles mesmos. Em primeiro lugar, somente certos indivíduos podiam ser qualificados para serem testemunhas (*martures*, At 1.8) no sentido de terem estado pessoalmente presentes durante o ministério, a morte, e a ressurreição de nosso Senhor. Esta era uma qualificação especial do apostolado (At 1.21, 22). Em segundo lugar, o Senhor ressurreto realmente deu certas pessoas como dons especiais à Sua Igreja — entre elas, apóstolos e evangelistas. Fica aparente, no entanto, que o testemunhar e o evangelizar na Igreja Primitiva não eram confinados àqueles que foram designados como apóstolos especiais. Entregues ao Espírito Santo, e dirigidos por Ele, os crentes comuns testemunhavam e evangelizavam. Iam por toda parte pregando a palavra (i.e., *euaggelizō*, evangelizando — At 8.4). Na realidade, conforme John Nevius assevera: “Um grande avanço já tinha sido feito antes do Apóstolo Paulo ter sido chamado do seu lar por Barnabé para ajudar os discípulos já reunidos em Antioquia.”<sup>20</sup> Inquestionavelmente, Nevius tem razão quando conclui que foi, em grande medida, devido aos esforços dos cristãos comuns que o cristianismo conseguiu chegar até “Chipre, Síria, Cilícia, Egito e até ao oeste distante, até Roma.”<sup>21</sup> E deve ser lembrado que aqueles crentes ainda eram jovens na fé. *Os crentes estavam testificando enquanto estavam aprendendo*. E, depois de terem sido formadas, *as igrejas testemunhavam enquanto cresciam* (1 Ts 1.8).

Embora houvesse distinções na igreja primitiva, análogas à distinção que fazemos entre os clérigos e os leigos hoje, a diferença não era que os “clérigos” faziam o trabalho de testemunhar e evangelizar ao passo que os “leigos” simplesmente os sustentavam em tais esforços. Pelo contrário, havia um testemunho espontâneo da parte dos crentes que era pouco menos do que um terremoto no mundo mediterrâneo. Segundo a maneira de Cristo, que instituiu o “plano mestre de evangelismo.”<sup>22</sup> os líderes da igreja primitiva serviam de modelos, e também preparavam os crentes para estas tarefas (1 Co 4.16; Ef 4.11, 12). Se o testemunho da igreja primitiva tivesse sido confinado ao dos apóstolos e dos evangelistas, o quadro do crescimento daquela igreja teria sido muito diferente daquele que vemos no Novo Testamento.

## Pesquisas Relevantes

### *O “Teorema de Strachan”*

Depois de fazer pesquisas sobre o comunismo, o islamismo, as Testemunhas de Jeová, os Santos dos Últimos Dias, e outros movimentos, e depois de um estudo cuidadoso da literatura relevante, o falecido diretor da Missão Latino-Americana, K. Kenneth Strachan, escolheu um princípio que veio a ser a pedra fundamental da estratégia do *Evangelismo em Profundidade*. Agora é conhecido como o “teorema de Strachan”: “A expansão bem-sucedida de qualquer movimento está em proporção direta ao seu sucesso em mobilizar e ocupar a totalidade do seu quadro de membros na propagação constante das suas crenças.”<sup>23</sup> Conforme indica George Peters, é lastimável que Strachan não continuou para descobrir outros princípios dinâmicos da evangelização e da multiplicação da igreja, mas este teorema não deixa de ser um princípio importante.<sup>24</sup> Sua importância tem sido demonstrada nos movimentos de “evangelismo de saturação” em derredor do mundo, bem como no estudo de outros movimentos religiosos que estão em crescimento.<sup>25</sup>

### *O Testemunho Relacionado com a Vida*

Deve ser notado que o testemunho parece ser especialmente eficaz quando é relacionado com questões contemporâneas com que as pessoas se preocupam. Não é necessário concordarmos completamente com a crítica que Gabriel Fackre faz da evangelização contemporânea, a fim de apreciar sua ênfase sobre relacionar a fé e o testemunho cristãos com as questões contemporâneas tais como a guerra nuclear, o desastre ecológico, o aborto, o casamento, e a engenharia biomédica.<sup>26</sup> Este é um método muito natural de testemunhar, e as pesquisas no crescimento rápido doutros movimentos religiosos apóia o argumento de Fackre.<sup>27</sup>

## *A Fraqueza das Campanhas Evangelísticas*

A despeito do potencial no testemunho leigo para levar a efeito a evangelização mundial e o crescimento na igreja local, as pesquisas indicam que nem todos os esforços para aproveitar este potencial são bem-sucedidos. Na realidade, os esforços altamente organizados tais como o *Evangelismo em Profundidade* e *Aqui Está a Vida, América*, freqüentemente não conseguiram produzir o crescimento da igreja que se previa.<sup>28</sup> O sucesso limitado destas campanhas e doutras semelhantes a elas, no entanto, não é atribuído, pelos pesquisadores, ao emprego do testemunho leigo, mas à *programação* do testemunho leigo. Se o testemunho leigo deve resultar no crescimento da igreja, é duvidoso que possa ser imposto sobre a igreja, ou ser limitado somente ou primariamente a um período específico de tempo. O testemunho deve vir de dentro das igrejas como parte da sua expansão contínua. Noutras palavras, as pesquisas parecem indicar que se os crentes nas igrejas não forem revivificados e espiritualmente conscientes da sua constante responsabilidade no mundo, as igrejas não crescerão nem se multiplicarão conforme acontecia na era do Novo Testamento.

## Reflexões Práticas

Não pode haver muita dúvida de que quando se trata do crescimento da igreja, tanto os profissionais quanto os não-profissionais devem estar envolvidos no testemunho — sendo que aqueles equipam, modelam, e participam, e estes aprendem e praticam. Quando o programa for este, Deus levará as igrejas a crescer.

Onde e por que colapsos têm ocorrido neste padrão normal do testemunho cristão?

(1) O colapso número um ocorre dentro dos corações, e não das cabeças, dos líderes e dos leigos igualmente. Os apóstolos tiveram três anos de instrução aos pés do supremo Mestre e Exemplo, mas foram testemunhas hesitantes, na melhor das hipóteses, até receberem a infusão e o poder do Espírito Santo no Pentecoste. Os crentes de após o Pentecoste foram testemunhas poderosas antes de terem oportunidade de receber instrução prolongada. O ingrediente essencial para o testemunho, pois, é a operação interior do Espírito Santo. Devemos esperar pelo Espírito antes de passarmos a testemunhar (At 1.8).

(2) O colapso número dois ocorre quando os líderes da igreja deixam de encorajar o testemunho espontâneo de novos crentes. Há riscos em tais testemunhos, naturalmente. Mas Deus assume um risco com cada um de nós. O que é necessário é o encorajamento que gera a confiança. O novo crente tem uma nova experiência para relatar. Tem numerosos contatos com o mundo. Nada se pode lucrar deixando-o parado na prateleira para amadurecer, a não ser o mofo acumulado sobre sua experiência, a separação dos descrentes, e a esterilidade do testemunho.

(3) O colapso número três ocorre quando os líderes recebem o testemunho sem preparar testemunhas, e quando desafiam os crentes a testemunhar sem canalizar esse testemunho. Talvez pareça que isto contradiz aquilo que dissemos supra, mas, na realidade, não há contradição de modo algum. Todos nós temos conhecido certos cristãos que mantêm a espontaneidade e a simplicidade do seu testemunho original no curso de longos períodos de tempo — até mesmo no decurso de uma vida inteira. Mas a maioria dos cristãos logo encontra problemas e perguntas provenientes dos descrentes, problemas e perguntas estas que merecem respostas inteligentes e bíblicas. O desânimo e a fuga do campo de batalha podem ser o resultado. Quando isto ocorre, simplesmente receber o testemunho e desafiar o crente a propagar o evangelho talvez realize pouco mais do que despertar sentimentos de culpa. A experiência nos ensina que o líder sábio *treina* seu povo na conquista de almas e *canaliza* esse esforço num programa de expansão cristã. Talvez nem todos testemunham da mesma maneira, ou com o mesmo efeito, porque os cristãos são pessoas, e as pessoas diferem entre si. Mas todos os cristãos podem ser ocupados de modo frutífero nalgum aspecto de um programa bem completo de expansão e testemunho. Semelhante envolvimento realiza mais do que um testemunho para os não-crentes. Além disto, confirma a fé do cristão!

(4) O colapso número quatro (estritamente relacionado como o de número três) ocorre quando os programas de extensão das igrejas em circunstâncias missionárias (igrejas emergentes) são padronizados de conformidade com os das igrejas mais antigas. As igrejas novas precisam que uma proporção maior do seu quadro de membros seja ativamente ocupada no alcance missionário do que usualmente acontece nas igrejas estabelecidas. Donald McGavran enfatiza que se as igrejas novas quiserem crescer, um número maior dos líderes eclesiásticos deve estar penetrando na comunidade, ao invés de simplesmente servir à igreja *dentro* da igreja.<sup>29</sup>

(5) O colapso número cinco ocorre quando os líderes eclesiásticos atribuem um valor maior aos programas e pessoal especiais, importados, do que ao potencial inerente dentro da igreja local. Não queremos denegrir com isto a importância de tais programas. Robert Schuller enfatiza o valor do pessoal importado que pode atrair a atenção do público à nova obra.<sup>30</sup> Eugene Nida indica que algo semelhante à entropia no reino físico ocorre também nos movimentos religiosos tais como as igrejas — ou seja: tendem a “esfriar-se.”<sup>31</sup> O pessoal e os programas periodicamente importados de fora da igreja local talvez sirvam para reavivar o povo de Deus além de ganhar alguns que estão perdidos. Quando, porém, tais programas especiais suplantam a extensão contínua dos crentes locais, ou transtornam tal extensão de tal maneira que fique difícil mantê-la em andamento, então alguma coisa está seriamente errada e é apropriado fazer uma reavaliação. Parece-nos que é exatamente isto que está acontecendo repetidas vezes hoje.

*Ilustração ME-1:* Um dos programas mais famosos de testemunho leigo que leva ao crescimento na igreja local é o da Igreja Presbiteriana de Coral Ridge em Fort Lauderdale, Flórida, EEUU. Em 1961 o Pastor D. James Kennedy aceitou o convite de cerca de 45 pessoas que queriam organizar uma

igreja. O número diminuiu para 17 antes da igreja começar a crescer. Como resultado de um programa de visitação e evangelização, a afiliação aumentara para 2.000 até 1970. Em 1978, a freqüência no culto de adoração de domingo de manhã ultrapassava 5.000.

O programa básico da igreja de Coral Ridge é exposto no livro: *Evangelismo Explosivo*.<sup>32</sup> Warren Bathke resume a essência do plano:

O plano de Kennedy é simples: Treinar brevemente — e depois sair imediatamente. Instrui uma pequena classe de dez ou vinte pessoas durante trinta minutos. Depois as envia em grupos de três para os lares da área. Depois de dezesseis semanas, cada visitante dos lares fica sendo um treinador de outra pessoa no programa. Após nove anos de sessões de treinamento havia trezentos visitantes dos lares saindo para as visitas.

A ênfase do treinamento recai sobre aprender a anunciar o Evangelho de uma maneira positiva e graciosa. Instruções pormenorizadas são dadas, desde o contato inicial até o envolvimento total de um indivíduo numa igreja.

Conforme se pode imaginar, colocar juntos os elementos de muitos especialistas num só programa harmonioso é uma tarefa difícil, porém isto parece fazer parte do propósito da igreja. É uma questão bem diferente conseguir que o programa de visitação agüente os testes do tempo.

A doutrina da igreja realmente designa a sua missão. Para as igrejas evangélicas seu Evangelho ordena o alcance dos outros e o crescimento. Existem muitos programas de especialistas nos Estados Unidos que estão esperando para serem incorporados numa só operação harmoniosa. Esta é a tarefa da igreja local.<sup>33</sup>

O valor da abordagem de Kennedy é atestado, não somente pelo crescimento da sua própria congregação, mas também pelo fato de que literalmente centenas doutras congregações adotaram o plano e tiraram proveito dele. Mesmo assim, é apenas um plano entre muitos. Não funcionará em todas as comunidades.

## A Fé e a Mordomia

### Princípios e Precedentes Bíblicos

A mordomia tem a ver com tudo quanto um cristão “possui” — o tempo, os talentos e as posses. Aqui, no entanto, estamos tratando da mordomia do dinheiro e dos bens materiais. A essência do ensino bíblico sobre o assunto pode ser reduzida a três declarações muito simples, porém importantes: (1) Tudo quanto temos é dado por Deus (1 Co 4.7); (2) Aquilo que Deus nos deu realmente é nosso para fazermos com ele o que queremos (At 5.4); (3) Visto que Deus tem dado livremente a nós, nós devemos dar livremente a Deus e aos necessitados (Mt 10.8; 1 Jo 3.17).

Mediante uma investigação do registro bíblico, será uma surpresa para muitos descobrir que Deus tem muita coisa para dizer acerca **do dinheiro e das**

possessões materiais. É óbvio que Deus tinha comunicado a Caim e Abel o desejo do sacrifício (Gn 4). Abraão pagava dízimos de tudo quanto possuía (Hb 7.2). Os filhos de Israel foram ordenados a trazer sacrifícios e ofertas a Deus (Êx 30). Jesus nos lembrou que devemos ajuntar tesouros no céu e que nosso coração estará onde estiver o nosso tesouro (Mt 6.19-21). Somos informados que o "amor do dinheiro" (não o próprio dinheiro) é "raiz de todos os males" (1 Tm 6.10).

Ralph Martin nota que o ensino de Paulo sobre estes assuntos é resumido em sete princípios básicos enfatizados em 2 Coríntios 8 e 9.<sup>34</sup>

- (1) A base da mordomia é que Deus tem dado abundantemente ao Seu povo.
- (2) A oferta principal que um homem pode dar é a dedicação da sua própria vida a Deus.
- (3) Toda a contribuição cristã é inspirada pela graça divina, mas mesmo assim é voluntária, com muito ânimo, e com alegria.
- (4) A mordomia deve ser feita de acordo com a capacidade da pessoa e com as necessidades dos outros.
- (5) Deus não é devedor a homem algum.
- (6) As igrejas e seu povo devem ser equitativos e francos nos seus tratos financeiros.
- (7) Esta solicitude desinteressada pelo bem-estar dos outros cria um elo de amor entre o doador e o que recebe; e dá origem ao louvor a Deus.

## Pesquisas Relevantes

### A "Ética Protestante"

Foi o **sociólogo Max Weber** que desenvolveu o conceito da "ética protestante," mas esta própria ética já há muito tem sido parte integrante do protestantismo. **Weber simplesmente** forneceu uma teoria e uma análise de um fenômeno que veio a **caracterizar** os crentes protestantes pouco após a Reforma. É a seguinte: como **produto secundário** da atenção dada ao ensino bíblico sobre a mordomia, os **protestantes** tendiam a ser caracterizados pela diligência e pela economia.<sup>35</sup>

Os estudos feitos por Donald McGavran acerca das missões mundiais e das igrejas levaram-no a uma conclusão muito semelhante (senão idêntica). Ou seja: uma vez que **as pessoas** são redimidas e entram na família de Deus, tendem a melhorar seus **padrões de vida** e sua produtividade. Chama isto de "redenção e erguimento."<sup>36</sup>

Eclesiásticos **sagazes** reconhecem que embora este tipo de diligência seja recomendável, não é **uma bênção** isenta de mistura. João Wesley, por exemplo, reconhecia que **esta ética** tem a probabilidade de resultar na prosperidade e nas riquezas, e tende a **seduzir** as afeições dos crentes para longe de uma devoção a Cristo com **singeleza de coração**. Concluiu que a única solução ao problema é que à medida em **que os crentes ganham** mais, devem *dar* mais!

### *O Sagrado e o Secular*

O homem ocidental, especialmente, tem uma inclinação profundamente arraigada para fazer uma distinção radical entre o sagrado e o secular, e divide nitidamente seus afazeres e atividades entre estes dois compartimentos estanques. A distinção agora tornou-se um lugar-comum tanto na análise científica quanto na mente popular.

Muitas sociedades não-ocidentais e não-cristãs, do outro lado, não fazem esta distinção. A totalidade da vida está intimamente relacionada com as divindades e os espíritos, com a adoração e o ritual. Um projeto de pesquisas informativas foi levado a efeito há cerca de vinte anos numa estação missionária no distrito Sepik da Nova Guiné.<sup>37</sup> (Talvez somente num campo missionário virgem é que este tipo de estudo poderia ser levado a efeito com sucesso). A estação missionária era grande, com setenta construções permanentes. Quanto mais perto cada aldeia ficava da estação missionária, tanto mais ficava envolvida nos negócios quotidianos da estação. Para estudar o efeito dos relacionamentos com os negócios sobre a espiritualidade das igrejas, certas qualidades mensuráveis da espiritualidade (a freqüência, a mordomia, etc.) foram investigadas. Foi descoberto que quanto mais perto as igrejas ficavam (geograficamente) da estação missionária, tanto maior era seu envolvimento econômico; *quanto mais longe ficavam da estação, tanto maior sua espiritualidade revelou ser!* Entre outras conclusões, parece claro que a tendência ocidental de pensar nos "negócios" da vida como sendo distintos da mordomia, da adoração, e da "espiritualidade", tinha um efeito negativo numa sociedade que, a despeito da sua falta do conhecimento de Deus, não colocava a adoração, o sacrifício num compartimento separado da produção e da comercialização das mercadorias!

### *A Psicologia do Valor*

Parece haver um princípio (verídico em muitos casos, embora não em todos eles) segundo o qual o valor percebido dalgum objeto está correlacionado com o investimento que a pessoa fez nele. Noutras palavras, o valor intrínseco não é a única pauta pela qual medimos as coisas. Se, por exemplo, uma pessoa investir energias, dinheiro, e tempo nalguma coisa, seu valor percebido sobe, ainda que o valor intrínseco não mude.

Este princípio pode ser facilmente testado. Há alguns anos, na loja que pertence à nossa família, colocamos produtos idênticos em mostruários diferentes, sendo que em um deles os produtos tinha preços mais altos e no outro, preços mais baixos. Embora não fossem adjacentes, os mostruários estavam na mesma localização geral. Nossa hipótese foi substanciada. Muitos fregueses examinavam a mercadoria nos dois mostruários, e ainda compravam os itens com preço superior, com a suposição de que aquilo que custava mais *tinha* de ser superior.

Sentimos certa ambivalência acerca deste tipo de fenômeno. De um lado, é irracional dar mais valor a um item simplesmente porque a pessoa paga mais

por ele. Há, porém, um princípio que é suficientemente poderoso e difuso para ter influenciado a política de muitos movimentos religiosos dinâmicos — muitos deles (por exemplo) vendem suas publicações ao invés de distribuí-las gratuitamente, ou as oferecem somente com a condição de que aquele que as dá realmente as pagou em prol de quem as recebe. É esta a situação dalguns dos movimentos religiosos do mais rápido crescimento no mundo inteiro, tais como as Testemunhas de Jeová e o Soka Gakkai.

### Reflexões Práticas

Há algumas tendências marcantes em muitas situações de implantação de igrejas que revelam o fato de que os missionários-evangelistas não prestam atenção suficiente aos princípios básicos bíblicos e psicológicos no seu relacionamento com a mordomia.

(1) Há uma tendência para adiar a instrução a respeito da mordomia do dinheiro e dos bens materiais. Talvez seja mais acentuada no Terceiro Mundo, mas não está confinada ao Terceiro Mundo. Há várias razões para esta tendência. Uma razão é porque a salvação é um dom gratuito de Deus (embora tenha custado o melhor que há no céu) e queremos que as pessoas compreendam que não podem comprá-la nem merecê-la. Outra razão é que a religião no Oriente, e cada vez mais no Ocidente, está associada com o esmolar e o faturar dinheiro; e queremos que as pessoas compreendam que não estamos procurando caridade nem somos charlatões.

Naturalmente, não erramos quando não procuramos dinheiro para a obra de Deus da parte de pessoas que não conhecem a Deus. Mas realmente erramos quando a instrução na mordomia cristã não é dada àqueles que conhecem mesmo a Deus, e quando não os encorajamos a dar de modo proporcional, generoso e alegre.

*Ilustração ME-3:* Duas igrejas estão localizadas dentro de poucos quilômetros uma da outra em certo país asiático. Uma delas foi fundada há cerca de vinte e cinco anos por uma querida senhora missionária que apelava por sustento da parte da sua pátria mas não fazia mais do que passar a bandeja da coleta na sua congregação de nacionais. A outra foi iniciada um pouco mais tarde por um missionário e um pastor nacional que trabalhavam como equipe. Nesta igreja, tão logo as pessoas se tornavam crentes, eram instruídas a respeito da mordomia e desafiadas a contribuir de modo que a obra de Deus prosperasse. Vários anos mais tarde, líderes das duas igrejas foram entrevistados. As duas congregações incluíam algumas pessoas de destaque e de posses entre seus membros. Mas a primeira congregação tinha cerca de trinta membros e uma oferta dominical média de entre dez e vinte dólares. Ainda estava sem pastor, porque os membros “não se podiam dar o luxo” de sustentar um pastor. A segunda congregação tinha quase duzentos membros e tinha uma oferta dominical média entre mil e quinhentos e dois mil dólares. E além disto, estava iniciando duas igrejas afiliadas!

(2) Há uma tendência nalgumas situações de permitir que o esforço da implantação de igrejas se torne primariamente em operação financeira. Esta é

uma das preocupações de Roland Allen. Sente que retardamos grandemente a multiplicação das igrejas novas se a obra missionária se tornar em operação secular e as finanças fiquem sendo a preocupação principal.<sup>38</sup> Não é difícil seguir seu raciocínio. Olhando cuidadosamente as igrejas apostólicas, conclui que estamos muito removidos da prática apostólica. No período neotestamentário, cada província e cada igreja era financeiramente independente e assumia as obrigações de sustentar seus próprios mestres e seus próprios pobres. A prática moderna na fundação de igrejas é começar com a obtenção de uma moradia para o plantador da igreja, um terreno para uma construção, os equipamentos necessários para uma igreja, e assim por diante. Como consequência, a plantação de igrejas logo se torna basicamente um "negócio secular" (a frase é de Allen) que envolve negociações para imóveis, contratos com empresas, e a supervisão da construção bem como o levantamento de fundos para a operação inteira. Nisto, estamos tão longe da prática operacional dos apóstolos quanto estamos cronologicamente longe.

Devemos lembrar-nos de que, parcialmente, a conclusão de Allen representa uma reação contra sua experiência missionária, que não foi equilibrada por uma ação correspondente em aplicar com sucesso seus próprios princípios. Sendo que as igrejas já chegaram à idade madura, não há razão para desdenhar a interdependência, especialmente na fundação de igrejas novas. Apesar disto, a crítica de Allen não deve ser desconsiderada sem reflexão séria. Quando a plantação e a renovação das igrejas não pode ocorrer sem a infinda importação de fundos estrangeiros, e quando os plantadores das igrejas ficam sendo em primeiro lugar "ministros das finanças" e somente de modo secundário "ministros da Palavra," já nos desviamos dos princípios do Novo Testamento e fizemos periclitar o futuro da nossa missão no mundo.

### A Elaboração do Plano Mestre

No capítulo anterior ficamos preocupados com os cuidados iniciais dos novos convertidos. Aqui, nossa preocupação é com seu contínuo bem-estar e fortalecimento. Sugerimos que dois tipos de registros sejam mantidos para cada crente. Em primeiro lugar, uma ficha a ser preenchida pelo novo crente (talvez no decurso de um período de tempo) que revelará seu modo de avaliar seus talentos, seus interesses, e seus compromissos como cristão (veja a Figura 47). Em segundo lugar, uma ficha do progresso de cada novo crente a ser mantida em dia por seu conselheiro/amigo até que tenha recebido instrução básica e tenha sido plenamente integrado na vida da igreja emergente (veja a Figura 48). O tempo necessário para realizar este objetivo variará com o indivíduo e com o meio-ambiente cultural, mas entre seis e doze meses pode ser considerado um período médio. (Os líderes eclesiais serão grandemente ajudados em planejar o programa da igreja local se usarem questionários para obter uma avaliação dos crentes mais antigos, bem como dos mais novos).

Algumas pessoas levantarão a objeção de que manter tais registros é demasiadamente laborioso e toma muito tempo. Argumentaríamos que as ins-

**FIGURA 47****Questionário para Novos Crentes**

Nome \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_  
 Endereço: \_\_\_\_\_  
 Telefone: \_\_\_\_\_ Data da profissão de fé: \_\_\_\_\_  
 Idade: Abaixo de 20: \_\_\_\_\_ 20 até 30: \_\_\_\_\_ 30 até 40: \_\_\_\_\_  
 40 até 50: \_\_\_\_\_ acima de 50: \_\_\_\_\_  
 Estado Civil: Casado: \_\_\_\_\_ Solteiro: \_\_\_\_\_ Viúvo: \_\_\_\_\_  
 Divorciado: \_\_\_\_\_  
 Membros da família e parentesco com a pessoa supra: \_\_\_\_\_

1. Possui uma Bíblia? Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_
2. Quer participar de uma Classe de Instrução Bíblica? Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_
3. Quais das seguintes oportunidades para o culto você observará?
  - a. Públicas: Domingo de manhã \_\_\_\_\_ Domingo de tarde \_\_\_\_\_  
 Outra \_\_\_\_\_
  - b. Em família \_\_\_\_\_
  - c. Particular \_\_\_\_\_
4. Que capacidades e interesses você possui, que talvez possam ser usados no serviço de Cristo? \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_
5. De acordo com Romanos 12 e 1 Coríntios 12, esperará do Senhor o suprimento de quaisquer dons espirituais que Ele queira lhe dar? \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 E está desejoso de receber aconselhamento quanto à presença e o uso daqueles dons no serviço de Cristo?  
 \_\_\_\_\_
6. Já compartilhou seu testemunho da fé em Cristo com sua família? \_\_\_\_\_  
 com seus amigos? \_\_\_\_\_ com outros crentes? \_\_\_\_\_
7. Está disposto a compartilhar seu testemunho com outras pessoas à medida em que o Senhor e os líderes da igreja oferecem oportunidades? \_\_\_\_\_
8. De acordo com Atos 20.35 e 1 Coríntios 16.1, você reconhece a importância da mordomia dos bens materiais?  
 \_\_\_\_\_

## FIGURA 48

## Relatório sobre um Crente Novo

Um novo formulário de relatório deve ser preenchido pelo conselheiro ou por algum outro líder em intervalos regulares até que o novo crente tenha sido plenamente integrado na vida da comunidade crente.

Nome do crente: \_\_\_\_\_  
 Nome do conselheiro: \_\_\_\_\_  
 Data: \_\_\_\_\_  
 Data da profissão de fé? \_\_\_\_\_ Data do batismo: \_\_\_\_\_  
 Data da aceitação na afiliação informal do grupo ou da igreja: \_\_\_\_\_  
 Data da aceitação na plena afiliação da igreja: \_\_\_\_\_

-----  
 Registro da instrução bíblica:

Data em que a série de lições N.º 1 foi completada: \_\_\_\_\_  
 Data em que a série de lições N.º 2 foi completada: \_\_\_\_\_  
 Data em que a série de lições N.º 3 foi completada: \_\_\_\_\_

Etc.

Participação no culto:

Culto público: Regular: \_\_\_\_\_ Irregular: \_\_\_\_\_  
 Culto familiar: Regular: \_\_\_\_\_ Irregular: \_\_\_\_\_  
 Culto pessoal: Regular: \_\_\_\_\_ Irregular: \_\_\_\_\_

Envolvimento no serviço:

Forma de serviço	Supervisor
_____	_____
_____	_____

Testemunho:

Forma de testemunho:	Supervisor
_____	_____
_____	_____

Mordomia:

Envolvido: \_\_\_\_\_ Não envolvido: \_\_\_\_\_

tituições seculares tais como as escolas mantêm registros e que, acima de todas as demais instituições, a Igreja de Cristo deve interessar-se pelas pessoas individualmente. Além disto, se o conselheiro original e o novo crente recebem a responsabilidade de manter os registros em dia, o fardo sobre o missionário-evangelista e os líderes locais realmente é reduzido. Ao manter os registros acessíveis aos líderes (não são incluídas informações altamente pessoais) o bem-estar espiritual e o progresso do grupo podem ser mais facilmente averiguados. Quando o novo crente encontra dificuldades espirituais ou deixa de progredir, o conselheiro pode levar este fato para a atenção dos líderes, que poderão ministrar de acordo com o caso. Quando os indivíduos chegarem a Cristo em grupos, será útil achar alguma maneira de agrupar os registros individuais de modo que o progresso do grupo bem como dos seus membros individuais possa ser averiguado. Nos casos em que, em virtude de vastos números de convertidos ou outros fatores, o plantador de igrejas resolve não usar registros individuais, deve continuar a avaliar cuidadosamente o progresso da igreja como um todo.

Deve haver um registro do progresso e da dedicação dos novos crentes nas áreas de instrução, adoração, serviço, testemunho, e mordomia. Consideremos de modo breve cada uma destas áreas separadamente.

### A Fé e a Instrução

O princípio básico que nos ocupa aqui é que todos os crentes devem assenhorear-se de um conjunto comum de fundamentos da fé cristã. Se for disponível, um catecismo ou um manual de instrução fornecido pela igreja ou missão patrocinadora deve ser usado. Doutra forma, conforme a cultura e a formação do povo, alguma obra geral tal como a de John Stott, *O Cristianismo Básico*<sup>39</sup> pode ser usada. A matéria pode ser ensinada numa classe de instrução bíblica na Escola Dominical ou num horário especial. A instrução na adoração, no serviço, no testemunho, e na mordomia será, naturalmente, incluída no programa de estudo.

### A Fé e a Adoração

Tomando por certo, portanto, que o significado e a prática da adoração cristã se constituem em parte da instrução fornecida para todos os novos crentes, nossa preocupação transfere-se para a própria experiência dos crentes na adoração pública, na adoração em grupo (e.g., na família), e na adoração pessoal. Os crentes realmente estão participando de modo regular? Estão sendo fortalecidos espiritualmente como resultado da adoração? Sentem que Deus está satisfeito com sua adoração? A observância da Ceia do Senhor faz parte integrante da sua adoração? As respostas a estas perguntas serão importantes no planejamento da adoração pública e no aconselhamento acerca da adoração particular.

## A Fé e o Serviço

A chave aqui é descobrir exatamente quais talentos e dons espirituais para o serviço cristão são possuídos pelos crentes, e depois fornecer oportunidades para eles desenvolverem seus talentos e dons espirituais, e usá-los no serviço de Cristo. Os crentes têm a responsabilidade de ajudar uns aos outros tanto no reconhecimento quanto na utilização desses talentos e dons. Se esta responsabilidade dupla for refletida nos registros do progresso, e as informações usadas como base de ação, as chances de o novo crente realmente servir a Cristo serão grandemente aumentadas.

## A Fé e o Testemunho

Podemos prever que, como resultado da operação interior do Espírito Santo, e da instrução apropriada na ocasião de voltar-se a Cristo, os convertidos darão um testemunho espontâneo à família, aos amigos, e ao grupo dos crentes. Nada refrigera e convence tanto quanto o testemunho de um membro recém-nascido da família de Deus. Na maioria dos casos, no entanto, será importante que os líderes cristãos providenciem inspiração, modelos, e ocasiões para um testemunho contínuo. É exatamente a esta altura que muitas seitas sobrepõem a Igreja. Depois, é fundamental que o plantador de igrejas escolha um programa de alcance evangelístico para o grupo local (talvez simplificado, de início). E que todos os crentes tenham o privilégio de participar dele, de maneiras grandes ou pequenas.

## A Fé e a Mordomia

As igrejas têm uma grande variedade de abordagens à mordomia do dinheiro e dos bens materiais. Ofertas voluntárias avulsas ou múltiplas, o sistema do compromisso, os planos da promessa de fé, ofertas em bens, quantias dadas diretamente a um tesoureiro de uma igreja — estas e várias outras abordagens são usadas em igrejas ao redor do mundo. Não é nossa intenção avaliar estas várias abordagens aqui, mas simplesmente sugerir que todos os crentes devem ser providos de informações e materiais que visem encorajá-los a exercer uma mordomia generosa em base regular.



A Igreja do século XX, com suas missões, tem sido criticada por duas razões que parecem ser contraditórias. De um lado, somos informados que as igrejas nas áreas novas não cresceram por causa da tendência de concentrar-se nos primeiros crentes até que se tornem “bons cristãos,” e isto ao ponto de ne-

gligenciar o alcance contínuo dos não-convertidos. Do outro lado, dizem-nos que muitas das nossas igrejas estão fracas porque os crentes não são instruídos e edificados na fé.

Quem tem razão? Aparentemente, se uma crítica for válida, a outra deve ser inválida. Mas pode ser que as duas sejam verdadeiras! Conclamar os crentes a serem "bons" — ou mesmo orar para que sejam "bons" — não é a mesma coisa que confirmá-los na fé! A instrução na Palavra, a adoração a Deus, o serviço prestado a Cristo, o testemunho ao mundo, a mordomia dos bens — estes são os elementos da confirmação. É difícil acreditar que igrejas compostas de crentes confirmados não crescerão. E é difícil imaginar que as igrejas sem crentes confirmados possam ser do agrado do Senhor da Igreja.

#### NOTAS

1. David J. Hesselgrave: "Nichiren Shoshu Soka Gakkai — The Lotus Blossoms in Japan," em *Dynamic Religious Movements: Case Studies in Rapidly Growing Religious Movements Around the World*, ed. David J. Hesselgrave (Grand Rapids: Baker, 1978), págs. 129-48.
2. Edward T. Hall: *The Silent Language* (Greenwich, CT: Fawcett Publications, 1959), págs. 63-91.
3. Estatísticas citadas em David R. Mains: *Full Circle: The Creative Church for Today's Society* (Waco, TX: Word Books, 1971), pág. 87.
4. Cf. Roland Allen: *The Spontaneous Expansion of the Church*, 2a. ed. (Londres: World Dominion Press, 1949), págs. 57-59. A citação é da pág. 68.
5. Donald McGavran: *How Churches Grow* (Nova York: Friendship Press, 1966), págs. 93-101.
6. Estatísticas citadas em Paul Benjamin: *The Growing Congregation*, edição revisada (Cincinnati: Standard Publishing, 1972), págs. 33-34.
7. Lawrence O. Richards: *A New Face for the Church* (Grand Rapids: Zondervan, 1970), pág. 178.
8. C. Abbott-Smith: *A Manual Greek Lexicon of the New Testament* (Edimburgo: T. and T. Clark, 1964), pág. 266.
9. Cf. John B. Noss: *Man's Religious*, 3a. ed. (Nova York: Macmillan, 1963), págs. 4-31.
10. Cf. Peter B. Hammond: *And Introduction to Cultural and Social Anthropology* (Nova York: Macmillan, 1971), págs. 258-93.
11. Hall: *Silent Language*, págs. 57-59, 92.
12. James White: *Protestant Worship and Church Architecture* (Nova York: Oxford University Press, 1964), pág. 177.
13. Mains: *Full Circle*, págs. 52-55.
14. Anne Ortlund: *Up with Worship: How to Quit Playing Church* (Glendale, CA: Regal Books, 1975), pág. 36.
15. Cf. Dan Baumann: *All Originality Makes a Dull Church* (Santa Ana, CA: Vision House Press, 1976).
16. Cf. Mains: *Full Circle*, págs. 71-81, para uma descrição completa dos cultos na Igreja Circular.
17. Abbott-Smith: *Greek Lexicon*, pág. 267.
18. Charles Corwin: *East to Eden?* (Grand Rapids: Eerdmans, 1972).
19. George Peters: "Pauline Patterns of Church-Mission Relationships," *Evangelical Missions Quarterly*, vol. 9, n.º 6 (1973), pág. 116.
20. John L. Nevius: *Planting and Development of Missionary Churches* (Nutley, NJ: Presbyterian and Reformed, 1958), pág. 59.
21. Ibid.
22. Robert E. Coleman: *O Plano Mestre de Evangelismo* (Mundo Cristão, São Paulo).
23. *Evangelismo em Profundidade*, pág. 27. [A Betânia publicou o livro *Evangelização é Comunicação*. de G. Cook, da mesma linha].
24. George W. Peters: *Saturation Evangelism* (Grand Rapids: Zondervan, 1970), pág. 53.
25. David J. Hesselgrave: "What Causes Religious Movements to Grow?" em *Dynamic Religious Movements*, págs. 319-20.
26. Gabriele Fackre: *Do and Tell: Engagement Evangelism in the '70s* (Grand Rapids: Eerdmans, 1973), págs. 56-57.
27. Hesselgrave: "What Causes Religious Movements to Grow?" pág. 306.
28. Cf. Peters: *Saturation Evangelism*, págs. 72-77, para uma análise da contribuição do *Evangelismo em Profundidade* ao crescimento da igreja; e C. Peter Wagner: "Who Found It?" e James F. Engel: "Great

- Commission or Great Commotion?" *Eternity*, setembro de 1977, págs. 13-19, para uma análise dos resultados da campanha *Aqui está a Vida, América*.
29. McGavran: *How Churches Grow*, págs. 139-40.
30. Robert H. Schuller: *Your Church Has Great Possibilities* (Glendale, CA: Regal Publications, 1974), págs. 114-16.
31. Eugene A. Nida: "Dynamics of Church Growth," em *Church Growth and Christian Mission*, ed. Donald A. McGavran (Nova York: Harper and Row, 1965), págs. 170-75.
32. D. James Kennedy: *Evangelism Explosion*, edição revista (Wheaton, IL: Tyndale House, 1977). [Publicado em português pela Missão da Ig. de Coral Ridge.]
33. Warren E. Bathke: "Visitation Evangelism: Do We Need It?" *Evangelical Beacon*, 11 de julho de 1978, pág. 19.
34. Ralph P. Martin: *Adoração na Igreja Primitiva* (Edições Vida Nova, São Paulo, 1982), págs. 99-100.
35. Max Weber: *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, Ed. Univ. de Brasília.
36. Donald McGavran: *Understanding Church Growth* (Grand Rapids: Eerdmans, 1970), págs. 270-88.
37. O. E. Fountain: "Religion and Economy in Mission Station Relationships," *Practical Anthropology*, vol. 13, N.º 2 (1966), págs. 49-58.
38. Roland Allen: *Missionary Methods: St. Paul's or Ours?* (Grand Rapids: Eerdmans, 1962), págs. 49-61.
39. John R. W. Stott: *Cristianismo Básico* (Edições Vida Nova, São Paulo, 1964).

# Os Líderes Consagrados

---

É comum para os plantadores das igrejas desejarem que grupos de novos crentes se organizem tão logo quanto praticável. A ênfase pode ser um pouco mal-orientada, no entanto. Nenhuma organização pode ser mais forte do que a sua liderança. Logo, pensar, orar, trabalhar, e planejar tendo em vista a edificação de uma liderança espiritual para a igreja que está sendo organizada deve ser da máxima prioridade. Quando emergir a liderança espiritual, a organização se tornará prática e essencial.

## Objetivos

Com a idéia supra em mente, estabeleceremos três objetivos para esta etapa do Ciclo Paulino:

- (1) Os esforços para promover a maturidade espiritual de todos os crentes na congregação devem ser constantes.
- (2) Os crentes devem ser instruídos sobre como reconhecer e selecionar homens e mulheres que têm dons, e que são espiritualmente qualificados para a liderança na igreja local.
- (3) Uma organização permanente da igreja deve ser estabelecida, devendo ser bíblica, funcional, eficaz, e capaz de ser expandida.

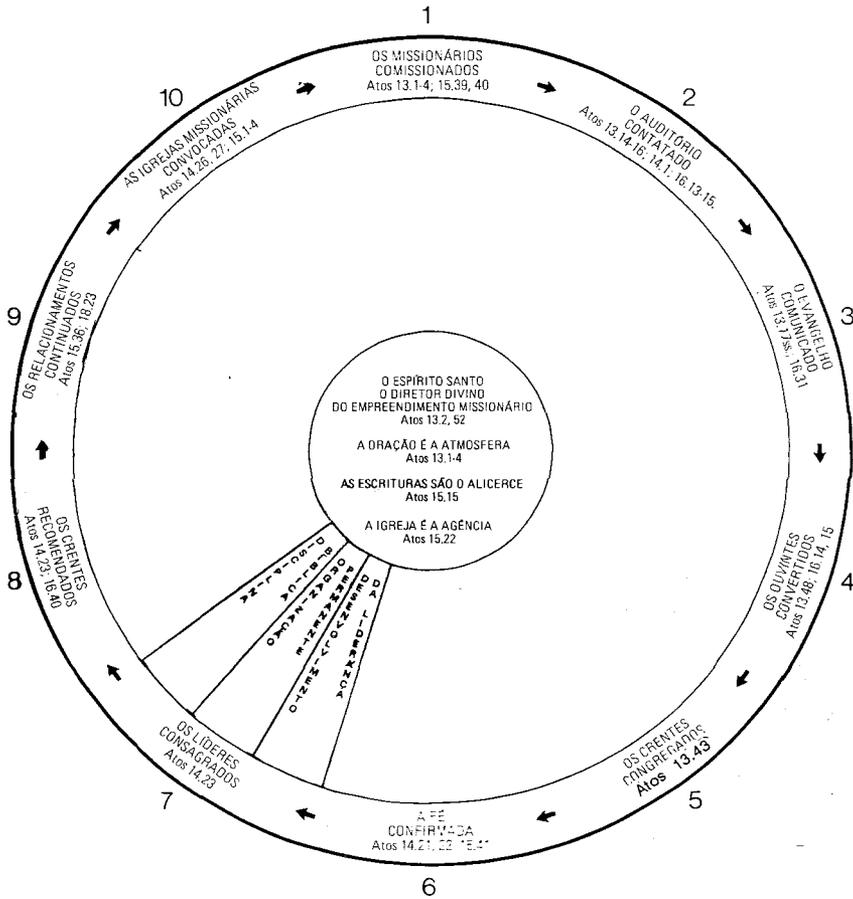
## **Desenvolvendo Liderança Qualificada para a Igreja Local**

### **Princípios e Precedentes Bíblicos**

#### *O Fundo Histórico da Sinagoga*

As Igrejas que Paulo fundou não foram organizadas num vácuo religioso. A maioria dos primeiros convertidos tinham sido membros das sinagogas. Era

FIGURA 49  
"O CICLO PAULINO"



"E, promovendo-lhes em cada igreja a eleição de presbíteros..." (At 14.23a).

natural para estes crentes seguirem as tradições de adoração e os padrões de organização das sinagogas.

Olhe rapidamente o padrão das sinagogas. A fim de organizar uma sinagoga ou realizar reuniões era necessário ter pelo menos dez homens. Os anciões da congregação selecionavam um presidente (ou possivelmente vários deles). O presidente era responsável pelos cultos da sinagoga e pelos seus bens. Frequentemente designava outros para dirigir as expressões de louvor, as orações, as leituras da Lei e dos Profetas, e a pregação com exortações. Vários assistentes cumpriam deveres servis, aplicavam o castigo corporal ou disciplinavam os membros doutras maneiras, e distribuíam as esmolas recebidas dos membros.

Os crentes neotestamentários, portanto, tinham um modelo para a liderança e a organização da igreja. Não deve ser inferido, no entanto, que seguiam rigidamente este padrão da sinagoga. O que importa é que os crentes primitivos tinham consciência de modos e maneiras básicos de conduzir a vida espiritual e os negócios da coletividade.

### *Os Oficiais da Igreja Conforme o Novo Testamento*

Pelo menos cinco cargos das igrejas primitivas podem ser facilmente distinguidos no Novo Testamento: o apóstolo, o profeta, o evangelista, o pastor (ancião, superintendente), e o diácono. Estes últimos dois cargos requerem consideração especial aqui. As igrejas locais precisam de pastores (ou presbíteros) e de diáconos.

(1) Parece que, no Novo Testamento, os termos *pastor*, *presbítero*, e *superintendente* (ou *bispo*) são usados mais ou menos de modo sinônimo. No entanto, os três termos designam funções que podem ter sido realizadas por mais de um homem. Visto que a palavra *presbítero*, normalmente ocorre no plural, parece provável que a maioria das congregações antigas tinham mais que uma destas pessoas (At 14.23; 15.2, 4, 6; 20.17). Passagens tais como Efésios 4.11 e 1 Timóteo 5.17 parecem diferenciar entre os presbíteros que primariamente governavam, e os que ministravam a Palavra e pastoreavam o rebanho. A distinção comum entre "pastor" e "presbítero," portanto, pode ter mais validade em termos de *função* do que em termos de *cargo* como tal.

As funções específicas de tais líderes eram: (a) governar a congregação (1 Tm 5.17), não "dominando" (*katakuriuontes*) sobre ela, mas pelo exemplo (*tupoi*) (1 Pe 5.3); (b) ministrar a Palavra de Deus (At 20.28; Ef 4.11; 1 Pe 5.2); (c) equipar os crentes na igreja a fim de capacitá-los a ministrar e edificar o corpo (Ef 4.11); (d) proteger a congregação dos falsos mestres (At 20.28-30); e (e) visitar os doentes e orar por eles (Tg 5.14).

Policarpo, que era um discípulo de João e um líder da igreja primitiva, resumiu os deveres do presbítero nas seguintes palavras:

E que os presbíteros sejam compassivos e misericordiosos para com todos, trazendo de volta os desgarrados, visitando todos os doentes, e não negligenciando a viúva, o

órfão, ou os pobres, mas sempre “fornecendo aquilo que é apropriado aos olhos de Deus e dos homens”; abstendo-se de toda a ira, da distinção entre pessoas, e do julgamento injusto; mantendo-se longe de toda a cobiça, não acreditando facilmente [na má fama] contra alguém, não severos no julgamento, reconhecendo que todos nós estamos sob a dívida do pecado. Se, pois, suplicamos ao Senhor que nos perdoe, devemos nós mesmos perdoar; porque estamos diante dos olhos de nosso Senhor e Deus, e “importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, e cada um deve prestar contas por si mesmo.” Sirvamo-Lo, portanto, em temor e com toda a reverência, assim como Ele mesmo nos mandou, e assim como os apóstolos que nos pregaram o evangelho, e os profetas que proclamaram de antemão a vinda do Senhor [nos ensinaram de modo semelhante]. Sejam zelosos na busca daquilo que é bom, conservando-nos livres de causas de escândalo, longe dos falsos irmãos, e daqueles que na hipocrisia levam o nome do Senhor, e que desviam os homens vãos para o erro.<sup>1</sup>

(2) A respeito do cargo de diácono, há pouco lugar para dúvidas. Os diáconos nas igrejas neotestamentárias realizavam deveres tais como “servir a mesas” e distribuir os fundos da igreja. Podemos concluir, por inferência, que faziam todos os trabalhos servis que eram necessários a fim de tornar possível àqueles que ministravam a Palavra a dedicar todas as suas atenções àquele ministério (At 6.1-6). Deve ser enfatizado que os diáconos tinham um ministério espiritual e essencial. Sem eles, as atividades coletivas teriam sofrido, as necessidades individuais não teriam sido satisfeitas, e o ministério da Palavra teria sido estorvado. Note também que homens e mulheres dignos participavam deste ministério diaconal (Rm 16.1, 2).

### *As Qualificações dos Líderes Eclesiásticos Locais*

- (1) Os pastores (presbíteros, superintendentes)
  - (a) Os pastores devem ser irrepreensíveis (1 Tm 3.2; Tt 1.6, 7).
  - (b) Devem ser marido de uma só mulher (1 Tm 3.2; Tt 1.6).
  - (c) Devem ser temperados e ter controle-próprio (1 Tm 3.2; Tt 1.8).
  - (d) Os pastores devem ser prudentes, sensatos, e justos (1 Tm 3.2; Tt 1.8).
  - (e) Devem ser respeitáveis (1 Tm 3.2).
  - (f) E hospitaleiros (1 Tm 3.2).
  - (g) E aptos para ensinar (1 Tm 3.2).
  - (h) Nenhum pastor deve ser dado ao vinho (1 Tm 3.3; Tt 1.7).
  - (i) Nem violento (1 Tm 3.3; Tt 1.7).
  - (j) Nem contencioso (1 Tm 3.3).
  - (k) Os pastores devem ser cordatos (1 Tm 3.3).
  - (l) Devem ser livres do amor ao dinheiro (1 Tm 3.3; Tt 1.7).
  - (m) Devem governar bem a sua própria casa (1 Tm 3.4).
  - (n) Os pastores não devem ser recém-convertidos (1 Tm 3.6).
  - (o) Devem ter uma boa reputação entre os descrentes (1 Tm 3.7).

- (p) Não devem ser arrogantes (Tt 1.7).
  - (q) Nem irascíveis (Tt 1.7).
  - (r) Os pastores devem amar o bem (Tt 1.8).
  - (s) Devem ser piedosos e justos (Tito 1.8).
  - (t) Devem apegar-se ao pensamento sadio (Tt 1.9).
  - (u) Devem exortar outros à sã doutrina (Tt 1.9).
  - (v) E refutar os que não sustentam a sã doutrina (Tt 1.9).
- (2) Os diáconos (e diaconisas, quando apropriado).
- (a) Os diáconos devem ter boa reputação (At 6.3).
  - (b) Devem ser cheios do Espírito Santo e de sabedoria (At 6.3).
  - (c) Devem ser constantes na administração (At 6.3).
  - (d) Os diáconos devem possuir dignidade e seriedade (1 Tm 3.8).
  - (e) Não devem ter duplicidade de palavra (1 Tm 3.8).
  - (f) Nem inclinados a muito vinho (1 Tm 3.8).
  - (g) Nem cobiçosos de sórdida ganância (1 Tm 3.8).
  - (h) Os diáconos devem conservar o ministério da fé com a consciência limpa (1 Tm 3.9).
  - (i) Devem ser experimentados, e não novos convertidos (1 Tm 3.10).
  - (j) Os diáconos devem ser marido de uma só mulher (1 Tm 3.12).
  - (k) Devem governar bem seus filhos e sua própria casa (1 Tm 3.12).
  - (l) Os diáconos devem possuir forte fé pessoal (1 Tm 3.13).
  - (m) Não devem ser maldizentes (1 Tm 3.11).
  - (n) Devem ser sóbrios (1 Tm 3.11).
  - (o) E fidedignos em todas as coisas (1 Tm 3.11).

## Pesquisas Relevantes

### *Definindo "Líder" e "Liderança"*

A liderança tem sido definida de várias maneiras. Algumas definições são muito instrutivas:

(1) O Marechal Montgomery disse: "A liderança é a capacidade e a vontade de reunir homens e mulheres para um propósito comum, e o caráter que inspira confiança."<sup>2</sup>

(2) Em resposta a uma pergunta feita pelo General Charles Gordon acerca da liderança, um velho líder chinês, Li Hung Chang, disse: "Há somente três tipos de pessoas no mundo — aquelas que podem ser movidas, aquelas que são inamovíveis, e aquelas que as movimentam."<sup>3</sup>

(3) Philip K. Bock, um antropólogo, escreve: "Os líderes são especialistas na tomada de decisões."<sup>4</sup>

(4) Bock dá outra definição, que pode ser a mais útil para os nossos propósitos. Diz que os líderes são aqueles que têm um "papel que envolve o exercício legítimo da autoridade sobre outras pessoas."<sup>5</sup>

Quanto mais pensamos acerca da questão da liderança, tanto mais ficamos impressionados com o fato da autoridade ser a chave para compreendê-la. Naturalmente, o tipo de autoridade envolvida é extremamente importante.

### *Quatro Tipos de Líderes*

Quatro tipos de líderes podem ser distinguidos à luz da fonte da sua autoridade.<sup>6</sup>

(1) *Líderes hereditários*. A autoridade dos líderes hereditários é baseada na sua posição num grupo de parentesco (e.g., o homem mais velho com vida numa linhagem real). São líderes por causa de *quem* são ao invés de *o que* podem fazer.

(2) *Líderes burocráticos*. A autoridade dos líderes burocráticos vem por meio de progredir sistematicamente através de posições de autoridade menor. Avançaram tanto por causa da competência (num sentido mais estreito) quanto pelo maior tempo de serviço.

(3) *Líderes carismáticos*. Pessoas de qualidades excepcionais podem subir à autoridade em tempos de grandes crises sociais. Pela força da sua personalidade comandam seguidores entusiastas.

(4) *Líderes representantes*. Os líderes representantes são escolhidos pelos seus seguidores, através do consenso geral ou da eleição. São, depois disto, responsáveis diante dos seus seguidores. Muitos destes líderes possuem as qualidades distintivas dos demais tipos de líderes, mas estas qualidades não são a base da sua autoridade.<sup>7</sup>

### *O "Princípio de Peter"*

Lawrence J. Peter enfatiza que há uma tendência comum de promover membros fiéis de qualquer organização, levando pouco em conta sua capacidade de produzir a um nível mais alto de responsabilidade. Quando um indivíduo é elevado para um nível acima da sua capacidade, fica frustrado e improdutivo.<sup>8</sup> Portanto, o sucesso numa certa posição de responsabilidade não assegura o sucesso noutra posição onde as exigências podem ser notavelmente maiores.

As igrejas *precisam* reconhecer a fidelidade, a competência, e um trabalho bem feito. As seitas em rápido crescimento freqüentemente são muito mais objetivas e generosas quanto a isto do que as igrejas. Apesar disto, os dons espirituais e as capacidades naturais devem ser levados em conta no encorajamento e na seleção dos líderes da igreja. Somente aqueles que *sabem* pregar devem ser *convidados* a pregar. Somente aqueles que têm o *dom* de ensinar devem ser *convidados* a ensinar. E somente aqueles com a *capacidade* de administrar devem ser *chamados* para administrar.

## Reflexões Práticas

### *Percebendo a Diferença entre Líderes Naturais e Líderes Espirituais*

Embora as características selecionadas são especialmente típicas da liderança do tipo ocidental, a comparação que J. Oswald Sanders faz entre líderes naturais e espirituais é digna de consideração cuidadosa.<sup>9</sup>

#### *O Líder Natural*

- (1) Auto-confiante
- (2) Conhece os homens
- (3) Faz suas próprias decisões
- (4) Ambicioso
- (5) Dá origem aos seus próprios métodos
- (6) Gosta de mandar em outros
- (7) Motivado por considerações pessoais
- (8) Independente

#### *O Líder Espiritual*

- (1) Confiante em Deus
- (2) Também conhece a Deus
- (3) Procura achar a vontade de Deus
- (4) Retrai seu próprio-eu
- (5) Descobre e segue os métodos de Deus
- (6) Deleita-se em obedecer a Deus
- (7) Motivado pelo amor a Deus e aos homens
- (8) Dependente de Deus

### *Selecionando Líderes Naturais como Líderes da Igreja*

A liderança na sociedade maior deve ser distinguida da liderança nas igrejas. Muita coisa já tem sido escrita acerca de fazer contato com os líderes de uma comunidade e ganhá-los para Cristo tendo em vista um efeito positivo sobre o testemunho cristão e a vida da igreja. Tudo isto está muito bem, com condição de que líderes não-convertidos e não-espirituais da sociedade não entrem na igreja para se tornarem líderes ali primariamente em virtude da sua posição social e da sua capacidade natural de liderança.

*Ilustração ME-3:* O que realmente foi uma experiência incomum no "transplante" de líderes naturais da sociedade para posições de liderança na igreja foi levada a efeito pela Missão da Renânia em conjunção com sua obra entre os Bataks em Sumatra.<sup>10</sup> Aqueles que eram os líderes naturais na sociedade foram batizados e nomeados como líderes nas igrejas. O resultado foi que as igrejas tinham líderes, mas em muitos casos os líderes eram a causa de problemas numerosos e graves. Aqueles que têm capacidade natural de liderança e uma posição de liderança na sociedade não são qualificados por este fato a assumir posições de liderança nas igrejas. Uma das linhas mais fáceis de se seguir na organização das igrejas é selecionar aqueles de demonstrada liderança na sociedade para um papel semelhante na igreja. No caso da Missão da Renânia, isto foi feito deliberadamente. Na maioria dos casos, ocorre por falta de cuidado. Nos dois exemplos, resultados adversos têm de ser esperados. *Uma igreja espiritual deve ter líderes espirituais.*

### *O líder da Igreja como "Líder Representante"*

O líder espiritual é uma pessoa *sob* autoridade e *com* autoridade. É mais semelhante ao "Líder representante" na sociedade maior, pelo fato de a base da sua autoridade não se achar nas qualidades naturais da liderança (embora possa muito bem possuí-las), mas no fato de ser equipado por Deus e escolhido por igrejas dirigidas pelo Espírito Santo. Conforme escreveu Vergil Gerber: "Um homem não pode normalmente exercer autoridade na igreja *até que sua autoridade tenha sido reconhecida pela igreja.*"<sup>11</sup> Se isto tiver de ocorrer, é imperativo que os crentes sejam instruídos acerca dos padrões bíblicos para a liderança na igreja local. Estes devem ser colocados diante dos crentes de modo que tenham uma régua para medir o crescimento espiritual. Nem todos os crentes se tornarão líderes, porque nem todos terão a combinação certa de dons e de capacidades. Mas todos devem aspirar aos mais altos padrões de piedade, e aqueles que os atingem devem ser reconhecidos e investidos com responsabilidade e autoridade especiais.

*Ilustração ME-1:* A Igreja Bíblica da Comunhão, em Dallas, Texas, constante e explicitamente conserva as qualificações para os líderes da igreja diante dos novos convertidos e dos membros da igreja. O Pastor Gene Getz e seus colegas organizaram a igreja em grupos pequenos, cada um dos quais é dirigido por um presbítero ou subpastor. Quando um crente pensa estar à altura do padrão, e os líderes concordarem, recebe a responsabilidade por um destes grupos. Posto que isto tem sido o plano desde o início da igreja, a organização e a liderança têm-se desenvolvido simultaneamente. O crescimento duplo — numérico e espiritual — tem sido o resultado.<sup>12</sup>

### *Treinando Líderes nas Igrejas*

Não basta que certos crentes tenham o potencial para a liderança. À medida em que demonstram evidências do crescimento espiritual, devem receber oportunidades para utilizar seu potencial e desenvolver-se como líderes eclesíásticos. Este processo fará exigências especiais dos missionários-evangelistas e dos líderes emergentes. Mas os resultados justificarão qualquer sacrifício.

*Ilustração ME-3:* Um missionário no Japão, Jim Blocksom, desenvolveu um programa simples e eficaz para o treinamento de presbíteros em potencial numa igreja que estava começando a emergir na área de Kansai. Cada semana, reunia-se com cinco leigos maduros e capazes que o Senhor acrescentara ao grupo crente. Refletiam sobre a mensagem expositiva de Blocksom, pregada no domingo anterior, e a avaliavam. Então, estudavam o texto bíblico que tinha sido anunciado para a mensagem do domingo seguinte. Depois de determinar o significado do texto, sugeriam aplicações específicas para o contexto japonês.

Depois de se passarem alguns meses, Blocksom planejou estar ausente num domingo, e disse aos leigos que um deles teria de pregar. De comum acordo, todos se escusaram por motivos de incapacidade e inexperiência. Blocksom,

porém, estava pronto com um argumento diante do qual não teriam resposta: "Visto que vocês já me têm ajudado tão consideravelmente com críticas e sugestões durante este tempo todo, certamente se pode esperar que qualquer um de vocês possa ser muito bem-sucedido."

Um dos leigos foi escolhido para pregar, e pregou mesmo. Por estranho que pareça, o missionário achava necessário ministrar noutros lugares com frequência cada vez maior! Quando veio o tempo em que a igreja foi organizada e um pastor remunerado instalado, a igreja tinha cinco leigos que podiam pregar, ensinar e assumir liderança com capacidade notável.

### *Os Líderes "Dirigindo-se para Fora" e os Líderes "Dirigindo-se para Dentro"*

No seu próprio estilo sem igual e cativante, Donald McGavran faz uma distinção entre os líderes eclesiais que estão "dirigindo-se para fora" e os que estão "dirigindo-se para dentro."<sup>13</sup> Seu assunto é o seguinte: uma vez que as igrejas ficam estabelecidas, a maioria dos seus líderes recebem responsabilidades que têm a ver com o treinamento dos filhos das famílias cristãs, ministrar às necessidades da congregação, conservar a organização da igreja em funcionamento regular, e a manutenção das instalações eclesiais. Ora, tudo isto é bom e necessário. Mas também serve de empecilho ao crescimento e resulta numa forma eclesial da "Lei de Parkinson" (que passaremos a considerar dentro em breve). A igreja é constituída para achar ovelhas *perdidas*, não somente para abrigar e alimentar as ovelhas *salvas*. Se, portanto, uma igreja nova seguir o modelo da igreja estabelecida mediana, logo descobrirá que a atenção e os esforços da maioria dos líderes serão focalizados para dentro, e poucos estarão estendendo a mão aos perdidos. O resultado será a estagnação. Somente mediante o estudo contínuo e cuidadoso, com a respectiva ação, é que a proporção apropriada de atenção, tempo e esforço será dada à expansão, mesmo na situação pioneira.

## **Criando Organização Permanente na Igreja Local**

### **Princípios e Precedentes Bíblicos**

#### *A Emergência da Organização Eclesial no Período Neotestamentário*

De modo contrário àquilo que algumas pessoas pensam, boa parte da organização neotestamentária era formal. Doutra forma, as igrejas não teriam podido adotar as atuações necessárias de modo decente e ordeiro. Muitas igrejas primitivas seguiam, sem dúvida alguma, o padrão da sinagoga, mas o Novo Testamento revela um desenvolvimento distinto na organização e na administração da igreja.

O germe da organização eclesiástica neotestamentária existia antes do Pentecoste. Nas Epístolas, os crentes são "santos" e "irmãos" e acham-se nas "igrejas." Como tais, compartilhavam de um mútuo sacerdócio (1 Pe 2.9) e de um ministério em comum (Ef 4.11-15). Somente pessoas regeneradas eram membros das igrejas locais. E todas as pessoas regeneradas eram membros das igrejas, dentro dos limites daquilo que sabemos. Não parece ocorrer que qualquer número específico de crentes era necessário para organizar uma igreja local (a sinagoga tinha esta exigência). Afinal de contas, Cristo tinha prometido a Sua presença onde até mesmo duas ou três pessoas se reuniam em Seu nome (Mt 18.20).

A primeira ênfase no ministério de Paulo e doutros recaía na pregação. Com a passagem do tempo, mais atenção era dada às questões da organização da igreja. Antes de qualquer das Epístolas Paulinas terem sido escritas, na Epístola de Tiago (escrita cerca de 48 d.C.) temos uma referência aos "presbíteros da igreja" (Tg 5.14). E na primeira Epístola escrita por Paulo, há referência aos "que vos presidem no Senhor" (1 Ts 5.12).

A organização e a liderança vão de mãos dadas. No caso da igreja de Jerusalém, os líderes eram os próprios apóstolos especiais. No caso da igreja em Antioquia, alguns dos primeiros líderes vieram de Jerusalém (At 15.22, 27). Nos casos das igrejas missionárias, os líderes eram escolhidos pelos missionários-evangelistas e/ou pelos crentes locais.

### *O Congregacionalismo e as Igrejas do Novo Testamento*

O fato de que, à medida em que as congregações se desenvolviam, tinham alguns líderes que não vinham da congregação local e alguns que eram nomeados pelos missionários-evangelistas não exclui o congregacionalismo. A. H. Strong oferece argumentos convincentes de que na era neotestamentária o governo eclesiástico era democrático ou congregacional:<sup>14</sup>

(1) Era o dever da igreja inteira preservar a unidade na sua atuação (Rm 12.16; 1 Co 1.10; Ef 4.3).

(2) A igreja inteira tinha a responsabilidade pela manutenção da doutrina e prática puras (2 Co 11.1-3; 1 Tm 3-5; Jd 3; Ap 2 e 3).

(3) As ordenanças eram entregues para a igreja inteira observar e guardar (1 Co 11.23, 24).

(4) A igreja inteira elegia seus oficiais e delegados (At 6.3, 5; 13.2, 3; 15.2, 4, 22, 30; 2 Co 8.19). (Esta é uma questão crítica, naturalmente. Strong cita obras de Meyer, Hackett, Baumgarten, e outros ao desenvolver o seu argumento. Entende que Atos 13.2, 3 se refere à igreja inteira em Antioquia. E quanto às passagens tais como Atos 14.23 e Tito 1.5, "constituir" por Tito ou pelos apóstolos [ARA tem "promover a eleição" neste caso] não se refere ao modo da nomeação e, portanto, não exclui a autoridade da comunidade da igreja, que é sustentada noutras passagens).

(5) A igreja inteira tinha a responsabilidade e a autoridade para exercer disciplina (1 Co 5.4, 5, 13; 2 Ts 3.6, 14, 15).

Não devemos levar estes argumentos longe demais. Parece ter havido uma flexibilidade na organização neotestamentária que servia os propósitos das igrejas. O padrão provavelmente era um pouco diferente de igreja em igreja. Ao mesmo tempo, conforme diz Donald Lake:

As igrejas podem ter diáconos, presbíteros e pastores, ou somente pastores... mas a questão do congregacionalismo é: Onde reside a autoridade para eleger, em quem recai a responsabilidade, e a quem pertence o poder da disciplina?<sup>15</sup>

Os episcopais responderão: "Com os bispos." Os presbiterianos responderão: "Com os presbíteros." Aqueles que entre nós que esposamos a política congregacional responderão, naturalmente: "Com a congregação."

## Pesquisas Relevantes

### *O Governo Humano*

A liderança e a organização são necessidades humanas. A anarquia é "praticamente impossível." Mas as formas de governo variam radicalmente entre si, e com elas, os tipos e a autoridade dos líderes, e os métodos da sua seleção. Os tipos básicos do governo humano formam um paralelo com as formas alternativas da política da igreja:

- (1) A autocracia — a autoridade absoluta exercida por um só homem.
- (2) A oligarquia — a autoridade exercida por um grupo selecionado e privilegiado dentro da sociedade maior.
- (3) A democracia — a autoridade cabe aos membros da sociedade.

Não deve ser esquecido que a maioria dos governos humanos pode (e talvez em até certo grau usualmente o faz) exibir algumas características de mais de um destes tipos básicos. Uma forma pura de governo é uma raridade. Às vezes, a forma de uma autocracia (a monarquia) é retida ao passo que funcionalmente o governo é uma democracia. Às vezes a forma da democracia é retida, ao passo que funcionalmente o governo ou é uma autocracia (uma ditadura) ou uma oligarquia. A forma e a função não precisam necessariamente coincidir entre si.

### *Estruturas Sociais e Organizações Sociais*

O que foi dito anteriormente acerca da distinção entre a estrutura social e a organização social (i.e., uma associação voluntária ou livre) é pertinente aqui. Dependendo da nossa experiência e perspectiva pessoais, a igreja pode ser considerada portadora das características de uma ou outra destas, ou de

ambas. Para os novos membros que entram na igreja pela profissão da fé ou pela transferência (e para muitos crentes que não chegam a afiliar-se a uma igreja local) as igrejas às vezes parecem ser estruturas em que as pessoas devem assumir responsabilidades cada vez maiores com pouquíssima esperança de terem voz ativa na alteração de programas e políticas definidos por uma hierarquia entrenchada. Na realidade, a igreja local é um pouco diferente de uma associação livre em que os indivíduos são organizados de uma maneira que é apropriada para a busca de certos alvos. Tais organizações podem ser iniciadas, definidas, dirigidas, e desfeitas segundo a iniciativa do quadro dos membros. Certos liberais têm descrito as igrejas em tais termos e com grande violência tanto à Escritura e à prática cristã. Apesar disto, a igreja local realmente exhibe algumas das características de uma associação voluntária. A. H. Strong reconhece as implicações deste papel duplo (a estrutura e a organização) das igrejas locais.<sup>16</sup>

### *“A Lei de Parkinson”*

Há uma tendência marcante da parte dos governos humanos e da maioria das organizações sociais de tornar-se cada vez maior e consumir uma proporção desnecessária e desmedida com sua própria manutenção. Frequentemente, fazem assim sem um aumento proporcional na eficácia em termos dos alvos originais e básicos. Embora C. Northcote Parkinson tenha desenvolvido esta lei a partir das suas pesquisas nas organizações comerciais, tem uma aplicação muito mais ampla.<sup>17</sup>

### *A Decisão pelo Consenso*

Seria bom dar outra olhada no método de tomada de decisões chamado “decisão pelo consenso.” Um consenso é uma convicção compartilhada de que uma determinada decisão é certa. Chega-se a ela mediante uma discussão completa do problema, em que todos os membros são encorajados a compartilhar dos seus sentimentos sinceros à medida em que a discussão progride. Os membros tornam conhecidas quais das alternativas podem apoiar tendo em vista os alvos do grupo. Se e quando se chegar à decisão de agir, representa a sabedoria do corpo deliberativo inteiro (embora não necessariamente a primeira escolha de cada membro individual). As decisões alcançadas desta maneira promovem a realização dos alvos da organização e ajudam a garantir a harmonia do grupo ao buscá-los. A decisão pelo consenso é tão adaptável às instituições democráticas no nível básico quanto o método de decisão pela “discussão com voto.”

### **Reflexões Práticas**

Falando de modo geral, os missionários-evangelistas que têm entendido que sua tarefa inclui a plantação e o desenvolvimento das igrejas locais tiveram

as melhores intenções. Não somente isso, como também têm sido relativamente bem-sucedidos em estabelecer igrejas em derredor do mundo. Ninguém que tem familiaridade com a obra pioneira na pátria e no estrangeiro, porém, estaria disposto a dizer que aquilo que foi realizado foi feito da maneira mais bíblica e eficaz. Talvez em nenhuma outra etapa do Ciclo Paulino será mais fácil cometer enganos que terão efeitos de maior alcance. Felizmente, ao darmos outra olhada no registro bíblico, no cenário secular, e na experiência das igrejas em derredor do mundo, é possível indicar com exatidão os problemas em potencial e, talvez, evitá-los.

### *Igrejas Autônomas ou Cristônomas?*

Desde os dias de Henry Venn e Rufus Anderson, os estrategistas têm ressaltado a "igreja indígena." Tem sido definida usualmente como tendo auto-sustento, auto-governo e auto-propagação. De modo global, quando for devidamente concebida, e aplicada com sabedoria, esta é uma boa ênfase. Recentemente, no entanto, tem recebido uma reavaliação saudável. A pergunta tem sido levantada: "É apropriado definir as igrejas em termos da *autonomia* (i.e., o governo *de si mesmo*), etc.? Não seria mais bíblico e frutífero descrevê-las em termos da *Cristonomia*, i.e., sob o governo de Cristo?"<sup>18</sup> Além disto, e em harmonia com isto, não é verdade que, concebidas devidamente, as igrejas modeladas segundo o Novo Testamento *serão* autóctones ("relacionadas com o solo")? *Não são nossas expectativas culturais que tornam as igrejas algo diferente do que autóctones?* E, quanto a isto, não é possível para uma igreja ser autóctone segundo a definição clássica (tendo sustento, governo e propagação próprios) e ainda estar mais ou menos sem relacionamento com o solo em que deve crescer? Estas perguntas merecem consideração cuidadosa. Indicam o âmago da organização das igrejas.

### *A Política Eclesiástica como Reflexão da Prática Local*

Um estudo cuidadoso das políticas típicas das igrejas revelará que historicamente tenderam a refletir as estruturas sociais dos tempos e dos lugares do seu início. A despeito daquilo que concluímos acerca do congregacionalismo, as igrejas primitivas realmente exibiram algumas características episcopais devido à presença dos apóstolos. Dado o ambiente social dos primeiros séculos, facilmente se entende como as características episcopais foram continuadas e até mesmo aumentadas após a morte dos próprios apóstolos, e como uma doutrina de sucessão apostólica mais tarde foi elaborada a fim de reforçá-las. As igrejas da Reforma — desenvolvidas onde os conceitos feudais e estruturas de clã eram fortes — tendiam a ser presbiterianas. As formas congregacionais conforme as conhecemos são um desenvolvimento mais moderno que se desdobrou juntamente com as revoltas pelas minorias contra o autoritarismo. Deve ser levado em conta que a forma congregacional do governo eclesiástico

não preserva necessariamente a independência da congregação local, nem as formas episcopal ou presbiteriana necessariamente a ab-rogam.

Embora a forma da política eclesiástica seja importante, sua função é igualmente importante, ou ainda mais importante. Uma forma de governo eclesiástico que é estranha à cultura-alvo tenderá em uma de duas direções. Ou se adaptará funcionalmente aos modos locais de governo, ou impedirá grandemente o crescimento da igreja.

*Ilustração ME-3:* No Zaire há alguns anos, houve uma reunião de negócios de igrejas organizadas da maneira congregacional. Três vezes a reunião teve de entrar em recesso quando o método democrático de nomear um presidente ocasionou o pandemônio e pior. O fato é que os participantes estavam trabalhando com uma forma infamiliar, da qual não se poderia esperar que funcionasse bem ao ser seguida a rigor! Não admira que um missionário veterano que estava presente observasse: "Oxalá pudéssemos voltar cinquenta anos para trás e desfazer os danos que causamos por meio da organização que impusemos."

Erramos quando forçamos qualquer política eclesiástica longe demais da forma e do funcionamento das expressões sociais e políticas de governo local. A igreja pode aprender das *estruturas* (a sociedade organizada para preservar as tradições) locais, porque ela, também, deve preservar certos ensinamentos, valores, e modos de vida. A igreja pode aprender das *organizações* (grupos organizados para efetuar mudanças) porque ela, também, é um elemento de transformação dentro da comunidade cristã e na sociedade maior.

### *Conceder a Organização Local para os Novos Crentes*

Um dos erros mais comuns dos plantadores das igrejas que esposam a política congregacional é a prática um pouco comum de envolver a igreja nova na construção da sua própria constituição. As razões desta prática são óbvias. Têm sua origem nos ideais e noções democráticos da responsabilidade congregacional. Mas a prática é mal-orientada.

Em primeiro lugar, uma nova congregação de crentes é usualmente composta de certo número de pessoas que estão passando pelo processo de ajustar-se umas às outras e, em muitos casos, ao ensino bíblico. Mal-entendimentos podem ocorrer facilmente.

Em segundo lugar, a construção de um instrumento bíblico e prático de organização é uma tarefa consumidora de tempo que desvia a atenção da extensão para os descrentes e da confirmação dos novos crentes numa época em que a igreja nova menos pode arriscar-se a isto.

Em terceiro lugar, uma constituição localmente elaborada (como todas as demais constituições) será um instrumento imperfeito que dentro em breve precisará de revisão, com base na experiência. Além disto, freqüentemente revelará ser difícilíssimo revisar uma constituição na qual há interesses locais encravados.

É, portanto, muito melhor propor uma constituição-modelo que foi preparada pelos patrocinadores da igreja emergente do que deixar os novos crentes

elaborarem uma por si mesmos. Quando os membros constituídos reconhecerem que poderão revisar a constituição de acordo com suas necessidades em data posterior, usualmente ficarão aliviados por ficarem livres desta tarefa árdua.

*Ilustração ME-3:* A experiência pessoal de um dos autores ao organizar uma congregação local é relevante aqui. As horas gastas na elaboração de uma constituição não chegaram, por um triz, a ter como resultado uma divisão eclesiástica — bem na hora do nascimento! Em circunstâncias subseqüentes semelhantes propôs a aceitação de uma constituição-modelo de conformidade com a qual a congregação poderia cooperar durante o primeiro período de alguns anos de existência. Em cada caso, os resultados foram muito mais felizes!

### *A Tendência de Organizar Demasiadamente*

O problema de muitas constituições e dos esforços dos missionários-evangelistas neste sentido é que ambos tendem a impor jugos organizacionais sobre as igrejas novas que até mesmo as igrejas maduras têm achado difícil suportar. A “Lei de Parkinson” está operando em muitas igrejas, inclusive as novas!

As igrejas e suas missões e organizações derivadas devem lidar com esta tendência natural. Certa igreja deu origem a vinte e nove comissões! Finalmente, uma trigésima comissão foi nomeada para averiguar as atividades das outras vinte e nove! Ora, naturalmente, o mero fato de que há comissões numerosas numa igreja não é mais do que evidência à primeira vista de que a “Lei de Parkinson” está em vigor. Devemos perguntar o que estão fazendo e quão bem o estão fazendo. Mas o fato permanece que as igrejas ocidentais, pelo menos, são freqüentemente empasteadas com comissões em demasia, comissões demasiadamente grandes, e comissões que estão trabalhando com empenho demasiado e delongadamente com os objetivos errôneos em mira. Conservar as rodas da igreja girando não significa que a igreja está avançando para algum lugar.

### *A Decisão pelo Consenso ou pela Discussão com Voto?*

Nenhuma política eclesiástica (nem sequer a política congregacional) precisa ser vinculada com a decisão pela discussão com voto. Esse procedimento certamente é possível, mas há pelo menos dois aspectos dele que podem ser inimigos dos propósitos cristãos. Em primeiro lugar, com quanto mais cuidado e paixão as alternativas forem apresentadas, tanto mais provavelmente partidos serão formados e sentimentos magoados. Nem todo o calor produz luz! Em segundo lugar, as decisões que afetam a vida total de uma congregação, feitas por uma mera maioria simples parecem fora da harmonia com a unidade do corpo e com a orientação divina. Introduzir a decisão pelo consenso numa sociedade que não conhece o processo talvez não seja fácil, mas a transformação pode ser como o orvalho dos céus. Introduzir qualquer outro processo numa área-alvo onde a decisão por consenso é tradicional pode ser trágico.

## Mantendo a Disciplina Bíblica

### Princípios e Precedentes Bíblicos

Nenhum bom propósito é servido por meio de idealizar as congregações cristãs primitivas. Pelo contrário, é muito importante reconhecermos que tinham problemas. Somente então é que poderemos entender plenamente a importância da disciplina no século I e no século XX.

Havia casos de castigo imediato, severo, e corporal nas congregações primitivas. Os casos de Ananias e Safira (At 5.1-11) e daqueles coríntios que participaram indignamente da Ceia do Senhor (1 Co 11.28-32) vêm prontamente à memória. Naqueles casos, Deus lidou diretamente com os transgressores, à luz do Seu conhecimento dos motivos íntimos deles. Deus pode lidar diretamente com os crentes em transgressão hoje, também. Mas esta é questão exclusiva dEle. Quando as igrejas começaram a exercer a disciplina, as condições (mas não necessariamente os princípios) alteraram-se radicalmente.

O ensino neotestamentário sobre a disciplina eclesiástica pode ser resumido ao considerar três perguntas básicas: *Quem? Por quê? e Como?*<sup>19</sup>

#### *Quem Era Disciplinado na Igreja Primitiva?*

(1) *Os culpados de desvios doutrinários sérios.* Quando a pureza do evangelho (a soteriologia) e a verdade acerca da Pessoa de Cristo (a cristologia) estão em jogo, a Bíblia não deixa lugar para descuido ou falta de decisão. Tais casos devem ser tratados diretamente e sem demora (Gl 1.6-9; 1 Tm 1.19, 20; 2 João 7-11).

(2) *Os culpados de contínua insubordinação eclesiástica.* Diótrefes é um exemplo clássico da insubordinação (3 João 9, 10). Não somente punha em primeiro lugar a sua própria pessoa e os seus próprios interesses, como também recusava-se a escutar o apóstolo e os crentes locais. Até mesmo excluía da igreja irmãos cristãos legítimos. Exibia exatamente aquelas características do mal acerca das quais João falara na sua primeira carta — a iniquidade e a falta de amor pelos irmãos (1 João 2.9-11). Não há lugar para comportamento semelhante nas igrejas.

(3) *Os culpados da indiscrição moral flagrante.* Na Primeira Epístola aos Coríntios somos informados acerca de uma ocorrência de fornicação incestuosa dentro da igreja (1 Co 5.1-5). Quem ofende contra a moralidade comum não é desculpado de modo algum. Paulo indicou em termos bem claros que o culpado em Corinto devia ser disciplinado.

(4) *Os culpados de permanecer voluntariamente indigentes.* Parece que havia algumas pessoas nas igrejas primitivas que cessavam de trabalhar mas que não cessavam de comer! Paulo sabia de casos assim em Tessalônica. Viviam “desordenadamente, não trabalhando; antes se intrometendo na vida alheia.” Ordenou que: “trabalhando tranquilamente, comam o seu próprio pão.” Doutra forma, deviam ser disciplinados (2 Ts 3.11-14).

Não devemos supor que este seja um registro completo daqueles que merecem a disciplina, nem que a Escritura ofereça um registro completo. Paulo aproveitou a ocasião de tratar da imoralidade em Corinto para mencionar idólatras, maldizentes, roubadores, e beberrões, e receitou disciplina para eles também (1 Co 5.9-13). Fica claro que as igrejas tinham um mandato divino para disciplinar os seus membros, e que deviam fazer isso com imparcialidade de acordo com os padrões de Deus e não com seus próprios.

### *Por Que as Pessoas Eram Disciplinadas na Igreja Primitiva?*

(1) A disciplina era exercida a fim de que os transgressores fossem castigados e a justiça feita (1 Ts 4.6, 7). Apressamo-nos a acrescentar que este não era o motivo principal para os casos de disciplina na igreja neotestamentária. Mesmo assim, a disciplina eclesiástica era considerada parte do julgamento divino dos malfeitores.

(2) A disciplina devia ser exercida a fim de que os transgressores fossem instruídos e trazidos de volta (1 Co 5.5; 11.32; 2 Ts 3.15). Esta é uma das notas dominantes do ensino bíblico sobre a disciplina. Como os crentes desviados poderiam ser trazidos à sã consciência, ao arrependimento, a uma nova atitude, e a tudo quanto redundava na salvação? De que outra maneira, senão sendo forçados a experimentar uma parte das conseqüências dos seus maus caminhos? Este ensinamento bíblico precisa ser novamente enfatizado nas igrejas de hoje. A disciplina eclesiástica é um remédio. Deve ser empreendida com grande pesar e compaixão, e na esperança de que o irmão ou irmã desviado venha a ser restaurado à obediência e à vida frutífera.

(3) A disciplina devia ser exercida a fim de que outros fossem advertidos e temessem a Deus (At 5.11). Se o pecado tivesse sido desconsiderado ou encoberto na igreja, os pecadores poderiam ter sido encorajados a pensar que pudessem continuar a pecar impunemente. Assim não haveria de ser.

(4) A disciplina devia ser exercida a fim de que a igreja fosse purificada e protegida. Esta razão importante para a disciplina é sublinhada pela metáfora apropriada de Paulo: "Um pouco de fermento leveda a massa toda" (1 Co 5.6). É por isso que os que estavam na igreja e que persistiam em pecar não poderiam ter licença de continuar sem correção. Tanto o ensino anti-bíblico quanto o viver ímpio são infecciosos entre os filhos de Adão.

### *Como a Disciplina Eclesiástica Era Realizada?*

Esta é certamente uma consideração importante. A disciplina eclesiástica por si mesma fica sendo um mal quando é exercida de uma maneira não-bíblica, porque assim causa danos ao corpo e ao testemunho de Cristo.

(1) Deve-se diferenciar entre as queixas particulares e o pecado público, e os casos devem ser tratados de acordo com isto (Mt 18.15-17; 1 Co 5; Gl 2.11-14; 1 Tm 5.20). Na passagem em Mateus parece que o problema era

entre indivíduos particulares. Podia ser tratado ao procurar a ajuda doutros crentes, e, se a parte culpada não quisesse ouvi-los, ao não ter mais nada a ver com ele. Nas demais passagens, os problemas eram questões do conhecimento público. Tratar deles em particular teria sido desconsiderar a natureza das transgressões bem como as razões da disciplina.

(2) A disciplina devia ser exercida somente com base no conhecimento dos fatos (Mt 18.15-18; 1 Co 5.1; 1 Tm 5.19). A disciplina era séria. As evidências por "ouvir dizer" eram insuficientes. A exigência de nosso Senhor de que haja duas ou três testemunhas estava dentro do padrão mosaico, mas tinha uma aplicação mais ampla, conforme é evidenciado pela exigência paulina de que não se podia acusar presbíteros de delitos a não ser que houvesse duas ou três testemunhas.

(3) A disciplina era exercida com um espírito apropriado da parte daqueles que a aplicavam (Mt 7.1-5; Rm 15.1, 2; 2 Co 2.6-8; Gl 6.1-4). Um espírito de vingança ou de justiça-própria não tinha lugar na disciplina da igreja. Pelo contrário, os crentes responsáveis deviam julgar a si mesmos, e depois lidar com os transgressores num espírito de meiguice e de ajuda mútua.

(4) A disciplina devia ser exercida pela exclusão da *koinônia* (Mt 18.15-17; 1 Co 5; 2 Ts 3.14; 2 Jo 7-11; 3 Jo 9-11). Estas passagens tratavam de circunstâncias algo diferentes entre si, mas o método básico da disciplina era o mesmo em cada caso. Uma das melhores dádivas que Deus tem dado aos crentes é a comunhão com os santos. Um dos castigos mais severos que as igrejas podem aplicar é a retenção desta comunhão.

## Pesquisas Relevantes

### *Culturas da Culpa e Culturas da Vergonha*

A despeito do fato de que muitas pesquisas e escritos relevantes tenham ocorrido neste assunto desde que Ruth Benedict fez conhecer sua famosa diferenciação entre as culturas da culpa e as culturas da vergonha,<sup>20</sup> vale a pena notar a distinção básica. Entre outras diferenças, as pessoas nas culturas da culpa estão mais preocupadas com atos separados e discretos, e deploram a transgressão de um código específico. Aquelas nas culturas da vergonha ocupam-se mais com o próprio-eu global e deploram a falta de viver à altura de um ideal. Com relação à disciplina eclesiástica, os crentes errantes nas culturas da culpa tendem a sofrer no íntimo, quer outras pessoas na comunhão da igreja saibam acerca daqueles pecados, quer não. Realmente, é provável que o pecado seja considerado uma questão entre o indivíduo e Deus, dando-se pouca consideração às conseqüências do pecado ao corpo de Cristo. Os crentes errantes nas culturas da vergonha tenderão a sofrer quando deixarem de viver à altura das expectativas dos outros e, portanto, desprestigiam-se.

Naturalmente, a Bíblia reflete alguns aspectos dos dois tipos de culturas. Nas culturas da culpa, como os Estados Unidos tradicional, os crentes precisam

de instrução quanto ao efeito do pecado sobre a igreja. E a *koinônia* precisa ser desenvolvida ao ponto em que retirá-la provocaria verdadeiro remorso. Nas culturas da vergonha, tais como o Japão tradicional (ou os Estados Unidos do amanhã?), os crentes precisam ser ensinados que Deus vê nosso pecado ainda quando os vizinhos não o vêem, e que o pecado não confessado rompe nosso relacionamento com Ele embora os demais crentes não tenham consciência do problema.

### • *A Participação como Motivação Primária*

Numerosos estudos indicam a importância de pertencer a um grupo, e de ser aceito por ele, como força motivadora primária. A "pirâmide motivacional" de Maslow, por exemplo, indica que quando as necessidades elementares fisiológicas e de segurança já foram cuidadas, as motivações mais altas assumem o comando.<sup>21</sup> Uma de tais motivações superiores é a necessidade de "participação." Nenhum homem é uma ilha em si mesmo. Quando se trata da disciplina eclesiástica, as implicações são óbvias.

### *A Disciplina e o Progresso do Grupo*

É evidente em si mesmo que os grupos que têm um grande número de membros disciplinados, dedicados aos alvos e aos programas do grupo, crescerão mais rapidamente do que aqueles que não os têm. A importância deste princípio destaca-se em forte relevo quando considerarmos o rápido crescimento das igrejas conservadoras nos Estados Unidos<sup>22</sup> e o crescimento ainda mais rápido de grupos tais como a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e as Testemunhas de Jeová.<sup>23</sup> Naturalmente, vários fatores devem ser levados em conta no estudo do crescimento destes movimentos. Mas o fato inescapável é que as organizações eclesiásticas com grandes números de crentes nominais não estão crescendo, ao passo que as com uma alta proporção de membros dedicados e disciplinados estão crescendo.

## **Reflexões Práticas**

### *O que Aconteceu à Disciplina Eclesiástica?*

Esta pergunta, conforme é feita por J. Robertson McQuilkin, é tanto pertinente quanto prática. A disciplina, especialmente nas igrejas do mundo ocidental, caiu nas garras de uma religiosidade fácil que tem pouca semelhança com o cristianismo neotestamentário. Não é difícil achar as razões.

Em primeiro lugar, as atitudes e os valores da cultura ocidental afetaram as igrejas de modo adverso. Por isso, os cristãos tendem a perder de vista a santi-

dade de Deus e a hediondez do pecado. Além disto, a falta geral de disciplina na cultura ocidental já invadiu as igrejas.

Em segundo lugar, a disponibilidade de muitas igrejas na mesma área torna mais difícil manter a disciplina nas igrejas. Quando um membro de uma igreja vê-se no perigo de ser disciplinado numa igreja, tende a procurar outra igreja na mesma área. É muito raro que a mudança de lealdade será questionada quando pede a transferência da sua afiliação.

Em terceiro lugar, a afiliação a uma igreja recebe pouco valor em muitos círculos cristãos. Freqüentemente, é considerado suficiente ser membro da Igreja Universal. Por demais freqüentemente, a afiliação a uma igreja local é considerada questão de preferência pessoal.

Não admira, pois, que as igrejas existentes não servem de bons modelos para as igrejas novas. A não ser que os missionários-evangelistas coloquem princípios e modelos bíblicos diante das congregações novas, não se pode esperar que elas se tornem em igrejas neotestamentárias.

### *A Disciplina Baseada na Unidade da Igreja*

É óbvio que a disciplina tem a ver com a pureza da igreja e do seu testemunho. O que é freqüentemente olvidado é o fato de que a disciplina também é relacionada com a unidade da igreja. Realmente, conforme nota Roland Allen, havia um sentido genuíno em que Paulo submetia a igreja inteira à disciplina quando exigia a disciplina de um dos seus membros.<sup>24</sup> O individualismo ocidental tende a diminuir a dor que o corpo inteiro deve sentir quando um dos seus membros cai, e a vergonha que o crente culpado deve sentir ao ser disciplinado. Por contraste, Paulo enfatiza a unidade do corpo — não somente na teoria, como também na prática. Logo, quando a disciplina era exercida naqueles tempos, a igreja inteira era intimamente envolvida.

### *A Disciplina com Base na Consciência da Igreja*

É importante que a disciplina eclesiástica seja exatamente isso mesmo — a disciplina *pela igreja*. Os pioneiros e, mais tarde, outros líderes da igreja desempenham papéis importantes ao investigarem acusações de delitos e ao tratar dos membros delinqüentes. Mas a disciplina é algo menos do que bíblica quando a consciência de uns poucos líderes for imposta sobre a igreja. Somente quando o conjunto maior de crentes concorda que os padrões de Deus foram violados, que a pureza da igreja corre perigo, e que um determinado modo de ação está de acordo com a vontade revelada de Deus — somente então é que algo que é tão contra-gosto e desagradável pode realizar suas finalidades segundo a intenção divina.

## *A Auto-Exposição, a Chave da Disciplina Eclesiástica*

Num artigo notavelmente útil sobre a disciplina eclesial Jacob Loewen ilustra quão importante é para os líderes da igreja, inclusive o missionário-evangelista, expor-se a si mesmos como sendo sujeitos às mesmas tendências e fraquezas que os demais crentes.<sup>25</sup> Ao revelarem, de modo discreto porém franco que eles também são tentados, às vezes fracassam, e sempre precisam das orações do povo de Deus, encorajam outras pessoas a tratar de modo honesto e bíblico do problema do pecado neles mesmos e na igreja.

## **A Elaboração do Plano Mestre**

### **Desenvolvendo Liderança Qualificada para a Igreja Local**

Os líderes devem ser tanto descobertos quanto desenvolvidos. O que é essencial aos dois processos é o reconhecimento das qualidades ou características da liderança, quer naturais, quer espirituais. Quando os plantadores de igrejas e os crentes locais têm consciência dessas características, também passarão a ter consciência da liderança que o Senhor da Igreja está providenciando para a congregação emergente. Depois, dando prioridade ao desenvolvimento das qualidades espirituais, estes líderes podem tornar-se uma bênção para a congregação inteira.

O plano mestre envolverá três passos.

*Primeiro Passo:* Planeje ensinamentos e pregações que tornem clara a distinção entre as características da liderança natural e da liderança espiritual, e que demonstrem esta última como a "medida de um homem ou mulher espiritual."

*Segundo Passo:* Selecione aqueles cuja capacidade e testemunho dão ocasião à confiança os demais crentes. Em parte, este será um processo automático. Há uma tendência natural, no entanto, para os que são líderes na sociedade secular tornarem-se líderes na igreja. A não ser que alta prioridade seja atribuída às qualidades espirituais neste processo de seleção, a congregação emergente pode estar indo na direção de problemas.

*Terceiro Passo:* Responsabilidades e treinamento especiais devem ser dados àqueles que são reconhecidos como líderes ou potencialmente líderes. Se a atenção que é envolvida na oração por este grupo pequeno e na cooperação com ele for equilibrada por responsabilidades delegadas, o espectro do favoritismo será evitado.

Previamente, discutimos a noção do "tamanho ideal" (págs. 205-208) e do relacionamento entre o tamanho do grupo e os objetivos do grupo. Naturalmente, o grupo do âmago da liderança em qualquer igreja será relativamente pequeno. Mas de muitas maneiras sua formação e seu treinamento são os aspectos mais importantes da plantação da igreja, porque estes líderes não so-

mente tratarão dos negócios da igreja, como também modelarão a fé, para o bem ou para o mal. Quer os líderes numerem um, três, ou doze, portanto, são dignos da solicitude, do tempo, e do esforço dos missionários-evangelistas.

### Levando a Efeito a Organização Permanente na Igreja Local

Quando os líderes já se desenvolveram ao ponto em que os crentes os seguirão, chegou a hora para a organização permanente. Dois aspectos desta organização são da máxima importância e requerem o planejamento cuidadoso: a *preparação* para a reunião da constituição e a *proposta* de um documento de constituição.

Em primeiro lugar, portanto, a reunião da constituição deve ser antecedida por um período de preparação e oração. A seguinte lista de averiguação ajudará nesta preparação:

- (1) Os líderes concordam que o tempo é oportuno para a organização da igreja?
- (2) Fica claro quem será convidado para a reunião da constituição?
- (3) A agenda e os procedimentos a serem seguidos são compreendidos por todos?
- (4) O documento de constituição proposto já ficou à disposição de todos?
- (5) Os líderes da reunião da constituição foram selecionados e preparados?
- (6) Já houve um amplo período para a discussão e a oração da parte do povo de Deus?

Se uma organização temporária já estava funcionando de modo eficaz, não deverá ser difícil planejar a reunião constitucional e fornecer respostas adequadas a estas perguntas.

Em segundo lugar, atenção especial deve ser dada ao documento da organização ou constituição da igreja. Deve ser suficientemente simples para permitir flexibilidade e iniciativa na vida eclesial, suficientemente abrangente para fornecer uma base comum para a atuação, e suficientemente autóctone para garantir a tomada eficaz de decisões e o funcionamento sem atritos na congregação. Se, conforme sugerimos, os implantadores da igreja oferecem um modelo de um documento da constituição da congregação, deve incluir informações acerca dos seguintes:

- (1) Propósito e alvos
- (2) Deveres dos líderes
- (3) As qualidades dos líderes e os métodos de elegê-los
- (4) O processo da tomada de decisões
- (5) Padrões para a afiliação
- (6) Padrões da fé
- (7) Padrões do comportamento
- (8) Questões da disciplina
- (9) Questões das finanças
- (10) O domínio dos imóveis
- (11) Itens exigidos pelo governo local

## Mantendo a Disciplina Bíblica

A igreja que é relaxada na disciplina depois da sua formação terá grande dificuldade em reaver um nível bíblico de disciplina mais tarde. É imperativo que os líderes e os membros da nova congregação apliquem princípios constitucionais e bíblicos de disciplina desde o próprio início. Este fato é verdadeiro no que diz respeito a dois grupos de pessoas: os que já são membros e os que pedem a afiliação no futuro. Os plantadores da igreja, portanto, devem resolver que encorajarão a nova congregação a lidar de modo decisivo e cristão com os desvios da fé e da prática bíblicas. E devem ajudar, na medida do possível, na preparação e no exame dos novos membros.

Um dos resultados da ênfase dada nas culturas ocidentais ao domínio da lei tem sido a tendência de ver a organização da igreja como algo separado da vida espiritual da igreja. As reuniões de negócios da igreja raramente são caracterizadas pela oração fervorosa e pela fraternidade calorosa. Frequentemente há falta de disciplina porque esta é considerada punitiva e não como meio de restaurar os irmãos errantes e de conservar a pureza da fé e do testemunho da igreja. Naturalmente, as culturas não-ocidentais também têm seus preconceitos e propensões embutidos. Os missionários-evangelistas podem escapar a estas arapucas culturais por meio de planejar conscientemente uma organização eclesiástica que é sensível à Escritura e *também* à cultura.

### NOTAS

1. Policarpo: "As Epístolas de Policarpo aos Filipenses," *Ante-Nicene Christian Library*, vol. 1 em *The Writings of the Apostolic Fathers* (Edimburgo: T. e T. Clark, 1867), págs. 72-73.
2. J. Oswald Sanders: *Spiritual Leadership* (Londres: Lakeland, 1967), pág. 19.
3. *Ibid.*, págs. 19-20.
4. Philip K. Bock: *Modern Cultural Anthropology – An Introduction*, 2a. edição (Nova York: Alfred A. Knopf, 1974), pág. 118.
5. *Ibid.*, pág. 117.
6. *Ibid.*, págs. 118-20.
7. *Ibid.*
8. Cf. Lawrence J. Peter: *The Peter Principle* (Nova York: Bantam Books, 1970), págs. 19-27.
9. Sanders: *Spiritual Leadership*, pág. 21.
10. Peter Beyerhaus e Henry Lefever: *The Responsible Church and the Foreign Mission* (Grand Rapids: Eerdmans, 1964), págs. 50-53.
11. Vergil Gerber: *Missions in Creative Tension* (South Pasadena, CA: William Carey Library, 1971), pág. 284.
12. Gene Getz: *Sharpening the Focus of the Church* (Chicago: Moody Press, 1974), págs. 105-08.
13. Donald McGavran: "Principles of Training Leaders for Growing Churches," uma preleção dada na Escola de Divindades Evangélicas "Trinity" em 16 de outubro de 1969.
14. A. H. Strong: *Systematic Theology* (Filadélfia: Judson Press, 1907), págs. 887-929.
15. Donald Lake: "Congregationalism: Does it Matter?" em *The Evangelical Beacon*, 16 de março de 1976, págs. 10-12.
16. Strong: *Systematic Theology*, págs. 892-93.
17. C. Northcote Parkinson: *In-Laws and Outlaws* (Boston: Houghton Mifflin Co., 1962), pág. 233.
18. Bayerhaus e Lefever: *Responsible Church*, págs. 112-13.
19. J. Robertson McQuilkin: "Whatever Happened to Church Discipline?" *Christianity Today*, vol. 18, Nº 13, 29 de março de 1974, págs. 8-12.
20. Ruth Benedict: *The Chrysanthemum and the Sword* (Boston: Houghton Mifflin Co., 1946).
21. Abraham Maslow: *Motivation and Personality*, 2a. ed. (Nova York: Harper and Row, 1970).
22. Dean Kelly: *Why Conservative Churches Are Growing* (Nova York: Harper and Row, 1972), págs. 20-31.

23. Ibid., págs. 20-31; e David J. Hesselgrave: *Dynamic Religious Movements* (Grand Rapids: Baker, 1978), págs. 309-09.
24. Roland Allen: *Missionary Methods — St. Paul's or Ours?* (Grand Rapids: Eerdmans, 1962), págs. 123-25.
25. Jacob Loewen: "Self Exposure: Bridge to Fellowship," *Practical Anthropology* 12 (1965), págs. 49-62.

# Os Crentes Recomendados

---

Se há algum assunto individual na evangelização para plantação de igrejas que não recebe atenção adequada na literatura, bem como no próprio planejamento para uma nova obra, é o da retirada do(s) obreiro(s) pioneiro(s). Não se quer dizer com isto que este tópico necessariamente exige uma literatura volumosa ou um estudo exaustivo. Mas a estratégia sadia para a plantação das igrejas transculturalmente *deve* incluir planos para a retirada e a nova alocação do(s) obreiro(s) pioneiro(s). Na maioria dos casos, é quase tão importante que os pioneiros saibam quando e como deixar uma obra nova, como que saibam quando e como empreendê-la no início.

## Objetivos

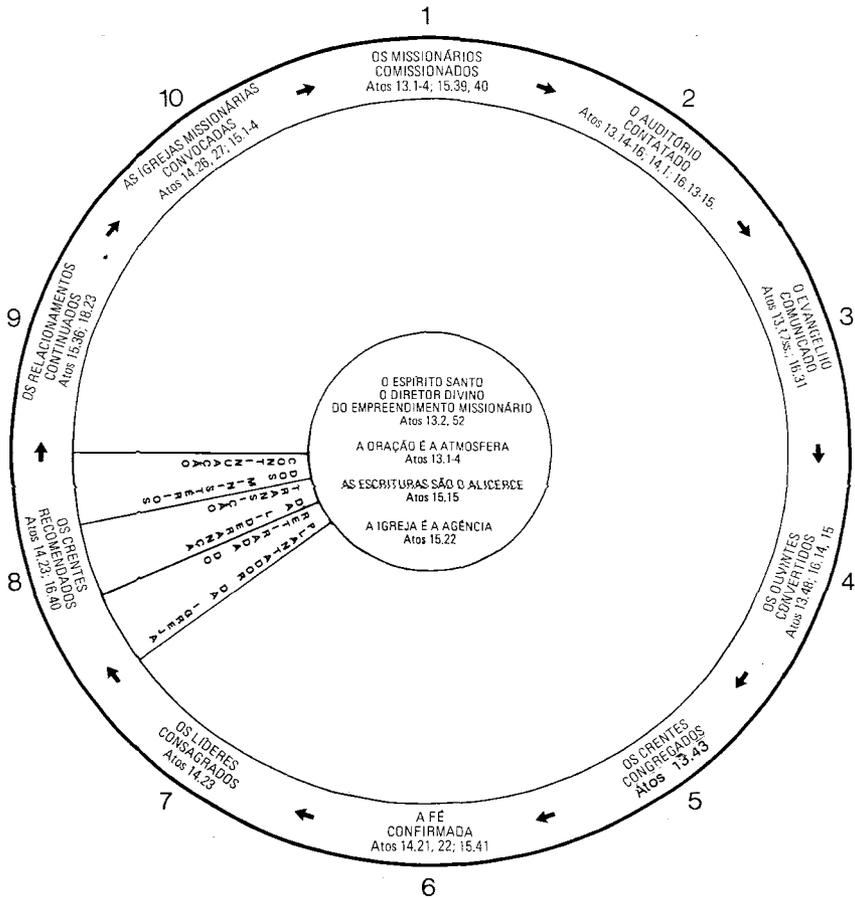
Tendo em mente o conceito supra, nossos objetivos para esta etapa devem ser:

- (1) Uma retirada amigável do(s) pioneiro(s) da congregação estabelecida na melhor ocasião possível (tão logo quanto praticável).
- (2) Uma transição ordeira da liderança pastoral na congregação.
- (3) Uma continuação (onde for possível) de ministérios eficazes que tenham sido empreendidos pelo(s) obreiro(s) pioneiro(s).

## Considerações Preliminares

A etapa do desenvolvimento com que agora nos preocupamos tem levantado muitos problemas para as missões nacionais e estrangeiras. Embora muitos

FIGURA 50  
"O CICLO PAULINO"



"... depois de orar com jejuns, os encomendaram ao Senhor em quem haviam crido" (At 14.23b).

dos problemas sejam semelhantes nos dois casos, alguns são exclusivos às missões estrangeiras.

### As Semelhanças nas Missões Nacionais e Estrangeiras

(1) Tanto nas missões nacionais quanto nas estrangeiras, freqüentemente nos tem faltado a sabedoria para preparar e alocar (e realocar) cuidadosamente missionários-evangelistas.

(2) Nos dois casos, a tentação de edificar nossos próprios “reinos pequenos” ao invés do “grande reino” de Cristo deve ser resistida.

(3) Nos dois casos um vínculo especial freqüentemente se desenvolve entre “líderes pioneiros” e “seguidores pioneiros.” Usualmente é difícil romper este vínculo. Planejar a separação com suas despedidas com lágrimas é psicologicamente semelhante a planejar seu próprio enterro!

(4) Nas duas situações, qualquer política eclesiástica determinada tem efeitos prejudiciais não intencionais, a não ser que sejam feitas compensações. O congregacionalismo, especialmente, pode resultar num longo período de procura agonizante de um novo pastor, a não ser que os procedimentos apropriados tenham sido deixados claros antes de surgir a ocasião.

### Os Problemas Exclusivos das Missões Estrangeiras

(1) Algumas das decisões mais difíceis para as missões transculturais ME-2 e ME-3 são aquelas que têm a ver com a transferência da autoridade das mãos da missão para a igreja nacional, e das mãos do missionário plantador da igreja para a igreja plantada com seus líderes. Os teóricos têm falado nas etapas do crescimento que levam para a independência. Henry Venn cunhou a frase “eutanasia da missão” para descrever este objetivo. Mas o problema persiste — e solucioná-lo apresenta um desafio à nossa teoria e *também* à nossa prática!

(2) Um problema correlacionado, em que o desempenho das missões estrangeiras é irregular, na melhor das hipóteses, é aquele da continuação dos ministérios iniciados por missionários, especialmente os ministérios institucionais “secundários.” É compreensível que o problema tenha surgido, mas poderia ser aliviado, senão erradicado.

(3) Finalmente, há a questão da perda do apoio financeiro da sede de origem do missionário-evangelista — quer seja os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a Alemanha, quer seja outro lugar. A igreja que acaba de receber a sua independência deve continuar sem as ajudas financeiras e materiais que o missionário-evangelista tinha fornecido. O problema é grandemente complicado se uma instituição tal como uma clínica ou uma escola estava estreitamente relacionada com a igreja durante o período da plantação da igreja.

## A Retirada do(s) Obreiro(s) Pioneiro(s)

### Princípios e Precedentes Bíblicos

#### *À Sucessão da Liderança no Novo Testamento*

Há vários aspectos do ensino neotestamentário que demonstram que havia uma sucessão de liderança no Novo Testamento:

- (1) A preocupação de líderes para continuarem a obra.
- (2) O simbolismo da imposição das mãos (e.g., At 13.3).
- (3) Os tipos de dons especiais que o Cristo ressurreto dá à Sua Igreja – sendo que alguns são “pioneiros,” e outros são “consolidadores” (Ef 4.11-13).
- (4) As instruções dadas àqueles que estão na liderança (e.g., 2 Tm 2.2).

#### *A Natureza Temporária do Ministério de Paulo*

Já notamos que o ministério de Paulo era temporário, assim como era o ministério de certo número dos membros da sua equipe. Não era do tipo de ministério temporário que é confinado a um pouco de pregação simples e um convite às decisões. Resultava em igrejas. Mas uma vez que uma igreja nascera e fora estabelecida, o(s) obreiro(s) pioneiro(s) usualmente recomendavam os crentes à graça de Deus e partiam para outros campos de serviço (e.g., At 14.23; 16.4). Os pastores-mestres, então, tinham condições de assumir a liderança. Isto era importante para as igrejas. Seus membros não deviam tornar-se dependentes de um só líder (1 Co 3.4-7). Era importante para a missão também, que não devia ser abandonada porque uma igreja nascera.

### Pesquisas Relevantes

Eric Hoffer acredita que há uma sucessão de liderança nos movimentos em crescimento.<sup>1</sup> As qualidades do “homem de palavras,” do “fanático,” e do “homem de ação” de Hoffer talvez possam ser achadas no mesmo homem, mas mais frequentemente os homens que começam um movimento não são os mais qualificados para levá-lo através das etapas sucessivas do desenvolvimento. Um estudo dos movimentos religiosos em rápido crescimento revela que há mesmo vários tipos de liderança e que crises de liderança realmente ocorrem com a passagem do tempo.<sup>2</sup> Sendo assim, Cristo deu vários tipos de líderes à Sua Igreja. Os dons diferentes são necessários à medida em que a igreja local nasce e amadurece.

## Reflexões Práticas

Já veio a hora de questionar seriamente nossa prática usual de encorajar os pioneiros missionários-evangelistas bem-sucedidos a aceitar os púlpitos ou posições administrativas de maior prestígio na missão, ao invés de encorajá-los a simplesmente avançarem para novas situações pioneiras. Se Cristo abençoou Sua Igreja com homens e mulheres que têm dons para começarem novas congregações, não seria melhor para eles, para as igrejas, e para os campos não-ocupados se fossem encorajados e sustentados num ministério de plantação de novas igrejas?

### A Transição na Liderança Cristã

#### Princípios e Precedentes Bíblicos

##### *A Nomeação de Pedro e Paulo por Cristo*

Talvez tanto os católicos quanto os protestantes sejam culpados de negligenciarem parte do quadro ao retratarem a liderança na igreja apostólica. Pedro e Paulo *igualmente* foram designados como líderes na transição da liderança de Cristo para Seus apóstolos. Em Cesaréia de Filipe, Cristo deixou claro que Pedro desempenharia um papel de liderança na edificação da Sua Igreja (Mt 16.18, 19). Que Pedro cumpriu sua responsabilidade fica claro quando consideramos o papel-chave que ele desempenhou ao agir como porta-voz dos discípulos no dia do Pentecoste (At 2.14-40), ao abrir a porta da fé aos gentios (At 10), e ao falar abertamente na conferência de Jerusalém (At 15.7-11).

Cristo também deixou claro que Paulo desempenharia um papel de liderança na *continuação e expansão da Igreja* (At 9.1-22, especialmente w. 15, 16). Que Paulo compreendia e exercia a autoridade e a responsabilidade que lhe tinham sido dadas fica aparente no decurso de Atos e das suas Epístolas, especialmente em passagens tais como Gálatas 1.11-24 e Efésios 3.1-12.

A sabedoria e o poder sobrenaturais de Cristo e do Espírito Santo estão, naturalmente, aparentes nesta transição da autoridade de Cristo para Seus apóstolos e depois, para Sua Igreja. Do ponto de vista humano, dois aspectos absolutamente cruciais se destacam. Em primeiro lugar, o papel de liderança de Pedro foi proclamado por Cristo e aceito pelos demais apóstolos e pela igreja de Jerusalém. Em segundo lugar, a despeito de alguns mal-entendidos de pouca importância, Pedro e Paulo reconheciam que ambos haviam recebido lugares de liderança a serem exercidos *dentro das respectivas esferas de responsabilidade* (Gl 2.7-9).

### *A Confiança de Paulo nas Igrejas, nos seus Líderes, e na Graça de Deus*

Roland Allen tem uma compreensão muito significativa da confiança que Paulo tinha no Espírito Santo para dirigir as igrejas locais.<sup>3</sup> Como Anglo-Católico, Allen exagera na importância dos sacramentos. É possível que subestime a importância da sua doutrina. Mas sua ênfase na confiança de Paulo na orientação do Espírito para a congregação e seus líderes não é inapropriada. Paulo sabia que suas congregações novas seriam testadas. Mas não acreditava que sua presença física era crítica para o sucesso delas em tomar posição a favor da verdade e em avançar por Cristo. Sabia que uma das medidas do serviço fiel é o fruto que permanece (Jo 15.16). Confiante de que tinha sido fiel, e que Aquele que começara uma boa obra a completaria (Fp 1.6), podia sair de uma igreja depois de um tempo limitado e iniciar outra. Podia falar como se a obra *dele* tivesse sido feita (Rm 15.18-24), confiante de que os crentes nas igrejas estavam evangelizando suas vizinhanças (1 Ts 1.6-8). Sua confiança nas igrejas era igualada pela confiança que tinha nos seus cooperadores, sobre cujos ombros o manto da liderança haveria de cair. Tinha confiança de que compreendiam sua tarefa e a realizariam fielmente (Tt 1.5).

### **Pesquisas Relevantes**

A história das religiões fornece numerosas ilustrações da importância de uma transição ordeira da liderança dentro dos movimentos religiosos. É especialmente assim nos casos de fundadores (ou pioneiros) e seus discípulos.

Quando olhamos para a história do budismo, por exemplo, temos um exemplo clássico de quão importante a transição da liderança é realmente. O registro do budismo antigo não está inteiramente claro, mas o caso do budismo de Nichiren no Japão é muito instrutivo. Quando, no século XIII, morreu o profeta iconoclasta e nacionalista Nichiren, não designou qualquer dos seus discípulos como líder deles. A divisão e a discórdia foram os resultados que poderiam ter sido previstos. Quando, no século XX, o novo movimento leigo nichirenista chamado Soka Gakkai brotou rapidamente sob a liderança de Josei Toda, os observadores quase universalmente concordaram que feneceria quando este morresse. Não levaram em conta a previsão de Toda, no entanto. Toda tinha treinado um discípulo, Daisaku Ikeda, e já o tinha de prontidão nos bastidores. Na ocasião da morte de Toda em 1958, e depois de uma transição sem dificuldades da autoridade para um líder preparado, o movimento cresceu como nunca antes!

Os estudiosos da religião, no entanto, terão consciência de que o exemplo clássico é fornecido pelo islamismo. Porque Maomé morreu repentinamente, não tinha nomeado nenhum sucessor (califa). Foi deixado para seus seguidores resolver quem seria seu líder, e em que base este seria escolhido. As tensões e cismas resultantes têm empestado o islamismo durante treze séculos!

Algumas pessoas podem achar que estas ilustrações são um pouco forçadas. Afinal das contas, vêm de fora da tradição cristã e parecem muito removi-

das da igreja cristã local. Quanto mais se reflete sobre elas, no entanto, tanto mais se reconhece que os princípios envolvidos são universais. E tanto mais se dará valor a Cristo e a Pedro e a Paulo e aos missionários pioneiros no país e no estrangeiro!

## Reflexões Práticas

Quando se trata da transição da liderança na Igreja, há duas preocupações críticas:

(1) Os institutos e os seminários bíblicos precisam fornecer o treinamento para os tipos de liderança eclesial que as igrejas em crescimento requerem. (Não se menospreza com isto a importância dos líderes leigos). Exatamente neste aspecto a diferença entre o Ocidente e o Terceiro Mundo fica mais evidente. As instituições de treinamento no Ocidente preparam comparativamente poucos "pioneiros," com o resultado de que há poucos obreiros que estão adequadamente treinados para a plantação de novas igrejas. Muitas instituições cristãs de treinamento no Terceiro Mundo preparam evangelistas (no sentido estreito do termo) e comparativamente poucos "consolidadores," com o resultado que as igrejas fenecem por causa da falta de pastores-mestres adequadamente treinados. Estes desequilíbrios são facilmente explicados. No Ocidente, o enfoque educacional recai em centenas de igrejas que precisam ser pastoredas. No Terceiro Mundo, o enfoque educacional recai em milhares de áreas não alcançadas que precisam da evangelização. É fácil perder de vista o fato de que há milhares de comunidades sem igrejas no Ocidente e milhares de igrejas no Terceiro Mundo.

*Ilustração ME-3:* Os missionários e os líderes nacionais numa denominação de 30.000 membros na África Central foram despertados um pouco rudemente há alguns anos. Numerosas igrejas estavam sendo implantadas nas aldeias grandes e pequenas. Centenas de pessoas estavam fazendo confissão de fé e sendo batizadas. No meio do sucesso aparente, no entanto, persistia um grande problema, apesar dos esforços para solucioná-lo. Os membros estavam deixando as igrejas quase tão rapidamente quanto novos membros se afiliavam. As mudanças nos programas da igreja local e do pessoal da liderança tinham pouco ou nenhum efeito. Finalmente, o fator primário que contribuía para isto tornou-se aparente. A instituição para o treinamento dos obreiros cristãos estava preparando evangelistas, aqueles que sabiam reunir multidões, pregar o evangelho, ganhar os perdidos, e (nalguns casos) começar igrejas. Mas não estava treinando obreiros que sabiam dirigir a igreja, edificar os crentes na fé, e ministrar às famílias em tumulto. O currículo e as tarefas práticas passaram, então, a ser modificados. Foram oferecidos institutos para os que já estavam no ministério. Paulatinamente, as igrejas locais começaram a estabilizar-se. O crescimento, aparentemente, se tornou permanente.

(2) Os missionários-evangelistas e outros líderes nas igrejas novas precisam preparar-se a si mesmos e à congregação para uma transição na liderança pastoral. Nalgumas maneiras, esta transição está cheia das mesmas possibili-

dades para o bem ou para o mal, quanto qualquer mudança na liderança pastoral. Afinal de contas, os missionários-evangelistas plantadores de igrejas bem-sucedidos devem realizar a obra de um pastor, e os pastores bem-sucedidos devem realizar a obra de um evangelista. Esta primeira transição tem a probabilidade de ser a mais crítica, no entanto.

## A Continuação dos Ministérios

### Princípios e Precedentes Bíblicos

A confiança de Paulo não era em vão. Às vezes, membros da sua equipe eram conclamados a continuar os ministérios nas áreas evangelizadas (Tt 1.5). Em todas as ocasiões, os líderes e os leigos nas igrejas locais eram conclamados a comunicar o evangelho e estender a obra nas suas respectivas áreas (Fp 2.15, 16). *Mas os cristãos não são perfeitos. Alguns líderes caíram à beira do caminho* (2 Tm 4.10); alguns crentes sucumbiram à tentação (1 Co 10.12); e algumas das igrejas periclitararam (Gl 3.1). Paulo sabia disto. Mesmo assim, expressava confiança nos crentes (Gl 5.10), e ele, com os membros da sua equipe, avançava pressurosamente para ganhar convertidos e estabelecer congregações.

### Pesquisas Relevantes

Boa parte das pesquisas e da literatura resultante que dizem respeito à continuação dos ministérios iniciados pelos obreiros pioneiros tem a ver com as missões estrangeiras. Além disto, a maior parte da matéria tem a ver com áreas geográficas bastante extensas e com uma grande variedade de ministérios. Apesar disto, as conclusões são instrutivas ao serem aplicadas nas situações locais na pátria e não somente no estrangeiro.

O missionário ocidental, tão bem-vindo em tantos lugares nos tempos após a Segunda Guerra Mundial, passou a ser menos bem-vindo no fim da década de 1950 e no começo da década de 1960. Na realidade, em 1964 dois livros: *The Unpopular Missionary*<sup>4</sup> e *Missionary Go Home*,<sup>5</sup> serviram para focalizar a atenção às petições de alguns nacionais e expatriados no sentido de interromper a obra dos missionários e trazê-los de volta para casa. Os líderes e os conclaves eclesiásticos pediam uma moratória nas missões em certas áreas do mundo. Esta inversão da chamada missionária indubitavelmente teve seu efeito. As revoluções, abortivas e bem-sucedidas, tiveram um efeito ainda maior. Seja qual for a razão, os missionários eram dissuadidos de entrarem nalguns países, e acharam impossível permanecer noutros.

Seja qual for a legitimidade que a petição para a retirada tenha tido **(quando os pioneiros ficam além do prazo, é certamente legítimo pedir que parem para outros lugares!),** os resultados de uma descontinuação não-estra-

tégica dos ministérios dos missionários eram de se prever. Já em 1970, Arden Almquist reuniu dados que o motivaram a escrever: *Missionary, Come Back*.<sup>6</sup> Notou as petições generalizadas dos líderes e dos leigos em Zaire para os missionários voltarem e retomarem os ministérios que se tinham deteriorado ou entrado em colapso na ausência deles. Almquist insistiu que as petições não eram limitadas à África nem aos ministérios médicos e educacionais. Citou, por exemplo, as igrejas na Indonésia. E aquilo que disse com referência especial à Indonésia é muito relevante para todos nós.

A liderança cristã nacional reconhece que, a não ser que seja obtida ajuda dos cristãos no estrangeiro, e isto dentro em breve, boa parte da ceifa pode ser perdida pela reversão ao passado, ou às seitas quase-cristãs. Onde quer que haja ovelhas sem pastores, ouve-se o clamor: "Missionário, Volte!" E onde há pastores cujos rebanhos são grandes demais para serem adequadamente pastoreados e refrigerados, o mesmo clamor é ouvido.<sup>7</sup>

O que importa é o *ministério*. Os homens vêm e se vão. O ministério é algo que continua. É tentador ficar de pé em salões de preleções e fazer pronunciamentos. Mas a história destes últimos vinte anos serve para lembrar-nos que, em última análise, o que importa é estar fora nos campos onde os homens e as mulheres sentem dor e onde há ministérios para serem realizados.

## Reflexões Práticas

As lições do Novo Testamento e da história das igrejas e das missões são simples e inequívocas. O ministério de qualquer igreja local ou missão sofrerá grandemente se a retirada de obreiros chegar cedo demais ou tarde demais. O bastão deve ser passado para o corredor seguinte. Quando o pioneiro deixa a corrida sem passar adiante o bastão, parte cedo demais. Quando continua a segurar o bastão até que tenha esgotado seu tempo e seus recursos, talvez seja tarde demais.

*Ilustração ME-3:* Duas igrejas foram iniciadas por missionários plantadores de igrejas na mesma cidade asiática. Chamaremos as igrejas de "A" e "B." O missionário que começou a Igreja "A" tinha dons especiais. Os cultos estavam superlotados, as almas eram salvas, e a igreja florescia. Realmente, os líderes missionários indicavam a Igreja "A" para demonstrar o que poderia ser realizado por um estrangeiro esforçado numa área relativamente resistente. Os meses e os anos se passaram rapidamente. Pouco antes da época do missionário tirar uma longa licença na sua pátria, foi feita uma busca frenética por um nacional ou um missionário que pudesse continuar a obra. Antes de um substituto ser achado, o missionário partiu para os Estados Unidos. As semanas se passaram. Diminuiu a freqüência na Igreja "A". Finalmente, chegou um novo obreiro na igreja. Mas com dons menores e diferentes, achou impossível continuar o programa variado inaugurado por seu antecessor. A igreja feneceu. Depois dalguns poucos anos de luta foi dissolvida.

A história da Igreja "B" é inteiramente diferente. Com dons menores mas com mais previsão, seu missionário fundador dependia muito mais dos seus leigos e leigas. Depois de um tempo relativamente curto, encorajou a igreja a procurar um obreiro nacional que pudesse futuramente passar a dirigir a obra. Quando veio a época da licença na pátria, o ministério da Igreja "B" estava nas mãos deste obreiro nacional e dos leigos qualificados. A transição foi feita sem problemas. Hoje, cerca de vinte e cinco anos mais tarde, a Igreja "B" está florescendo com um ministério que atinge muito além da sua própria comunidade, outras partes do país, e além das fronteiras.

Esta "história de duas igrejas" indubitavelmente tem sido duplicada em numerosos lugares. Há exemplos incontáveis de monumentos, de um lado, à falta de previsão dos servos de Deus e, do outro lado, à sua previsão e sabedoria. Repetimos: os homens com uma missão vêm e se vão. As igrejas e seus ministérios passam a ter vida porque eles vêm. As igrejas e seus ministérios podem sobreviver por muito tempo, o que depende de quando e como se vão.

### **A Elaboração do Plano Mestre**

O ministério do missionário-evangelista é temporário em qualquer localidade. Naturalmente, nem todas as igrejas são iniciadas sob a liderança dos especialistas. Mais delas, porém, poderiam e provavelmente deveriam ser assim iniciadas. E mesmo quando isso não ocorre, permanece o problema básico da transição da liderança, embora, naturalmente, o processo seja um pouco diferente de uma personalidade para outra, de um lugar para outro, e de uma cultura para outra.

Passaremos a indicar, em primeiro lugar, os itens principais a serem considerados ao elaborar um plano mestre para o processo da retirada-transição-continuação, e então daremos um Cronograma composto para a Transição da Liderança (veja a Figura 51).

### **A Retirada do Obreiro Pioneiro**

Os planos para a retirada do obreiro pioneiro acarretam dois aspectos básicos:

#### *A Preparação da Igreja Local*

Os líderes e os membros da igreja local recém-formada não devem ser escolhidos de surpresa diante da retirada do missionário-evangelista. Devem estar teológica, psicológica e praticamente preparados para sua retirada. Senão, o resultado poderá ser a decepção e até mesmo a amargura.

**FIGURA 51**

**Cronograma da Transição da Liderança**

**A. Seqüência Cronológica para a Transição da Liderança**

1. Data planejada para a realocação do obreiro pioneiro \_\_\_\_\_
2. Data planejada para a vinda de um novo pastor \_\_\_\_\_
3. Data planejada para a iniciação dos "Passos para o Provimento da Nova Liderança Pastoral" (veja abaixo) \_\_\_\_\_

**B. Planos para o Sustento da Nova Liderança Pastoral**

1. Fonte(s) de apoio financeiro \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_
2. Provisão orçamentária na igreja local \_\_\_\_\_
3. Cronograma da redução dos subsídios (se houver subsídios) \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**C. Passos para o Provimento de Nova Liderança Pastoral**

1. Preparação de uma descrição da tarefa (Data) \_\_\_\_\_
2. Recomendações solicitadas (Data) \_\_\_\_\_
3. Currículos solicitados e examinados (Data) \_\_\_\_\_
4. Encontro entre o candidato, a diretoria e a congregação da igreja (Data) \_\_\_\_\_
5. Convite Feito (Data) \_\_\_\_\_

**D. Itens a serem Considerados na Preparação e Instrução da Congregação**

1. Instrução acerca do papel bíblico do pastor na igreja.  
 Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_
2. Instrução acerca das atitudes e responsabilidades bíblicas para com o pastor.  
 Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_
3. Preparação da congregação por meio de introduzir variações apropriadas no programa eclesial. (Isto é especialmente importante se e quando a identidade, o estilo ministerial, e as aspirações do pastor vindouro se tornam conhecidos).  
 Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

**E. Planejamento para a Continuidade dos Ministérios**

Ministérios que atualmente dependem do missionário-evangelista para liderança ou perfi-  
 cia:

Ministério	A:	B:	C:
1. Nome do novo líder			
2. Data de assumir responsabili- de parcial			
3. Data de assumir responsabili- de integral			

### *A Realocação do Missionário-Evangelista*

A realocação do obreiro cristão talvez não seja menos difícil para ele e sua família do que é para a família da igreja. Dependendo do período de tempo passado na área-alvo, o envolvimento dos membros da família, a disponibilidade de moradias e serviços, e assim por diante, a mudança pode ser extremamente difícil para os Paulos da atualidade! A compreensão prévia acerca de quando e como decisões acerca da retirada e da realocação serão feitas, contribuirão em muito para aliviar o problema. A mobilidade da força missionária-evangelista deve ser mantida se é que a extensão missionária há de ser continuada.

### **A Transição da Liderança**

As circunstâncias diferem grandemente entre si. Nas situações ME-1 onde o plantador da igreja não continua como pastor, seu ministério findará antes do ministério do novo pastor começar. Em muitas situações ME-3, um jovem pastor aspirante cooperará com o plantador da igreja por algum tempo antes deste último retirar-se. Sejam quais forem as circunstâncias, há dois aspectos da transição da liderança que merecem consideração:

### *A Utilização da Liderança Leiga*

Bem-aventurada é a igreja local cujos líderes realmente tiveram experiência em ministrar a Palavra e na administração da igreja. Essa igreja estará muito melhor preparada para enfrentar qualquer eventualidade que possa acompanhar a transição da liderança missionária para a liderança pastoral.

### *Preparando o Caminho para o Novo Pastor*

Deliberadamente, o plantador da igreja pode fazer muita coisa para garantir a aceitação e o apoio do novo líder. Ao ensinar atitudes bíblicas para com os que ministram a Palavra, ao ajustar o orçamento da igreja de tal maneira que o sustento pastoral estará disponível, ao introduzir flexibilidade no programa, ao demonstrar pessoalmente o que significa "submeter-se uns aos outros no temor do Senhor" — por estes e outros meios o caminho pode ser preparado para o novo pastor.

Uma palavra de cautela é apropriada aqui. Estas questões são cruciais, e, portanto, merecem planejamento cuidadoso. Se, por exemplo, o plantador da igreja tem sustento externo, talvez uma obrigação correspondente com as missões locais deva fazer parte do orçamento da igreja até a chegada do novo pastor. Desta maneira, o choque de acrescentar este novo item ao orçamento pode ser evitado. Se o sustento do novo pastor será parcialmente subsidiado, os planos devem ser feitos para que o auxílio venha para a igreja (não diretamen-

te ao pastor) de modo que a responsabilidade diante da congregação seja mantida. Mesmo antes do novo pastor ser chamado, deve-se dar consideração a preparar experimentalmente a congregação para novas formas no culto de adoração. Desta maneira, a congregação poderá ajustar-se a quaisquer novas idéias que ele tenha, bem como os modos que talvez tenha de fazer as coisas.

## A Continuação dos Ministérios

### *Ministérios Primários*

Se os líderes e os membros comuns da nova comunhão eclesial já estavam ativos com o missionário-evangelista nos ministérios de discipular, tais ministérios provavelmente continuarão sob a nova liderança. A continuação não deve ser tomada por certa, no entanto. Sempre que possível, planos devem ser feitos para orientar o pastor que está para chegar, de modo direto ou indireto.

### *Ministérios de Apoio*

Planos para iniciar ministérios secundários devem incluir sua eventual transferência para a liderança local. Nas situações ME-2 e ME-3 esta talvez seja a maior corrida: manter os missionários-evangelistas envolvidos nos ministérios básicos e manter uma força missionária móvel.

Não é uma tarefa fácil entregar os resultados espirituais de meses (e talvez anos) de ministério abnegado e dedicado aos cuidados doutra pessoa. Diante de semelhante transição, é de se esperar que haja ansiedade. O novo líder realmente se importará com o rebanho de Deus? A congregação o aceitará? A igreja continuará a crescer? Estas perguntas, e muitas outras, ocorrem ao missionário-evangelista. Em certo sentido, devem ter ocorrido ao Senhor Jesus. Certamente ocorreram ao apóstolo Paulo quando, uma vez após outra, deixava congregações novas exatamente quando se tornara mais consciente das suas fortalezas e fraquezas e, de certas maneiras, se tornara melhor preparado para levá-las à plena maturidade em Cristo.

Como esta ansiedade pode ser resolvida? O que capacitará o missionário-evangelista a passar adiante de acordo com a sua vocação? Em última análise, não será a fortaleza espiritual da congregação, embora muitos dos seus membros talvez tenham feito muito progresso no seu andar com o Senhor. Nem serão os dons e a dedicação do pastor-eleito, por mais encorajadora que seja sua reputação. Em última análise, o obreiro pioneiro faz confiantemente os seus planos e acaba passando para outro lugar porque crê na graça de Deus e no poder do Seu Espírito. Depois de fazer o que pode, recomenda a congregação a Deus e parte.

## NOTAS

1. Eric Hoffer: *The True Believer: Thoughts on the Nature of Mass Movements* (Nova York: New American Library of World Literature, 1958), pág. 120.
2. David J. Hesselgrave: "Nichiren Shoshu Soka Gakkai," em *Dynamic Religious Movements: Case Studies in Rapidly Growing Movements Around the World*, ed. David J. Hesselgrave (Grand Rapids: Baker, 1978), págs. 135-38.
3. Roland Allen: *The Spontaneous Expansion of the Church* (Grand Rapids: Eerdmans, 1962).
4. Ralph E. Dodge: *The Unpopular Missionary* (Westwood, NJ: Fleming H. Revell, 1964).
5. James Scherer: *Missionary, Go Home* (Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1964).
6. Arden Almquist: *Missionary, Come Back* (Cleveland: World Publishing Co., 1970).
7. *Ibid.*, pág. 58.

# Os Relacionamentos Continuados

---

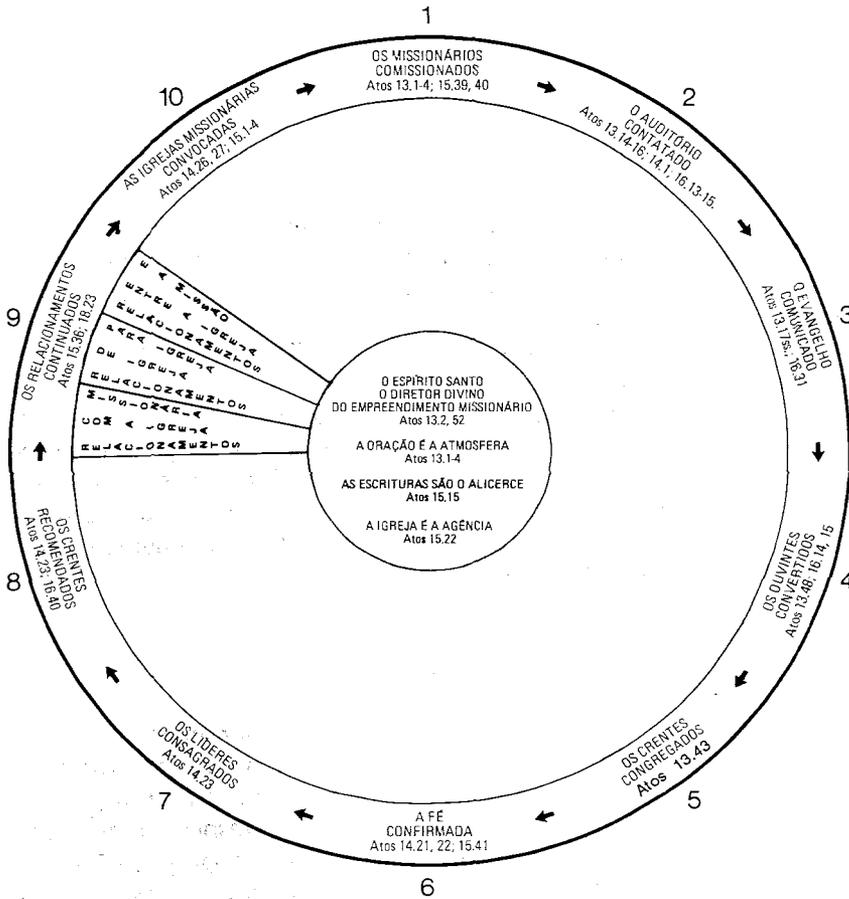
“Deus vos guarde... até nos encontrarmos com Jesus” é freqüentemente interpretado no sentido de que não nos encontraremos outra vez até nos encontrarmos no céu. Na realidade, a maioria dos plantadores das igrejas tem certo número de oportunidades de encontrar suas congregações de novo antes de serem promovidos para ocupar seu assento na Igreja Triunfante! Paulo as teve. E como ele e as congregações acalentassem a perspectiva de tais reuniões!

Mas as relações humanas estão carregadas com todos os tipos de possibilidades para o bem e para o mal. Assim era naquela época. Assim é também hoje. Feliz é o pioneiro, portanto, que pensou em todas as questões, e que deita alicerces sólidos para os relacionamentos futuros com a nova congregação. Feliz é o pioneiro, e feliz é a congregação, que edificam relacionamentos duradouros e mutuamente benéficos sobre esse alicerce!

## Objetivos

Mais cedo ou mais tarde, com poucas exceções, a congregação será forçada a lidar com as questões da continuação dos relacionamentos horizontais. Estes relacionamentos serão de três tipos: com os obreiros de saída (especialmente aquele que estabeleceu a igreja); com outras igrejas (especialmente com a comunhão da igreja ou a denominação que patrocinou a igreja); e com a missão (especialmente com a missão do obreiro pioneiro que está de saída). Se padrões sadios de relacionamentos com a denominação eclesiástica e com a missão eclesiástica forem iniciados antes da despedida do missionário-evangelista pioneiro, a congregação terá condições muito melhores para enfrentar quaisquer dificuldades que porventura decorram da sua ida. Se os líderes da congregação e o pioneiro se assentarem juntos para orar e para discutir quais devem ser seus relacio-

FIGURA 52  
"O CICLO PAULINO"



namentos futuros, a congregação terá ainda maiores benefícios. Com isto em mente, exploraremos as questões em pauta e nos esforçaremos em prol dos seguintes objetivos:

- (1) Estabelecer entre o missionário-evangelista fundador e a igreja fundada um relacionamento contínuo que será espiritualmente estimulador e mutuamente proveitoso.
- (2) Estabelecer entre a igreja fundada e a comunhão das igrejas, ou a denominação, um relacionamento contínuo que fortalecerá seu testemunho diante do mundo e aumentará o crescimento espiritual e numérico de ambas.
- (3) Estabelecer entre a igreja fundada e a missão fundadora um relacionamento contínuo que promoverá a missão mundial da Igreja de Cristo.

Os problemas desorientadores e contínuos que acompanham estes três tipos de relacionamentos refletem o fato de que a Bíblia não fala decisivamente acerca dos pormenores destes relacionamentos. É provavelmente verdade, também, que não prestamos atenção cuidadosa àquilo que a Bíblia tem para dizer. Quando acrescentamos a relutância generalizada de muitos obreiros cristãos de tratar destas questões até que sejam forçados a isto, não deve ser uma surpresa para nós que tenhamos problemas nestes relacionamentos.

## O Relacionamento entre o Missionário Fundador e a Igreja Fundada

### Princípios e Precedentes Bíblicos

O relacionamento que existia entre Paulo e as igrejas era manifestamente espiritual. Mesmo no caso do grande apóstolo, o relacionamento não podia ser caracterizado como de "domínio" (2 Co 1.24). É melhor resumido na importante palavra *koinônia* (Fp 1.5). *Koinônia* é usualmente traduzida "comunhão", mas poderia ser justificavelmente traduzida "participação conjunta" ou "sociedade" (entre outras possibilidades).

O Novo Testamento dá indicações claras daquilo que estava envolvido na *koinônia* verdadeira. Podemos citar, por exemplo, as palavras de João acerca do seu relacionamento com Diótrefes e a igreja de que era membro (3 João 9, 10); as palavras de Pedro aos presbíteros (1 Pe 5.1-4); e, especialmente, as descrições pormenorizadas que Paulo fez da sua interação com as igrejas que fundou. Das cartas de Paulo podemos deduzir os elementos principais na *koinônia*:

- (1) O apóstolo sentia uma responsabilidade pelo contínuo bem-estar (especialmente o bem-estar espiritual) das igrejas e dos crentes dos quais era pai na fé. Todas as Cartas Paulinas dão testemunho disto. Paulo não lavou as mãos quanto aos cristãos de Corinto às vezes impuros, uma vez que se tinham despedido mutuamente. Não considerava perda total as igrejas na Galácia porque alguns dos crentes dali tinham sido iludidos pelos judaizantes. Pelo contrário, ti-

nha uma preocupação espiritual genuína e permanente pelas igrejas novas e seus membros. Tanto era assim, que escreveu: "há o que pesa sobre mim diariamente, a preocupação com todas as igrejas" (2 Co 11.28).

(2) Esperava-se das igrejas fundadas que dessem atenção especial às palavras faladas pelo apóstolo, e ao exemplo dado por ele, exatamente porque ele fora pai delas na fé. Escute as palavras de Paulo em 1 Coríntios 4.15, 16: "Porque ainda que tivésseis milhares de preceptores em Cristo, não teríeis, contudo, muitos pais; pois eu pelo evangelho vos gerei em Cristo Jesus. Admoestovos, portanto, a que sejais meus imitadores". (Cf. também Fp 2.1, 2 nesta conexão).

(3) As igrejas fundadas participavam com Paulo no seu ministério através das orações, das dádivas, e dos ajudantes que enviavam (Fp 2.25; 4.14-16; Cl 4.3). Note, porém, que embora o apóstolo apreciasse grandemente alguns tipos de cooperação, e até mesmo os solicitasse, não os exigia de modo algum, e nem sempre os recebia (Fp 4.15).

Este panorama simples não fornece respostas claras a muitas perguntas contemporâneas. A posição de Paulo como apóstolo especial introduz nestes casos um fator sem igual. Obviamente, Paulo (e João e Pedro) possuía uma autoridade que os líderes eclesiais não possuem hoje. Bem à parte dessa autoridade, no entanto, parece evidente que a *koinônia* envolvia a solicitude, o respeito, e a obrigação recíproca entre o apóstolo e as igrejas que fundou, relacionamento este que ia além de um aperto de mãos e de uma despedida. Acarretava uma solicitude permanente, um pelo outro, e tudo pela causa cristã.

### Pesquisas Relevantes

Considerando o individualismo, os sistemas de parentesco e de valores, e a mobilidade de muitas sociedades ocidentais, é compreensível que os relacionamentos de professor para aluno, de amigo para amigo, e até de pai para filho, sejam consideravelmente diferentes do que são em boa parte do restante do mundo, e também que os sistemas de reciprocidade sejam menos exigentes. Os chineses ainda vivem de acordo com as obrigações embutidas nos "cinco relacionamentos" de Confúcio. Os filipinos consideram *utang na loob* (as obrigações) extremamente importantes. Os japoneses têm uma intrincada rede de obrigações.

É difícil descrever as atitudes e os sentimentos que acompanham estas obrigações. Estão profundamente arraigados e se estendem muito além do tempo em que são fáceis de cumprir. É necessário experimentá-los em cada sociedade a fim de realmente compreendê-los. Mesmo assim, o sentimento *básico* é algo que todos nós conhecemos bem.

É verdade que as obrigações de vários tipos impedem muitas pessoas nas culturas acima citadas de se tornarem cristãs. Este é o lado escuro do quadro. Mas também é verdade que a adesão às regras que governam estes relacionamentos contribui para a estabilidade e as qualidades de confiança que a Igreja e seus líderes fariam bem em imitar e demonstrar na prática.

## Reflexões Práticas

Ao se separarem, os fundadores das igrejas novas e as próprias igrejas devem andar na corda bamba entre dois extremos. O primeiro é a tendência da parte de alguns missionários-evangelistas de manter vínculos tão estreitos com a igreja (ou com os amigos na igreja) que prejudicam as prerrogativas do novo líder. Há a tendência paralela para algumas igrejas permanecerem emocional e espiritualmente dependentes do missionário-evangelista fundador a tal ponto que o novo líder fica desencorajado.

O outro extremo é a tendência de muitos missionários-evangelistas e de suas igrejas de separar-se e praticamente esquecer-se mutuamente. Depois das primeiras poucas semanas, ou até meses, a comunicação é mínima, há pouca oração uns pelos outros, e a solicitude mútua é reduzida ao mínimo.

O primeiro extremo (laços estreitos demais) é mais característico das igrejas no Terceiro Mundo. O segundo extremo (laços rompidos) é mais característico das igrejas no Ocidente. Mas os dois extremos podem ser vistos no Oriente e no Ocidente. Como seria melhor se, em cada cultura, procurássemos tirar uma média entre os extremos! Antes da separação, o obreiro pioneiro e os líderes locais devem discutir de modo breve seu futuro relacionamento. Não é que precise ser programado. Isso subverteria o prazer de uma saudação espontânea para um dia de festas, um convite para uma reunião de aniversário, ou de uma oferta para um ministério especial. Mas, evitando os extremos, que haja uma *koinônia* dentro de algumas diretrizes básicas.

## A Igreja Fundada e Seus Relacionamentos com Outras Igrejas

### Princípios e Precedentes Bíblicos

A questão do relacionamento entre as igrejas do Novo Testamento coloca diante de nós numerosas perguntas não-respondidas. Quando as Epístolas foram escritas, os relacionamentos entre as igrejas estavam numa etapa inicial de desenvolvimento. Quando, nos séculos II e III, esse desenvolvimento se tornava muito mais formalizado e completo, não era necessariamente mais exemplar. Podemos, pois, fazer o que bem entendemos? Certamente que não, porque, por mais básicos e simples que pareçam ser, há princípios e precedentes bíblicos, e se constituem em indicação clara de que, assim como os crentes devem relacionar-se uns com os outros nas igrejas locais, assim também as igrejas locais devem relacionar-se uma com as outras numa comunhão maior que reflete a Igreja Universal.

### *A Base Espiritual da Comunhão Entre as Igrejas*

Fica patentemente claro que quando nosso Senhor disse: "Edificarei a Minha igreja" (Mt 16.18), e quando orou: "a fim de que todos sejam um"

(Jo 17.21), Ele tinha *uma só* Igreja em mente. É tragicamente verdade que Seus edificadores tendem a interpretar erroneamente e negligenciar este ensino bíblico claro. Veja, por exemplo, a interpretação comum de 1 Coríntios 3.16: “Não sabeis que sois santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?” A maioria dos cristãos, sem sequer pensarem duas vezes, interpreta isto no sentido de que os cristãos individuais são templos de Deus. Alguns realmente interpretam “santuário de Deus” no sentido da igreja em Corinto. Mas note o que Henry Alford diz acerca desta passagem:

Meyer observa com razão que “*naos Theou* é o templo de Deus, não *um* templo de Deus: porque Paulo não concebe... dos *vários templos* de Deus, que seria inconsistente com o conceito judaico do templo de Deus, mas de cada igreja cristã como, *no sentido místico, o templo de Javé*. Sendo assim, não haveria muitos templos, mas muitas igrejas, cada uma das quais é, idealmente, o mesmo templo de Deus.” E podemos acrescentar, para a figura ser rigorosamente justificada na sua aceitação mais ampla, que todas as igrejas são edificadas juntas num só vasto templo.<sup>1</sup>

O fato de que a ênfase bíblica numa só Igreja tem sido usada para promover a causa da unidade organizacional às expensas doutras verdades não justifica nosso desrespeito a esta verdade e às suas implicações.

### *Paulo e os Relacionamentos entre as Igrejas*

Dentro dos limites daquilo que sabemos, Paulo não organizava as igrejas locais, que fundava, em organizações eclesiais regionais. Apesar disto, aquelas igrejas locais não eram abandonadas. Eram vinculadas em dois tipos de relacionamentos.

Em primeiro lugar, havia um relacionamento de *autoridade*. Em virtude da presença dos apóstolos, a igreja em Jerusalém tinha certas prerrogativas. Enviou Barnabé para averiguar aquilo que estava acontecendo na nova igreja de Antioquia (At 11.22-26). Barnabé continuou como mestre naquela igreja (At 13.1, 2). Paulo foi para Jerusalém para consultar com os apóstolos sobre a mensagem que pregava (Gl 1.18, 19). Quando foram levantadas questões em conexão com a conversão dos gentios, os missionários foram para a igreja de Jerusalém e submeteram o caso aos seus líderes (At 15, 1, 2).

Em segundo lugar, havia um relacionamento de *koinōnia* no corpo de Cristo. Os membros eram conclamados a assumir obrigações mútuas sobre si, como expressões apropriadas da sua unidade em Cristo (Gl 6.10). O Novo Testamento nota várias manifestações da sua estreita comunhão:

(1) As igrejas fundadas pelos apóstolos reconheciam que em Cristo tinham um vínculo mútuo umas com as outras — e especialmente com a igreja-mãe em Jerusalém (At 15.1, 2; Rm 15.26, 27).

(2) As igrejas enviavam regularmente saudações cristãs umas às outras (Rm 16.1-5; 1 Co 16.19, 20; Fp 4.23).

- (3) Cooperavam num projeto para fornecer dinheiro aos santos pobres na igreja de Jerusalém (Rm 15.26; 1 Co 16.1-3).
- (4) Enviavam representantes umas às outras (At 11.22, 23, 27; 15.1, 2; 1 Co 16.3, 4).
- (5) Sustentavam a labuta dos apóstolos noutras campos (Fp 4.15, 16).
- (6) Compartilhavam entre si as cartas dos apóstolos (Cl 4.16).
- (7) Encorajavam-se mutuamente por meio de demonstrar a fé na prática (2 Co 1.24; 9.2; 1 Ts 1.7-10; 2.14).
- (8) Cooperavam na causa comum da evangelização (1 Ts 1.8).

Fica evidente que as igrejas locais hoje não têm relacionamento com qualquer outra igreja exatamente da mesma maneira que aquelas igrejas do século I tinham relacionamento com a igreja de Jerusalém. As igrejas hoje não tem uma igreja-mãe naquele sentido. Mas as igrejas de hoje são igrejas autênticas somente até ao ponto em que evidenciam a sujeição à mesma autoridade apostólica ao aderirem à fé e à prática das Sagradas Escrituras. Esta fidelidade é o que as demarca como parte da Igreja Universal. Além disto, esta fidelidade levará à *koinônia* com outras igrejas sob a mesma autoridade — uma *koinônia* que achará expressão prática na cooperação nas boas obras e no alegre testemunho.

### Pesquisas Relevantes

Há pelo menos duas linhas de pesquisas que confirmam a importância da autoridade e participação supralocais.

Em primeiro lugar, movimentos religiosos dinâmicos e crescentes, de diversas culturas e orientações, tendem a ser decididamente hierárquicos na sua organização:

As três divisões de Caodai, a orientação tipo “apóstolo” da Nova Igreja Apostólica e do Mormonismo, a orientação tipo “profeta” do Sionismo e do Kimbanguismo, o sistema do presidente e da diretoria no Soka Gakkai, todos exibem padrões de autoridade que são ao mesmo tempo fixos e graduados. Às vezes a organização se estende bem até a níveis locais com uma eficiência e um caráter explícito que relembra a ordem militar (Iglesia ni Cristo, as Testemunhas de Jeová). Do outro lado, a nomenclatura usada pode parecer democrática e igualitária (Pentecostal Unida). Em qualquer caso, as organizações tendem a ser autoritárias. As linhas da autoridade raras vezes ficam inclaras ou olvidadas. Pode haver freios e equilíbrios, mas estes parecem operar somente nos níveis secundários e terciários da liderança. Os crentes sabem onde fica a autoridade verdadeira, e usualmente é lá em cima!<sup>2</sup>

Em segundo lugar, o estudo das igrejas nitidamente cristãs no Terceiro Mundo revela uma tendência semelhante. Num dos exames mais cuidadosos que já foi feito acerca do desenvolvimento de abordagens diferentes à plantação de igrejas, Peter Beyerhaus e Henry Lefever concluem:

Parece ser a experiência universal de todas as missões protestantes que o princípio congregacional não pode ser colocado em prática por si mesmo no campo missionário. Até mesmo os independentes, conforme vimos no caso de Anderson, acharam-se forçados a apelar, pelo menos temporariamente, a um sistema centralizado para garantir a estabilidade daquilo que tinham criado. Além disto, o episcopado tem forte atração em quase todos os campos missionários, mesmo quando o próprio termo não é usado, como, por exemplo, em Sumatra. Para o estudante das missões, isso lança novas luzes sobre os pronunciamentos neotestamentários acerca do problema da ordem eclesiástica.<sup>3</sup>

Devemos tomar o cuidado de não tirar a conclusão apressada de que a ordem eclesiástica episcopal, hierárquica é a ordem eclesiástica verdadeira porque, todas as demais coisas sendo iguais, promove a unificação da fé e da ação. Ao mesmo tempo, no entanto, não podemos aceitar um congregacionalismo que não faz nada mais do que encaixar-se nos ideais democráticos e igualitários ocidentais. Tudo quanto nós, como cristãos, podemos deduzir destes estudos é que a autoridade reconhecível fora do grupo local, e alguma medida de sujeição àquela autoridade, ou pelo menos cooperação com ela, parecem estar relacionadas com o funcionamento e crescimento eficazes.

### Reflexões Práticas

Os ocidentais (especialmente os norte-americanos) têm uma predisposição cultural para promover demasiada independência para as igrejas que estabelecem. Até mesmo quando suas igrejas realmente pertencem a uma comunhão maior de igrejas, a probabilidade dessas igrejas assumirem um papel ativo na comunhão maior não é sempre grande. Certos aspectos dos relacionamentos intereclesiais merecem, portanto, atenção especial pelo pessoal que planta as igrejas.

#### *A Importância da Comunhão Entre as Igrejas*

Não há substituto para o envolvimento ativo numa comunhão entre as igrejas. Em certas circunstâncias, os cristãos individuais devem sobreviver sem a edificação fornecida pela comunhão com outros cristãos. Usualmente, no entanto, serão muito mais pobres por causa deste isolamento. O mesmo se diz das congregações. Nada pode substituir a fé aprofundada, a visão aumentada, o sacrifício maior, e a expansão ressaltada que a participação em uma comunhão maior oferece.

As igrejas vinculadas a uma denominação específica terão, por causa disto, um sentimento de união e comunhão. No caso das igrejas com uma política congregacional e no caso de missões interdenominacionais, no entanto, a congregação local estará, em grande medida, dependente dos missionários-evangelistas e doutras lideranças para sua orientação. Se esta orientação não for ofereci-

da, uma destas três coisas tem a probabilidade de ocorrer finalmente. Em primeiro lugar, a congregação local pode ficar completamente isolada das demais congregações. Em segundo lugar, o grupo local pode dividir-se em facções com lealdades externas diferentes. Em terceiro lugar, a congregação pode afiliar-se a uma organização subortodoxa que oferece a comunhão e a unidade, mas às expensas da veracidade e da pureza.

*Ilustração ME-1-3:* Uma organização missionária bem conhecida que está ocupada na evangelização e no discipulado em derredor do mundo teve uma confrontação direta com este problema. Porque levanta fundos numa base interdenominacional, sente-se obrigada a não estabelecer nada que se assemelhasse a uma comunhão de igrejas ou uma denominação. Como consequência, novos grupos de crentes são deixados para solucionar seus inter-relacionamentos por conta própria, em grande medida. Algumas delas se reúnem em comunhões de igrejas independentes que abrangem áreas inteiras — uma denominação, em certas maneiras. Muitas outras já caíram em uma ou outra das três arapucas mencionada supra.

*Ilustração ME-3:* As Igrejas Evangélicas Livres no Japão, pequenas, mas com rápido crescimento, merecem um estudo cuidadoso. Conclamadas e orientadas para se formarem numa organização nacional viável desde o início, foram consideravelmente além da sua organização-matriz nos Estados Unidos na efetuação da cooperação e da comunhão. A partir desta cooperação surgiu um programa para iniciar novas congregações por meio de enviar pessoal e fornecer dinheiro para a “sementeira” (frequentemente dezenas de milhares de dólares) das congregações existentes. Isto usualmente é feito sem haver idéia alguma de o dinheiro vir a ser reembolsado, mas na esperança de que a nova congregação, depois de ter crescido suficientemente, participará do mesmo tipo de expansão missionária. Este tipo de generosidade e cooperação resultou num nível extremamente alto de mordomia per capita e de crescimento comparativamente rápido num país que muitas pessoas consideram resistente ao evangelho.

### *A Qualidade Única do Relacionamento Entre a Igreja Fundada e a Denominação ou Comunhão Fundadora*

Como Cabeça da Igreja, Cristo rege as igrejas. Fá-lo primariamente através da Palavra inspirada pelo Espírito Santo que deu aos profetas e apóstolos e através deles. Em última análise, cada congregação devidamente constituída é responsável diante de Deus em permanecer fiel à Sua Palavra. Não pode fugir a esta responsabilidade ao simplesmente anuir a uma denominação fundadora ou a uma igreja-mãe.

Do outro lado, não é demasiadamente forçado tomar por certo que se o indivíduo que é “pai” na fé dos crentes tem algumas prerrogativas especiais, a comunhão que é “mãe” de uma congregação tem algumas prerrogativas também. E o relacionamento resultante tem alguns benefícios muito relevantes. Não somente a igreja nova tem uma oportunidade já preparada para levar a efei-

to uma comunhão mais ampla no evangelho, como também desfruta da influência estabilizadora e do controle útil que semelhante relacionamento pode oferecer. Assim como os perigos da linha da praia são deixados para trás de um navio que se afasta, assim também as igrejas mais novas enfrentam dificuldades que diminuem à medida em que o progresso é feito. A igreja local tem muito menos probabilidade de debater-se perto da praia se conseguir vincular-se com a Igreja Universal através de uma denominação ou comunhão patrocinadora. Por esta razão, devem ser fornecidos reforços constitucionais e práticos para este tipo de relacionamento inicial e contínuo.

### Os Relacionamentos Entre as Igrejas e as Missões

Nos anos recentes uma das questões mais extensivamente discutidas nos círculos missionários tem sido a do relacionamento entre as missões e as igrejas que resultam das labutas daquelas. De um lado, há os que propõem uma fusão ou amálgama. Insistem que a *missão* é a responsabilidade da *Igreja*, que as missões não têm base para manter sua existência separada, e que o pessoal e as organizações das missões devem ser incorporados nas igrejas que estabelecem.<sup>4</sup>

Do outro lado, há os que propõem a separação. Insistem que um propósito primário para a organização das missões tem sido evangelizar o mundo e implantar igrejas novas; que se as missões fossem amalgamadas com as igrejas que estabelecem, este ministério será impedido ou abortado; e que as missões devem manter uma posição de sociedade igual com as igrejas a fim de levar a efeito a sua função apropriada.

Entre estas posições polares, todos os tipos de meios-termos têm sido propostos.

### Princípios e Precedentes Bíblicos

Até mesmo uma leitura superficial da Bíblia revela que Cristo ordenou a Igreja (e, portanto, as igrejas) e lhe deu uma missão. Que os apóstolos e as igrejas levaram a efeito a sua missão no século I fica igualmente claro. É impossível oferecer o mesmo tipo de argumento em prol das organizações missionárias. A equipe de Paulo oferece o paralelo neotestamentário mais próximo das agências missionárias modernas. Mas as diferenças entre a equipe de Paulo e as grandes missões interdenominacionais da era moderna provavelmente são maiores e mais numerosas do que as semelhanças.

O que, pois, pode ser concluído com base no Novo Testamento? Não podemos dizer que Cristo edifica a Igreja, que cada membro é feito um membro daquela Igreja, que os apóstolos tinham uma autoridade especial naquela Igreja, e que a missão de Cristo no mundo devia ser realizada pelos apóstolos e os crentes à medida em que foram levados pelo Espírito Santo? A Bíblia, pois, não deixa lugar para uma igreja sem missão ou uma missão sem igreja. *Requer* que as igrejas se ocupem na missão e que enviem missionários. *Permite* a orga-

nização entre aqueles que saem no serviço missionário. As missões organizadas plantam igrejas, mas não suplantam igrejas.

### Pesquisas Relevantes

Argumentos históricos e pragmáticos podem ser feitos em prol da importância das comunhões elitistas dos cristãos. Tem sido indicado que uma das razões do início retardado das missões protestantes depois da Reforma é que os Reformadores rejeitavam as ordens católicas que tinham estado na vanguarda do empreendimento missionário da Igreja Romana. Desta forma, mesmo quando as dificuldades eclesiásticas e as questões teológicas que desencorajavam as atividades missionárias-evangelísticas tinham sido parcialmente resolvidas, os veículos organizacionais para a missão mundial não estavam presentes. Os protestantes tinham de começar por meio de edificar suas próprias "ordens" que, na sua maioria, atravessavam as linhas eclesiásticas (denominacionais).

Com base em exemplos tais como o do início protestante no empreendimento missionário, tem sido concluído que as comunidades (organizações com estrutura vertical que incluem os homens e as mulheres, os jovens e os velhos — tais como as igrejas e as denominações) *precisam* de sociedades (organizações com estrutura horizontal que se compõem de pessoas com perícias ou interesses especiais — tais como as missões, as associações evangelísticas, e outras organizações para-eclesiásticas). Conforme a expressão de Ralph Winter: "As igrejas precisam de missões, porque as comunidades precisam das sociedades."<sup>5</sup>

Historicamente, as agências missionárias têm desenvolvido um papel importante ao cumprir a missão da Igreja. A Igreja e as missões devem cooperar entre si. Os argumentos que são usados para apoiar a existência de organizações missionárias separadas da Igreja organizada (ao invés de "dentro de" ou "debaixo de") são algo menos do que convincentes.

### Reflexões Práticas

Os missionários-evangelistas (e as missões) freqüentemente se acham presos entre as igrejas que os enviaram e as igrejas que ajudaram a plantar. Nalguns casos, as igrejas como tais não os enviaram de modo algum. De qualquer maneira, as questões são complexas porque as missões devem seguir uma linha estreita que cumpre sua responsabilidade diante daqueles que as enviaram e aqueles que subseqüentemente são seus hospedeiros. Cremos que as questões possam ser resolvidas somente quando mantivermos em vista a permanência da Igreja e a natureza temporária das organizações missionárias. Quando esta perspectiva for adotada, as agências missionárias podem permanecer como sócias das igrejas quando estas últimas crescem e amadurecem. Mesmo um apoiador tão firme das igrejas como é Harvie Conn tirou esta mesma conclusão:

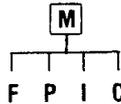
Na complexidade amedrontadora entre a iniciação da obra evangelística numa área, e a formação da estrutura da igreja, os padrões implícitos na terminologia tal como:

“parceiros da mutualidade” e “a cooperação entre iguais autônomos” podem ser úteis, tanto quanto na transição de uma missão nacional norte-americana de um ponto de pregação para a organização formal como um corpo estruturado de Cristo. Mas em última análise, a chamada bíblica à unidade na comunhão mundial que Cristo instituiu é uma chamada para a consideração da legitimidade das estruturas separadas.<sup>6</sup>

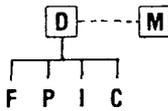
FIGURA 53

**Padrões Básicos de Relacionamento Entre a Igreja e a Missão**

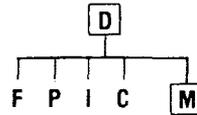
1. O Paternalismo:



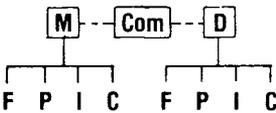
2. A Integração Plena:



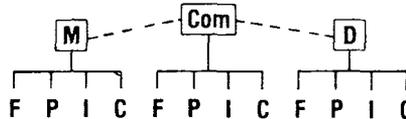
ou



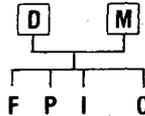
3. A Dicotomia:



ou



4. A Sociedade Plena:



**Chave: Organização e Comissões**  
 M = Organização da Missão  
 D = Denominação Nacional  
 Com = Comissão Missionária Denominacional

**Responsabilidades**  
 F = Finanças  
 P = Pessoal  
 I = Instituições  
 C = Congregações Locais

O apelo de Conn em prol da integração final entre a igreja e a missão é compreensível à luz do paternalismo de muitas missões no passado e da ênfase neotestamentária à Igreja. Não devemos, no entanto, esquecer-nos de dois fatores. Em primeiro lugar, a maioria das missões existe sob a égide das igrejas enviadoras. Em segundo lugar, enquanto os governos permitem aos missionários a liberdade de evangelizar e de estender as fronteiras da Igreja, a responsabilidade e a oportunidade de fazer isso não devem ser sacrificadas a fim de se integrarem nas igrejas receptoras que não têm uma visão daquela tarefa dada por Deus.

O relacionamento entre as missões do campo e as igrejas nacionais (e locais) tem sido um tópico de muito debate. Nada mais acrescentaremos à discussão aqui. Mesmo assim, realmente parece que entre os relacionamentos básicos que têm sido propostos e praticados (veja a Figura 53), o da sociedade plena tem o máximo potencial para planejar novas congregações, posto que a missão reconhece que existe para fortalecer a igreja nacional e ajudá-la a crescer.

### A Elaboração do Plano Mestre

#### Relacionamentos entre o Missionário Fundador e a Igreja Fundada

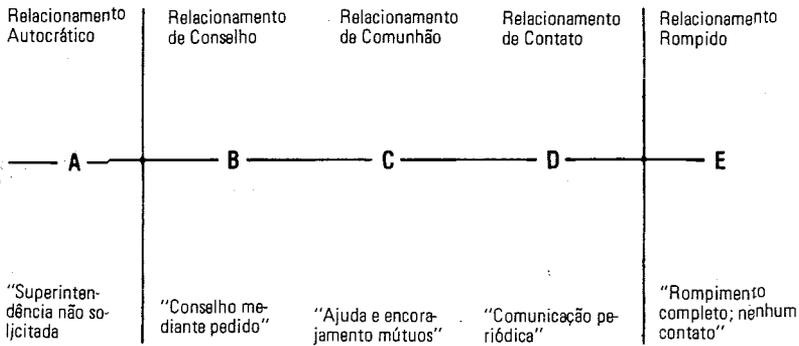
O teste crítico da obra do plantador de igrejas é a capacidade da igreja fundada de sobreviver à sua partida e continuar o ministério. Apesar disto, um vínculo espiritual une o missionário e a igreja, vínculo este que deve achar expressão nalgum tipo de relacionamento continuado conforme é exemplificado no Novo Testamento. Fatores culturais e circunstâncias locais devem ser levados em conta. Por exemplo, o pastor que vem à igreja pode ser inexperiente. Nesse caso, a igreja pode desejar que o fundador permaneça num papel de consultoria (embora semelhante relacionamento tenha problemas em potencial).

Num espírito de cooperação e solicitude, portanto, o missionário-evangelista e os líderes da igreja devem discutir os relacionamentos futuros. Evitando os extremos, devem resolver em primeiro lugar o tipo de relacionamento que desejam estabelecer. Isto pode ser feito da melhor maneira ao pensar em termos do grau de relacionamento desejado (veja a Figura 54).

Em segundo lugar, o plantador da igreja e os líderes da igreja fariam bem em projetar, com alguns pormenores, a forma que seu relacionamento assumirá no futuro imediato. Por exemplo, se a igreja resolver sustentar um novo esforço a ser empreendido pelo missionário-evangelista, deve ficar clara a extensão desse sustento. Além disto, se for esperado do missionário-evangelista que visite a igreja periodicamente, seria bom determinar a frequência e o propósito de tais visitas. Naturalmente, este tipo de planejamento não tem a intenção de excluir aquelas expressões espontâneas do amor cristão que têm tão grande significado para a família de Deus. Pelo contrário, semelhante planejamento visa meramente garantir que o relacionamento contínuo, sejam quais forem as formas que possa assumir, será edificado em compreensão e respeito mútuos.

FIGURA 54

## A Série Contínua dos Relacionamentos Entre o Fundador e a Igreja



## Relacionamentos Entre Igreja e Igreja

O plano mestre deve incluir disposições para os relacionamentos interecle-siásticos de dois tipos básicos: aqueles com a denominação ou comunhão de igrejas patrocinadoras, e aqueles com outras congregações cristãs.

*O Relacionamento com a Denominação Patrocinadora*

O tipo de relacionamento que a igreja local terá com a denominação patrocinadora será determinado pela liderança fornecida à igreja nova pelo plantador da igreja. É vital, portanto, que o plantador da igreja dê à liderança local instrução sobre a natureza desse relacionamento (conforme é refletido no documento da constituição) e demonstre o relacionamento na prática.

*A Comunhão com Outras Congregações Cristãs*

Se é que a igreja local quer evitar um isolacionismo anti-bíblico de um lado, e formas anti-bíblicas de ecumenismo do outro lado, tanto a base quanto os objetivos da cooperação com as outras igrejas na área devem ser consideradas com oração. Uma declaração simples no documento de constituição ou no

registro oficial, no que diz respeito aos itens essenciais da fé nos quais serão baseados a cooperação e a comunhão, será uma grande contribuição para evitar a dissensão ou confusão futuras na igreja local. De um modo um pouco menos importante, a iniciação de certos tipos de cooperação será importante. Considere, por exemplo, a cooperação nas seguintes áreas:

- (1) Esforços evangelísticos
- (2) Cultos de adoração
- (3) Ocasões especiais no calendário da igreja (e.g., a Sexta-Feira Santa e o Domingo da Páscoa)
- (4) Projetos comunitários

### Relacionamentos Entre a Igreja e a Missão

O relacionamento entre a missão e a igreja nacional é geralmente uma questão decidida numa base nacional ou da área inteira, e não a nível local. Mesmo assim, o missionário-evangelista tem a responsabilidade de instruir e guiar a congregação local no desempenho do seu papel no esquema maior das coisas.

Nosso Senhor disse: "Eu vos escolhi a vós outros, e vos designei para que vades e deis frutos, e o vosso fruto permaneça" (Jo 15.16). Muito tempo depois da partida do missionário plantador da igreja, a igreja plantada viverá e operará dentro do esquema de relacionamentos tratados neste capítulo. Se tais relacionamentos forem tanto espirituais quanto estratégicos, há grande probabilidade de que o fruto das labutas da implantação da igreja permanecerá.

#### NOTAS

1. Henry Alford: *The Greek Testament*, vol 2 (Chicago: Moody Press, 1958), pág. 495.
2. David J. Hesselgrave: "What Causes Religious Movements to Grow?" em *Dynamic Religious Movements: Case Studies of Rapidly Growing Religious Movements Around the World*, ed. David J. Hesselgrave (Grand Rapids: Baker, 1978), págs. 308-09.
3. Peter Beyerhaus e Henry Lefever: *The Responsible Church and the Foreign Mission* (Grand Rapids: Eerdmans, 1964), pág. 162.
4. Cf. Stephen Neill: *Creative Tension* (Londres: Edinburgh House Press, 1959).
5. Ralph Winter e R. Pierce Beaver: *The Warp and the Woof: Organizing for Mission* (South Pasadena, CA: William Carey Library, 1971), pág. 62.
6. Harvie M. Conn: "Church-Mission Relationships," manuscrito mimeografado para a Consulta sobre as Missões Reformadas e a Teologia do Crescimento da Igreja, 24-26 de março, no Seminário Teológico de Westminster, pág. 18.

---

QUINTA PARTE

---

# A Igreja Missionária e a Missão Cristã

(Continuação)

---

# A Igreja Missionária Convocada

---

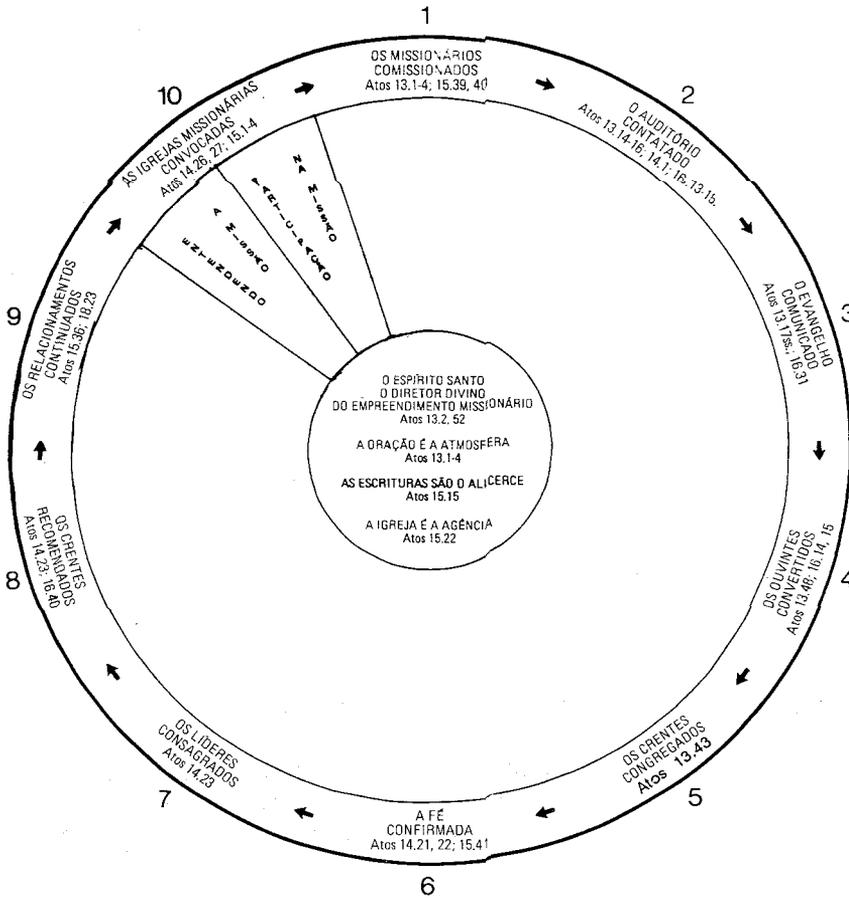
Quase sem exceção, os missionários-evangelistas bem-sucedidos na plantação de novas igrejas têm o apoio das igrejas missionárias ou enviadoras. Por quê? Porque os missionários-evangelistas enviados por igrejas cristãs (em contraste com os que são enviados por cristãos ou instituições individuais, ou com os que vão por sua própria livre iniciativa) tendem a ser homens da igreja. Têm orientação eclesial ao invés de orientação para campanhas e orientação para programas. Mas há outra razão. Para serem bem-sucedidos, os plantadores das igrejas — assim como outros servos de Deus — precisam de encorajamento e de oração. E talvez precisem de conselhos e de finanças. Que fonte melhor do que a igreja enviadora poderia ser achada?

Na Quarta Parte estávamos tratando da igreja nova e emergente. Tomamos por certo, no entanto, que durante o período da plantação da igreja o missionário-evangelista tenha estado em comunicação com a(s) igreja(s) que o comissionaram, enviaram, e sustentaram. Em certas ocasiões — talvez numa conferência missionária ou numa escola de missões — os membros da igreja enviadora devem ouvir um relatório pessoal. Seria difícil imaginar qualquer coisa mais estimuladora para uma congregação do que ouvir em primeira mão como Deus tem usado o pessoal que enviou, as orações que proferiu, e as outras medidas que a congregação tomou para estabelecer igrejas nas áreas novas!

## Objetivos

Objetivos específicos devem ser estabelecidos para a reunião (conferência, convenção, assembléia em massa, escola de missões, ou seja o que for) onde o plantador de igrejas presta um relatório à igreja enviadora. Sejam quais forem os enfeites considerados necessários, nada deve obscurecer a grande ver-

FIGURA 55  
"O CICLO PAULINO"



dade de que Cristo, através do Seu povo dedicado e do Seu bendito Espírito Santo, está edificando Sua Igreja. Ao unir os cidadãos de reino para tratar dos negócios do Rei, os líderes das igrejas locais devem ter em mente dois objetivos:

- (1) Obter uma compreensão total daquilo que Deus tem realizado através do missionário-evangelista e como isto se enquadra no Seu propósito para a Igreja.
- (2) Obter a plena participação de todos os cristãos nos esforços missionários da igreja local.

Deve ser lembrado que a única maneira de averiguar se estes objetivos estão sendo atingidos, ou não, é elaborar algum método de testar a compreensão e de verificar a participação.

### Compreendendo a Missão da Igreja

Há dois elementos essenciais na compreensão da missão da Igreja. Em primeiro lugar, os membros da congregação enviada devem entender a missão da Igreja em termos bíblicos conforme é apresentada na Primeira Parte deste livro. Em segundo lugar, os crentes devem compreender exatamente o que tem sido realizado através da obra dos seus missionários, e como esta foi realizada.

### Princípios e Precedentes Bíblicos

Naturalmente, os propósitos bíblicos do tipo de relatório que temos em mente são as conferências missionárias de Antioquia e de Jerusalém. O registro de Lucas da volta de Paulo e Barnabé a Antioquia após a primeira viagem missionária é sucinto e estimulante:

E, tendo anunciado a palavra em Perge, desceram a Atália, e dali navegaram para Antioquia, onde tinham sido recomendados à graça de Deus para a obra que haviam já cumprido. Ali chegados, reunida a igreja, relataram quantas coisas fizera Deus com eles, e como abrira aos gentios a porta da fé. E permaneceram não pouco tempo com os discípulos. (At 14.25-28).

O enfoque da conferência de Jerusalém foi algo diferente (At 15.1-30). Naquela conferência a preocupação era compreender como a obra dos apóstolos ao plantar igrejas entre os gentios encaixava-se no plano global de Deus.

Paulo também voltou a Antioquia depois da sua segunda viagem missionária (At 18.22) e a Jerusalém depois da sua terceira viagem (At 21.17-19). Enviou Epafrodito de volta para os filipenses com as seguintes instruções para eles: "Recebei-o, pois, no Senhor, com toda a alegria, e honrai sempre a homens como esse" (Fp 2.29). Enviou Tíquico e Onésimo a Colossos a fim de que os colossenses fossem informados e encorajados (Cl 4.7-9). Uma nota de destaque em todos estes encontros era de encorajamento, de alegria, e de louvor a Deus por aquilo que Ele tinha feito.

FIGURA 56

A Opinião Norte-Americana Acerca de Vários Grupos-Chaves

Como você avaliaria os seguintes grupos em:

	Honestidade, Fidedignidade, Integridade?			Capacidade de Realizar as Coisas?		
	Fraco	Médio	Bom	Fraco	Médio	Bom
A Casa Branca	23%	55%	17%	29%	54%	9%
A Corte Suprema	19%	41%	33%	19%	45%	25%
As Forças Armadas dos EUA	19%	53%	21%	16%	51%	22%
Educadores	14%	56%	23%	19%	57%	14%
A Religião Organizada	14%	48%	30%	16%	53%	19%
A Profissão Médica	14%	53%	28%	9%	52%	29%
A Ciência e a Tecnologia	4%	46%	41%	5%	45%	38%
As Grandes Companhias	25%	60%	9%	10%	54%	25%
Veículos Noticiosos <i>Irradiados</i> (notícias da TV e do rádio)	15%	51%	26%	8%	45%	35%
Veículos Noticiosos <i>Impressos</i> (revistas noticiosas e jornais)	15%	58%	21%	9%	51%	29%

## Pesquisa Relevante

### *A Opinião Norte-Americana Acerca da Religião Organizada*

Um estudo feito em 1977 revelou considerável grau de ceticismo acerca da "honestidade, fidedignidade e integridade" da religião organizada e acerca da sua "capacidade de realizar as coisas."<sup>1</sup> As notas atribuídas à religião organizada e a alguns (não a todos) dos demais grupos incluídos no questionário estão alistadas na Figura 56 de modo que uma comparação possa ser feita. Se podemos tomar por certo que a "religião organizada" é mais ou menos sinônimo de igreja cristã, fica aparente que as igrejas precisam "provar seu valor" nestas áreas. Pelo menos deve ser assim no que diz respeito ao público geral.

### *As Opiniões da Juventude Cristã a Respeito da Missão Cristã*

As opiniões sustentadas por cerca de cinco mil delegados jovens na Convenção Missionária Urbana em 1967 ainda são pertinentes (embora o entusiasmo pela Igreja tenha aumentado de modo significativo desde então).<sup>2</sup> Na realidade, nenhuma pesquisa semelhante de um grupo tão grande de juventude evangélica com orientação missionária tem sido empreendida desde aquele tempo. Das dezenas de perguntas e respostas na pesquisa, várias dizem respeito claramente à necessidade do tipo de instrução e de prestação de relatórios que estamos propondo aqui. (Deve ser notado que 85 por cento dos que responderam eram membros da igreja, e 93 por cento freqüentavam a igreja regularmente).

Em primeiro lugar, quando perguntaram aos delegados qual era a ocupação missionária primária segundo a opinião deles, os "evangelistas pessoais" e não os "plantadores e desenvolvedores de igrejas" foi a escolha número um. Na realidade, muitos delegados selecionaram os "técnicos e engenheiros" como mais importantes. Para os resultados completos, veja a Figura 57.

Em segundo lugar, respondendo à pergunta: "Se você fosse ser missionário, de qual tipo mais gostaria de ser?" cerca de cinco vezes mais delegados escolheram estar na educação do que estar na plantação e desenvolvimento das igrejas. A Figura 58 dá os resultados completos.

Naturalmente, não estamos dizendo que as várias ocupações missionárias alistadas no questionário não são dignas. Mesmo assim, as respostas realmente indicam a necessidade de instrução acerca da natureza da missão básica da Igreja. Ressaltam, também, a importância de comunicar a emoção daquilo que realmente está acontecendo em derredor do mundo à medida em que os missionários-evangelistas desenvolvem as igrejas que consistem em pessoas que foram reconciliadas com Deus em Cristo e que, portanto, têm um novo relacionamento uns com os outros e com o mundo em derredor deles.

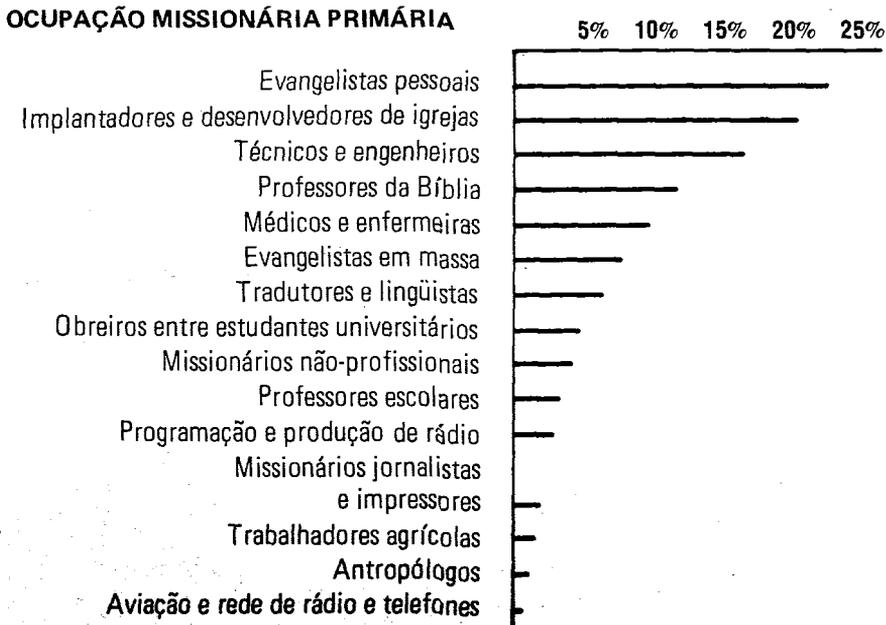
## Reflexões Práticas

A conferência missionária anual realizada por muitas igrejas, certamente não é a única maneira de ensinar e promover missões. Muitas outras reuniões

FIGURA 57

### A Ocupação Missionária Primária – Resultado da Pesquisa Urbana de 1967\*

**Pergunta:** Se há necessidade dos seguintes tipos de missionários num determinado campo missionário, mas somente um tipo tivesse licença de permanecer, qual deles deveria ficar?



**Nota:** Os que responderam deram uma média de 2,1 respostas.

\* Baseado em Paul F. Barkman, Edward R. Dayton, e Edward L. Gruman, *Christian Collegians and Foreign Missions: An Analysis of Relationships* (Monrovia, CA: Centro de Pesquisas e Comunicações Avançadas para Missões, 1969), pág. 65.

e ênfases missionárias são necessárias em todo o calendário eclesiástico. Mas a freqüência na conferência missionária é uma medida razoavelmente exata, juntamente com o interesse por esta conferência, do estado de coração missionário na maioria das igrejas. Talvez seja instrutivo, portanto, concentrar-se em seu estado de saúde e sugerir uma maneira de revitalizá-lo:

A conferência missionária ainda faz parte relevante do programa da igreja local? Os missionários freqüentemente passam no meu escritório quando estão. “no circuito” e dão expressão a várias frustrações relacionadas com as conferências. Certo líder missionário evangélico me disse: “David, já quase perdi a esperança nas conferências missionárias nas igrejas. São como as bicicletas estacionárias para exercício: sempre estão no mesmo lugar e não parece que vão para lugar algum.”

Estes críticos não são como agentes fúnebres profissionais que ficariam felizes com a morte das conferências missionárias. Muito pelo contrário. Querem uma infusão de nova vitalidade, uma participação mais ampla, e mais ímpeto para a obra “levantar-se e andar.” Estariam entre os primeiros que apreciariam a avaliação do pastor que disse: “Sem a conferência missionária anual no decurso de todos estes anos, nosso programa de extensão missionária teria morrido antes de frutificar!”

Permanece o fato que muitas pessoas temem que a conferência missionária esteja sofrendo de uma enfermidade semelhante àquela que incapacitou os serviços evangélicos e as conferências bíblicas em muitas igrejas há uma ou duas décadas...

Mas o que se pode fazer a respeito destes problemas? Suponhamos que temos um pastor dedicado, uma comissão missionária que está pronta a pegar no trabalho, e uma congregação leal ao nosso Senhor Jesus Cristo que deu início a este vasto empreendimento e cuja vontade é sua continuação e consumação!

Em primeiro lugar, a Escritura e a estratégia devem estar em enfoque mais claro. Estou convicto de que a ênfase bíblica é uma condição necessária para uma conferência bem-sucedida. A totalidade do empreendimento missionário precisa estar fundamentada no propósito revelado de Deus. A simpatia pelos homens na sua pobreza e nas suas doenças é nobre, mas não basta. Há um número grande demais de pagãos que têm riquezas e saúde! Nada menos do que a vontade de Deus é uma base suficiente para uma missão que abranja o mundo todo, e isto com abnegação. A missão é a Bíblia desde Gênesis até Malaquias, e desde Mateus até ao Apocalipse. Deus Pai é o Enviador, e o Filho é o Enviado, e o Espírito é o Espírito Missionário. A conferência missionária bem-sucedida deve estar colocada no contexto de uma ênfase contínua de pregação e ensino a respeito daquilo que Deus diz acerca das missões.

E agora chegamos à estratégia. Estamos no século XX. Os “relatórios do campo” são importantes, mas para serem atuais devem ser mais do que um relatório da “obra.” ... Os cristãos têm sido conclamados a orar e a contribuir se não puderem ir como missionários. Um número cada vez maior de cristãos permanece sem sentir o desafio desta abordagem. Acham pouca compulsão para sustentar aquilo que não compreendem ou de que não se sentem parte verdadeira. Surgiu uma lacuna de credibilidade — não porque o cristão médio não confia no missionário, mas porque é incapaz de entrar nos problemas e possibilidades com real compreensão.

A lacuna da credibilidade pode ser fechada. Questões reais e planos realísticos devem ser discutidos. Os relatórios devem ater-se aos fatos, com mapas, tabelas e gráficos

que demonstram claramente onde, como, por que, e até que ponto a igreja de Cristo está crescendo. Quando as pessoas “virem,” haverá interação da parte delas.<sup>3</sup>

## A Participação na Missão da Igreja

### Princípios e Precedentes Bíblicos

O princípio bíblico fundamental que diz respeito à participação da igreja enviada na missão acha-se em 2 Coríntios 8.1-5:

Também, irmãos, vos fazemos conhecer a graça de Deus, concedida às igrejas da Macedônia; porque no meio de muita prova de tribulação, manifestaram abundância de alegria, e a profunda pobreza deles superabundou em grande riqueza da sua generosidade. Porque eles, testemunho eu, na medida de suas posses e mesmo acima delas, se mostraram voluntários, pedindo-nos, com muitos rogos, a graça de participarem da assistência aos santos. E não somente fizeram como nós esperávamos, mas deram-se a si mesmos primeiro ao Senhor, depois a nós, pela vontade de Deus.

A referência, é claro, diz respeito à provisão feita para os santos empobrecidos em Jerusalém. Os macedônios tinham contribuído muito além da expectativa do apóstolo. Por quê? Qual era a motivação deles? A resposta óbvia é o amor — não somente amor aos santos em Jerusalém, como também amor ao Senhor. Os cristãos macedônios tinham agido à altura da verdade que Paulo procurara inculcar na sua primeira carta aos cristãos coríntios: “Acaso não sabeis que... não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço” (1 Co 6.19, 20).

Aqui, pois, temos a mola principal da participação prática no grande programa de Deus para Sua Igreja na terra. Isto esclarece o fato de que, quando os membros da igreja em Jerusalém foram sujeitados ao sofrimento às mãos de Saulo, o perseguidor e foram espalhados, “iam por toda parte pregando a palavra” (At 8.4). Explica o fato de que quando, após suas campanhas missionárias em todas as partes da Ásia Menor, da Macedônia, e da Grécia, Paulo, o perseguido insistiu em voltar para Jerusalém a despeito das advertências do sofrimento iminente, os crentes em Cesaréia disseram: “Faça-se a vontade do Senhor,” e começaram a acompanhá-lo pela estrada (At 21.14-16). E explica o fato de que, apesar de lapsos e fracassos, grandes números de crentes comuns foram envolvidos de uma maneira ou de outra na grande missão da qual Paulo formava a ponta de lança.

### Pesquisas Relevantes

Existem muitas evidências no campo das religiões comparadas que indicam a importância do envolvimento leigo na ponta de lança dos movimentos

religiosos. É importante notar que alguns dos movimentos religiosos realmente bem-sucedidos dos nossos tempos são inteiramente movimentos leigos. Entre os estudos numerosos que poderiam ser citados, escolhemos apenas um.

Nos Estados Unidos, um exemplo de destaque é Bahai. A partir de 1960 este movimento tem crescido rapidamente (mas não tão rapidamente ao ponto de justificar sua alegação de que é a religião que mais cresce no mundo). Em pouco mais de dez anos (desde 1960 até 1971), a afiliação em Bahai nos Estados Unidos aumentou de pouco abaixo de 10.000 até acima de 100.000, e o número de assembléias de cerca de 200 até 837. Um dos fatores importantes neste crescimento foi a estratégia de encorajar grupos pequenos de fiéis a formar núcleos e emigrar para novas comunidades onde funcionavam como assembléias embrionárias.<sup>4</sup>

### Reflexões Práticas

Vivemos em dias incomuns. Considere quão fácil é viajar em todas as terras mediterrâneas onde nosso Senhor e Seus apóstolos realizavam sua missão. Numa questão de horas podemos ir de carro desde Dã até Berseba — distância esta que antigamente levavam dias de viagens exaustivas montado em animais ou a pé. Em duas ou três horas podemos sobrevoar mares e terras que exigiam semanas e meses de viagens perigosas da parte do apóstolo Paulo. A tecnologia dos transportes e comunicações modernos torna possível aos cristãos comuns participar da missão mundial da Igreja com uma facilidade que nem sequer foi sonhada no século I. Para muitos cristãos, porém, a missão é pouco mais do que corresponder a pedidos de sustentar os missionários evangelistas e amparar os necessitados. Se o campo é o mundo, que os crentes dentro das igrejas novas bem como nas mais antigas sejam encorajados a participar ativamente em reivindicar territórios adicionais para Cristo, quer perto de casa, quer a grande distância.

As possibilidades para a participação ativa na missão da Igreja hoje são quase ilimitadas. Considere umas poucas delas:

(1) As igrejas podem estabelecer relacionamentos com igrejas emergentes na pátria ou no estrangeiro na base de "cidades irmãs." As comunicações podem ir para lá e para cá. As visitas podem ser trocadas.

(2) Os jovens cristãos podem estabelecer relacionamentos de amizade por correspondência com a juventude nas áreas pioneiras.

(3) Os estrangeiros locais podem ser convidados para os lares dos cristãos que estão na sua própria pátria. Muitos podem ser ganhos para Cristo e se tornarão em testemunhas nas suas áreas de origem.

(4) Equipes de cristãos locais reunidas de uma ou várias igrejas podem ser enviadas para ajudar na obra pioneira na pátria e no estrangeiro.

(5) Grupos de cristãos locais podem sair de mudança e ficar sendo a vanguarda de uma igreja numa nova área.

(6) Aposentados e especialistas podem ir para uma área pioneira às suas próprias custas a fim de ajudar a obra de Cristo.

*Ilustração ME 1-3:* Um dos segredos do sucesso da Convenção Batista do Sul em estabelecer igrejas novas tem sido seu programa de "evangelizar e congregacionalizar."<sup>5</sup> E um dos segredos desse programa é a preparação e o envolvimento de equipes de leigos para alcançar uma área-alvo. Os leigos das igrejas patrocinadoras são alocados nas visitas aos lares, nas reuniões especiais, nos grupos de estudos bíblicos, e assim por diante. De fato, equipes de leigos têm sido freqüentemente utilizadas para levar a efeito um testemunho especial em seções do nosso país que estão distantes do lar deles, e até mesmo nos campos missionários no estrangeiro. Este tipo de dedicação e envolvimento contribui grandemente para explicar porque os Batistas do Sul têm evidenciado crescimento continuado durante um período em que muitas outras denominações grandes têm experimentado um declínio no número dos seus membros.

As orações pedindo orientação subiram até ao Senhor da Igreja. Áreas em potencial para uma nova obra foram pesquisadas e avaliadas. Obreiros foram selecionados e enviados. Os planos foram feitos com cuidado. Depois, contatos foram feitos; o evangelho foi comunicado; os convertidos foram ganhos; os crentes foram congregados; a fé foi confirmada; a liderança foi consagrada; a igreja foi recomendada à graça de Deus; e os missionários-evangelistas foram realocados. Desde o princípio estava nos corações deles que, uma vez estabelecidas, as novas igrejas se tornariam em bases para as orações, os planos, e a participação essenciais para entrar em outros territórios em nome de Cristo, tanto na pátria quanto no estrangeiro. E assim o Ciclo Paulino tem sido repetido e será repetido, continuamente, uma vez após outra, até Cristo voltar e a Igreja Militante tornar-se em Igreja Triunfante. Maranata!

#### NOTAS

1. *The Study of American Opinion, 1977*, Marketing Concepts, Inc., 1235 N. Avenue, Nevada, Iowa, EEUU.
2. Paul F. Barkman, Edward R. Dayton, e Edward L. Gruman: *Christian Collegians and Foreign Missions: An Analysis of Relationships* (Monrovia, CA: Centro de Pesquisas e Comunicações Avançadas para Missões, 1969).
3. David J. Hesselgrave: "The Mission Conference Treadmill: How to Get Off," *World Vision*, setembro de 1972, págs. 12-13.
4. William J. Petersen: *Those Curious New Cults* (New Canaan, CT: Keats Publishing Co., 1973), pág. 182.
5. Cf. *Evangelizing and Congregationalizing: Guide for Establishing New Churches and Missions e Associational New York Campaign* (Junta das Missões Nacionais, Convenção Batista do Sul dos EUA, sem data).

---

# Bibliografia

---

- Allen, Roland. *Educational Principles and Missionary Methods*. London: Robert Scott, 1919.
- . *Missionary Methods: St. Paul's Ours?* Grand Rapids: Eerdmans, 1962.
- . *The Spontaneous Expansion of the Church*. London: World Dominion Press, 1927.
- , and Paton, Donald. *The Ministry of the Spirit*. Grand Rapids: Eerdmans, 1962.
- Almquist, Arden. *Missionary, Come Back*. Cleveland: The World Publishing Co., 1970.
- Anderson, Efraim. *Churches at the Grass Roots*. London: Luterworth Press, 1968.
- Anderson, Rufus. *To Advance the Gospel*. Edited by R. Pierce Beaver. Grand Rapids: Eerdmans, 1967.
- Ayres, Francis O. *The Ministry of the Laity*. Philadelphia: Westminster Press, 1962.
- Bannerman, D. Douglas. *The Scripture Doctrine of the Church*. Grand Rapids: Eerdmans, 1955.
- Baumann, Dan. *All Originality Makes a Dull Church*. Santa Ana, CA: Vision House Publishers, 1976.
- Bavinck, J. H. *An Introduction to the Science of Missions*. Translated by David H. Freeman. Grand Rapids: Baker, 1960.
- Benjamin, Paul. *The Growing Congregation*. Cincinnati: Standard Publishing, 1972.
- Bennett, Charles. *Tinder in Tobasco*. Grand Rapids: Eerdmans, 1968.
- Benson, Donald. *How to Start a Daughter Church*. Quezon City, Philippines: Filkoba Press, 1972.
- Byerhaus, Peter, and Lefever, Henry. *The Responsible Church and Foreign Mission*. Grande Rapids: Eerdmans, 1964.
- Bradshaw, Malcolm R. *Church Growth Through Evangelism-in-Depth*. South Pasadena, CA: William Carey Library, 1969.
- Braun, Neil; Boschman, P. W.; and Yamada, T., eds. *Experiments in Church Growth: Japan*. Kobayashi City, Japan: Church Growth Association, 1968.
- Brow, Robert. *The Church: An Organic Picture of Its Life and Mission*. Grand Rapids: Eerdmans, 1968.
- Brown, Arthur Judson. *The Why and How of Foreign Missions*. New York: Eaton and Mains, 1908.
- Brown, Stanley C. *Evangelism in the Early Church*. Grand Rapids: Eerdmans, 1963.
- Busia, K. A. *Urban Churches in Britain*. London: Lutterworth Press, 1966.
- Church Expansion Handbook*. New York: American Baptist Home Mission Societies, 1958.
- Clark, Charles Allen. *The Korean Church and the Nevius Methods*. Tese de doutoramento não publicada. University of Chicago, 1929.
- Clark, J. W. Sidney. *The Indigenous Church*. London: World Dominion Press, 1923.
- Coleman, Robert E. *O Plano Mestre de Evangelismo*. São Paulo, SP: Editora Mundo Cristão, sem data.
- Cook, Harold R. *Historic Patterns of Church Growth*. Chicago: Moody Press, 1971.
- . *Missionary Life and Work*. Chicago: Moody Press, 1959.
- . *Strategy of Missions*. Chicago: Moody Press, 1963.
- Dana, H. E., and Sipes, L. M. *A Manual of Ecclesiology*. Kansas City: Central Seminary Press, 1944.
- Davies, J. O. *Worship and Mission*. New York: Association Press, 1967.
- Davies, W. D. *A Normative Pattern of Church Life in the New Testament: Fact or Fancy?* London: James Clarke and Co., sem data.
- Davis, John Merle. *New Buildings on Old Foundations*. New York: International Missionary Council, 1945.

- Dobbins, Gaines S. *The Churchbook*. Nashville: Broadman Press, 1951.
- Dodge, Ralph E. *The Unpopular Missionary*. Westwood, NJ: Fleming H. Revell, 1964.
- Engel, James F., and Norton, H. Wilbert. *What's Gone Wrong with the Harvest? A Communication Strategy to the Church and World Evangelism*. Grand Rapids: Zondervan, 1975.
- Fiers, Alan Dale. *This Is Mission*. St. Louis: Bethany Press, 1953.
- Gerber, Vergil. *God's Way to Keep a Church Going and Growing*. Glendale, CA: Gospel Light Publications, 1973.
- , ed. *Missions in Creative Tension*. South Pasadena, CA: William Carey Library, 1971.
- Getz, Gene. *A Estatura de um Homem Espiritual*, Miami, FL, Ed. Vida, 1975.
- , ed. *Sharpening the Focus of the Church*. Chicago: Moody Press, 1974.
- Green, Michael. *Evangelism in the Early Church*. Grand Rapids: Eerdmans, 1970. A ser publicado brevemente por Edições Vida Nova.
- Greenway, Roger S. *Guidelines for Urban Church Planting*. Grand Rapids: Baker, 1976.
- , ed. *An Urban Strategy for Latin America*. Grand Rapids: Baker, 1973.
- Grimley, John, and Robinson, Gordon. *Church Growth in Central and Southern Nigeria*. Grand Rapids: Eerdmans, 1966.
- Hamilton, Keith. *Church Growth in the High Andes*. Lucknow, India: Lucknow, 1962.
- Hay, A. R. *New Testament Order for Church and Missionary*. Audubon, NJ: New Testament Missionary Union, 1947.
- Hesselgrave, David J. *Communicating Christ Cross-Culturally*. Grand Rapids: Zondervan, 1978. A ser publicado brevemente por Edições Vida Nova.
- , ed. *Dynamic Religious Movements: Case Studies of Rapidly Growing Religious Movements Around the World*. Grand Rapids: Baker, 1978.
- Hiscox, Edward T. *The Hiscox Guide for Baptist Churches*. Valley Forge, PA: Judson Press, 1964.
- Hodges, Melvin L. *Build My Church*. Springfield, MO: Assemblies of God, 1957.
- , ed. *A Guide to Church Planting*. Chicago: Moody Press, 1973.
- , ed. *The Indigenous Church*. Springfield, MO: Evangelical Publishing House, 1953.
- Hoffer, Eric. *The True Believer: Thoughts on the Nature of Mass Movements*. New York: New American Library of World Literature, 1958.
- Hollis, Michael. *Paternalism and the Church*. London: Oxford University Press, 1962.
- Idowu, Bolaji. *Towards an Indigenous Church*. London: Oxford University Press, 1965.
- Jackson, Paul R. *The Doctrine and Administration of the Church*. Des Plaines, IL: Regular Baptist Press, 1968.
- Jenkins, Daniel. *The Protestant Ministry*. Garden City, NY: Doubleday, 1958.
- Kane, J. Herbert. *Twofold Growth*. Philadelphia: China Inland Mission, 1947.
- Kelley, Dean M. *Why Conservative Churches Are Growing*. New York: Harper and Row, 1972.
- Kennedy, D. James. *Evangelism Explosion*. Wheaton, IL: Tyndale House, 1970.
- Knight, William Henry. *Missions in Principle and Practice*. Nashville: Sunday School Board of the Southern Baptist Convention, 1929.
- Kraemer, Hendrik. *From Mission Field to Independent Church*. London: SCM Press, 1955.
- Kuiper, R. B. *The Glorious Body of Christ*. London: Banner of Truth Trust, 1966.
- Küng, Hans. *Structures of the Church*. New York: Thomas Nelson, 1964.
- Lapham, Henry A. *The Bible as a Missions Handbook*. Cambridge: W. Heffer and Sons, 1925.
- Laubach, Frank C. *How to Teach One and Win One for Christ*. Grand Rapids: Zondervan, 1964.
- Lawson, E. LeRoy, and Yamamori, Tetsunau. *Church Growth: Everybody's Business*. Cincinnati: Standard Publishing Co., 1971.
- Leeming, Bernard. *The Churches and the Church: A Study of Ecumenism with a New Postscript*. Second edition. Westminster, MD: Newman Press, 1963.
- Lees, Harrington C. *St. Paul and His Converts*. London: Robert Scott, 1910.
- Lindsay, Thomas M. *The Church and the Ministry in the Early Centuries*. Second edition, London: Hodder and Stoughton, 1903.
- Lindsell, Harold. *Barriers to Church Growth*. Grand Rapids: Eerdmans, sem data.
- , ed. *Missionary Principles and Practice*. Westwood, NJ: Fleming H. Revell, 1955.
- Longenecker, Harold L. *Building Town and Country Churches*. Chicago: Moody Press, 1973.
- McCall, Duke K., ed. *What Is the Church? A Symposium of Baptist Thought*. Nashville: Broadman Press, 1958.
- McGavran, Donald. *The Bridges of God*. New York: Friendship Press, 1955.
- , ed. *Church Growth in Jamaica*. Lucknow, India: Lucknow, 1962.
- , ed. *Church Growth in Mexico*. Grand Rapids: Eerdmans, 1963.
- , ed. *How Churches Grow*. New York: Friendship Press, 1959.

- , *Understanding Church Growth*. Grand Rapids: Eerdmans, 1968.
- , ed. *Church Growth and Christian Mission*. New York: Harper and Row, 1965.
- , ed. *Eye of the Storm: The Great Debate in Mission*. Waco, TX: Word Books, 1972.
- MacLeish, Alexander. *Jesus Christ and the World Christian Missionary Principles*. London: Lutherworth Press, 1934.
- MacNair, Donald J. *The Growing Local Church*. Grand Rapids: Baker, 1973.
- McQuilkin, J. Robertson. *How Biblical Is the Church Growth Movement?* Chicago: Moody Press, 1973.
- Mains, David R. *Full Circle*. Waco, TX: Word Books, 1971.
- Manson, T. W. *Ministry and Priesthood: Christ's and Ours*. Richmond: John Knox Press, 1958.
- Marshall, Thomas William M. *Christian Missions: Their Agents and Their Results*. Second edition. Dois volumes. New York: D and J. Sadlier and Co., 1864.
- Mavis, W. C. *Advancing in the Smaller Local Church*. Grand Rapids: Baker, 1968.
- Miller, Paul. *Group Dynamics in Evangelism*. Scottsdale, PA: Herald Press, 1958.
- Missionary Methods — Candidate Seminar Manual No. 2*. Cleveland: Baptist Mid-Mission, July 1964 revision. Ver os artigos de Gordon D. Mellish ("Pioneering") and Denzel L. Osburn ("The Indigenous Church").
- Montgomery, H. H. *Principles and Problems of Foreign Missions*. Westminster: Society for the Propagation of the Gospel, 1904.
- Munro, Harry C. *Fellowship Evangelism Through Church Groups*. St. Louis: Bethany Press, 1951.
- Nederhood, J. H. *The Church's Mission to the Educated American*. Grand Rapids: Eerdmans, 1961.
- Nee, Watchman. *A Vida Cristã Normal*. São Paulo, Ed. Fiel, 1979.
- Neill, Stephen. *Creative Tension*. London: Edinburgh House Press, 1959.
- Nevius, John. *Planting and Development of Missionary Churches*. Philadelphia: Presbyterian and Reformed, 1899.
- Nida, Eugene A. *Message and Mission: The Communication of Christian Faith*. New York: Harper and Row, 1960.
- Norbie, Donald L. *New Testament Church Organization*. Chicago: Christian Libraries, 1955.
- Olson, Gilbert. *Church Growth in Sierra Leone*. Grand Rapids: Eerdmans, 1969.
- Packer, J. I. *Evangelism and the Sovereignty of God*. Chicago: Inter-Varsity Press, 1965.
- Palmer, Donald C. *Explosion of People Evangelism*. Chicago: Moody Press, 1974.
- Peill, S. G., and Rowlands, W. F. *Church Planting*. London: World Dominion Press, sem data.
- Pentecost, Edward. *Reaching the Unreached*. South Pasadena, CA: William Carey Library, 1974.
- Perry, Lloyd Merle, and Lias, Edward John. *A Manual of Pastoral Problems and Procedures*. Grand Rapids: Baker, 1964.
- Pickett, J. Waskom. *Christian Mass Movements in India*. New York: Abingdon, 1933.
- , *Christ's Way to India's Heart*. Lucknow, India: Lucknow, 1960.
- , *Church Growth and Group Conversion*. Lucknow, India: Lucknow, 1962.
- , *The Dynamics of Church Growth*. New York: Abingdon, 1963.
- Planning and PERT (Program Evaluation and Review Technique)*. Monrovia, CA: Missions Advanced Research and Communication Center, 1966.
- Porter, H. Boone, Jr. *Growth and Life in the Local Church*. South Pasadena, CA: William Carey Library, 1974 reimpressão.
- Randall, Max W. *Profile for Victory: New Proposals for Missions in Zambia*. South Pasadena, CA: William Carey Library, 1970.
- Read, William. *New Patterns of Church Growth in Brazil*. Grand Rapids: Eerdmans, 1966.
- Read, William R.; Monterroso, Victor M.; and Johnson, Harmon A. *Latin American Church Growth*. Grand Rapids: Eerdmans, 1969.
- Reese, J. Irving. *A Guide for Organizing and Conducting a Baptist Church*. Elyria, OH: J. Irving Reese Publications, 1962.
- Richards, Lawrence O. *A New Face for the Church*. Grand Rapids: Zondervan, 1970.
- , *Teologia da Educação Cristã*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1980.
- Richardson, William J., ed. *The Modern Missionary Apostolate*. New York: Maryknoll Publications, 1965.
- Ritchie, John. *Indigenous Church Principle in Theory and Practice*. New York: Fleming H. Revell, 1946.
- The Role of the "Diakonia" of the Church in Contemporary Society*. New York: Concílio Mundial de Igrejas, 1966.
- Ronan, Hoffman. *Pioneer Theories of Missiology*. Washington, DC: Catholic University of America Press, 1960.
- Ross, Byron W. *Training Lay Workers*. New York: Christian and Missionary Alliance, sem data.
- Rowland, Henry. *Native Churches in Foreign Fields*. New York: The Methodist Book Concern, 1925.
- Rowlands, W. R. *Indigenous Ideals in Practice*. London: World Dominion Press, sem data.

- Saunders, J. Roscoe. *Men and Methods That Win in the Foreign Fields*. New York: Fleming H. Revell, 1921.
- Schaller, Lyle E. *Hey, That's Our Church*. New York: Abingdon, 1975.
- Scherer, James A. *Justinian Welz: Essays by an Early Prophet of Mission*. Grand Rapids: Eerdmans, 1969.
- , *Missionary, Go Home*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, Inc., 1964.
- Schmidt, Otto Henry. *St. Paul Shows Us How*. St. Louis: Concordia, 1950.
- Schuller, Robert H. *Your Church Has Real Possibilities*. Glendale, CA: Regal Books, 1974.
- Schweizer, Edward. *Church Order in the New Testament*. Naperville, IL: Alec R. Allenson, Inc., 1961.
- Scopes, Wilfred, ed. *The Christian Ministry in Latin America and the Caribbean*. New York: Comissão de Evangelização e Missões Mundiais, Concílio Mundial de Igrejas, 1962.
- Shearer, Roy. *Wildfire: Church Growth in Korea*. Grand Rapids: Eerdmans, 1966.
- Smith, Ebbie C. *God's Miracles: Indonesian Church Growth*. South Pasadena, CA: William Carey Library, 1970.
- Snyder, Howard A. *The Problem of Wineskins: Church Structure in a Technological Age*. Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 1975.
- Speer, Robert G. *Missionary Principles and Practices*. New York: Fleming H. Revell, 1902.
- Street, T. Watson. *On the Growing Edge of the Church*. Richmond: John Knox Press, 1965.
- Subbama, B. V. *New Patterns for Discipling Hindus*. South Pasadena, CA: William Carey Library, 1970.
- Sunda, James. *Church Growth in the Central Highlands of West Guinea*. Lucknow, India: Lucknow, 1963.
- Swanson, Allen J. *Taiwan: Mainline Versus Independent Church Growth*. South Pasadena, CA: William Carey Library, 1973.
- Taylor, John V. *The Growth of the Church in Buganda*. London: SCM Press, 1958.
- Thorwall, LaReau N., and Bender, Edgar J. *Growth Through Body Building*. (datilografado, 1974).
- Tippet, A. R. *A Palavra de Deus e o Crescimento da Igreja*. São Paulo, Ed. Vida Nova, 1983.
- , *Verdict Theology in Mission Theory*. Lincoln, IL: Lincoln Christian College Press, 1969.
- , ed. *God, Man, and Church Growth*. Grand Rapids: Eerdmans, 1973.
- Trueblood, Elton. *The Company of the Committed*. New York: Harper and Row, 1961.
- Vicedom, G. F. *Church and People in New Guinea*. New York: Association Press, 1961.
- Wagner, C. Peter. *Frontier of Missionary Strategy*. Chicago: Moody Press, 1971.
- , *Your Church Can Grow*. Glendale, CA: Gospel Light Publications, 1976.
- , ed. *Church Mission Tensions Today*. Chicago: Moody Press, 1972.
- Wasson, Alfred. *Church Growth in Korea*. New York: Internacional Missionary Council, 1934.
- Weber, Hans-Ruedi. *Salty Christians*. New York: Seabury Press, 1963.
- Weld, Wayne. *An Ecuadorian Impasse*. Chicago: Department of World Missions, Evangelical Covenant Church of America, 1968.
- White, James F. *Protestant Worship and Church Architecture*. New York: Oxford University Press, 1964.
- Winter, Gibson. *The Suburban Captivity of the Churches*. New York: The Macmillan Company, 1962.
- Winter, Ralph, and Beaver, R. Pierce. *The Warp and the Woof: Organizing for Mission*. South Pasadena, CA: William Carey Library, 1971.
- Wold, Joseph Conrad. *God's Impatience in Liberia*. Grand Rapids: Eerdmans, 1968.
- Woodson, Leslie. *Evangelism for Today's Church*. Grand Rapids: Zondervan, 1973.
- Worley, Robert C. *Change in the Church: A Source of Hope*. Philadelphia: Westminster Press, 1971.
- Yamamori, Tesunao. *Church Growth in Japan*. South Pasadena, CA: William Carey Library, 1974.
- , and Lawson, E. LeRoy. *Introducing Church Growth*. Cincinnati: Standard Publishing Co., 1975.
- Yoder, J. H. *As You Go: The Old Mission in a New Day*. Scottsdale, PA: Herald Press, 1961.